



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HUMANIDADES E LINGUAGENS

Maria José Chaves dos Santos

O ENSINO DA LÍNGUA PUYANAWA NA ESCOLA IXŪBĀY RABUĪ
PUYANAWA: PROPOSTA DE DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO DOS
ANIMAIS PUYANAWA

Cruzeiro do Sul – Acre
2023

Maria José Chaves dos Santos

**O ENSINO DA LÍNGUA PUYANAWA NA ESCOLA IXŪBÃY RABUÍ
PUYANAWA: PROPOSTA DE DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO DOS
ANIMAIS PUYANAWA**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre, *Campus* Cruzeiro do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Cordeiro Oliveira Pinheiro (UFAC/CEL)

Cruzeiro do Sul – Acre
2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial de Cruzeiro do Sul - UFAC

S237e Santos, Maria Jose Chaves dos Santos, 1988-

O ensino da língua Puyanawa na escola Ixübây Rabuñ Puyanawa; proposta de dicionário terminológico dos animais Puyanawa / Maria Jose Chaves dos Santos; Orientadora: Dra. Simone Cordeiro Oliveira Pinheiro. - 2023.
258 f.: il; 30 cm.

Dissertação – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Cruzeiro do Sul - AC, 2023.
Inclui anexos, apêndices e referências bibliográficas.

1. Escola indígena. 2. Língua Puyanawa. 3. Ensino. I. Pinheiro, Simone Cordeiro Oliveira. II. Título.

CDD: 370

Bibliotecária: Jéssica Maia Amadio CRB-11º/1009

Maria José Chaves dos Santos

Comissão Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Simone Cordeiro Oliveira Pinheiro
UFAC – Câmpus Cruzeiro do Sul
Orientadora

Prof. Dr. Mário André Coelho da Silva
UFG – Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena
Membro externo

Prof. Dr. José Alessandro Cândido da Silva
UFAC – Câmpus Cruzeiro do Sul
Membro interno

Prof.^a Dr.^a Cleide Vilanova Hanisch
UFAC – Câmpus Cruzeiro do Sul
Membro interno (suplente)

Cruzeiro do Sul – Acre
02 de junho de 2023

Dedicatória

Dedico esta dissertação a todos que fizeram parte da construção dessa pesquisa em momentos distintos e que foram significativos para este resultado.

Aos amáveis filhos, Marcio Leandro dos Santos Oliveira e Marlon Santos Bastos, minhas dádivas de Deus;

Meus queridos pais, Rossinir Negreiros dos Santos e Maria da Conceição Chaves, meus guerreiros;

Meu esposo, Ernandes da Silva Bastos, eterno amor;

Minha irmã, Cintia Chaves dos Santos Almeida;

Minha sogra, Maria Francisca da Silva;

Os meus sobrinhos, Gabriel dos Santos Almeida, Jéssica, Laura (Laurinha) e Zaion (Brancão);

Aos meus saudosos avós paternos, Oséias Correia dos Santos (*in memoriam*) e Terezinha Martins Negreiros;

Eternos avós maternos, Benedito Elpide e Edite Chaves (*in memoriam*), lembranças eternas;

Aos meus pastores, Pr. Edvilson Constant Almeida e Pr^a. Cintia Chaves dos Santos Almeida;

À Igreja Pentecostal da Graça de Deus e a todos congregados;

Ao cacique do povo Puyanawa, Joel Ferreira de Lima (Divake);

Aos meus parceiros de trabalho, professores, gestão e profissionais de apoio IRP;

Aos meus colegas e professores do mestrado;

Meus informantes durante a pesquisa: Cacique Joel, Clemilda Manaitá, Jorge Constant, tia Sofia Lopes, Samuel Rondon (Rakekây), Eduardo (Kunñaway), Railda Manaitá, Demócrito e professores.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a meu Deus pela oportunidade de elevar meus conhecimentos e pela possibilidade de trazer contribuições para o meu povo Puyanawa.

Aos meus filhos, Marcio Leandro dos Santos Oliveira e Marlon Santos Bastos, por serem minhas inspirações para prosseguir nessa estrada dos conhecimentos, sendo motivo de persistência para mim e para eles.

À minha amável mãe, Maria da Conceição Chaves, que vai além das suas forças físicas e emocionais para me estender as mãos e deixa mais leves os momentos pesados dessa escrita. Por me auxiliar nas tarefas da casa, pelas suas orações a Deus a meu favor, por cuidar dos meus filhos e pelas palavras de encorajamento que me fizeram chegar até aqui. A você, minha mãe, meu muito obrigada.

Ao meu guerreiro pai, Rossini Negreiros dos Santos, que sempre derramou suor para proporcionar uma boa educação para as suas filhas; mesmo com pouca habilidade para expressar seu carinho e torcida, sinto sua alegria diante das minhas conquistas e serei sempre grata por tamanho esforço. A você, meu pai, gratidão.

Ao meu digníssimo esposo, Ernandes da Silva Bastos, por sempre acreditar que eu poderia alcançar meus sonhos, pelas noites que ficou acordado me fazendo companhia em momentos tensos da escrita, por falar “eu te amo” em momentos de angústia, por me acordar pelas madrugadas e dizer: “Está na hora minha filha, vai estudar!”, pelo café da manhã na cama como forma de dizer: “Estou aqui”. A você, meu cônjuge, meus eternos agradecimentos.

Aos meus pastores, Pr. Edvilson e Pr^a. Cintia, por me liberarem das funções da igreja e por intercederem a Deus juntamente com os meus irmãos pela minha vitória.

Ao cacique Joel (Divake) pelas informações a respeito das conquistas do povo Puyanawa e por acreditar nos bons frutos dessa pesquisa.

À escola IRP de forma geral, por sempre estender as mãos em momentos difíceis, pelas informações dadas em momentos de reuniões, palestras e encontros pedagógicos, que me ajudaram na organização e deram corpo a este trabalho. Aos colegas que sempre me entregaram palavras como “vai dar certo” ou “A luta é grande, mas a vitória é maior”.

À colega Vildna Dias, que me ajudou desde o princípio na produção do projeto de pesquisa para ingressar na universidade, por sempre mandar mensagens dizendo “já escreveu

quantas laudas?”, “Você apresse essa escrita!” e ainda me trouxe exemplos da sua trajetória acadêmica que deixaram mais leves os meus dias. Gratidão por tanto!

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Simone Cordeiro, pela paciência, orientações (via Google Meet e pessoal), amizade e motivações; por me proporcionar um mundo de possibilidades dentro de uma escrita e com muita humildade acreditou no meu trabalho e nas contribuições posteriores para o meu povo. Gratidão!

Aos docentes do programa (PPEHL) por proporcionarem momentos de trocas de saberes, sugestões e ponderações dos trabalhos apresentados; paciência nas datas de entrega dos trabalhos e pelas respostas às inúmeras perguntas no WhatsApp – a vocês, meu muito obrigada.

À colega e prima Kely Costa, pelas conversas longas nas chamadas de WhatsApp que possibilitaram seguir em frente diante das dificuldades encontradas no tempo curto que tínhamos nas diferentes tarefas como mãe, professora e estudante. A você, gratidão.

Ao colega Ruy que, mesmo sem conhecer pessoalmente, me ajudou na execução dos trabalhos tirando dúvidas – e não foram poucas; por fazer dupla comigo quando estava sozinha, por falar: “vamos avançando!” quando as datas estavam no limite. A você, serei sempre grata.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL), por agregar os povos indígenas e de forma igualitária possibilitar a ciência como integrante do conhecimento, dando possíveis respostas aos conhecimentos culturais do povo Puyanawa.

Aos sábios anciões, anciãs, jovens e crianças Puyanawa.

A todos vocês, ISKAWANÃHÃTA!

OS TEMPOS DE ŪDIKIKŪIKI

OUTRORA, em um passado longínquo,
Ūdikikŭiki
a voz do povo peyavakevu,
enchia a floresta de cantos e sons!

DE REPENTE, a presença dawa,
surgiu para calar o grito
desse povo guerreiro.
Era a intenção e prática do aniquilamento!

O tempo correu
e por muitos anos,
o povo peyavakevu calou,
mas, não ficou submetido ao dawa.

Então, em um PASSADO RECENTE,
na essência de cada Puyanawa,
Ūdikikŭiki dormitou.
Aguardando o momento
para romper o silêncio
e novamente encher a floresta de vozes e canções.

HOJE, fortalecida Ūdikikŭiki ,
enche as aldeias,
atravessa dinamã e behkua.
Elevando a voz do povo peyavakevu
aos quatro cantos do mundo!

HOJE, o povo peyavakevu dança, canta e encanta,
mostrando a todos
que Ūdikikŭiki
vibrante e fortalecida,
continua viva e mensageira de uma única verdade:
a essência e ancestralidade
do povo peyavakevu
é vipãde, luz do futuro!

AMANHÃ, Ūdikikŭiki,
reverberará no fôlego de cada Puyanawa!
E continuará alimentando a floresta
de falas, vozes, sons e canções!

DIVAKEA (Ester Maia), 2023.

MITO DO SURGIMENTO DO POVO PUYANAWA¹

Em meio à floresta, viviam Dukawa e seu esposo Peyavakevu. Certo dia, Dukawa estava pilando milho e, de repente, sentiu uma minhoca entrando nas suas partes íntimas, assim causando muito medo e susto. Depois de algum tempo, Dukawa percebeu que estava grávida do minhocão. Seu esposo, ao descobrir, saiu em meio à floresta em busca de ingredientes para fazer chás envenenados, com o intuito de colocar em sua esposa no momento do parto. Passaram-se alguns meses, Dukawa começou sentir as dores de parto, e Peyavakevu, no momento oportuno, introduz na vagina de Dukawa o veneno. Nesse momento, Dukawa sentiu muitas dores e começaram a sair de dentro dela diferentes insetos, como lacrau, formigas, baratas, minhocas etc.

Desesperada, Dukawa sai correndo e gritando por Irika, uma velha mapinguari que vivia naquela floresta, em busca de ajuda. No momento em que Dukawa andava desesperada em busca de Irika, dois mapinguaris, filhos de Irika, estavam atrepados em uma árvore e viram aquela linda mulher. Imediatamente tiveram a intenção de matá-la e levá-la para a sua mãe comer. A sua beleza era tanta que os dois mapinguaris, que se chamavam Bahku e Bawtsi, desistiram da ideia e logo levaram Dukawa para se tornar esposa dos dois.

Como Irika gostava de comer carne humana e estava muito faminta, os dois mapinguaris esconderam Dukawa na floresta. Ao chegarem em casa, sua mãe logo questionou se os dois tinham matado algum bicho da mata, e eles responderam que não, que somente tinham encontrado aves pequenas. Durante a noite, eles estavam dormindo em uma rede, escondendo a esposa de sua mãe, quando, de repente, Irika sente um cheiro estranho e passa suas enormes unhas, rasgando Dukawa. Nesse momento, seus filhos, com muito medo de sua mãe descobrir o segredo, falam que não mataram caça grande.

Depois de alguns dias, os mapinguaris resolvem apresentar a esposa para sua mãe, dizendo que ela poderia ajudar nas tarefas domésticas. Sua mãe aceitou a mulher como nora, porém, os filhos tinham muito medo de que a velha mapinguari comesse a esposa. Então, diariamente, eles mantinham cuidados para não deixá-la sozinha. Depois de alguns meses, Dukawa sai grávida e tem seu primeiro filho.

Certo dia, Dukawa foi pegar água no igarapé para colocar no mingau, e Irika aproveitou para jogar a criança dentro de uma panela fervendo. Ao chegar em casa, Dukawa vê os pés do seu filho dentro da panela. Desesperada, a mulher corre atrás de seus esposos, que estavam no

¹ Essa narrativa é nossa adaptação para esta dissertação, considerando a história original que crescemos ouvindo de nossos parentes anciões.

roçado, e conta a situação. Os mapinguaris, muito revoltados, resolvem matar a própria mãe. Eles bateram por várias vezes na mãe com machado de pedra, mas ela não morreu. Eles não sabiam como matá-la; então, a velha mapinguari falou que a única forma de ser morta seria se eles fizessem uma fogueira bem grande, com muita lenha, e a colocassem no meio da fogueira. Assim os mapinguaris fizeram, mas a velha mãe não morria. Ela pedia para que jogassem mais lenha.

Quando a fogueira ficou muito quente, a velha mapinguari começou a estourar. A cada estouro, surgiam de seu corpo diferentes espécies de animais e de plantas como a samaúma, árvores de lei, palheiras etc. Conforme ela chorava, surgiam rios; desses rios apareciam igarapés e lagos com diferentes espécies de peixes.

Pintura Puyanawa representando a mitologia do surgimento do povo Puyanawa.



Fonte: acervo pessoal.

Depois da morte de Irika, Bahku e Bawtsi ficam por algum tempo escondidos em um buraco com medo da reação dos animais, pois eles poderiam matá-los. Logo depois, caminharam em meio a floresta e encontraram uma aldeia, onde foram informados sobre como poderiam fazer para encontrar um lugar para morar.

Com as informações, saíram em um caminho cantando suas belas canções; a cada música surgiam terras, montes, serras, montanhas e alguns pássaros pretos. Ao encontrar esses pássaros, os irmãos perguntam várias vezes se eles tinham vomitado em suas mãos, e eles confirmam que não. Em seguida aparece outro pássaro menor e eles fazem a mesma pergunta.

O pássaro vomita em suas mãos e aparece uma pedra brilhosa. Com a pedra nas mãos, o pássaro falou que eles seriam muito felizes e nada de ruim aconteceria com eles.

Continuaram a caminhar e logo viram um paxiubão à sua frente; eles retiraram a capemba e fizeram cocô dentro. Com o passar dos dias e com a água da chuva, criaram micróbios dentro do paxiubão. Os dois irmãos tiveram a ideia de colocar remédios naturais dentro da água como forma de experimento. Assim surgiu ouro dentro da capemba e depois um homem branco. Nesse momento, uma voz ecoou em meio à floresta, dizendo que eles não estavam fazendo as coisas da forma correta e que precisavam pegar outra capemba, folhas de árvores, amassar e deixar apodrecer.

Depois de podres, eles sopraram e assim surgiram as pessoas. Continuaram caminhando e encontraram um bando de macacos: macaco cara de sola, macaco cairara, dentre outros, iniciando uma briga terrível na floresta. Na briga, os macacos foram mortos, os dois olhos foram retirados e colocados em um boneco de barro feito pelos homens, que o sopraram e viram se transformar em outro homem branco. A voz continuava orientando Bahku e Bawtsi; dessa vez, pediu que eles pegassem folhas de embaúba.

Ao se retirar da mata, precisavam machucar e soprar. Assim eles fizeram: sopraram nas folhas e apareceram pessoas negras de cabelo bem agarradinho, com a semelhança das folhas de embaúba. Continuaram amassando folhas e colocaram em uma outra capemba e sopraram: nesse momento, apareceram mais pessoas que se chamaram Puydawa. Em uma outra capemba, colocaram mais folhas e, com a água da chuva, sopraram e surgiram sapos pequenos. Então, a voz declarou que esses sapinhos eram Puya, Puyanawa, ou seja, o sapo que virou gente.

RESUMO

A Terra Indígena do povo Puyanawa (gente do sapo) está localizada no município de Mâncio Lima, estado do Acre. A língua do povo Puyanawa é ŨdikiKũiki, do tronco linguístico Pano, embora a língua portuguesa seja a língua de domínio, tendo em vista o processo de exploração que nosso povo sofreu. Atualmente, a língua do povo está passando por um processo de revitalização linguística que visa o fortalecimento de nossa cultura indígena a partir de ações que promovam toda a comunidade, mas especialmente nos mais jovens o orgulho pela nossa língua indígena. Sendo assim, identificamos a escola indígena como uma importante instituição para colaborar com esse processo, tendo em vista as relações que estabelece para o ensino da comunidade. Logo, a presente pesquisa tem como objetivo geral: analisar o ensino da língua Puyanawa na Escola Ixũbãý Rabuĩ Puyanawa, considerando a proposta de revitalização linguística ao qual está submetida; e os seguintes objetivos específicos: (1) Realizar um resgate histórico do povo indígena Puyanawa, a fim de colaborar com o processo de registro dessa nação indígena; (2) Analisar o Projeto Político Pedagógico da Escola Ixũbãý Rabuĩ Puyanawa, refletindo sobre o ensino da língua puyanawa; (3) Propor a elaboração de materiais didáticos produzidos por professores indígenas para o ensino de línguas em escolas indígenas. Para a realização da pesquisa, buscamos subsídios teóricos em: Constant (2018), Paula (1992) e Walker (2012), sobre a política de formação indígena; Costa (2012), sobre a elaboração de materiais didáticos para escolas indígenas; Cabré ([1993], 2005), Barros (2004), Krieger e Finatto (2004), para as discussões sobre terminologia e elaboração de dicionários de especialidade. Como metodologia, adotamos uma abordagem histórica, qualitativa, descritiva documental, tendo em vista que os dados partem de minha experiência enquanto professora indígena que atua na Escola Ixũbãý Rabuĩ Puyanawa, além da análise do Projeto Político Pedagógico da instituição. Esperamos que esta pesquisa colabore com os estudos sobre as línguas brasileiras, evidenciando o plurilinguismo do território nacional, bem como sirva como instrumento para os processos de revitalização e fortalecimento da língua e cultura Puyanawa, revelando a importância das discussões sobre o ensino de línguas de tradição² para sua promoção e condução por pessoas indígenas.

Palavras-chaves: Escola indígena. Língua Puyanawa. Ensino. Dicionário terminológico. Material didático.

² Nesta pesquisa, consideramos língua de tradição ou povos de tradição as línguas e os povos indígenas, tendo em vista que esses povos habitavam o território referente ao estado do Acre antes da chegada dos exploradores.

RESUMEN

La Tierra Indígena del pueblo Puyanawa (pessoas do rana) se encuentra en el municipio de Mâncio Lima, estado de Acre. La lengua del pueblo Puyanawa es el ŨdikiKũiki, del tronco lingüístico pano, aunque el portugués es la lengua dominante, dado el proceso de explotación que sufrió nuestro pueblo. Actualmente, la lengua del pueblo pasa por un proceso de revitalización lingüística dirigido al fortalecimiento de nuestra cultura indígena, a partir de acciones que promuevan el orgullo por nuestra lengua indígena a toda la comunidad, pero especialmente a los más jóvenes. Así, identificamos a la escuela indígena como una institución importante para colaborar con este proceso, considerando las relaciones que establece para la educación de la comunidad. Por lo tanto, la presente investigación tiene como objetivo general: analizar la enseñanza de la lengua puyanawa en la Escuela Ixũbãý Rabuĩ Puyanawa, considerando la propuesta de revitalización lingüística a la que está sometida; y los siguientes objetivos específicos: (1) Realizar un rescate histórico del pueblo indígena Puyanawa, a fin de colaborar con el proceso de registro de esta nación indígena; (2) Analizar el Proyecto Político Pedagógico de la Escuela Ixũbãý Rabuĩ Puyanawa, reflexionando sobre la enseñanza de la lengua Puyanawa; (3) Proponer la elaboración de materiales didácticos producidos por docentes indígenas para la enseñanza de la lengua en escuelas indígenas. Para realizar la investigación se buscaron subsidios teóricos en: Constant (2018), Paula (1992) y Walker (2012), sobre la política de formación indígena; Costa (2012), sobre la elaboración de materiales didácticos para escuelas indígenas; además de Cabré ([1993], 2005), Barros (2004), Krieger y Finatto (2004), para las discusiones sobre Terminología y elaboración de diccionarios de especialidad. Como metodología, adoptamos un enfoque histórico, cualitativo, descriptivo y documental, considerando que los datos provienen de nuestra experiencia como docente indígena que trabaja en la Escuela Ixũbãý Rabuĩ Puyanawa, así como del análisis del Proyecto Político Pedagógico de la institución. Esperamos que esta investigación colabore con los estudios sobre las lenguas brasileñas, evidenciando el plurilingüismo del territorio nacional; así como sirva de instrumento para los procesos de revitalización y fortalecimiento de la lengua y cultura puyanawa, revelando la importancia de que las discusiones sobre la enseñanza de las lenguas tradicionales puedan ser promovidas y conducidas por indígenas.

Palabras clave: Escuela indígena. Lengua puyanawa. Enseñanza. Diccionario terminológico. Material didáctico.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Maria José Chaves dos Santos (ĨBATA), autora desta pesquisa..... | 27 |
| Figura 2: Isaura Antimá, indígena Puyanawa, tem em seu rosto kene em forma de pente | 32 |
| Figura 3: Puyanawa na época no início do cativeiro | 33 |
| Figura 4: Mulheres Puyanawa com cabelos cortados e roupas | 35 |
| Figura 5: Homens Puyanawa com roupas e chapéus | 35 |
| Figura 6: Clemilda Manaitá e Maria José Chaves dos Santos, professoras indígenas do povo Puyanawa | 40 |
| Figura 7: Maria José Chaves dos Santos e Sofia Lopes do Nascimento, professoras indígenas do povo Puyanawa | 42 |
| Figura 8: Mateiros no processo de autodemarcação da terra indígena Puyanawa | 45 |
| Figura 9: Capa da cartilha Puyanawa – Ano 1995 | 49 |
| Figura 10: Capa da gramática Puyanawa, com fotos de Railda Manaitá, Hanna Manaitá e Mário (MÃPA) | 50 |
| Figura 11: Ilustração da comunidade Puyanawa | 52 |
| Figura 12: Creche Escola Indígena ãDEBAYKY | 53 |
| Figura 13: Unidade Básica de Saúde Puyanawa Mário MÃPA | 54 |
| Figura 14: Casa de farinha comunitária situada na aldeia Barão | 55 |
| Figura 15: Igreja Pentecostal da Graça de Deus | 56 |
| Figura 16: Igreja Nossa Senhora de Guadalupe | 56 |
| Figura 17: Imagem do sistema de abastecimento de água da aldeia Barão | 57 |
| Figura 18: Crianças Puyanawa jogando bola no campo de futebol | 58 |
| Figura 19: Mercaria Martins situada na aldeia Barão | 59 |
| Figura 20: Imagem da Associação Agroextrativista Barão e Ipiranga | 60 |
| Figura 21: BAYTE BISTE..... | 61 |
| Figura 22: DUKÛBURUKI TãDAYA EWETE PUYAVAKEVU..... | 62 |
| Figura 23: Vista aérea do DIMANã EWE YÛBABU (Centro Cultural – Arena) situado na aldeia Ipiranga..... | 63 |
| Figura 24: IV Festival ATSA PUYANAWA (2022) | 64 |
| Figura 25: Mostruário de exposição de artesanato..... | 64 |
| Figura 26: Vista panorâmica da EWETE ãBATA..... | 65 |
| Figura 27: Prato típico servido durante o Festival ATSA PUYANAWA..... | 66 |
| Figura 28: Cacique do povo Puyanawa, Joel Ferreira Lima (DIVAKE), e a pesquisadora.... | 66 |

| | |
|--|-----|
| Figura 29: Derivados de macaxeira em exposição no Festival ATSA PUYANAWA (2022) | 67 |
| Figura 30: Momento de degustação da caiçuma (ÛBA) no Festival ATSA PUYANAWA... | 68 |
| Figura 31: Momento de cantorias no festival que reúne parte da comunidade e visitantes | 68 |
| Figura 32: Escola Estadual IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA..... | 72 |
| Figura 33: Fluxograma da educação Puyanawa | 77 |
| Figura 34: Maria José Chaves dos Santos e Railda Manaitá, professoras indígenas do povo Puyanawa | 79 |
| Figura 35: Luiz Manaitá, professor de língua puyanawa | 80 |
| Figura 36: Mário Cordeiro (MÃPA), segundo cacique do povo Puyanawa e professor de língua puyanawa | 82 |
| Figura 37: Samuel Rondon (RAKEKÃY), professor de língua puyanawa | 83 |
| Figura 38: Matriz curricular do 1º ano da disciplina de língua puyanawa | 85 |
| Figura 39: Matriz curricular do 2º ano da disciplina de língua puyanawa | 86 |
| Figura 40: Matriz curricular do 3º ano da disciplina de língua puyanawa | 87 |
| Figura 41: Matriz curricular do 4º ano da disciplina de língua puyanawa | 88 |
| Figura 42: Matriz curricular do 5º ano da disciplina de língua puyanawa | 89 |
| Figura 43: Imagem da organização dos termos no sistema nocional | 100 |
| Figura 44: Imagem da microestrutura do dicionário | 101 |
| Figura 45: Cartaz de boas-maneiras fixado na parede da Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA | 111 |
| Figura 46: Cartaz sobre os meses do ano fixado na parede da Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA | 112 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----|
| Gráfico 1: Formação acadêmica dos professores de 1° a 5° Ano | 107 |
| Gráfico 2: Formação acadêmica dos professores de 6° a 9° Ano | 107 |
| Gráfico 3: Formação acadêmica dos professores do Ensino Médio | 108 |
| Gráfico 4: Formação acadêmica dos professores do EJA | 109 |
| Gráfico 5: Formação acadêmica da equipe gestora | 109 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1: Carga horária semanal das disciplinas de linguagens: 1° a 5° Ano..... | 103 |
|--|-----|

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAPBI: Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga

AEE: Atendimento Educacional Especializado

FUNAI: Fundação Nacional dos Povos Indígenas

TI: Terras Indígenas

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPTAL: Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal

FNDE: Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar

PDDE: Programa Dinheiro Direto na Escola

SEE: Secretaria do Estado e Educação

PPP: Projeto Político Pedagógico

OPIAC: Organização de Professores Indígenas do Acre

RCNEI: Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas

MEC: Ministério da Educação

UFAC: Universidade Federal do Acre

S.M.: Substantivo masculino

S.F.: Substantivo feminino

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO | 21 |
| Objetivo geral | 22 |
| Objetivos específicos | 22 |
| 1 CONSTITUIÇÃO DA PESQUISADORA INDÍGENA PUYANAWA | 25 |
| 2 BREVE HISTÓRICO DO POVO PUYANAWA – MÂNCIO LIMA, ACRE | 29 |
| 2.1 Período do contato | 30 |
| 2.2 Período do cativoiro | 31 |
| 2.2.1 XÃNÃYBU WEVAHKÃY..... | 33 |
| 2.2.2 O período da borracha | 36 |
| 2.2.3 A escola e a imposição da língua portuguesa | 38 |
| 2.3 Período dos direitos | 43 |
| 2.3.1 A demarcação da Terra Indígena Puyanawa | 46 |
| 2.3.2 A gramática Puyanawa | 47 |
| 2.4 Povo Puyanawa no contexto atual | 51 |
| 2.4.1 Aldeia Barão | 52 |
| 2.4.2 Aldeia Ipiranga | 57 |
| 3 A ESCOLA IXÛBÃY RABUÍ PUYANAWA E O ENSINO DE LÍNGUAS | 70 |
| 3.1 A Escola IXÛBÃY RABUÍ PUYANAWA | 70 |
| 3.2 Projeto Político Pedagógico (TÃWINAKÃ TÃDAH AKISBI) | 74 |
| 3.3 Estrutura organizacional do ensino na escola indígena | 78 |
| 3.3.1 Railda Manaitá (MÃNÛ ÃNÏ) | 79 |
| 3.3.2 Luiz Manaitá (ËYDI) | 80 |
| 3.3.3 Mário Cordeiro (MÃPA) | 81 |
| 3.3.4 Samuel Rondon (RAKEKÃY) | 82 |
| 3.3 O ensino de língua puyanawa de 1º a 5º ano | 84 |
| 4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 91 |
| 5 METODOLOGIA DA PESQUISA | 96 |
| 6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS | 103 |
| 7 CONCLUSÃO | 114 |

| | |
|--------------------------|-----|
| REFERÊNCIAS | 117 |
| APÊNDICE | 119 |

INTRODUÇÃO

O povo Puyanawa, pertencente ao tronco linguístico Pano, é monolíngue em língua portuguesa e tem como segunda língua a língua indígena puyanawa (ÛdikiKũtki³). A língua indígena puyanawa,⁴ considerada por nós o “pulmão” do nosso povo, foi por muitos anos brutalmente sufocada por pessoas que objetivavam a exploração das riquezas naturais com enfoque econômico. Como consequência, o ensino de língua portuguesa e o trabalho escravo na produção da borracha foram determinantes para o enfraquecimento da cultura dessa nação indígena.

Em meados de 1888, os vales do Juruá e Purus foram invadidos por coronéis da borracha, com o intuito de explorar as seringueiras dessas regiões, usando os ribeirinhos e os indígenas como trabalhadores. Nesse processo, os menos favorecidos foram atraídos para esses fins e enganados pelos coronéis, que tinham como objetivo principal a exploração econômica desprovida de respeito às identidades dos povos indígenas. Como consequência dessa exploração, temos, na história Puyanawa, um legado de perdas identitárias irreparáveis – cultural, territorial e linguística. Resta-nos, na contemporaneidade enquanto indígenas Puyanawa, registrar e propor alternativas que possibilitem, em certa medida, colaborar com o processo de revitalização e fortalecimento da cultura e da língua puyanawa.

Muitos povos indígenas conseguiram fortalecer suas línguas, mas é importante destacar que muitas comunidades indígenas têm seu espaço geográfico ou suas Terras Indígenas (TI) afastadas dos não indígenas, facilitando a disseminação da língua indígena; conseqüentemente, isso dificulta a influência de outras línguas nas relações sociais. Em contrapartida, em outras comunidades a influência da língua oficial do colonizador (no caso do Brasil, a língua portuguesa) é superior às línguas de tradição, o que dificulta significativamente o desenvolvimento de políticas linguísticas que visem à revitalização e ao fortalecimento das línguas indígenas. No caso do nosso povo Puyanawa, as terras indígenas estão localizadas, geograficamente, próximas da sede do município de Mâncio Lima, estado do Acre, e a poucos quilômetros de comunidades vizinhas, com acesso livre de pessoas não indígenas a nossas terras.

Os longos períodos de exploração e sufocamento de nossa cultura promoveram, em parte da comunidade, a vergonha de ser indígena dentro e fora do contexto comunitário.

³ ÛdikiKũtki significa língua verdadeira, designação atribuída por nosso povo à língua puyanawa.

⁴ Nessa pesquisa adotamos a escrita de Puyanawa com “P” em maiúsculo para fazermos referência ao povo, e puyanawa com “p” em minúsculo quando nos referimos à língua do povo Puyanawa.

Contudo, atualmente, a nossa comunidade indígena vem desenvolvendo importantes ações que buscar avivar e manter a língua puyanawa, bem como seus costumes e crenças. Nesse processo, é importante destacar a colaboração de todo o povo Puyanawa, desde as lideranças, sábios, professores, alunos, familiares e comunidade Puyanawa de modo geral.

Assim, consideramos a escola uma importante instituição nesse processo, pois agrega diferentes conhecimentos e promove o protagonismo Puyanawa por meio da disseminação dos conhecimentos da epistemologia do povo em pesquisas, festividades culturais, feitiços e no uso dos adereços e vestes tradicionais, além de pinturas, artesanatos, bebidas etc., a partir de um ensino diferenciado.⁵ Quando consideramos os atores que colaboram com o ensino diferenciado, entendemos que são todos aqueles que fazem parte do processo de resgate da língua puyanawa, seja no ambiente escolar, seja fora da escola. Destacamos o papel da escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa enquanto instituição de ensino indígena que colabora para a promoção dos processos de revitalização e fortalecimento da cultura e língua do nosso povo.

Desse modo, o interesse por essa pesquisa partiu, inicialmente, de nossas reflexões enquanto docentes da escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa sobre a política de revitalização de nossa língua, considerando a escola uma das principais instituições Puyanawa para esse processo linguístico. Tendo em vista a importância de criarmos estratégias que visem à valorização de nossa língua,⁶ decidimos realizar uma pesquisa que objetive analisar como se dá o ensino da língua indígena na Escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa. Nesse sentido, temos os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Analisar o ensino da língua Puyanawa na Escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa, considerando a proposta de revitalização linguística à qual está submetida.

Objetivos específicos:

1. Realizar um resgate histórico do povo indígena Puyanawa, a fim de colaborar com o processo de registro dessa nação indígena;

⁵ A comunidade entende por “ensino diferenciado” a mesclagem dos conhecimentos ocidentais por meio da língua portuguesa com os conhecimentos voltados para a comunidade por meio da língua puyanawa, como podemos exemplificar no seguinte exemplo: BOLA (língua portuguesa) PUTATI (língua puyanawa). Além do registro da escrita das palavras nas línguas portuguesa e puyanawa, trabalhamos a contextualização de cada unidade lexical.

⁶ Aqui se insere também o aspecto cultural, visto que não podemos pensar cultura e língua de forma separada.

2. Analisar o Projeto Político Pedagógico da Escola Ixübây Rabuñ Puyanawa, refletindo sobre o ensino da língua puyanawa;
3. Propor a elaboração de materiais didáticos produzidos por professores indígenas para o ensino de línguas em escolas indígenas.

Dito isso, esta dissertação está organizada em seis capítulos. No capítulo 1, intitulado **Constituição da Pesquisadora Indígena Puyanawa**, fazemos uma breve apresentação da pesquisa, momento em que procuramos contextualizar as motivações do desenvolvimento de uma pesquisa dessa natureza.

No capítulo 2, intitulado **Breve histórico do povo Puyanawa**, apresentamos a história do nosso povo, a fim de refletirmos sobre as imposições não indígenas que colaboraram para o quase apagamento da nossa cultura, que de certa forma corresponde o início de todo o processo da imposição da língua portuguesa e dos costumes não indígenas que colaboraram para o declínio da nossa língua de tradição, desmembrado em diferentes períodos marcados na história do nosso povo. Dentre esses períodos, destacamos o dos direitos, que foi significativo para a reestruturação linguística, cultural e social do nosso povo. Ainda no mesmo capítulo, apresentamos o contexto atual do nosso povo e a organização das aldeias Barão e Ipiranga.

No capítulo 3, intitulado **A escola Ixübây Rabuñ Puyanawa e o ensino de línguas**, discorreremos sobre a escola Ixübây Rabuñ Puyanawa, evidenciando a importância dessa instituição, vista pela comunidade como colaboradora na tecitura dos processos de memória, revitalização e fortalecimento da língua puyanawa. Ainda refletimos o que diz o PPP Puyanawa dentro do fazer pedagógico das turmas de 1º a 5º ano. Além disso, refletimos sobre a estrutura organizacional da educação Puyanawa. No mesmo capítulo, apresentamos importantes disseminadores da nossa língua puyanawa e analisamos a organização da proposta pedagógica de língua puyanawa de 1º a 5º ano.

No capítulo 4, intitulado **Fundamentação Teórica**, apresentamos autores que usamos para nortear o nosso estudo, dentre os quais destacamos Costa (2012), no que tange à elaboração de materiais didáticos por pessoas indígenas para o ensino de línguas indígenas, e Barros (2004), sobre as características e metodologias das obras terminográficas. A **Metodologia da pesquisa** está no capítulo 5, onde descrevemos as etapas da nossa dissertação, bem como os recursos utilizados para a produção de nosso estudo, incluindo as etapas da elaboração do nosso dicionário. Por sua vez, no capítulo 6, **Resultados e análise dos dados**, refletimos sobre os resultados da pesquisa e fazemos uma reflexão acerca da importância do uso de dicionários para a revitalização e fortalecimento da língua puyanawa, que se encontra em processo de

construção. Adicionalmente, refletimos sobre o ensino de língua puyanawa na escola Ixübãý Rabuĩ Puyanawa.

Em seguida, apresentamos a **Conclusão** de nosso estudo, momento em que refletimos sobre os resultados gerados, considerando a nossa condição linguística e cultural e possíveis contribuições de nossa pesquisa para os próximos Puyanawa: alunos, professores e comunidade em geral. Quanto ao Dicionário Terminológico dos Animais Puyanawa, ele se encontra no Apêndice desta pesquisa. Temos consciência que os dados apresentados no Dicionário Terminológico dos Animais Puyanawa não são suficientes para representar a dinâmica de uma língua em processo de revitalização, uma vez que a epistemologia de nosso povo é ampla.

No que diz respeito ao Apêndice, apresentamos o Dicionário Terminológico dos Animais Puyanawa, que é o produto gerado dessa pesquisa.

1 CONSTITUIÇÃO DA PESQUISADORA INDÍGENA PUYANAWA

Eu, Maria José Chaves dos Santos, nome indígena ĪBATA,⁷ que significa “magra”, fui batizada pelo primeiro cacique do povo, o emérito Mário Cordeiro de Lima (MĀPA), *in memoriam*. Sou pertencente ao povo Puyanawa (gente do sapo), nasci na aldeia Barão no dia 14/03/1988 por meio de um parto muito arriscado – a parteira da comunidade utilizou muitas estratégias para me trazer ao mundo. Minha mãe fez uma promessa com Deus que pagaria me registrando como Maria José, significando: Maria, a mãe de Jesus, e José, o pai de Jesus. Deus ouviu sua súplica e assim eu nasci saudável.

Atualmente, tenho 34 anos de idade; sou casada com Ernandes da Silva Bastos; sou mãe de Marlon Santos Bastos (filho mais novo), Márcio Leandro dos Santos Oliveira (primogênito); e filha de Rossinir Negreiros dos Santos e Maria da Conceição Chaves. Tenho três irmãos, um homem e duas mulheres. Meus avós paternos são: Oséias Correia dos Santos (*in memoriam*) e Terezinha Negreiros dos Santos; meus avós maternos são: Benedito Elpide e Edite Chaves. Sou evangélica da igreja Pentecostal da Graça de Deus, localizada na Aldeia Barão.

A minha infância na aldeia foi muito feliz: brincava junto de minha irmã e meus familiares com as mais variadas brincadeiras, como esconde-esconde, brincadeiras de rodas, de bonecas, pega-pega, cantorias, dentre outras. Nessa época, a luz para clarear a casa era à base de velas, lamparinas ou lampiões. Não havia geladeiras, tampouco televisão ou celular; a comida era conservada com sal ou seca ao sol. Meu pai sempre cuidou da família por meio do trabalho braçal, cortando seringas para vender as pelotas de borrachas, cultivando a mandioca para fazer farinha – que servia tanto como alimento quanto como fonte de renda – e por meio da venda das raízes, para custear as despesas da casa.

A caça sempre foi uma alternativa para ajudar na alimentação da minha família. Meu pai passava dias na floresta em busca de animais, como veado (YAWIX), queixada (YAWA), paca (AWA), tatu (YAWIX), dentre outros. Uma alternativa era o consumo de diferentes peixes do igarapé principal das aldeias, denominado Igarapé das Traíras (BERKUA), além dos diversos lagos, que são fontes riquíssimas de alimentação. Minha mãe é uma mulher aguerrida e determinada, filha de amazonenses do rio Liberdade. Sempre cuidou e continua cuidando da família com dedicação e amor. Sempre amorosa com suas filhas e com seus netos.

⁷ Registramos nesta pesquisa todas as palavras em língua puyanawa com letras em caixa-alta, visto ser a forma mais usada no registro de nossa língua indígena.

Iniciei minha vida estudantil na Escola 13 de Maio, onde fiz a pré-escola e, posteriormente, as demais séries; fui alfabetizada em língua portuguesa por professores próprios da comunidade e professores não indígenas. Recebi conhecimentos voltados para a língua puyanawa pelos senhores Luíz Manaitá e Mário (MÃPA), professores da época. Estudei até a oitava série na escola do povo, mas por não ter as demais séries na instituição, meus pais tomaram a decisão de morar fora da aldeia e procurar uma escola para que eu e minha irmã pudéssemos estudar.

A saída da aldeia e a moradia na cidade foram desafiadoras, pois meus pais renunciaram a muitos bens, como casa, terreno, bois etc. para não deixar suas filhas sem estudo. Como se não bastasse, ainda houve o processo de adaptação na cidade, os problemas financeiros... Tudo era muito difícil. Meus tios, Sofia e Chico, acolheram minha família em casa, sempre de mãos estendidas, e ajudaram na alimentação e na estadia. Tia Sofia orientava como me comportar na escola do não índio, pois tudo era novo: realidades diferentes, colegas diferentes, conteúdo e metodologias de ensino. O medo e a angústia fizeram parte de meu dia a dia, pois me sentia intimidada com a ideia de falar em sala de aula, apresentar trabalhos escolares, bem como outras situações.

Com a venda do terreno e dos bois, meu pai comprou um pequeno terreno de 10/6 na Colônia São Francisco, bairro do município de Mâncio Lima; a casa era a mesma da aldeia. Na frente da casa, construiu um pequeno ponto de venda de bananas e balas. Essa renda ajudou muito nas despesas da casa, que nesse momento eram maiores. Era preciso comprar todos os itens necessários para sobreviver, diferentemente da vida na aldeia, onde tínhamos a farinha, a banana, o buriti, as frutas, os peixes, as carnes, sem precisar pagar; a água era paga, a energia elétrica, todo o material escolar e o fardamento.

Com a notícia da implantação do “Novo Ensino Médio Indígena”, imediatamente voltamos para a aldeia, porém o projeto demorou um ano para iniciar. No ano de 2003, as aulas do ensino médio iniciaram; eram ministradas por professores não indígenas dos municípios de Mâncio Lima e de Rio Branco. Eles lecionavam todas as disciplinas que a matriz curricular geral dispõe, além da língua puyanawa, que era ministrada pelo professor Aldir de Paula.

Em 2005, fui selecionada na turma do Ensino Médio para substituir o professor da turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Esse foi um momento de grande vitória, uma vez que sempre sonhei em ser professora da comunidade. Desde a minha infância, imitava minhas professoras em frente ao espelho. Esse período foi desafiador e ao mesmo tempo gratificante, pois era o início de um sonho. Ao concluir o Ensino Médio modular indígena, também concluí o Magistério Indígena, que acontecia todos os anos no município de Plácido de Castro, estado

do Acre. Tais conhecimentos foram muito importantes para o exercício de uma professora indígena.

Para maior aprofundamento desses conhecimentos, ingressei em uma faculdade particular: a Universidade Paulista (UNIP), com polo no município de Cruzeiro do Sul, também no estado do Acre. Nessa faculdade, adquiri o título de Licenciatura em Pedagogia. Durante esse período, engravidei do meu segundo filho. A distância da aldeia para o município de Cruzeiro do Sul é muito grande e exigia, muitas vezes, romper lama, chuva, buracos e noites escuras ao lado de meu Ernandes – um marido companheiro que sempre me auxiliou em diferentes situações. Enquanto estudava, minha mãe ficava cuidando dos meus filhos com dedicação especial. Ao concluir a graduação, fiz uma especialização em Gestão e Coordenação Escolar em uma outra faculdade particular, Faculdade da Serra (FASE). No ano de 2021, tive a oportunidade de ingressar na Universidade Federal do Acre (UFAC) no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens (PPEHL), *campus* Cruzeiro do Sul, popularmente conhecido por Campus Floresta.

Nesse processo, recebi ajudas especiais que serão sempre lembradas, dentre elas a de Vildna Dias – coordenadora pedagógica que sempre torceu por minha formação, mostrando que sou capaz, além de meus familiares e amigos.

Figura 1: Maria José Chaves dos Santos (ĪBATA), autora desta pesquisa.



Fonte: acervo pessoal.

Leciono há 18 anos na Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA. Enquanto professora, acompanho o processo de ensino da língua puyanawa na escola e reconheço a importância da instituição para o desenvolvimento de ações que promovam a valorização da língua (pulmão do povo) – principalmente entre o público mais jovem, pois eles são os futuros percussores da nossa cultura. Dessa forma, seus repertórios de conhecimentos precisam ser ampliados, levando em consideração as diferentes experiências vivenciadas tanto na aldeia quanto fora dela, já que precisamos aprender a lidar com os desafios impostos por nossas condições geográficas.

A elaboração da escrita dessa dissertação de mestrado foi um grande desafio, envolvido por muitas angústias, medos e incertezas, conduzidos por começos e recomeços constantes, pois eu estava em um contexto de estudo do olhar mais científico, além de se situar nas regras de escrita. Era preciso adentrar diferentes estradas, da escrita e da oralidade, com variedades epistemológicas que requerem investigações e consolidação de conhecimentos adquiridos. Esses conhecimentos que atravessam o tempo e o espaço em um mergulho no passado, ancorado com o presente, nos permitem reflexões e a oportunidade de construir e reconstruir novas concepções, reafirmando o compromisso com a história a partir do olhar dos sujeitos participantes.

Nessa perspectiva, na elaboração desta pesquisa, nos propomos a sonhar, pesquisar e escrever os caminhos trilhados pelo nosso povo Puyanawa em diferentes períodos, tomando o domínio de nossa própria história a partir do olhar de uma mulher indígena Puyanawa que se propõe a dominar a escrita para registrar a história de nosso povo, sob o prisma dos Puyanawa. Assim, recordamos e refletimos sobre a bravura de um povo que sobreviveu aos sistemas arbitrários estabelecidos pelo homem diante de uma cultura inocente, e, ao mesmo tempo, de um povo aguerrido que diariamente procura reparar sequelas do passado. Logo, não pretendo apenas voltar no tempo e narrar lindas e tristes histórias de nosso povo, mas lançar olhares que nos possibilitem preencher as lacunas adquiridas, dando novas reinterpretações e significações para o povo.

2 BREVE HISTÓRICO DO POVO PUYANAWA – MÂNCIO LIMA, ACRE

A história do povo Puyanawa é marcada por longos e dolorosos períodos classificados da seguinte forma: período do contato, período do cativo, e, logo depois, o período dos direitos. Neste capítulo, fazemos um passeio histórico por acontecimentos que envolveram o povo Puyanawa. É importante destacar que os fatos narrados a seguir partem de nossa experiência enquanto indígena Puyanawa que cresceu ouvindo familiares, professores e parentes.⁸ Outro cuidado que teremos ao longo deste capítulo é o de imprimir a visão indígena, socializada por nossa comunidade; por isso, em alguns momentos, autores não indígenas que a História nos apresentou não serão mencionados, visto que temos a intenção de usar este espaço de escrita para dar voz aos Puyanawa, verdadeiros protagonistas desta dissertação.

No século XIX, as diferentes comunidades indígenas do vale do Juruá e Purus foram brutalmente invadidas por não indígenas que tinham como objetivo explorar os recursos naturais desses territórios e, assim, serem cada vez mais providos economicamente, conforme destaca Godim (2002):

Desde fins do século XIX que os territórios indígenas das bacias dos rios Juruá/Purus, ricos em seringa e caucho, foram invadidos e ocupados por caucheiros peruanos, seringalistas e seringueiros brasileiros. Essa ocupação foi rápida e intensa, praticamente transformando toda essa região de seringais nativos em propriedade dos “coronéis da borracha” ou “coronéis de barranco”. É o caso da exploração do rio Moa, iniciada em 1888. Esse rio, afluente do Juruá, consistia no território tradicional do povo Puyanawa, pertencente à família linguística Pano. Quatro anos depois, o rio Moa e o seu principal afluente, o rio Azul, foram ocupados pelos invasores não-índios. (GODIM, 2002, p. 46)

Durante essa época, os coronéis se deslocaram para várias localidades das regiões do Juruá e Purus; o coronel da borracha Mâncio Lima veio para as terras que hoje são oficialmente do povo Puyanawa com intuito de identificar as seringueiras e posteriormente iniciar a exploração da borracha. Não sabemos a quantidade de Puyanawa que viviam nessa região; alguns dados são mencionados por algumas pessoas, mas de forma incerta. Em 1893, os relatos trazidos por documentos e pelos mais velhos da comunidade, que ouviram de seus pais e avós, apontam a notícia de indígenas na localidade do Paraná dos Moura no rio Moa; essa notícia só foi atestada em 1905 pelo prefeito do Alto Juruá, Gregório Thaumaturgo de Azevedo.

⁸Chamamos de “parente” qualquer membro indígena da comunidade, independentemente de relações consanguíneas.

Nas subseções a seguir, fazemos uma breve descrição dos três períodos que marcaram a história do povo Puyanawa. Vale destacar que os relatos históricos registrados ao longo desta pesquisa partem de nossa condição enquanto professora, pesquisadora indígena do povo Puyanawa, considerando outros estudos sobre o povo e as nossas vivências enquanto sujeitos que nunca se distanciaram da terra e cresceram ouvindo as narrativas dos mais velhos sobre as nossas lutas para conquistar a nossa Terra Indígena (TI).

2.4 Período do contato

O período do contato aconteceu por volta de 1901, quando os colonizadores encontraram vestígios deixados pelos Puyanawa quando levavam objetos dos seringueiros, ou quando destruíram as vasilhas da colheita de leite das seringueiras. Nessa época, os Puyanawa eram nômades, dispersos entre um lugar e outro em busca de alimentos. Durante essa busca de alimentos, “[...] 1901 a 1913, o cearense Mâncio Agostinho Rodrigues Lima, proprietário do seringal Aurora e da Fazenda Barão do Rio Branco, localizados no rio Moa, organizou expedições para contactar os Puyanawa, que roubavam as casas dos fregueses do coronel” (WALKER, 2012, p. 118-119). Nessa expedição, encontraram vários roçados e barracões abandonados em uma localidade conhecida como Sete de Setembro.

Como forma de atrair os Puyanawa para a segunda tentativa de captura, em 1904, os capangas deixavam objetos espalhados em locais mais específicos, como forma de atração. A inocência regada pela curiosidade foi o suficiente para iniciar a captura do primeiro grupo, que ensinou a direção da aldeia onde estavam os demais; no entanto, os capangas encontraram a aldeia queimada. No ano de 1911, a busca pelos Puyanawa ainda continuava. Nas correrias, o grupo se dividiu e alguns permaneceram em um igarapé conhecido como igarapé Preto – afluente do Paraná dos Mouras; outro grupo, chefiado pelo líder WEVAHKÃY, foi para um local conhecido como Riozinho – afluente do rio Moa. Somente no final do mesmo ano, sob a direção de Antônio Bastos, funcionário do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), o irmão do coronel Mâncio Lima, mateiros e outros sujeitos conseguiram capturar o primeiro grupo.

O amansador Antônio Bastos, por ser linguista e dominar as línguas Pano, teve facilidade no processo de captura. De acordo com os mais velhos da comunidade, seus pais relatam que, quando os indígenas localizados no igarapé Preto foram capturados, ouviram gritos na sua língua para não saírem da maloca. Essa foi uma estratégia utilizada por Antônio Bastos. As portas da maloca foram fechadas pelos capangas; as mulheres conseguiram fugir com as crianças e, no dia seguinte, os homens foram buscá-las na mata. Esse grupo ficou por algum

tempo no igarapé Bom Jardim e depois foi levado para o igarapé Maloca, localizado na Fazenda Barão do Rio Branco.

Em 1913, com o primeiro grupo de Puyanawa já capturado, as buscas pelos outros continuavam. O coronel, por meio dos próprios indígenas, além de Vicente, Lauro, Rafael e mais dois PUYA,⁹ conseguiram capturar o segundo grupo, que era liderado por WEVAHKÃY. Esses foram levados para o igarapé Maloca junto com os demais. De acordo com relatos dos mais velhos da comunidade, na busca pelo segundo grupo, os Puyanawa tentavam proteger seus parentes despistando com as pegadas dos pés e marcando a terra na direção contrária. As inúmeras tentativas de escapar das mãos do colonizador e as buscas no processo de captura perduraram por 12 anos. No entanto, essa não foi a única fase de exploração e maus tratos sofridos pelos Puyanawa. Na próxima subseção, apresentamos um breve relato do período do cativo, que sucedeu o período do contato.

2.2 Período do cativo

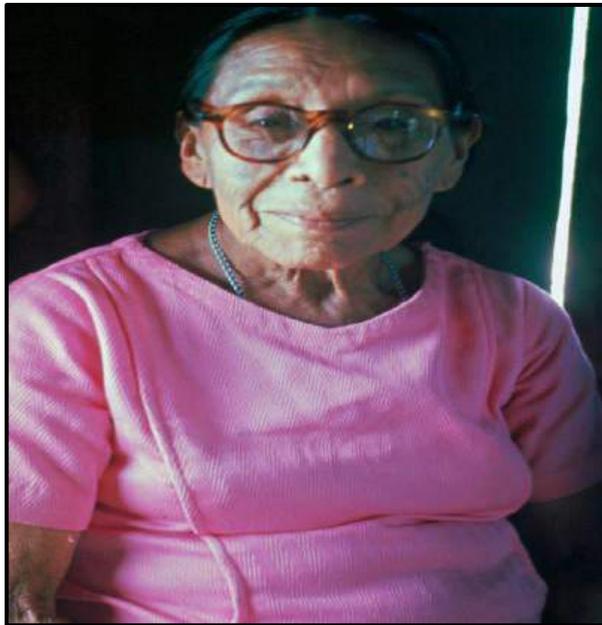
O período do cativo, inicialmente, foi marcado ainda pelas correrias por diversos motivos, dentre eles, o trabalho forçado, uma vez que os indígenas tiveram muitas dificuldades para aderir às ordens do coronel – especialmente o líder do povo WEVAHKÃY, que ficou conhecido como Tuxawa Napoleão, nome dado pelos não indígenas daquela época. Esse período, denominado cativo, durou de 1915 a 1950. Durante esse tempo, o primeiro cacique do povo Puyanawa tentou das mais variadas formas proteger o povo, mas infelizmente foi morto por não aceitar as imposições do coronel Mâncio Lima, conforme podemos verificar nos registros de Walker:

Por não suportar o regime imposto pelo coronel, o índio Napoleão fugiu para a floresta, levando consigo todos os índios que estavam a serviço, na fazenda Barão do Rio Branco. Como resposta à insurreição, o coronel mandou capturar todos os índios, menos o Napoleão, que foi morto com oito tiros, segundo relato do Sr. Mario Cordeiro de Lima, líder Puyanawa. O lugar em que Napoleão foi morto se chama comunidade Sete de Setembro, por ser o dia em que os brancos encontram os índios. É por este motivo que, no dia sete de setembro, o branco comemora a Independência do Brasil, e os índios Puyanawa comemoram o dia do líder Napoleão. (WALKER, 2012, p. 117)

⁹ <Puya>, o mesmo que Puyanawa.

De acordo com relatos de alguns moradores, os restos mortais de WEVAHKÃY foram enterrados em um lugar específico da aldeia na época do cativeiro, onde mulheres Puyanawa conseguiram identificar os ossos maiores. Com a morte de WEVAHKÃY, um grupo se refugiou no Azul, e os demais foram capturados novamente. Segundo seu Jorge Constant (POITXO),¹⁰ seus pais relatam que os Puyanawa foram açoitados cruelmente e reconduzidos para o igarapé Maloca. Ao chegarem à fazenda Barão, tinham em seus corpos traços de pinturas próprias do povo que eram usadas por homens e mulheres. Essas tatuagens eram feitas com espinhos de muru-muru, e a tinta usada era o resultado da mistura de carvão triturado com o sumo de jenipapo verde.

Figura 2: Isaura Antimá, indígena Puyanawa, tem em seu rosto kene em forma de pente.



Fonte: Delvair Montagner Melatti, 1977, Acervo CPI-AC, em: Povos Indígenas no Brasil <socioambiental.org>.

O processo de feitiço das tatuagens era doloroso; os indígenas faziam uso de uma bebida à base de ingredientes naturais para diminuir as dores na execução da tatuagem. As pinturas tinham dois formatos. Algumas mulheres tinham em seus rostos uma pintura em formato de pente, outras tinham apenas uma mancha em formato de uma pequena bolinha no rosto. Segundo o atual cacique do povo, Joel Ferreira Lima (DIVAKE), seu pai Mário (MÃPA) relatava que as pinturas simbolizavam os Puyanawa de duas malocas – cada maloca tinha um líder, e cada grupo tinha uma pintura como identificação do território.

¹⁰ O nome indígena do Sr. Jorge Constant é escrito com a vogal “o”, que não faz parte do alfabeto Puyanawa. Dessa forma, é importante destacar que o nome foi atribuído ao indígena antes da definição do alfabeto.

Para o povo Puyanawa, WEVAHKÃY deixou um legado de coragem e determinação. Acreditamos que somente o seu corpo morreu, mas seu Espírito estará sempre vivo na memória do nosso povo Puyanawa. Sua coragem e determinação nos ensinou bastante, mesmo que ele tenha perdido a vida. Aprendemos sobre a importância de estarmos juntos, lutarmos, sermos corajosos na defesa de nosso povo e de nossa terra. Dada a importância de WEVAHKÃY para nossa cultura, discorreremos brevemente sobre sua história na subseção a seguir.

2.2.1 XÃNÃYBU WEVAHKÃY

O grande guerreiro WEVAHKÃY foi o primeiro cacique do povo Puyanawa, na época que consideramos “liberdade”. Seu nome significa “guloso”, pois gostava muito de comer em grande quantidade, além de apreciar mingau de milho e de outros cereais. Era um homem forte e musculoso que se destacava. Segundo relatos, ele era diferente dos demais Puyanawa; suas características físicas demonstravam uma ligação biológica com não indígenas e, por se destacar nesse grupo, a aldeia o nomeou cacique. Ele tinha várias mulheres como esposas.

Os registros escritos sobre o nome e sobrenome de WEVAHKÃY são escassos, porém sabemos que o seu nome de origem foi modificado pelos não indígenas na época das correrias e contato, quando passou a ser chamado de Napoleão. Alguns relatos orais feitos pelos mais velhos da comunidade são suficientes para falar do seu cacicado, pois levamos em consideração as memórias contadas e recontadas ao longo da história do povo Puyanawa. Esses relatos apontam que WEVAHKÃY organizava o povo de forma amigável e determinava os trabalhos para os seus liderados. Todos eram livres para caçar, pescar, colher frutos nativos na floresta, praticar seus rituais sagrados, dançar e cantar suas músicas tradicionais. Também não utilizavam roupas, conforme apresentamos na Figura 3 a seguir.

Figura 3: Puyanawa na época no início do cativeiro.



Fonte: Projeto Político Pedagógico (2020).

A imagem apresentada na Figura 3 nos mostra os Puyanawa já no período de escravidão, porém, vemos que eles estão nus, indicando que o registro foi feito logo nos primeiros contatos com os não indígenas. Suas moradias tinham formato de grandes casas, chamadas “ocas”, onde moravam várias famílias; cada família tinha seu próprio fogo, indicando sua distinção entre o grupo. Além disso, eles criavam coletivamente grandes roçados para o plantio de cereais. O guerreiro era polígamo, e todos eram monolíngues em língua puyanawa. Esse cenário terminou com a morte de WEVAHKÃY durante as correrias.

Com a ausência do nosso grande líder, o povo Puyanawa ficou vulnerável a outras culturas, perdendo, gradativamente, seus traços originais e adentrando um novo mundo. O grande líder não podia mais defender o nosso povo e, assim, todos ficaram mais vulneráveis aos comandos dos não indígenas. Nesse contato, os Puyanawa foram infectados com algumas doenças, “[...] nosso modo de vida foi rapidamente mudado, e essas mudanças geraram enormes crises e enfermidades que se alastram até os dias de hoje” (CONSTANT, 2018, p. 12). Tais doenças resultaram em muitas mortes, pois eram desconhecidas e sem tratamento. Na tentativa de amenizar o sofrimento resultante das doenças, os indígenas utilizavam o fogo para se esquentar, mas acabavam morrendo. Como se não bastasse, o coronel os massacrava ainda mais, mandando retirar os dentes dos Puyanawa que estavam doentes e separando os indígenas dos não indígenas para evitar a infecção. Os Puyanawa que sobreviveram foram levados para a aldeia Ipiranga.

É interessante destacar que todo o processo de contato, correrias e cativo tinham como objetivo principal o trabalho escravo imposto pelo coronel Mâncio Agostinho Rodrigues de Lima, assim como a proibição de manifestar nossa língua e cultura; nos vestiram com roupas, em uma tentativa de nos sufocar dentro de nossa identidade indígena, de nos domar, como se fôssemos seres sem vontade própria. A seguir, apresentamos imagens dos nossos ancestrais já em regime de cativo, quando mulheres Puyanawa receberam brindes e roupas.

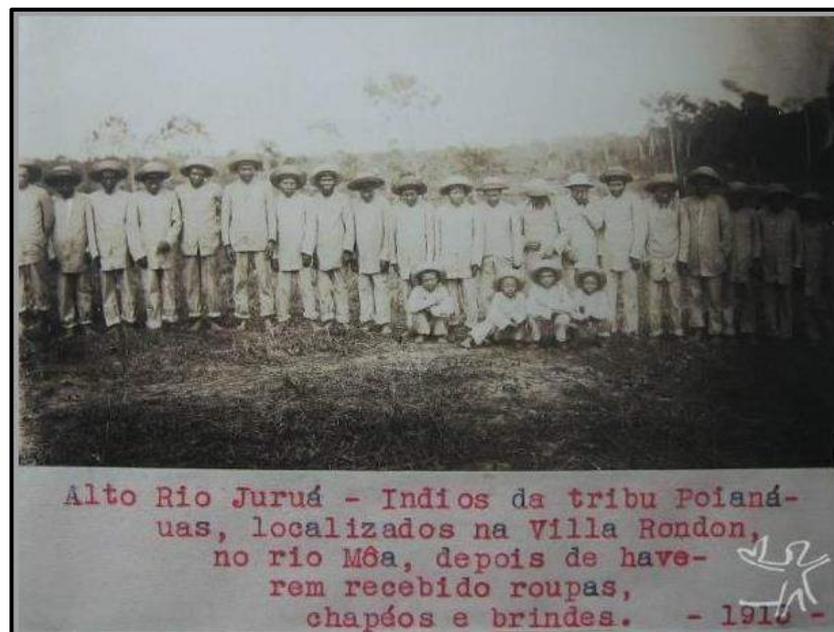
Figura 4: Mulheres Puyanawa com cabelos cortados e roupas.



Fonte: Arquivo Nacional, Brasil, Tribunal Especial (1931, Vol. 4, p. 30). Disponível em: <http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa_6.jpg.html>. Acesso em: 03 fev. 2023.

Os homens também foram explorados, assim como ocorreu com as mulheres. Eles receberam roupas e brindes, dentre eles chapéus, conforme podemos verificar na Figura 5, apresentada a seguir:

Figura 5: Homens Puyanawa com roupas e chapéus.



Fonte: Arquivo Nacional, Brasil, Tribunal Especial (1931, Vol. 4, p. 30). Disponível em: <http://img.socioambiental.org/v/publico/puyanawa/puyanawa_6.jpg.html>. Acesso em: 03 fev. 2023.

Pelas imagens, e de acordo com os relatos do nosso povo, podemos compreender os danos avassaladores que a cultura não indígena impregnou na cultura Puyanawa. Receber

roupas e brindes foi uma forma de atrair nosso povo inocente. Ancorado a isso, o trabalho na extração da seringa era seu foco principal, além da produção da farinha, moagem de cana, criação de animais, plantação de milho, arroz, feijão, dentre outros alimentos; estes foram alguns dos trabalhos realizados pelos Puyanawa.

A seguir, discorreremos, de forma breve, sobre a trajetória do ciclo da borracha, destacando o papel dos Puyanawa e a exploração vivenciada.

2.2.2 O período da borracha

O período do cativo ficou marcado como um dos momentos mais cruéis do período colonial do povo Puyanawa, pois os indígenas eram sequestrados para o trabalho escravo da produção da borracha, então no seu apogeu. Tal informação dialoga com o que aponta Pontes na citação a seguir:

O progresso tecnológico da indústria química, siderúrgica e elétrica, durante o período denominado Segunda Revolução Industrial, acelerou a procura da borracha e a transformou de simples “droga do sertão” em produto estável de grande aplicação em escala industrial, sobretudo indústrias norte-americana e europeia. (PONTES, 2014, p. 3)

De acordo com relatos do Sr. Oseias (*in memoriam*), avô da pesquisadora, homens e mulheres foram separados para realizar diferentes tarefas impostas pelo patrão. As colocações de seringas deixaram de ser povoadas pelos seringalistas cearenses e ganharam novos atores: os Puyanawa. A história nos revela que o coronel da borracha foi enviado para o Juruá para comandar uma companhia na produção da borracha, onde havia necessidade de uma produção mais elevada. “Os indígenas representaram a primeira mão-de-obra para produção do látex, uma vez que eles foram também os primeiros a utilizarem. Muitos dos exploradores da região, diretor de índios e seringalistas exploraram diversas nações indígenas no corte da seringueira” (PONTES, 2014, p. 7).

Nesse contexto, o coronel da borracha utilizava o trabalho escravo dos Puyanawa para que a produção crescesse diariamente, seguindo ordens superiores. Nesse sentido, durante todo o ano, inúmeros homens trabalhavam nas colocações, que no verão ficavam às margens do rio Moa e no inverno ficavam nos seringais. As mulheres e os mais velhos ficavam com a tarefa de transportar as pelotas de borrachas e os paneiros de farinha e de açúcar, além de cultivar roçados de milho, arroz, mandioca, feijão, cana-de-açúcar, dentre outros.

Todo o dinheiro do trabalho de produção da borracha era voltado para os cofres do patrão. Os seringueiros Puyanawa trabalhavam duramente sem direito de plantar e construir suas próprias moradias. O gabinete do coronel ficava em uma casa conhecida como barracão. “Regulamentavam, por exemplo, que os seringueiros deveriam aceitar as regras do regulamento para viverem bem; fazer transações somente com o barracão de seu seringal [...]” (PONTES, 2014, p. 12). Também pode ser entendido como uma espécie de mercado onde ficavam diferentes utensílios e produtos como: açúcar, sabão, óleo, enlatados, farinha, leite etc., além de roupas e objetos variados, do uso próprio do coronel e seus familiares e para o pagamento dos trabalhos realizados pelos homens Puyanawa; ou seja, o “salário” pelo serviço prestado.

Diante do exposto, podemos ainda evidenciar que, na prestação de contas dos trabalhos, os seringueiros recebiam do patrão poucos objetos de uso pessoal, como roupas, pentes, perfumes ou produtos alimentícios, como leite, café, açúcar e farinha. Existia um critério estabelecido pelo patrão, determinando que a compra deveria obedecer ao teto do valor do trabalho, gerando, assim, uma dívida impagável.

Além do trabalho com a borracha, o patrão era um grande produtor de farinha, dono de engenhos que funcionavam diariamente. Por causa das precárias condições laborais, maus tratos e jornada de trabalho, muitos Puyanawa desmaiavam. Para cada tarefa, o coronel enviava um capataz para espionar o trabalho realizado; caso descumprissem as regras, o coronel castigava com agressões físicas, além de direcionar expressões preconceituosas e empobrecidas.

No ano de 1930, as mulheres foram dispensadas de suas tarefas e puderam ir morar com seus esposos nas colocações. Apesar disso, o trabalho escravo continuava; os Puyanawa intensificaram os trabalhos na derrubada de vários quilômetros de matas nativas para plantação de canaviais, campos de gado, locomoção de cargas e várias toneladas de borrachas. Cumpre destacar que, nesse período, as mulheres Puyanawa mantinham contatos íntimos com os cearenses, resultando no início da miscigenação da cultura Puyanawa. Os homens Puyanawa usaram artimanhas para afastar os capangas de suas mulheres, mas muitas mulheres conseguiram engravidar e até mesmo se casaram com os não indígenas.

Dentre as imposições não indígenas, a escola, enquanto instituição do Estado, fez parte do processo de desapropriação da cultura Puyanawa durante o período do cativo. O esforço dos exploradores para implementar o modelo de educação nesse período ainda tem impactos em nossa cultura indígena atual, em especial no que se refere à língua; por isso, consideramos importante registrar na próxima subseção algumas características da escola no período do cativo.

2.2.3 A escola e a imposição da língua portuguesa

Durante o período de contato, correrias e escravidão, o povo Puyanawa sofreu grande influência da cultura dos não indígenas. Gradativamente, nosso povo foi obrigado a usar a língua portuguesa nas comunicações oficiais e no dia a dia. Assim, quando precisavam falar com o coronel, com os seus capangas ou quando usavam os serviços de instituições do Estado – escolas, registros de documentos, ou, ainda, durante a realização dos trabalhos – os Puyanawa eram obrigados a usar a língua portuguesa; em casa, todavia, de forma secreta, eles falavam a língua puyanawa. Essa postura linguística originou o termo “cortar gíria” para os Puyanawa. Apesar de todo esse esforço para manter o uso da língua materna, o medo do patrão, aliado ao uso obrigatório constante da língua portuguesa, fez com que cada vez mais a língua puyanawa fosse substituída pela língua portuguesa.

Além do trabalho escravo, o coronel Mâncio Lima fundou a primeira escola: Coronel Rondon, da rede municipal de educação, na Fazenda Barão do Rio Branco: “[...] no ano de 1914, para ensinar o português, porque mais tarde ele ia se inserir na política e precisava dos votos para se eleger” (CONSTANT, 2018, p. 15). Segundo Walker, “Os relatos do surgimento da escola pelos antigos moradores da comunidade Puyanawa informam que a escola servia para ensinar a votar nas eleições municipais, e o coronel Mâncio Lima foi eleito duas vezes para o cargo de prefeito” (WALKER, 2012, p. 28).

Nesse sentido, podemos compreender que o foco principal da educação do branco prejudicou de forma considerável a educação do indígena do povo Puyanawa, causando grande enfraquecimento dos aspectos linguísticos e culturais por meio de um processo nocivo de uma política branca que intencionalmente foi usada para fins econômicos, tendo como pano de fundo a língua portuguesa e todas as consequências da influência dessa língua sobre a cultura Puyanawa. De acordo com Peixoto (2020): “O apagamento da cultura e da língua desses povos é resultado de um projeto histórico posto em prática por meio de um processo político de apagamento da heterogeneidade cultural e linguística da sociedade brasileira” (PEIXOTO, 2020, p. 61).

Nessa época, na escola, o ensino de línguas se restringia à língua portuguesa. Os mais jovens eram inseridos na instituição de forma massiva, e somente os homens poderiam votar nas eleições. As aulas eram direcionadas à memorização, com castigos, domesticação e catequização para que, assim, os Puyanawa fizessem parte da “sociedade nacional”. Afinal, antes do contato, eles eram oficialmente desconhecidos por parte da sociedade. Diante desse cenário, podemos compreender que o distanciamento da língua materna do povo, bem como a

inserção da língua oficial do Brasil, representou um passo importante para que os objetivos do coronel Mâncio Lima fossem alcançados.

De acordo com os relatos de anciãos Puyanawa, os materiais didáticos utilizados pelos professores eram todos voltados para o ensino da língua portuguesa, e os alunos realizavam as atividades propostas pelos professores, como leitura da tabuada, ditados de palavras, escrita do nome próprio em língua portuguesa, leitura e memorização de textos etc. Nessa época, o professor, de nome Cassimiro, a mando do coronel, alfabetizava os Puyanawa em um formato totalmente desconhecido por eles, ou seja, em língua portuguesa; muitos aprenderam a ler e a escrever, além de terem seus nomes de origem modificados para uma versão em português.

No ano de 1950, todo esse cenário de escravidão poderia terminar, conforme destaca Constant (2018), pois:

Com a decadência do seringal Barão do Rio Branco, após a morte do coronel Mâncio Lima em 1950, os Puyanawa foram liberados, finalmente, do regime de servidão a que foram submetidos. É importante ressaltar que foram liberados do regime de escravidão, mas isso não significava que estavam completamente livres dos patrões. (CONSTANT, 2018, p. 37)

Mesmo com o direito de colocar roçados e cortar seringas para o sustento das famílias, o sistema de escravidão ainda continuava, conforme podemos identificar nos registros de Walker (2012):

Os Puyanawa e os fregueses brancos tinham impagáveis dívidas nos barracões, oriundas dos altos preços das mercadorias, do baixo preço pago pela borracha, da cobrança de renda das estradas e das artimanhas contábeis nas contas e de descontos de tara na produção dos seringueiros. A situação obrigava-os a trabalhar para os patrões, dedicando-se ao corte da borracha nos centros, aos trabalhos agrícolas, à caça, à pesca e às atividades na diária. (WALKER, 2012, p. 120)

Com os familiares do coronel na liderança do povo, os homens Puyanawa continuavam pagando para os herdeiros do coronel pelo uso das estradas de seringa, ainda seguindo o modelo de um sistema colonial. Quanto à escola, o ensino da língua portuguesa era a única predominante, feita por professores não-indígenas. Na aldeia Ipiranga, a escola se chamava José Agostinho Rodrigues de Lima; na aldeia Barão, a escola recebeu o nome de 13 de Maio, em substituição ao nome da antiga escola Coronel Rondon.

Os fatos narrados a seguir relatam como se dava o ensino de língua portuguesa na direção de uma professora Puyanawa. Em meio à comunidade, temos a chance de dialogar e

conhecer a nossa história, “[...] uma maneira de manter a cultura de um povo é por meio da narração de fatos, em que a memória da etnia é preservada” (OLIVEIRA, 2021, p. 137).

Segundo relatos da indígena Clemilda,¹¹ no ano de 1968, a comunidade Puyanawa ainda vivia em regime colonial, tendo como patrões os familiares do coronel Mâncio Lima, quando o ensino voltado para a língua portuguesa ganhou, pela primeira vez, uma professora Puyanawa: a Sra. Clemilda Manaitá, que lecionava na escola 13 de Maio, localizada na aldeia Barão. Em contrapartida, nessa mesma época, na aldeia Ipiranga, a professora era uma não indígena.

Figura 6: Clemilda Manaitá e Maria José Chaves dos Santos, professoras indígenas do povo Puyanawa.



Fonte: acervo pessoal.

Enquanto professora, em 1968, Clemilda Manaitá (TSĨÃ) precisava dar conta de toda a demanda da escola, desde a limpeza, merenda, aulas e serviços administrativos, como matrícula de alunos e busca de recursos para a escola 13 de Maio. Ela trabalhou com os alunos das aldeias Barão, Ipiranga e da comunidade vizinha, de nome Maloca. De acordo com ela, os materiais didáticos eram precários: havia somente um quadro de giz e livros. Os demais materiais, como lápis, cadernos e borrachas, eram custeados pelos pais que, na maioria das vezes, não tinham condições financeiras.

O ensino em sala de aula seguia o conteúdo que inserido nos livros didáticos. Conseqüentemente, a língua indígena Puyanawa, bem como os aspectos linguísticos e culturais do povo, ficaram adormecidos devido a sua ausência nos livros didáticos – o conteúdo era de

¹¹ Clemilda Manaitá foi a primeira professora indígena do nosso povo.

abordagem nacional. Além disso, como resultado do período de imposição linguística da língua portuguesa, com o passar dos anos, a língua puyanawa começou a ser pouco utilizada no contexto familiar. Somente os anciãos Puyanawa daquela época falavam em língua do povo; mesmo assim, com pouca frequência. Um dos momentos reservados para o uso da língua na oralidade ocorria em noites de lua cheia, quando os mais velhos se reuniam para conversar em puyanawa, fazendo caiçuma de milho verde e de insamim, bebendo, cantando e dançando as músicas tradicionais.

Mesmo a escola tendo como regente uma professora indígena, a língua portuguesa era considerada a primeira língua dentro e fora do contexto escolar, pois a professora seguia o conteúdo advindo da secretaria, que não era mesclado com a realidade Puyanawa, justamente porque o período do cativoiro ainda estava em andamento. No que diz respeito ao nível de formação dessa professora, ela estudou a antiga 4ª série e fez Exame de Admissão – que era um nível de estudo mais elevado na época.

Por muitos anos, as aulas em língua portuguesa continuaram sendo desenvolvidas por professores Puyanawa e DAWA,¹² sem a possibilidade de ligação com os conhecimentos do povo, já que ainda existia uma política colonialista que administrava a comunidade Puyanawa: todos obedeciam aos comandos da liderança majoritária da época, que tinha um olhar voltado ao crescimento econômico e favorável a si próprio, sem considerar a língua e cultura indígena. A influência da língua portuguesa contribuiu profundamente para que o povo deixasse de exercitar a língua materna. Com o passar dos tempos, as mulheres e crianças não falavam a língua puyanawa; as mulheres e os homens se casavam com pessoas não indígenas e adotaram, definitivamente o português como língua, apesar de compreenderem a língua puyanawa.

Falar em língua puyanawa começou a ser considerado estranho e vergonhoso, como indicativo de inferioridade. Esse estranhamento pode ser visto como natural, justamente por conta desse silenciamento da cultura que perdurou por um longo período. Além do desaparecimento oral da língua materna, os Puyanawa não tinham registros escritos de sua história, nem das questões linguísticas; ou seja, a língua portuguesa serviu de instrumento, apenas, para que o coronel silenciasse a cultura original.

Nessa perspectiva, entendemos que a noção de registrar a língua puyanawa ainda não era de comum acordo para a comunidade, pois o povo se encontrava em um cenário de resistência e sobrevivência física, ainda desprovidos de direitos legais; além disso, não compreendiam a importância de fortalecer sua cultura. Ademais, o contato com os produtos

¹² Diz-se de pessoa não indígena.

industrializados, comprados no antigo barracão do coronel, as aulas ministradas em língua portuguesa, o contato físico e visual com instrumentos estranhos à cultura puyanawa, como potes, pratos, comidas, adereços, bebidas, artesanatos etc. – tudo isso contribuiu para que a língua portuguesa se tornasse a primeira língua, e a língua materna, aos poucos, se tornasse uma língua de memória.

Somente após receberem informações a respeito dos direitos sobre a terra e com a retirada dos patrões, os Puyanawa se mobilizaram e expulsaram uma professora não indígena da antiga escola José Agostinho Rodrigues de Lima, situada na aldeia Ipiranga. A partir desse acontecimento, a professora indígena Sofia Lopes do Nascimento¹³ assumiu a direção da escola. Dessa forma, no ano de 1980, as duas escolas da comunidade contavam com professoras Puyanawa na direção.

Figura 7: Maria José Chaves dos Santos e Sofia Lopes do Nascimento, professoras indígenas do povo Puyanawa.



Fonte: acervo pessoal.

Sofia Lopes (ITXAPUKË), além de trabalhar como responsável da escola, atuava como professora das 1ª e 2ª séries, nos turnos matutino e vespertino, ministrando temas voltados para o ensino da língua portuguesa associado com a língua puyanawa. Atualmente, aos 74 anos, como professora aposentada, ela se sente orgulhosa por contribuir de forma significativa na luta

¹³ Tia Sofia foi uma aguerrida professora com quem tive o privilégio de estudar. Ela lutou incansavelmente pelos direitos do nosso povo, além de contribuir nos aspectos culturais e linguísticos.

pelos direitos do povo, principalmente por deixar um legado de coragem frente às questões dos direitos da comunidade.

Apesar de a língua portuguesa estar inserida de forma dominante na comunidade Puyanawa, a presença de professores indígenas nas escolas iniciou um movimento de busca por direitos, uma vez que o conteúdo ensinado envolvia assuntos diversos que possibilitaram aos Puyanawa se identificarem enquanto cidadãos de culturas tradicionais, em especial no que tange ao direito à terra indígena. Na próxima subseção, apresentamos alguns acontecimentos históricos que marcaram o período dos direitos do povo Puyanawa.

2.3 Período dos direitos

O povo Puyanawa vivia em seu território, mas não sabia de fato que tinha esse direito. Com a saída dos patrões, como também de pessoas não indígenas do território Puyanawa, os indígenas tomaram conhecimento de seus direitos. A partir de então, elegeram o indígena Mário Cordeiro de Lima, primeiro cacique do povo Puyanawa, por meio de uma reunião comunitária. O cacique Mário Cordeiro – MÃPA – se tornou um grande precursor dos direitos do povo, principalmente no que se refere à conquista da terra.

Em 1983, os Puyanawa ficaram surpresos com a descoberta da existência de uma área a eles destinada. Ao analisar o mapa proposto, discordaram dos limites indicados, visto que os mesmos excluíam colocações e estradas ora ocupadas por famílias Puyanawa e as riquezas naturais necessárias e indispensáveis à sua sobrevivência. Nesta ocasião, Mário Cordeiro de Lima foi escolhido como liderança para representar os Puyanawa junto à FUNAI e às entidades indigenistas em Rio Branco. (WALKER, 2012, p. 144)

MÃPA viajou para diferentes lugares, dentre eles a capital do Acre, Rio Branco, para adquirir conhecimentos a respeito dos direitos legais da terra Puyanawa, além de buscar informações dentro dos estados brasileiros e na capital do Brasil, Brasília. Ele também viajou para o exterior, a países como Noruega e Inglaterra, ao lado do TXAY Macêdo, onde conseguiram recursos financeiros para os trabalhos de demarcação da terra.

A história do período dos direitos é marcada pela colaboração de inúmeros sujeitos e instituições, dentre os quais destacamos a antropóloga Delvair Montagner Melatti, chefe da Divisão de Estudos e Pesquisas da FUNAI, que registrou os primeiros dados referentes ao espaço da TI Puyanawa. É importante destacar que essa informação sobre os direitos dos Puyanawa só foi revelada a partir de Melatti, uma vez que nem mesmo a Fundação Nacional

dos Povos Indígenas (Funai) tinha informações sobre a TI. Além da antropóloga, Terri Aquino¹⁴ e Antônio Macedo¹⁵ atuaram como defensores dos Puyanawa, especialmente durante o período em que os fazendeiros tentaram ignorar os direitos dos indígenas: “[...] coube a Terri Aquino e a Antônio Macedo operarem como escribas dos Puyanawa [...]” (WALKER, 2012, p. 146).

[...] em setembro de 1983, uma equipe da CPI-AC, composta por Terri Valle de Aquino, Antônio Luiz Batista de Macêdo e Vera Olinda Sena, visitou a área. Foram eles, com o mapa e o relatório de 1977 em mãos, que divulgaram aos Puyanawa a existência de uma área indígena, identificada pela FUNAI naquela localidade. Naquela ocasião, os integrantes da CPI/AC discutiram os resultados dos trabalhos realizados pelo GT, há seis anos, a existência do Estatuto do Índio; o direito de organizar uma cooperativa para comprar e vender, independentes de seus patrões e a não pagar renda das estradas de seringa; e a necessidade de lideranças Puyanawa deslocarem-se até Rio Branco e Brasília visando à demarcação da terra e à indenização dos ocupantes brancos. (WALKER, 2012, p. 144)

Ao voltar para a aldeia, Mário trouxe informações importantes sobre os direitos do povo e iniciou os trabalhos de demarcação do território, realizados pelos próprios moradores que, nesse momento, estavam cientes de que sua terra não seria reconhecida legalmente. No entanto, tinham expectativa de que tudo daria certo. Na época, o governo brasileiro tinha como responsabilidade realizar os trabalhos de demarcação das TI, porém, com a demora do governo, os Puyanawa resolveram realizar o processo de demarcação por conta própria; assim, eles contrataram um topógrafo e um antropólogo para ajudar nos trabalhos de demarcação.

Somente a partir da Constituição de 1988 começou a discussão sobre a retomada da terra. A Constituição Federal de 1988, no Título VIII, “Da ordem Social”, art. 231, no capítulo denominado “Dos Índios”, diz: “São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens” (BRASIL, 1988).

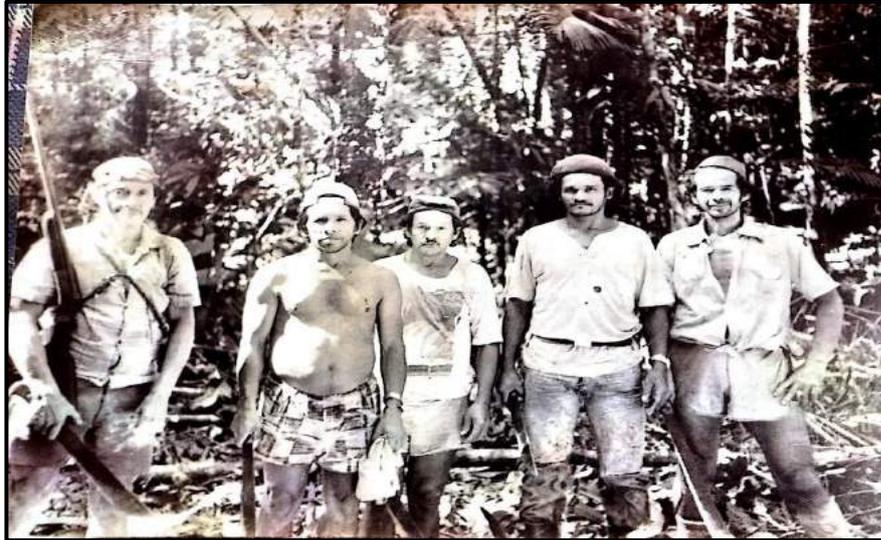
Com os direitos legais garantidos constitucionalmente, a comunidade selecionou alguns mateiros da comunidade e iniciou a organização de abertura das picadas, que durou dias na

¹⁴ O antropólogo Terri Vale de Aquino conta que foi convidado pelo chefe indígena, Mário Cordeiro de Lima, carinhosamente chamado “Jabuti” por toda a nossa comunidade, para documentar, testemunhar, discutir e animar o pessoal da demarcação, registrar fotos do trabalho e escrever cartas e relatórios para as pessoas e entidades que ajudaram com recursos financeiros e apoio político a esse acontecimento importante na história Puyanawa (CONSTANT, 2019, p. 107).

¹⁵ Em maio de 1990, o sertanista Antônio Macêdo, do Conselho Nacional dos Seringueiros, recebeu um majestoso convite internacional para participação em uma grande conferência, porém disse que somente iria se levasse um representante indígena (CONSTANT, 2019, p. 107).

floresta. De acordo com relatos dos mateiros, o topógrafo contratado para ajudar no processo da demarcação não colaborou de forma precisa e, assim, foi dispensado do seu trabalho.

Figura 8: Mateiros no processo de autodemarcação da terra indígena Puyanawa.¹⁶



Fonte: acervo familiar.

Por sua vez, os indígenas, por conhecerem a floresta Puyanawa, continuaram os serviços e conseguiram desenvolver o trabalho de demarcação que, naquele momento, não era reconhecido oficialmente; por esse motivo, o trabalho dos indígenas ficou conhecido na comunidade como autodemarcação. Sobre esse episódio, Constant (2018) faz a seguinte afirmação:

A autodemarcação feita por nós foi algo extremamente importante, pois significava a conquista do direito de morar em uma terra que era nossa. Mesmo após a autodemarcação, ainda continuávamos reféns dos não índios em muitos aspectos, pois nossa terra ainda precisava ser reconhecida e homologada pela Funai. (CONSTANT, 2018, p. 44)

O processo de autodemarcação é considerado pela comunidade um marco muito importante que iniciou a tão sonhada “liberdade dos direitos”. A data histórica passou a ser comemorada todos os anos, como forma de rememorar a luta de um povo oprimido pelo colonizador. Durante as comemorações, fazemos homenagens aos mateiros que contribuíram com essa luta e que deixaram um legado de grande importância para a nossa história Puyanawa.

¹⁶ Do lado esquerdo para o direito, Oséias Correia (avô de ÍBATA), Mário Cordeiro – cacique do povo, tio Luiz Correia, meu tio Dejalmarino e tio Zé Correia. A foto representa alguns dos mateiros que participaram dos trabalhos de abertura de picadas (estradas) para a demarcação da terra Puyanawa.

2.3.1 A demarcação da Terra Indígena Puyanawa

Em 1988, foi criada a Associação Agroextrativista Barão e Ipiranga (AAPBI), cujo primeiro presidente foi o indígena Jorge Constant (POITXO), que atuou nessa importante instituição comunitária e sempre desenvolveu políticas públicas que consideram o incentivo aos trabalhos sustentáveis, bem como a organização de eventos, prestações de contas (relatos) dos diversos trabalhos desenvolvidos nas aldeias ou por seus membros, como é o caso de pesquisas acadêmicas. Com a criação da associação na comunidade, os Puyanawa desenvolveram projetos voltados para a economia:

Na década de 1990, a AAPBI se envolveu em diversos projetos de geração de renda para a comunidade. Recebeu recursos para financiar parte da produção de farinha vendida a grandes compradores de Cruzeiro do Sul. Entretanto, o fim desse projeto coincidiu com a desarticulação da cooperativa local. A Associação também administrou um projeto de criação e de comercialização de pequenos animais domésticos e, de 1997 a 1999, desenvolveu um projeto centrado na compra de um trator e implementos com intuito de mecanizar as atividades agrícolas, reutilizar as áreas de capoeira e evitar novos desmatamentos em áreas de florestas vivas. (CONSTANT, 2018, p. 45)

A AAPBI assinou um contrato com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), além do Projeto Integrado de Proteção às Populações e Terras Indígenas da Amazônia Legal (PPTAL) que tinham como objetivo acompanhar os trabalhos desenvolvidos por meio de uma empresa de topografia. Para um bom funcionamento desses serviços, algumas pessoas do povo receberam informações importantes por capacitações focadas na área de GPS, contabilidade, dentre outros, para que tivessem suporte durante os trabalhos de demarcação.

No dia 17 de maio de 2000, a terra indígena Puyanawa foi de fato demarcada. “[...] podemos ver que se passou mais de um século de luta e maus tratos sofridos por nós, para que no século XXI nossa terra fosse um território próprio Puyanawa” (CONSTANT, 2018). Com a terra demarcada e homologada, podemos considerar esta uma grande conquista para o povo que, com muita alegria, comemorou a vitória com festa, dança e caçuma. Essa data simboliza resistência e ao mesmo tempo é um marco importante para o povo.

Conforme registrado anteriormente, a escola, como importante instituição da comunidade, trabalha diferentes atividades culturais voltadas para o contexto das aldeias; dentre elas, temos a festa da demarcação, quando há aulas com a presença de alunos, professores e sábios Puyanawa. Nesses momentos de festa, que rememoram a história do povo, há contações

de histórias, danças, palestras, músicas, produção de poemas, produção de desenhos, programas de rádio, dentre outras atividades que são desenvolvidas por meio de aulas, que ocorrem tanto em sala quanto fora dela, para homenagear as pessoas envolvidas na luta pelos direitos da terra.

Esses momentos são importantes para a comunidade, pois relembram o orgulho dos guerreiros homens e mulheres que participaram do período de demarcação de nossa terra. Cada produção realizada pelos alunos e professores é uma forma de protagonizar e dar visibilidade a esse extraordinário marco histórico, além de evidenciar o uso da língua puyanawa, pois as produções realizadas por professores e alunos também são escritas nessa língua.

A conquista da terra demarcada é considerada pelo povo Puyanawa o início do processo de liberdade e de revitalização dos aspectos culturais e linguísticos do povo. Segundo Walker, “a luta pelo Território levou mais de duas décadas para se concretizar, a retomada da língua e da cultura ainda se estende. Passou mais de duas décadas do processo entre o querer uma gramática própria e a sua real efetivação” (WALKER, 2012, p. 141). Assim, elencamos alguns avanços que aconteceram após a demarcação da terra Puyanawa e que foram significativos para o início do processo de revitalização linguística e cultural de nosso povo.

2.3.2 A gramática Puyanawa

No ano de 1983, a Comissão Pró-Índio do Acre (CPI/AC) assessorou os Puyanawa nas lutas travadas pela garantia do território; além disso, foi dado suporte para as questões da escrita da língua, consideradas pelos Puyanawa um passo importante em direção à revitalização dos aspectos linguísticos, tão almejados pelos anciãos e jovens da comunidade. Nesse sentido, em 1990, ano em que acontecia o processo de autodemarcação da terra Puyanawa, a CPI/AC organizou grupos de linguistas para realizarem pesquisas dentro das comunidades indígenas, com enfoque nas pesquisas voltadas para as línguas que estavam em declínio. Nesse grupo de pesquisadores estava o linguista Aldir Santos de Paula, que realizou um estudo na comunidade Puyanawa. Tal investigação resultou em sua dissertação de mestrado.

Sua pesquisa foi voltada para os aspectos fonológicos e morfológicos da nossa língua. Na época, ainda havia falantes da língua Puyanawa que serviram como informantes para a realização da pesquisa de Aldir, dentre os quais destacamos os seguintes informantes: Antimá, Hanna Manaitá (MĀDAYTA), Margarida (VASKIRI), Alberto (ITXŪBĀY), Celina Rosas, Prudente de Moraes e Antônio Jardim (RĀHDU). Além desses personagens aguerridos, Railda Manaitá (MĀNŪ ANĪ) e Mário Cordeiro (MĀPA) trabalharam junto com Aldir Paula. Railda Manaitá foi a primeira pessoa que se preocupou com a manutenção linguística dos Puyanawa,

mesmo residindo fora da comunidade. Sua contribuição foi descrita pelo linguista da seguinte forma: “[...] pacientemente, nos ensinou os primeiros sons, palavras e frases da língua” (PAULA, 1992, p. 20).

Dona Railda tinha muito domínio da língua puyanawa e grande capacidade de refletir sobre as questões linguísticas. Ela colaborou para a criação do alfabeto Puyanawa, um alfabeto baseado na língua portuguesa; a criação de um vocabulário e listas de frases em língua Puyanawa, que incentivou nossos parentes a valorizarem a própria língua, por meio de aulas que ela mesma ministrava. É importante destacar que todo esse empenho era de forma voluntária e espontânea, sem apoio pedagógico externo. Dessa forma, Railda Manaitá se tornou a principal informante para as pesquisas do linguista Aldir Paula.

Naquela época, havia poucos materiais bibliográficos sobre os Puyanawa. Sobre isso, Paula (1992) faz os seguintes comentários:

O material bibliográfico disponível sobre o grupo é bastante escasso. O trabalho de maior abrangência é o do médico da Comissão de Limites do Brasil com o Peru, João Braulino de Carvalho, que manteve contato com o grupo entre os anos 1920 e 1927, registros importantes fatos culturais e uma lista de palavras na língua. (PAULA, 1992, p. 22)

A lista de palavras encontrada em CARVALHO (1931: 235- 245) é dividida em classes como: substantivo, adjetivo, advérbio, pronome e verbo; e em "nomes de animais, plantas e palavras mais usuais". O autor ainda teceu considerações sobre a pronúncia de determinados sons e aspectos gramaticais da língua. Este vocabulário totaliza 412 palavras. (PAULA, 1992, p. 23)

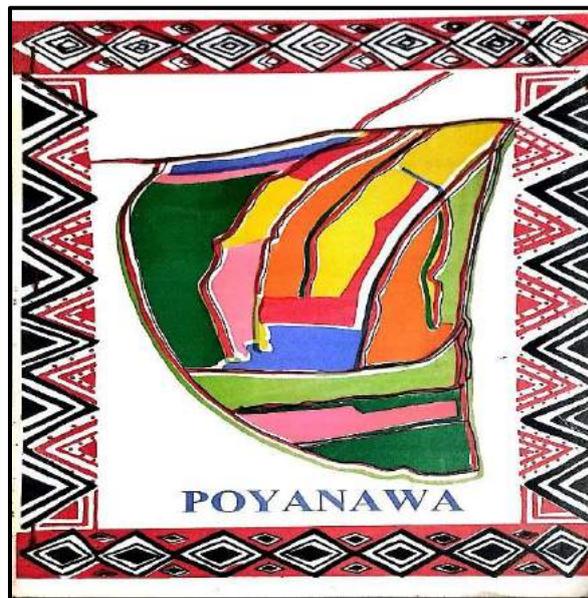
A ausência de registros sobre o nosso povo dificultava o trabalho do linguista, cuja pesquisa era vista como uma grande porta para o avanço da língua puyanawa. Aos poucos, Aldir Paula foi colhendo informações sobre a língua puyanawa, e assim surgiu uma proposta de alfabeto puyanawa. Esse alfabeto está registrado no 1º material pedagógico elaborado em meados de 1990, intitulado “Cartilha” pelos próprios Puyanawa. Contribuíram para a produção do material escrito os seguintes indígenas: Railda Manaitá (MÃNÛ ANÏ), Mário (MÃPA), Lourdes e Sofia (ITXAPUKË) (professoras); Alberto (ITXÛBÃY), Evanizia, Suzana, Maria Hosana,¹⁷ Rosileide, Luzitana (SISUWAKE), Defíria, Davi (IRAVU TÃDAYATE), Clodomir, Daniela, Clemilda Manaitá (TSÏÃ) e Geder. A partir desse momento, com o registro da escrita, a língua puyanawa inicia o processo de resgate, mas na condição de segunda língua, visto que a portuguesa era a língua dominante na comunidade.

¹⁷ Alguns Puyanawa não possuem nome indígena.

A cartilha passou por algumas correções ao longo dos anos, pois apresentou divergências na escrita das unidades lexicais, dentre as quais podemos citar o registro do nome do povo, que por muito tempo recebeu as seguintes grafias: poyanáwa < poianawa < poyanawa < puyanawa. Somente em 1995, por meio das pesquisas realizadas por Aldir Paula, com o auxílio de D. Railda e demais moradores, foi convencionalizado que o alfabeto não teria a vogal “o”. Sendo assim, a palavra Puyanawa passou a ser escrita com a vogal “u”.

A seguir, foto do 1º material pedagógico construído pelos Puyanawa.

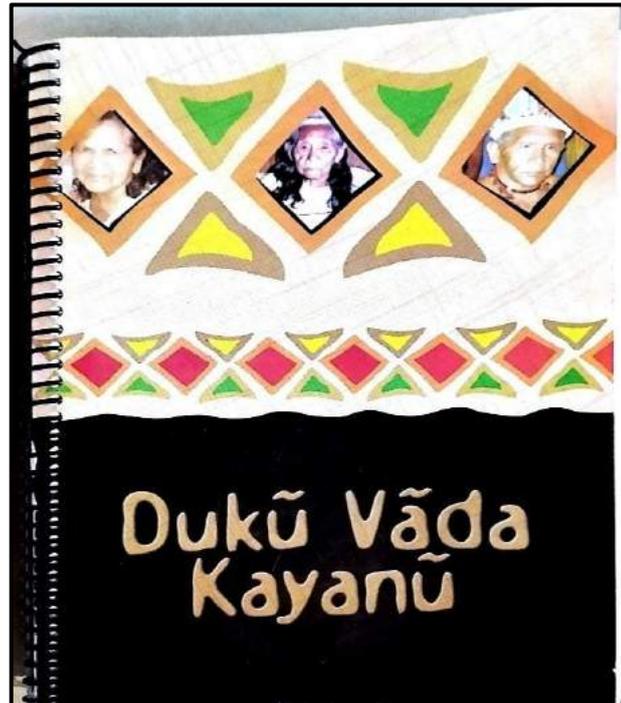
Figura 9: Capa da cartilha Puyanawa – Ano de 1995.



Fonte: acervo pessoal.

Nessa mesma época, Aldir de Paula deu continuidade às pesquisas sobre a língua Puyanawa e conseguiu produzir uma gramática que tem como título: DUKÛ VÃDA KAYANÛ, que significa “Ensinando Puyanawa”. A seguir, apresentamos, na Figura 10, a capa da gramática puyanawa.

Figura 10: Capa da gramática Puyanawa, com fotos de Railda Manaitá (MÃNÛ ANÏ), Hanna Manaitá (MÃDAYTA) e Mário (MÃPA) – Ano de 2011.



Fonte: acervo pessoal.

O material de natureza linguística, pode ser considerado o mais completo atualmente e apresenta a seguinte organização:

- 1) Apresentação: com explanação sobre os principais informantes que colaboraram nas pesquisas do linguista; registro do princípio da construção da gramática, que se deu a partir do desejo da nossa biblioteca viva, Railda Manaitá, e a sua preocupação com manter viva a língua puyanawa.
- 2) Introdução: Nessa parte, há o objetivo geral dos estudos realizados pelo linguista Aldir de Paula e o percurso da pesquisa realizada na comunidade. Em seguida, o autor comenta a escassez de materiais sobre os Puyanawa, destacando os poucos encontrados antes de 1930. Também podemos ver algumas imagens criadas pelos estudantes Puyanawa, ilustrando momentos de pinturas corporais realizadas pelos nossos ancestrais, além de diferentes adereços e objetos criados e utilizados por eles. Ainda na introdução, são apresentadas imagens de animais, roçados e alimentos utilizados pela comunidade; imagens da Escola 13 de Maio, atual Escola Ixübã̃y Rabuĩ Puyanawa, em momentos distintos de atividades entre professores e alunos. Além disso, temos uma breve análise comparativa entre a língua puyanawa com as demais línguas Pano.
- 3) Capítulo I, intitulado “Os sons da língua Puyanawa”: nessa seção, podemos identificar o estudo da produção dos sons das consoantes e vogais, além dos

processos de transição, fonética e ortografia, bem como o registro de sílabas, ditongos e hiatos, além de exercícios de fixação presentes em todos os capítulos;

- 4) Capítulo II, intitulado “As palavras da língua puyanawa”: nessa seção, o estudo é voltado para os aspectos morfológicos da língua puyanawa, com registros das principais classes de palavras da língua, assim como informações quanto a gênero, número e grau;
- 5) Capítulo III, intitulado “A frase na língua puyanawa”: temos os aspectos sintáticos da língua em foco e podemos identificar as estruturas das frases em puyanawa;
- 6) No final da obra há o registro de lista de palavras em puyanawa-português, português-puyanawa, com indicação da classe de palavra. Uma característica interessante do material é a possibilidade de inclusão de novas palavras, com linhas pontilhadas que estimulam o usuário da gramática a registrar palavras que não contam na obra.

Para a conclusão dessa gramática, o professor Aldir Paula contou com a participação de alguns alunos do Ensino Médio modular, que colaboraram com as ilustrações presentes no material.¹⁸ Os estudos sobre os aspectos linguísticos iniciados em 1990, ainda com os velhos falantes da língua puyanawa, trouxeram contribuições significativas para a nova geração, pois ao mesmo tempo produziram o material e adquiriram conhecimentos sobre uma língua que era do povo, mas que havia ficado adormecida durante muito tempo.

Apesar disso, não podemos negar a forte influência da língua portuguesa sobre nossa cultura. Em nossas instituições, a língua portuguesa muitas vezes assume protagonismo mesmo que a nossa comunidade esteja empenhada na concretização do processo de revitalização da língua puyanawa. Na próxima seção, apresentamos a organização da comunidade, momento em que discorreremos sobre os limites das duas línguas na TI Puyanawa.

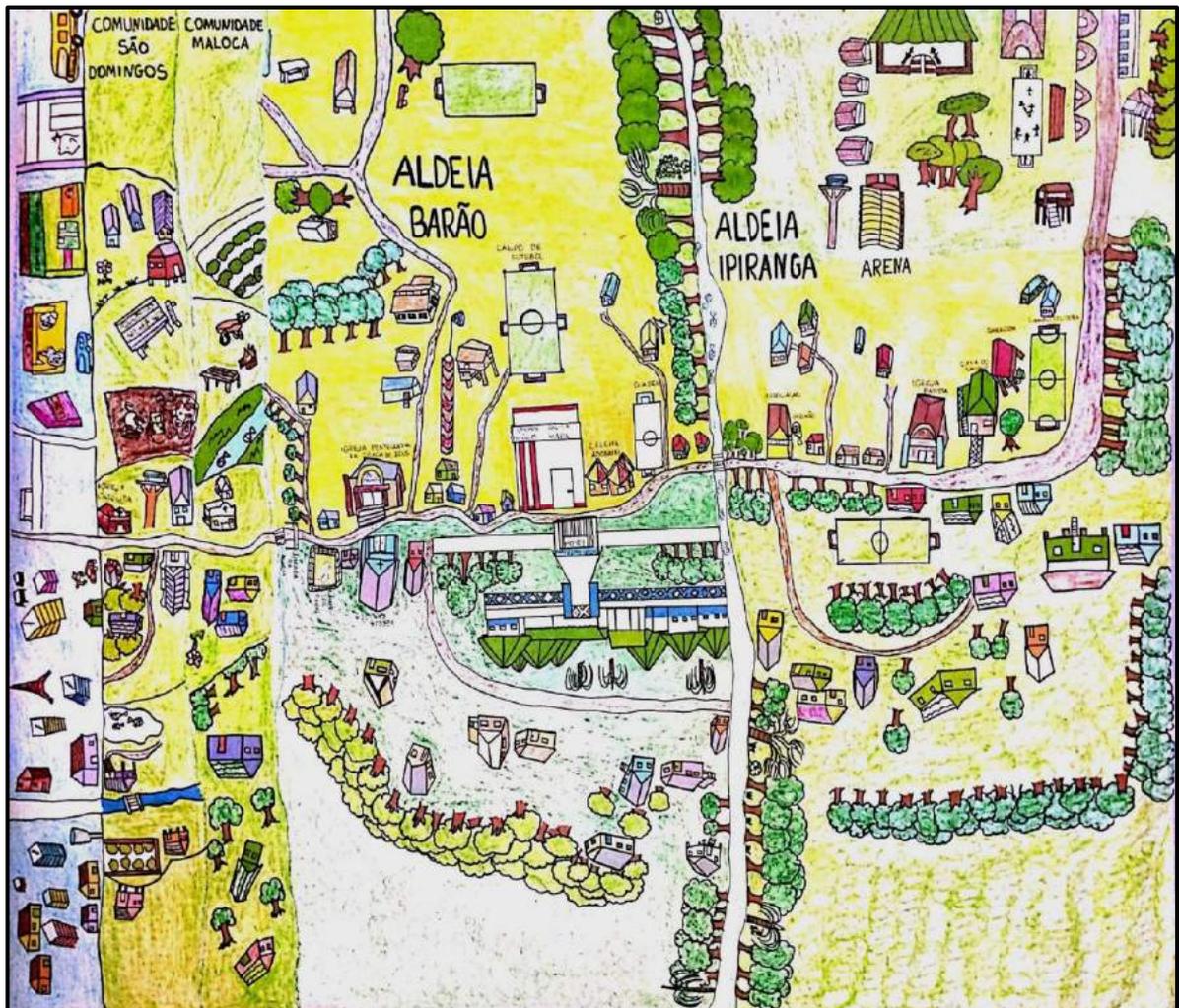
2.4 Povo Puyanawa no contexto atual

O povo Puyanawa (gente do sapo) reside em duas aldeias da comunidade: Barão e Ipiranga, a 18 km da sede do município de Mâncio Lima, no estado do Acre, com uma extensão territorial de 24.499.088 km². Somos banhados pelos rios Môa e Japiim, que nos disponibilizam diferentes espécies de peixes, além de nos favorecer com muitos recursos naturais e a locomoção fluvial para diferentes comunidades ribeirinhas, tanto para o município de Mâncio Lima quanto para as comunidades indígenas Nukini e Nawa, localizadas às margens do rio

¹⁸ Maria José Chaves dos Santos, autora desta pesquisa, foi uma das alunas que contribuiu com as ilustrações da gramática “Dukū Vāda Kayanū”.

Môa. A principal via de acesso da comunidade para a sede do município de Mâncio Lima e demais localidades é por meio de veículos terrestres, como carros, motos e bicicletas. Antes de chegar à aldeia Barão, passamos por comunidades vizinhas, como Maloca e São Domingos, conforme podemos observar na Figura 11, a seguir:

Figura 11: Ilustração da comunidade Puyanawa.



Fonte: acervo pessoal.

A Aldeia Barão tem 362 moradores, e a Aldeia Ipiranga, 358 moradores, totalizando 720 pessoas distribuídas em 204 famílias, segundo dados registrados pela Unidade Básica de Saúde Mário Puyanawa. As duas localidades são divididas por uma estrada que liga as aldeias a uma ponte onde fica o principal igarapé, conhecido como igarapé Grande (BEHKUA). As duas aldeias concentram, ao mesmo tempo, atividades distintas e comuns ao povo Puyanawa.

2.4.1 Aldeia Barão

Na Aldeia Barão, os principais patrimônios são: a creche ÆDEBÆIKI, Unidade Básica de Saúde (UBS), casas de farinha, igrejas (católica, pentecostal) e a Escola Estadual IXÛBÆY RABUÏ PUYANAWA. Ainda consideramos importantes as redes de saneamento básico, a quadra poliesportiva de areia e o campo de futebol.

A Creche Escola Indígena ÆDEBAYKY da rede municipal de educação atende crianças das duas aldeias (a partir de dois anos de idade) durante o turno da manhã.

Figura 12: Creche da Escola Indígena ÆDEBAYKY.



Fonte: acervo pessoal.

Os professores e a gestora da escola são do nosso povo, sendo assim, na instituição o conteúdo é trabalhado diferentemente, ou seja, considerando a língua puyanawa. É importante destacar que os planejamentos disponibilizados pela Secretaria de Educação do município dialogam com os conhecimentos do povo Puyanawa, permitindo aos alunos adquirirem desde cedo os conhecimentos culturais de nosso povo, bem como aqueles advindos de fora do contexto Puyanawa, considerados importantes para a formação do aluno indígena que convive em diferentes contextos linguísticos e culturais.

As crianças chegam até a escola por meio de transportes como ônibus escolar, moto, bicicletas e até mesmo andando. A merenda é disponibilizada pela Secretaria Municipal de Educação do município, que oferta uma variedade de alimentos, dentre frutas, enlatados, verduras, carnes etc. Em momentos de festividades culturais da comunidade, a creche participa

e envolve as crianças com diferentes apresentações que buscam enaltecer a cultura indígena e inserir no público infantil o interesse e gosto pelas tradições Puyanawa.

Além da creche, temos uma Unidade Básica de Saúde que recebeu o nome Mário Puyanawa MÃPA (*in memoriam*), em homenagem ao segundo cacique do povo – vítima da Covid-19 no ano de 2020. Na unidade, ocorrem atendimentos básicos e preventivos, como odontologia, Preventivo do Câncer de Colo do Útero (PCCU), vacinas, atendimento neonatal, atendimento epidemiológico e consultas em geral. A instituição atende parentes das duas aldeias e comunidades vizinhas, como Maloca e São Domingos.

Figura 13: Unidade Básica de Saúde Puyanawa Mário MÃPA.



Fonte: acervo pessoal.

A unidade básica conta com uma equipe mista, ou seja, há profissionais Puyanawa e profissionais não indígenas. Os indígenas atuam realizando atividades de microscopista, como agentes de endemias, técnicos de enfermagem e Agentes de Saneamento Básico (AISAN); os não indígenas exercem as funções de médicos, enfermeiros, dentistas e auxiliares, entre outros. A língua utilizada para os atendimentos é a língua portuguesa, seja no momento da recepção, consulta, ou mesmo no registro escrito em prontuários. As receitas também são escritas em língua portuguesa.

Outro importante patrimônio do nosso povo são as casas de farinha, local onde diariamente são produzidas várias sacas do material, principal fonte de renda da comunidade. A farinha de mandioca é produzida da raiz da macaxeira. Nosso povo aprendeu a fazer esse alimento durante o período colonial, momento em que os Puyanawa eram dominados pelo

coronel Mâncio Lima. A produção da farinha¹⁹ constitui uma das principais fontes de renda de inúmeras famílias Puyanawa.

Figura 14: Casa de farinha comunitária situada na Aldeia Barão.



Fonte: acervo pessoal.

Os momentos de produção de farinha são importantes, porque a comunidade se reúne para executar as diferentes tarefas do processo – além da contação de histórias atuais e antigas, deixando o trabalho mais leve. Todo o diálogo durante a produção da farinha acontece em língua portuguesa.

No que diz respeito às instituições religiosas da aldeia Barão, temos três igrejas: igreja Católica, igreja Pentecostal e a igreja Batista,²⁰ consideradas patrimônios comunitários, justamente porque trabalham valores e atributos cristãos e também a espiritualidade por meio das verdades bíblicas ministradas em dias específicos da semana. A maioria das famílias da comunidade congrega nesses espaços. Para ilustrar essa informação, apresentaremos a seguir imagens dessas instituições religiosas.

¹⁹ Além da produção da farinha, podemos destacar que alguns moradores desenvolvem a prática do artesanato, a venda de vinhos de buriti, açaí e abacaba como fonte de renda. Os artesanatos são vendidos dentro e fora das aldeias.

²⁰ A igreja Batista Aliança Puyanawa, situada na aldeia Ipiranga, é administrada atualmente pelo pastor Amós, indígena do povo Puyanawa.

Figura 15: Igreja Pentecostal da Graça de Deus.²¹



Fonte: acervo pessoal.

As igrejas estão distribuídas entre as duas aldeias e permitem o fluxo dos parentes entre as instituições, que são muito importantes para a formação espiritual da comunidade. Além disso, a presença das instituições colabora para o desenvolvimento do respeito, do espírito colaborativo e fraterno entre todos. A seguir, na Figura 16, apresentamos a igreja católica denominada Nossa Senhora de Guadalupe.

Figura 16: Igreja Nossa Senhora de Guadalupe.²²



²¹ A igreja Pentecostal da Graça, situada na Aldeia Barão, é administrada atualmente pelo pastor Edvilson Constant, indígena do povo Puyanawa.

²² A igreja católica Nossa Senhora de Guadalupe é administrada atualmente pelo indígena Mizael.

Fonte: acervo pessoal.

Os dirigentes das referidas igrejas são indígenas da própria comunidade que vêm contribuindo em parcerias com outras instituições no que diz respeito aos aspectos culturais do povo, interagindo de forma participativa nos eventos e atividades culturais, além de contribuírem com a transformação da sociedade para que esta se torne mais pacífica e harmoniosa, pautada no diálogo e respeito mútuo às diferenças. Nas instituições, a língua utilizada é a língua portuguesa.

Quanto ao sistema de abastecimento de água, podemos destacar que as famílias recebem diariamente milhares de litros de água distribuídas duas vezes ao dia. A água é utilizada para diferentes atividades domésticas, tais como: lavar, cozinhar, regar as plantas, beber, dentre outras utilidades. É importante destacar que, antes do abastecimento de água, as famílias utilizavam a água do igarapé da aldeia e das cacimbas. O serviço de bombeamento da água é feito por uma pessoa indígena do povo, mas que não utiliza a língua puyanawa durante a realização do serviço de abastecimento, porém participa ativamente das atividades culturais do nosso povo e, nesses momentos, faz uso da língua puyanawa, por meio das músicas tradicionais.

Figura 17: Imagem do sistema de abastecimento de água da aldeia Barão.



Fonte: acervo pessoal.

A presença de água potável não impede que o igarapé da aldeia seja utilizado por alguns moradores, em especial as mulheres, que ainda utilizam o igarapé para atividades como a lavagem de roupa e louças. Nesses momentos, podemos identificar uma interação da

comunidade e o início do uso de algumas palavras puyanawa, por exemplo: nos momentos de brincadeiras, a pessoa se refere ao parente para convidar a um passeio com *hape*, dentre outras falas. Além disso, o igarapé também é um espaço de recreação e passatempo muito apreciado pela maioria da comunidade, principalmente pelas crianças; além de se refrescarem nas águas, elas criam diferentes brincadeiras, como: pular nos galhos das árvores, pega-pega, natação, esconde-esconde, encher a garrafa d'água, dentre outras.

Além dessas brincadeiras no igarapé, crianças, jovens e adultos apreciam o futebol, que é o esporte preferido entre os indígenas das duas aldeias. Geralmente, no final do dia e em fins de semana, os indígenas se reúnem para jogar futebol, como forma de diversão e para manter a saúde. Além disso, é um momento de preparação física para as competições esportivas dentro e fora da comunidade.

Figura 18: Crianças Puyanawa jogando bola no campo de futebol.



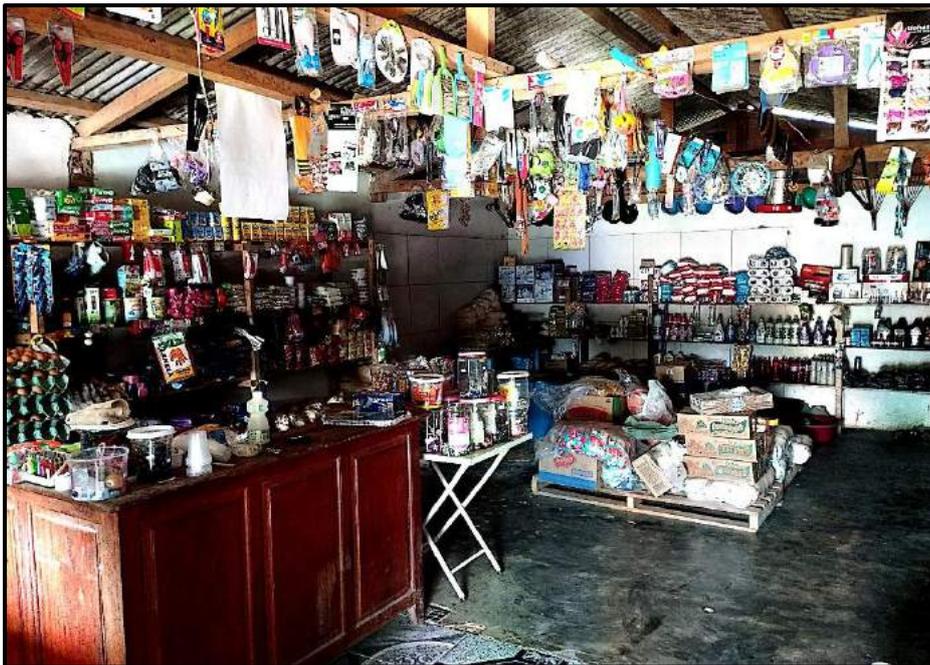
Fonte: acervo pessoal.

O futebol também é usado como forma de solidariedade pois, quando algum morador enfrenta situações de doença e a família não possui recursos financeiros para custear as despesas para o tratamento, as duas aldeias se unem com as comunidades vizinhas²³ e organizam torneios beneficentes em prol tanto do doente, quanto da família. A língua usada nesses momentos é a língua portuguesa, tendo alguns momentos o uso de palavras na língua puyanawa.

²³ As comunidades São Domingos, Maloca e outras participam das atividades esportivas nos finais de semana e em torneios beneficentes.

Ainda contamos com pequenas mercearias, onde são vendidos diferentes produtos. As mercearias são de propriedade particular, mas os benefícios dos pequenos comércios para a comunidade são muito importantes, pois podemos adquirir produtos sem ser necessário se ausentar das aldeias, considerando que consumimos muitos produtos industrializados. A seguir apresentamos na Figura 19 uma vista panorâmica da Mercearia Martins, de propriedade do Sr. Valmir Martins de Lima.

Figura 19: Mercearia Martins situada na Aldeia Barão.



Fonte: acervo pessoal.

Conforme podemos perceber pela Figura 19, esses espaços vendem diferentes objetos, desde o pão até estivas em geral. A língua utilizada nos momentos de compra e venda é a língua portuguesa.

2.4.2 Aldeia Ipiranga

Na comunidade Ipiranga, contamos com a Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga (AAPBI), instituição que desenvolve projetos voltados à sustentabilidade e à agricultura familiar. Atualmente, o professor Francisco Devanir (WETSA) está na direção dessa instituição e vem dando continuidade nos trabalhos desenvolvidos pelos antigos presidentes: Jorge Constant (POITXO), Cacique Joel Ferreira (DIVAKE) e José Luiz (PUWE). A seguir, apresentamos na Figura 20 a AAPBI.

Figura 20: Imagem da Associação Agroextrativista Puyanawa Barão e Ipiranga.



Fonte: acervo pessoal.

A associação é uma instância que busca informações a respeito dos direitos à saúde, educação e segurança alimentar por meio de políticas públicas e em diálogo com os moradores e instituições responsáveis, além de fazer intercâmbio com outras comunidades indígenas. Quanto ao uso da língua, nesse espaço as reuniões são realizadas em língua portuguesa. Somente em momentos de saudações, como “boa noite”, “bom dia” ou “boa tarde”, há o uso da língua puyanawa.

Além desse espaço de reuniões, a comunidade se reúne em uma casa em formato de chapéu (BAYTE BISTE)²⁴ que fica na propriedade do cacique do povo. O lugar foi construído pelos próprios moradores e traz semelhanças e rememora as casas dos Puyanawa antes do contato. O espaço é arejado, coberto de palhas e possui estrutura de cipó e madeira, conforme podemos perceber na Figura 21.

²⁴ BAYTE BISTE significa “chapéu de palha pequeno” em língua portuguesa.

Figura 21: BAYTE BISTE.



Fonte: acervo pessoal.

Nesse espaço, são realizadas reuniões com menos participantes, geralmente com as lideranças do povo ou visitantes, para discutir assuntos referentes à organização social da comunidade. No espaço, a língua utilizada durante as reuniões é a língua portuguesa, mas inicialmente o cacique faz algumas saudações em língua puyanawa, como ao desejar bom dia ou boa noite. Cada participante, ao chegar no local, deseja TXAWIKI, saudação que equivale em língua portuguesa a essa saudação. Além disso, chamam o parente pelo nome em língua puyanawa.

Outro espaço importante na Aldeia Ipiranga é o centro de cultura DUKÛBURUKI TÃDAYA EWETE PUYAVAKEVU,²⁵ que era a antiga Escola José Agostinho Rodrigues de Lima. No ano de 2011, a comunidade decidiu em acordo mútuo transformar esse espaço em um museu para exposição de artesanatos, diferentes histórias do povo e objetos considerados importantes para que, assim, os moradores da comunidade tenham um espaço para expor seus materiais para as comunidades interna e externa. É um espaço tanto de registro de nossa memória quanto para a venda dos artesanatos que produzimos.

²⁵ Tem por significado Casa das Artes e Saberes PUYAVAKEVU.

Figura 22: DUKÛBURUKI TĀDAYA EWETE PUYAVAKEVU.



Fonte: acervo pessoal.

Nesse ínterim, a cultura Puyanawa se torna mais viva, além de ganhar visibilidade e gerar renda dentro e fora da comunidade. Nesse local, podemos identificar pouco uso da língua puyanawa, considerando que esse espaço não tem movimento diário de pessoas.

Podemos destacar ainda o espaço sagrado, cultural e espiritual do povo Puyanawa conhecido como Arena (DIMANĀ EWE YÛBABU), que significa “casa floresta de todos nós”. Além de muitas árvores, esse espaço é composto por refeitório, quadra de areia, espaço para reuniões, casa de concentração do cacique, casa para hospedagem, casa de concentração da bebida tradicional, banheiros, barracas de vendas, casa para as festas e eventos (BAYTEWĀWĀ).

O espaço foi fundado no ano de 2008 pelo governo do estado para realização dos I Jogos da Celebração e V Encontro de Culturas Indígenas no Estado do Acre, que contou com vários representantes esportistas e lideranças de povos indígenas do Acre, além de dois povos do noroeste de Rondônia, totalizando uma média de 450 indígenas. Nesse evento, foram realizadas diferentes atividades esportivas, além do uso das bebidas tradicionais, dentre elas o DISPANĪ HEW.²⁶

²⁶ Bebida feita pelo cipó de HEW e folhas de rainha (PEYANAWA). Trata-se de uma bebida tradicional usada pelos Puyanawa durante os rituais sagrados.

Figura 23: Vista aérea do DIMANÃ EWE YÛBABU (Centro Cultural – Arena), situado na Aldeia Ipiranga.



Fonte: acervo da comunidade.

Sobre a importância do evento para a nossa comunidade, as lideranças consideram que o acontecimento serviu como instrumento para fortalecer a cultura Puyanawa, que se encontrava pouco fortalecida; mas a diversidade de culturas presentes no evento possibilitou experiências e motivou o fortalecimento dos Puyanawa, além de contar com a colaboração de outros povos, como Ashaninka e Yawanawa, que trouxeram conhecimentos para as questões espirituais e culturais. O espaço cultural também é utilizado para trabalhos com a Ayahuasca (DISPANÃ HEW), para atividades da escola e para outras instituições da comunidade.

No que diz respeito às festividades culturais, destacamos o Festival da Mandioca (ATSA) Puyanawa, cuja primeira edição ocorreu no ano de 2017. Nos anos de 2020 e 2021, o evento foi suspenso devido à situação de saúde pública consequente da pandemia da Covid-19. O referido festival ocorre no DIMANÃ EWE YÛBABU e atrai visitantes nacionais e internacionais.

Figura 24: IV Festival ATSA PUYANAWA (2022)



Fonte: acervo pessoal.

O festival carrega grande significado para o povo, pois representa os sentimentos de liberdade, autonomia e fortalecimento da cultura, como também a sistematização dos conhecimentos culturais desenvolvidos, como nas artes, nas pinturas, nos adereços, nas vestes, nas comidas típicas, nas músicas, nos ritmos, nas bebidas tradicionais e nos rituais sagrados. Além disso, é uma fonte de renda para a comunidade, desenvolve a economia local do município e de demais localidades. A seguir, apresentamos imagens de diferentes momentos no festival “Atsa Puyanawa”.

Na Figura 25, percebemos como é organizado o painel de exposição dos artesanatos. Entre as peças em exposição, temos brincos, colares, pulseiras, amarradores de cabelos feitos de sementes e pedras naturais, penas de pássaros e pedras artificiais (miçangas).

Figura 25: Mostruário de exposição de artesanato.



Fonte: acervo pessoal.

O artesanato Puyanawa é muito apreciado pelos visitantes. Na Figura 26, apresentamos uma vista panorâmica da EWETE ÌBATA, uma das inúmeras barracas onde ocorre a venda de artesanatos Puyanawa aos visitantes durante o festival.

Figura 26: Vista panorâmica da EWETE ÌBATA.²⁷



Fonte: acervo pessoal.

Além do artesanato, os visitantes têm a oportunidade de conhecer as comidas típicas de nosso povo. Na Figura 27, apresentamos um dos pratos servidos durante o festival.

²⁷ EWETE ÌBATA significa “Casa da Magra”, barraca de venda de artesanato de propriedade da prima da pesquisadora.

Figura 27: Prato típico servido durante o Festival ATSA PUYANAWA.



Fonte: acervo pessoal.

O prato ilustrado na Figura 27 é composto de peixes (piaú e piaba Madalena) assados na brasa, acompanhados por inhame roxo cozido, limão tangerina e banana, servidos na folha de sororoca (*Phenakospermum guyannense*). No entanto, outros tipos de pratos são servidos durante o evento, desde assados, cozidos, fritos, além de sobremesas.

A duração do festival é de cinco dias, seguindo um cronograma com atividades distintas e horários estabelecidos. No primeiro dia, as apresentações estão voltadas para a abertura oficial do evento, com a fala do cacique e outros representantes, danças e músicas. Durante os demais dias, há visitas à trilha da comunidade, que fica distante do espaço, onde visitantes aproveitam para adentrar a floresta e conhecer mais de perto as suas belezas. Ainda são realizados banhos com medicinas; o cacique realiza esse ritual com ajuda de outros componentes da comunidade.

Figura 28: Cacique do povo Puyanawa, Joel Ferreira Lima (DIVAKE), e a pesquisadora.



Fonte: acervo pessoal.

Tendo em vista o nome da festa “Festival da ATSA”,²⁸ as comidas, os doces e as bebidas têm como principal ingrediente a macaxeira. Na Figura 29, apresentamos uma amostra de alguns alimentos feitos de macaxeira.

Figura 29: Derivados de macaxeira em exposição no Festival ATSA PUYANAWA (2022).



Fonte: acervo pessoal.

Cumprе destacar que o uso da unidade léxica “macaxeira” é mais comum em nossa comunidade, apesar de a unidade léxica “mandioca” ser a mais utilizada no âmbito nacional. Sobre isso, Cordeiro-Oliveira (2020) fez um estudo e apresentou o seguinte resultado:

Pelos resultados obtidos a partir da análise dos dados, concluímos que embora os dois termos apresentem, popularmente, significados semelhantes, distinguem-se quanto ao derivado que nomeiam. Assim, ainda que no estado do Acre os termos mandioca e macaxeira sejam duas formas utilizadas para designar a planta, em algumas construções sintagmáticas há a exclusão de um termo em relação ao outro: farinha de mandioca e nunca farinha de macaxeira, ou quibe de macaxeira em oposição a quibe de mandioca. Logo, temos duas lexias que ora competem entre si o mesmo sentido e o mesmo valor de verdade, e ora são elementos de distinção. (CORDEIRO-OLIVEIRA, 2020, p. 14)

²⁸ Festival da Mandioca (macaxeira), em língua portuguesa.

Além dos alimentos apresentados anteriormente, o Festival ATSA PUYANAWA se destaca pela caiçuma – bebida indígena que resulta dos processos de mastigação e fermentação da mandioca. Essa bebida tradicional foi utilizada pelos ancestrais Puyanawa e até hoje é utilizada em festividades, momentos de rituais sagrados, festas de aniversário, em alguns momentos de banho nos igarapés, ou seja, em situações especiais para o povo.

Figura 30: Momento de degustação da caiçuma (ÛBA) no Festival ATSA PUYANAWA.



Fonte: acervo pessoal.

No que tange ao uso de nossa língua, podemos afirmar que, durante o festival, ela ocorre com maior frequência, haja visto as inúmeras atrações apresentadas ao longo do evento, desde os momentos dos rituais sagrados, das cantorias, de brincadeiras, do feitio das bebidas tradicionais, dentre outros.

Figura 31: Momento de cantorias no festival, que reúne parte da comunidade e visitantes.



Fonte: acervo pessoal.

Isso nos revela a estreita relação entre a cultura e língua, bem como a necessidade de promover atividades culturais que possibilitem aos parentes, em especial, aos jovens e crianças, a valorização de nossa cultura indígena – seja no uso de nossas vestimentas típicas, seja no uso de nossa língua.

Por tudo isso, podemos perceber a presença das duas línguas na comunidade; contudo, destacamos que, na atualidade, o povo Puyanawa desenvolve políticas linguísticas com o intuito de revitalizar a nossa língua indígena. Dentro desse cenário, reconhecemos a importância das instituições de ensino enquanto instrumentos para o desenvolvimento de uma consciência linguística que busca inserir na comunidade o espírito de pertencimento e, conseqüentemente, a valorização dos saberes tradicionais. Tendo em vista a importância da escola, apresentamos, no próximo capítulo, algumas informações sobre a Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, observando, em especial, como se dá o ensino de línguas na instituição. Também refletimos sobre os materiais didáticos utilizados nas aulas de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental I.

3 A ESCOLA IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA E O ENSINO DE LÍNGUAS

Neste capítulo, propomos uma apresentação da Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, considerando sua localização, espaço físico, estrutura organizacional e suas contribuições para o ensino de línguas, em especial a língua puyanawa.

3.1 A Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA

Para localizar a Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, julgamos importante descrever alguns pontos de referência no percurso que SE inicia na entrada da Aldeia Barão. Uma placa explicativa contendo informações sobre a comunidade informa que é uma área restrita, com proibição de pessoas estranhas. Logo em seguida, ao lado direito, um campo de criação bovina ilustra a paisagem, seguido de uma mata de capoeira preservada pela comunidade. A estrada que dá acesso até a comunidade é de barro, trafegável por veículos automotores, veículos de tração animal e veículos de propulsão humana.

Do lado direito e esquerdo, muitas casas pintadas de diferentes cores animam o cenário da comunidade; casas feitas de madeira com pequenas casas de fogão, cobertas de palha das folhas de canaraí; outras de alvenaria, cobertas de alumínio, *brasilit* ou zinco. A maioria dispõe de internet. Nos quintais, vemos uma variedade de árvores frutíferas e cercados construídos com estacas para proteção contra animais invasores. Passamos pela igreja evangélica Pentecostal da Graça de Deus, pequenos comércios, sistema de abastecimento de água, campo de futebol, igreja católica Nossa Senhora de Guadalupe e, do lado direito, está localizada a Escola Estadual IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA.

A escola tem 48 metros de largura por 110 de comprimento, feita de madeira e coberta por *brasilit*, com muro em alvenaria e uma placa indicativa com o nome da escola. No que diz respeito à estrutura física da instituição, ela está organizada da seguinte forma: 1 cozinha, 7 salas de aula, 1 sala da biblioteca, 1 sala da gestora, 1 sala da secretaria, 1 sala de Atendimento de Ensino Especializado (AEE), 1 sala de almoxarifado, 1 área de serviço de limpeza, 1 banheiro feminino e masculino, 1 banheiro especializado para alunos do AEE, 1 auditório, 1 sala de almoxarifado, 1 sala de leitura.

Em volta da escola podemos perceber um lindo gramado verde, onde há diferentes árvores frutíferas, como laranja, acerola, graviola, mamão, açaí, banana, além de uma horta onde são cultivados diversos tipos de verduras, como cheiro-verde, couve, pimenta, maxixe,

jerimum. Essas verduras são utilizadas na alimentação dos alunos, tornando a merenda escolar mais nutritiva.

Os discentes têm acesso livre à biblioteca, onde manuseiam livros e outros materiais disponibilizados pela escola, dentre os quais citamos: gramática do povo Puyanawa; dicionários de língua portuguesa, língua espanhola, língua inglesa; Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Puyanawa, além de obras literárias escritas na língua portuguesa. É importante destacar que nesse espaço o único material em língua Puyanawa ao qual o aluno tem acesso é a gramática. Contudo, os cartazes com orientações sobre o uso do espaço são escritos em língua indígena, com frases como: Bom dia (VARIKI MÃSA); Boa tarde (YÃTAMÃ MÃSA) e Boa noite (YÃBE MÃSA), além de nomes diversos da cultura. A escola também disponibiliza instrumentos musicais, instrumentos tecnológicos/multimídia e objetos esportivos para aulas recreativas. Todas as salas de aulas são forradas com PVC, têm ventiladores e são iluminadas por lâmpadas, por meio de energia elétrica. As inúmeras janelas permitem uma ventilação natural, muito importante para ambientes tropicais. Os quadros são brancos no formato para o uso de pincéis.

A Escola Estadual Rural Indígena de Ensino Fundamental e Médio IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA é uma instituição pública, regida pela Secretaria de Educação, Esporte e Cultura do Estado do Acre (SEEC/AC). Ela foi fundada no ano de 1968 e tornou-se a primeira escola indígena acreana. No momento de sua fundação, a escola foi denominada “Escola Indígena 13 de Maio”; contudo, no ano de 2006, após longo período de discussão, ela passou a ser chamada Escola Estadual Rural Indígena de Ensino Fundamental e Médio IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA. Cumpre destacar que o nome de “Escola Indígena 13 de Maio” foi dado pelo Coronel Mâncio Lima, antigo patrão, responsável por massacrar o povo Puyanawa de diferentes formas; dentre as principais, destacamos a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa, tanto nas relações econômicas, sociais, como também nas pessoais. A atual escola já contou com alguns gestores indígenas ao longo da história da educação escolar, dentre eles: Clemilda Manaitá (TSÏÃ), Jorge Constant (POITXO), Olinda Martins, Francisco Carlito (DAWAYAY) e, atualmente, Maria Alice (AWIVUKUIS).

Atualmente, a Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA atende uma clientela de 243 discentes em quatro modalidades de ensino: Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) Ensino Fundamental II (6º a 9º ano) Ensino Médio (1ª, 2ª e 3ª série) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). A instituição atende a população das aldeias Barão e Ipiranga nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

O quadro da escola é composto por 30 funcionários²⁹ distribuídos da seguinte forma: a equipe gestora é composta por gestora, coordenador de ensino, coordenadora pedagógica, coordenador administrativo e secretário, além de 20 professores atuantes em sala de aula e 4 funcionários de apoio, que trabalham na limpeza e na alimentação.

Figura 32: Escola Estadual IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA.



Fonte: acervo pessoal.

A Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA recebeu esse nome em homenagem ao indígena IXÛBÃY e à indígena RABUÏ, dois percussores do povo que contribuíram de forma significativa no processo de reivindicação dos direitos legais para o povo. IXÛBÃY foi o primeiro Puyanawa a viajar para a capital do Brasil com o intuito de reivindicar direitos sobre o território Puyanawa no período em que a comunidade recebeu informações sobre os seus direitos. RABUÏ foi uma índia guerreira que deixou um legado expressivo para o povo Puyanawa dentro de uma linhagem familiar, pois a maioria dos docentes e discentes são descendentes dessa matriarca, e nesse sentido, por unanimidade a comunidade homenageou esses guerreiros com o nome da escola.

A escola é mantida com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento Escolar (FNDE) disponibilizado pela secretaria do estado e distribuída em duas parcelas anuais. O

²⁹ Todos os funcionários são indígenas do povo Puyanawa.

Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) é disponibilizado pelo governo federal em três parcelas anuais. Para esses recursos serem disponibilizados, a escola faz o plano financiável para as compras de custeio com materiais didáticos, e o capital para compra de materiais permanentes, bem como para reparos e serviços diversos da escola.

Além disso, a escola trabalha com o Comitê Executivo, composto por: presidente, secretário, tesoureiro, conselheiros de pais e alunos e conselheiros de professores; tal comitê tem o objetivo de administrar os recursos financeiros da escola por meio de prestação de contas, além de realizar fiscalizações referentes às questões do corpo docente e discente. Por sua vez, o Conselho Escolar é composto por: presidente, secretário, tesoureiro, representante de pais, representante de alunos, representante de professores. No que diz respeito à merenda escolar, ela é disponibilizada pela Secretaria do Estado e Educação (SEE), voltada para os seguintes itens: enlatados, feijão, arroz, macarrão, batata, frango, verduras, legumes, frutas, leite, bolachas, sucos, dentre outros alimentos. Além desses alimentos, os discentes consomem merendas que são vendidas na própria comunidade, como: salgados, refrigerantes, salgadinhos, pipocas, sorvetes, dentre outras opções.

É importante destacar que os professores dessa instituição pertencem à comunidade; isso significa um importante avanço na autonomia do povo. Com a implantação do projeto piloto do Ensino Médio modular na comunidade, foram disponibilizados professores não indígenas para lecionar as disciplinas propostas pelo projeto; inclusive, a disciplina de língua indígena puyanawa era ministrada pelo linguista Aldir Paula.

No ano de 2008, formou-se a primeira turma do Ensino Médio Modular, e os alunos que se formaram indicam um novo cenário na união de recursos humanos no processo de (re)vitalização da língua materna. Eles tiveram oportunidade de conhecer mais sobre a gramática de sua língua e participaram dos debates sobre a mesma; já começam a trabalhar com textos e fazem pequenas convenções da língua. (WALKER, 2012, p. 315)

O Ensino Médio modular deu oportunidade para que os moradores retomassem os estudos que por muito tempo foram escassos na comunidade e, ao mesmo tempo, direcionou um novo olhar para a epistemologia do povo. As disciplinas eram desenvolvidas de forma clara, porque partiam de uma visão de dentro para fora, facilitando a compreensão dos alunos.

No ano de 2008, com o Ensino Médio modular ainda em conclusão, iniciou-se o Ensino Médio regular, já com uma nova configuração no quadro de professores atuantes, pois todos eram próprios do povo Puyanawa. O novo período representava uma oportunidade de melhorias para a comunidade, visto que os alunos poderiam prosseguir em estudos posteriores, sem

precisar se deslocar para a cidade ou ficar parados esperando novas turmas concluírem. Além disso, foi uma oportunidade de trabalho para novos profissionais da aldeia, uma conquista que continua prosseguindo.

A escola ganhou viabilidade e se tornou uma escola modelo de Educação Escolar Indígena no estado do Acre. Mesmo tendo, ainda, que melhorar em muitos aspectos, busca sempre desenvolver suas atividades com responsabilidade, primando por uma educação de qualidade, respeitando os aspectos linguísticos e culturais de nosso povo.

A história da educação dos Puyanawa sempre esteve ligada à própria história da comunidade, visto que a escola foi usada como mecanismo de reprodução da cultura do não-índio, conseqüentemente, de dominação, porque, por meio dela, inculcaram-se valores, ensinaram a língua e a escrita do colonizador português; subjugou-se a cultura indígena e mesclou-se grande parte da identidade do povo. (WALKER, 2012, p. 208)

Esse trecho ilustra que a escola indígena Puyanawa inicialmente desenvolveu um ensino de uma cultura alheia, que era divergente da nossa própria. Atualmente, a escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, como a principal instituição que busca revitalizar a nossa cultura, vem se dedicando, por meio de diferentes pesquisas voltadas para epistemologia do povo, a considerar os animais, as plantas, as músicas, os igarapés, as comidas, os adereços, as danças, ritmos, as pinturas corporais, mas, em especial, a língua indígena puyanawa como fonte de informação para ser disseminada no ambiente escolar e, conseqüentemente, fora do prédio da escola.

Logo, pelo exposto, podemos perceber a importância da escola para a comunidade, pois é a instituição que possibilita o intercâmbio de saberes, tanto indígenas quanto não indígenas. No entanto, para a nossa pesquisa, é importante considerarmos o tratamento dado pela instituição para as questões que envolvem o ensino da língua puyanawa; por isso, na próxima seção, apresentamos a estrutura do Projeto Político Pedagógico da escola.

3.2 Projeto Político Pedagógico (TÃWINAKÃ TÃDAH AKISBI)

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA é um documento norteador que busca direcionar o ensino promovido na instituição. Sendo assim, o documento tem como objetivo geral conduzir administrativamente a ESCOLA IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA e promover a educação escolar indígena Puyanawa significativa e de

qualidade, fundamentada na articulação de diferentes conhecimentos, consolidando os valores étnicos e epistemológicos dentro do contexto escolar (ACRE, PPP, 2020, p. 20).

Os objetivos gerais do PPP da escola partem da garantia inserida nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica:

Art. 14 O projeto político-pedagógico, expressão da autonomia e da identidade escolar, é uma referência importante na garantia do direito a uma educação escolar diferenciada, devendo apresentar os princípios e objetivos da Educação Escolar Indígena de acordo com as diretrizes curriculares instituídas nacional e localmente, bem como as aspirações das comunidades indígenas em relação à educação escolar.

§ 1º Na Educação Escolar Indígena, os projetos político-pedagógicos devem estar intrinsecamente relacionados com os modos de bem viver dos grupos étnicos em seus territórios, devendo estar alicerçados nos princípios da interculturalidade, bilinguismo e multilinguismo, especificidade, organização comunitária e territorialidade.

§ 2º O projeto político-pedagógico da escola indígena, construído de forma autônoma e coletiva, valorizando os saberes, a oralidade e a história de cada povo em diálogo com os demais saberes produzidos por outras sociedades humanas, deve se articular aos projetos societários etnopolíticos das comunidades indígenas contemplando a gestão territorial e ambiental das terras indígenas e a sustentabilidade das comunidades indígenas.

§ 3º A questão da territorialidade, associada à sustentabilidade socioambiental e cultural das comunidades indígenas, deve orientar todo processo educativo definido no projeto político-pedagógico com o intuito de fazer com que a escola contribua para a continuidade sociocultural dos grupos indígenas em seus territórios, em benefício do desenvolvimento de estratégias que viabilizem os seus projetos de bem viver.

§ 4º As escolas indígenas, na definição dos seus projetos político-pedagógicos, POSSUIm autonomia para organizar suas práticas pedagógicas em ciclos, seriação, módulos, etapas, em regimes de alternância, de tempo integral ou outra forma de organização que melhor atenda às especificidades de cada contexto escolar e comunitário indígena.

§ 5º Os projetos político-pedagógicos das escolas indígenas devem ser elaborados pelos professores indígenas em articulação com toda a comunidade educativa – lideranças, “os mais velhos”, pais, mães ou responsáveis pelo estudante, os próprios estudantes –, contando com assessoria dos sistemas de ensino e de suas instituições formadoras, das organizações indígenas e órgãos indigenistas do estado e da sociedade civil e serem objeto de consulta livre, prévia e informada, para sua aprovação comunitária e reconhecimento junto aos sistemas de ensino.

§ 6º Os sistemas de ensino, em parceria com as organizações indígenas, Fundação Nacional do Índio (FUNAI), instituições de Educação Superior, bem como outras organizações governamentais e não governamentais, devem criar e implementar programas de assessoria especializada em Educação Escolar Indígena objetivando dar suporte para o funcionamento das escolas indígenas na execução do seu projeto político-pedagógico. (CNE, RESOLUÇÃO Nº 5, 2012)

A escola indígena Puyanawa, por um longo período, colheu informações referentes ao contexto histórico do povo para elaborar esse importante documento, em uma luta iniciada durante gestões anteriores. Na elaboração do PPP, a escola e as lideranças da comunidade participaram de formações referentes à sua construção, mediada pela Secretaria de Rio Branco e SEE (Secretaria do Estado de Educação) do município, incluindo o secretário indígena do núcleo e uma importante colaboradora dos povos indígenas do município de Mâncio Lima: a professora Ester Maia (DIVAKEA).

O PPP está organizado de acordo com o modelo geral, porém considera as especificidades do povo, com vistas ao que propõe o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (BRASIL, 1998, p. 24-25), norteador dos planejamentos, e apresenta um novo modelo de escola indígena a partir das seguintes características: comunitária, intercultural, bilíngue/multilíngue, específica e diferenciada. Conforme o RCNEI (BRASIL, 1988), essas características se justificam pelas seguintes razões.

Comunitária: porque conduzida pela comunidade indígena, de acordo com seus projetos, suas concepções e seus princípios. Isto se refere tanto ao currículo quanto aos modos de administrá-la. Inclui liberdade de decisão quanto ao calendário escolar, à pedagogia, aos objetivos, aos conteúdos, aos espaços e momentos utilizados para a educação escolarizada.

Intercultural: deve reconhecer e manter a diversidade cultural e linguística; promovendo uma situação de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, não considerando uma cultura superior à outra; estimular o entendimento e o respeito entre seres humanos de identidades étnicas diferentes, ainda que se reconheça que tais relações vêm ocorrendo historicamente em contextos de desigualdade social política.

Bilíngue/multilíngue: porque as tradições culturais, os conhecimentos acumulados, a educação das gerações mais novas, as crenças, o pensamento e a prática religiosa [sic], as representações simbólicas, a organização política, os projetos de futuro, enfim, a reprodução sociocultural das sociedades indígenas é, na maioria dos casos, manifestado através do uso de mais de uma língua. Mesmo os povos que são hoje monolíngues em língua portuguesa continuam a usar a língua de seus ancestrais como um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, constituindo, assim, um quadro de bilinguismo simbólico importante.

Específica e diferenciada: porque é concebida e planejada como reflexo das aspirações particulares do povo indígena e com autonomia em relação a determinados aspectos que regem o funcionamento e orientação da escola não indígena. (BRASIL, RCNEI, 1998, p. 24-25, grifo nosso)

Dessa forma, a educação Puyanawa está fundamentada no que propõe o RCNEI, construído a partir dos anseios dos povos ao longo da história da educação escolar indígena. O PPP abarca diferentes informações para desenvolver um ensino que possibilite a afirmação étnica e cultural, buscando fortalecer a língua indígena puyanawa desenvolvida nas diferentes

disciplinas inseridas na matriz curricular, seguindo orientações de documentos que estão relacionados à sua estrutura organizacional.

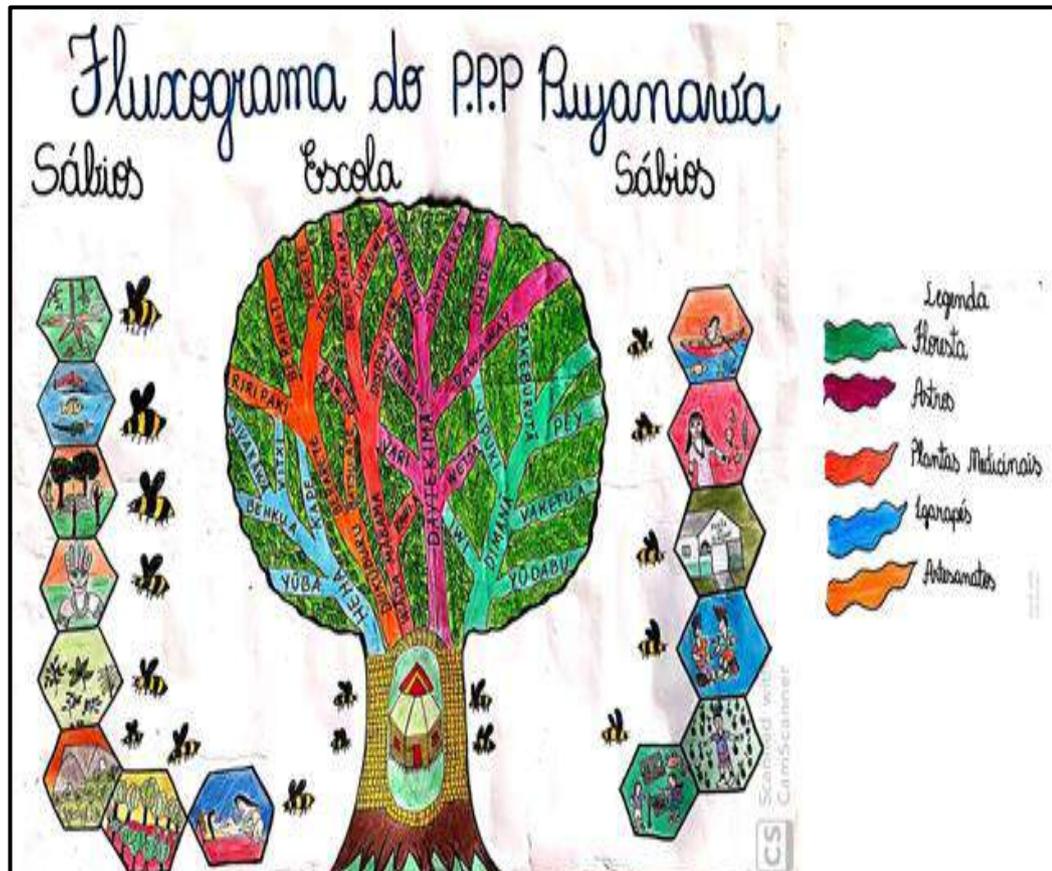
O ensino da língua indígena puyanawa desenvolvido na escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA traz aulas que possibilitam o fortalecimento dessa língua dentro de uma estrutura organizacional. A seguir apresentaremos a organização do PPP Puyanawa, mais especificamente relacionado à área de linguagens.

3.3 Estrutura organizacional do ensino na escola indígena

A matriz curricular do PPP da escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA é composta de quatro temáticas: cidadania, terra, biodiversidade e cultura. Elas contemplam o contexto sociocultural e linguístico da comunidade na articulação dos conhecimentos empíricos que são disseminados dentro e fora da escola.

Para ilustrar essa informação, apresentamos a seguir a Figura 33, que representa o organograma do PPP Puyanawa.

Figura 33: Fluxograma da educação Puyanawa.



Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA (2020).

O fluxograma acima apresentado mostra como se dá o ensino na nossa comunidade, ou seja, o ensino se dá tanto pelos saberes adquiridos na escola quanto por aqueles transmitidos pelos sábios do povo. Cada morador, independentemente de sua idade, assim que consegue repassar seus conhecimentos para o outro, entrega uma sabedoria – quer seja ela empírica ou não – e, assim, é considerado sábio. Tal conceito foi organizado de forma mútua entre a escola e comunidade nas formações para a construção do PPP. Ainda destacamos que as abelhas representam os sábios que polinizam, ou seja, transportam os conhecimentos da comunidade para dentro da escola e os conhecimentos da escola para a nossa comunidade.

Com os conhecimentos adquiridos na comunidade, a escola se transforma em uma grande árvore tão logo estrutura os conhecimentos assistemáticos em conhecimentos sistematizados por meio de planejamentos para valorizar aspectos linguísticos e culturais do povo, além de preparar o aluno para fora da comunidade, proporcionando a oportunidade de criar alternativas inteligentes, competir no mercado de trabalho e/ou ingressar no Ensino Superior. Em outras palavras, propomos que o nosso alunado tenha acesso a conhecimentos específicos para diferentes momentos e situações. Conforme esses conhecimentos são adquiridos, a árvore – que simboliza a escola indígena – cresce, se fortalece e ganha cores, dando sombra (acolhendo) a todos da comunidade, já que os conhecimentos são disseminados de forma coletiva.

Cada galho representa um tipo de conhecimento no contexto da comunidade. O galho verde (IKĀBA) representa a floresta; o galho lilás (MANĪHAW) representa os astros; o galho vermelho (TAXI) representa as plantas medicinais; o galho azul (TUPAH) representa os igarapés, e o galho laranja (WARETEYKI) representa os artesanatos. Todos os galhos integram a grande árvore (a escola) e ilustram como o ensino Puyanawa absorveu a proposição do RCNEI com relação aos aspectos de uma educação comunitária, intercultural, bilíngue/multilíngue, específica e diferenciada.

A Figura 33 demonstra que tais conhecimentos são disseminados por meio de diferentes disciplinas inseridas nas áreas de conhecimentos da matriz curricular. Nesta pesquisa, analisamos as áreas de conhecimentos voltadas para o ensino de Linguagens, considerando os componentes curriculares de língua puyanawa nas duas modalidades de ensino, a saber: Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) e EJA (1º a 5º ano). Contudo, evidenciamos a importância de nossos sábios para concretizar a disseminação dos conhecimentos no ensino indígena Puyanawa. Por isso, na próxima subseção, apresentamos quatro importantes personalidades de nosso povo e

suas contribuições para o ensino de nossa língua tanto na escola quanto na comunidade em geral.

3.3.1 Railda Manaitá (MANÛ ANÏ)

Atualmente com 92 anos de idade, Railda Manaitá é certamente um grande acervo étnico-cultural de nosso povo Puyanawa, pois é a única falante viva de nossa língua de origem. Ela é considerada por todos uma relíquia dos conhecimentos linguísticos do nosso povo. Fonte de diversas pesquisas realizadas por alunos, professores e pais, mesmo com sua idade avançada, ela consegue se lembrar da nossa língua, além dos costumes dos nossos antepassados que são considerados conhecimentos valiosos, disseminados dentro e fora do contexto escolar; trata-se de vasta contribuição para o processo de revitalização e fortalecimento da nossa cultura.

É importante destacar que D. Railda foi a primeira professora de língua puyanawa na escola da Aldeia Ipiranga e coube a ela auxiliar e inspirar outros professores a aprenderem nossa língua. Segundo ela, por motivo de saúde, chegou a trabalhar por menos de um ano, quando foi substituída por seu irmão, Luiz Manaitá.

Figura 34: Maria José Chaves dos Santos e Railda Manaitá, professoras indígenas do povo Puyanawa.



Fonte: acervo pessoal.

3.3.2 Luiz Manaitá (ËYDI)

Luíz Manaitá (*in memoriam*) foi um importante professor de língua puyanawa; ele lecionou na escola 13 de Maio na gestão da professora Olinda, nas séries do Ensino Fundamental I. É considerado por todos da comunidade um grande sábio que ensinou diversas músicas em língua puyanawa, além de palavras e frases.³⁰

Sobre suas aulas, não utilizava materiais pedagógicos para lecionar; sua metodologia era a oralidade como espécie de memorização – prática comum em sua época. Apesar da precariedade de materiais didáticos para o ensino da língua puyanawa, o professor estimulava seus alunos a participarem das conversações formuladas e dos momentos de cantorias em sala de aula.

Durante o período em que ensinava, Luiz Manaitá recebeu a colaboração de Mário Cordeiro (MÃPA), segundo cacique do povo, que foi nomeado pela gestora para também contribuir com o ensino da língua puyanawa, porém, trabalhou como professor contratado.

Figura 35: Luiz Manaitá, professor de língua puyanawa.



Fonte: acervo familiar de Clemilda Manaitá.

3.3.3 Mário Cordeiro (MÃPA)

³⁰ Maria José Chaves dos Santos, autora dessa pesquisa, foi aluna do seu Luíz.

Mário Cordeiro (MÃPA), além de ser o segundo cacique do nosso povo, atuou como professor de língua puyanawa na escola 13 de Maio durante muitos anos, deixando em nossas memórias um exemplo de persistência e coragem para liderar um povo, além de ter sido um percussor de nossa cultura. Enquanto professor de língua puyanawa, MÃPA é reconhecido pela dedicação e trabalho que desenvolveu para ensinar os alunos a falar, escrever, cantar e compreender a língua puyanawa.

Pessoa sábia e muito observadora, coube a MÃPA a tarefa de atribuir nomes indígenas a diversas pessoas da comunidade, dentre elas a pesquisadora deste estudo. A estratégia utilizada para o processo de designação das pessoas se dava por meio da observação, seja de traços físicos, seja de comportamento dos parentes. Ele observava e estabelecia relações com seres de designação puyanawa; então, atribuía o nome, que era sempre recebido com muita honra. Essa atitude de MÃPA é provavelmente o primeiro impulso para o processo de autovalorização de nossa gente, visto que, por muitos anos, alguns Puyanawa tinham vergonha de serem denominados como povo de tradição.

MAPÃ era fluente em língua puyanawa e tinha um preciso caderno de anotações, único material didático utilizado em suas aulas. Nas paredes das salas, fixava cartazes com figuras e nomes em língua puyanawa; no quadro de giz branco, escrevia as palavras e falava seus significados, destacando os aspectos fonéticos da língua. Geralmente, as metodologias das atividades seguiam a proposta de indicar o equivalente das unidades lexicais em língua portuguesa e língua puyanawa, com atividades de ligar, completar etc. Também havia atividades de designação de figuras. Além disso, desenvolvia momentos de dança e cantoria junto com os alunos.

Apesar das limitações em relação ao acesso a materiais didáticos em língua puyanawa, o trabalho de MÃPA, assim como de Railda Manaitá, foi muito importante para o *status* atual de nossa língua. É preciso considerar que os Puyanawa sofreram grande período de exploração que resultou na perda quase total de nossa língua de tradição. Aliado a isso, é necessário analisar também os aspectos geográficos de onde fica situada a TI Puyanawa: em uma região sem barreiras naturais (rios, montanhas etc.), cujo acesso por pessoas não indígenas pode ser feito facilmente.

No ano de 2005, o filho de MÃPA, Samuel (RAKEKÃY), recebeu de seu pai a função de dar continuidade como professor de língua puyanawa.

e professor de língua puyanawa.



Fonte: acervo pessoal.

3.3.4 Samuel Rondon (RAKEKÃY)

Samuel (RAKEKÃY) atua como professor de língua puyanawa desde o ano de 2005 na atual escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, continuando no trabalho de disseminação e ampliação dos conhecimentos linguísticos deixado por seu pai nas séries do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) no turno matutino e 6º e 7º ano do Ensino Fundamental II.

Quanto aos materiais didáticos utilizados nas aulas de 1º a 5º ano, podemos observar que houve uma ampliação frente aos professores anteriores, pois RAKEKÃY segue orientações dos coordenadores da escola, de acordo com a matriz curricular. Na sala de aula, ele promove atividades de leitura e escrita nas turmas de 3º a 5º ano e utiliza atividades xerocopiadas, com gravuras, palavras, frases, alfabeto móvel, cadernos de anotações, além da gramática DUKÛ VÃDA KAYANÛ e outros materiais didáticos.

Para as turmas de 1º e 2º ano, o ensino é voltado para a oralidade, com atividades que possibilitam aos alunos conhecer os aspectos fonéticos da língua – conhecer os sons das letras do nosso alfabeto – e falar frases importantes para o cotidiano, dentre as quais destacamos:

“Bom dia!” (VARIKI MÃASA), “Eu vou tomar banho” (EYA DAXI), “Eu vou tomar água” (EYA WAKA DUHU), “Eu quero comer” (EYA PINÛKI), “Com licença” (KUYARE) etc. Além disso, o professor incentiva os alunos a falarem e usarem seus nomes na língua puyanawa, além de dançar e cantar no início e final das aulas.³¹

Figura 37: Samuel Rondon (RAKEKÃY), professor de língua puyanawa.



Fonte: acervo pessoal.

É importante destacar que, além do professor Samuel, outros professores trabalham com a disciplina de língua puyanawa com as turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, como podemos destacar: Eduardo (KUNÏWAWAY), professor do 8º e 9º ano, no turno vespertino e em três turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no turno noturno. A professora Valeria (XINÃ) trabalha com a 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, no turno vespertino. Os dois professores são casados e vêm desenvolvendo um excelente trabalho na

³¹ Essa atividade foi pensada pela escola. A cada início e término das aulas, o professor regente dança e canta com a sua turma.

comunidade, onde tomam parte ativa nos trabalhos espirituais/sagrados da nossa cultura, além de serem grandes incentivadores do desenvolvimento linguístico e cultural – juntamente com os demais professores, lideranças, jovens, crianças e o cacique da comunidade.

3.4 O ensino de língua puyanawa de 1º a 5º ano

Conforme estabelecido nas subseções anteriores, a Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA é a instituição de ensino do povo Puyanawa. Como escola indígena, ela agrega conhecimentos a nível nacional, mas sobretudo local, considerando as particularidades de nossa nação. A comunidade Puyanawa decidiu, de forma coletiva, definir uma política linguística na escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA que colabore com o processo de revitalização da cultura e língua puyanawa, definindo os pressupostos para todas as modalidades da educação básica da escola, conforme apresentamos a seguir:

Entende-se que a Política Linguística na Escola Puyanawa, tem virtude de determinar em que ano/série vai começar a alfabetização na Língua Puyanawa;

Nos anos iniciais do 1º e 2º ano, será somente na oralidade, e a escrita iniciará com a Língua Portuguesa;

No 3º, 4º e 5º ano, iniciará a escrita da Língua Puyanawa, pois entendemos que essa série, os alunos já estão alfabetizados e terão facilidades de conhecer a escrita da Língua Puyanawa;

Nos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º) e Ensino Médio aprofundamento nas classes gramaticais: substantivo, adjetivo, advérbio, pronome e verbo;

Analisar e aprofundar os conhecimentos da gramática Puyanawa;

Utilizar a escrita Puyanawa nos cartazes, documentos entre outros;

Elaborar cartazes na ÛdikiKũiki para colocar nos prédios e moradias na comunidade;

Realizar reunião com a comunidade com o objetivo de ampliar o uso da ÛdikiKũiki junto à comunidade;

Elaborar projetos que possibilite conscientizar e sensibilizar a comunidade sobre as condições atuais da ÛdikiKũiki, mostrando a importância do seu fortalecimento;

Elaborar projetos que possibilite conscientizar as crianças, jovens, adultos e todas as categorias presentes na aldeia para praticar a ÛdikiKũiki;

Estimular o uso da ÛdikiKũiki em reuniões comunitárias, nas 31 atividades do roçado, casas de farinha, nas danças tradicionais, entre outros;

Realizar pesquisas visando os registros orais, visuais e escritos de narrativas e cantorias Puyanawa;

Desenvolver parcerias com órgãos públicos e privados, com o objetivo de produzir materiais didáticos específicos Puyanawa (DVD, livros, jogos didáticos, entre outros);

Promover pesquisas e ações em conjunto com outras categorias da aldeia, visando à sensibilização da comunidade sobre a importância da ÛdikiKũiki.

(ACRE, PPP, 2020, p. 30-31)

Ancorado a isso, a escola dispõe de um calendário diferenciado que segue as orientações da Secretaria do Estado de Educação (SEE), associando as datas comemorativas culturais de nosso povo ao calendário oficial. Essas festividades culturais estão inseridas no conteúdo da matriz curricular em todos os componentes, dentre eles a disciplina de língua puyanawa.

Considerando os objetivos desta pesquisa, apresentamos, na Figura 38, uma amostra da matriz curricular do 1º ano (Ensino Fundamental I), da disciplina de língua puyanawa. Cumpre destacar que a matriz curricular do PPP da escola foi elaborada de acordo com a BNCC, contemplando as especificidades de nosso povo.

Figura 38: Matriz curricular do 1º ano da disciplina de língua puyanawa.

| Disciplina: LÍNGUA PUYANAWA 1º ANO | | | |
|------------------------------------|--------------------------------|--|---|
| Tema | Conteúdo | Habilidade | Metodologia |
| CIDADANIA | 1. Alfabeto 2. Nome próprio | 1. Diferenciar ao alfabeto puyanawa do alfabeto comum (português). 1. Pronunciar corretamente seu nome puyanawa. | 1. Praticar a oralidade, com clareza dos sons do alfabeto; 2. Situações de atividades para exercitar a pronúncia dos nomes dos alunos da sala. 3. Atividades para reconhecer as letras do próprio nome em puyanawa. |
| TERRA | 1. Cores | 1. Associar as cores ao nome das mesmas, em puyanawa. | 1. Atividades com as cores e a pronúncia dos nomes de cada cor. 2. Colagem utilizando as cores e os nomes das mesmas 3. Excursão para identificar as cores no meio ambiente. |
| BIODIVERSIDADE | 1. Nome de animais mamíferos. | 1. Identificar os animais mamíferos e seus respectivos nomes em puyanawa. | 1. Associação dos animais aos respectivos nomes, em puyanawa. 2. Pintura dos desenhos de animais e escrita dos nomes dos mesmos, em puyanawa. |
| CULTURA | 1. Objetos de cipó. | 1. Reconhecer os objetos da cultura puyanawa que são feitos de cipó. 2. Aprender o nome de cada objeto feito de cipó. | 1. Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura puyanawa e que são feitos de cipó. 3. Desenhos dos objetos feitos de cipó e escrita do nome de cada objeto |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da escola IXÛBĀY RABUĪ PUYANAWA (2020).

Os temas apresentados na matriz do 1º ano estão presentes em todas as séries do Ensino Fundamental I, II, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Referente à primeira temática da matriz curricular, intitulada cidadania: “Entendemos que a escola é um espaço de criação e desenvolvimento da cidadania, dentro da terra indígena. Tendo a efetiva participação e o envolvimento dos alunos com as decisões ali tomadas, de forma democrática e participativa, levando em conta os anseios de todos” (ACRE, PPP, 2020, p. 56). Com relação ao tema terra: “Para nós Puyanawa, a mãe terra está profundamente ligada à vida e a saúde. Sem a terra não

há casa, caça, pesca. Precisa-se conservar a fauna, a flora, as histórias dos ancestrais para podermos manter a valorização da nossa cultura e espiritualidade” (ACRE, PPP, 2020, p. 57). A respeito do tema biodiversidade: “[...] para o povo Puyanawa define-se pelas riquezas naturais encontradas na floresta e que é um patrimônio de sustentabilidade para manter os nossos valores tradicionais” (ACRE, PPP, 2020, p. 57). Ainda se compreende que a cultura “[...] vem carregada de significados inerente ao povo, tais como: a língua, as crenças, os costumes, as festividades, as vestimentas, a organização populacional, o modo de vida, a culinária, a forma habitacional, entre outros que são peculiares a cada povo” (ACRE, PPP, 2020, p. 58). A seguir, apresentamos na Figura 39 a matriz curricular do 2º ano.

Figura 39: Matriz curricular do 2º ano da disciplina de Língua puyanawa.

| 2º Ano-- Disciplina/Componente Curricular: Língua Puyanawa (Área de Conhecimento: Linguagens e Códigos) | | | |
|--|--|--|---|
| Tema | Conteúdo/Objeto de Conhecimento | Habilidade | Metodologia Avaliação |
| CIDADANIA | 1.Alfabeto 2.Nome próprio 2 Significado do nome de cada um. Nome dos pais | 1.Diferenciar ao alfabeto Puyanawa do alfabeto comum (português). 2.Pronunciar corretamente seu nome Puyanawa. 3.Aprender o significado do seu nome Puyanawa. 4.Saber a pronúncia, a escrita e o significado dos nomes dos pais, em Puyanawa. | 1.Situações de atividades com alfabeto móvel. 2.Atividades para reconhecer as letras do próprio nome em Puyanawa. 3.Atividades de pronúncia, escrita e leitura dos nomes dos pais, em Puyanawa |
| TERRA | 1.Cores 2.Números | 1.Associar as cores ao nome delas, em Puyanawa. 3.Aprender a pronúncia, leitura e escrita dos números Puyanawa até 10. | 1.Atividades com as cores e a pronúncia dos nomes de cada cor. 2.Colagem utilizando as cores e os nomes das mesmas 3.Excursão para identificar as cores no meio ambiente. |
| BIODIVERSIDADE | 1.Nome de animais mamíferos. 2.Nome Puyanawa das aves e dos insetos. | 1.Identificar os animais mamíferos e seus respectivos nomes em Puyanawa. 2. Aprender o nome Puyanawa dos insetos e aves. | 1.Associação dos animais aos respectivos nomes, em Puyanawa. 2.Pintura dos desenhos de animais e escrita dos nomes deles, em Puyanawa. 3 Pintura dos desenhos de insetos e aves e escrita dos nomes deles, em Puyanawa. |
| CULTURA | 1.Objetos de cipó. 2.Objetos feitos de argila e madeira. | 1.Reconhecer os objetos da cultura Puyanawa que são feitos de cipó. 2.Aprender o nome de cada objeto feito de cipó. 3. Reconhecer os objetos da cultura Puyanawa que são feitos de argila e madeira. | 1.Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura Puyanawa e que são feitos de cipó. 3.Desenhos dos objetos feito de cipó e escrita do nome de cada objeto. 3. Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura Puyanawa e que são feitos de argila e madeira. 4. Desenhos dos objetos feito de argila e madeira, escrita do nome de cada objeto. |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola IXÛBĀY RABUĪ PUYANAWA (2020).

Pela imagem anterior, podemos perceber que, para a temática cidadania é esperado que a turma de 2º ano possa conhecer o alfabeto, seu nome próprio com seus significados e nomes dos seus pais; além disso, espera-se que a turma saiba pronunciar e escrever em língua puyanawa de forma correta. Contudo, são utilizadas diferentes estratégias, bem como materiais pedagógicos lúdicos, para que as habilidades esperadas para a turma sejam alcançadas, por

exemplo: jogos de figuras e palavras, caça-palavras, ditado ilustrado etc. A seguir, apresentamos, na Figura 40, a matriz curricular do 3º ano.

Figura 40: Matriz curricular do 3º ano da disciplina de língua puyanawa.

| 3º Ano-- Disciplina/Componente Curricular: Língua Puyanawa (Área de Conhecimento: Linguagens e Códigos) | | | |
|---|--|---|--|
| Tema | Conteúdo/Objeto de Conhecimento | Habilidade | Metodologia |
| CIDADANIA | 1.Alfabeto 2.Nome próprio 2. Significado do nome de cada um. 3.Nome dos pais 4.nome dos irmãos e avós, em Puyanawa | 1.Diferenciar ao alfabeto Puyanawa do alfabeto comum (português). 2.Pronunciar corretamente seu nome Puyanawa. 3.Aprender o significado do seu nome Puyanawa. 4.Saber a pronúncia, a escrita e o significado dos nomes dos pais, | 1.Situações de atividades com alfabeto móvel. 2.Atividades para reconhecer as letras do próprio nome em Puyanawa. 3.Atividades de escrita do seu nome Puyanawa. 4.Atividades de pronúncia, escrita e leitura dos nomes dos pais, dos irmãos e dos avós, em Puyanawa |
| TERRA | 1.Cores 2.Números 3.Dias da semana 4.Meses do ano | 1.Associar as cores ao nome delas, em Puyanawa. 3.Aprender a pronúncia, leitura e escrita dos números Puyanawa até 10. 4.Aprender e exercitar a pronúncia, leitura e escrita dos dias da semana e meses do ano, Puyanawa | 1.Atividades com as cores e a pronúncia dos nomes de cada cor. 2.Colagem utilizando as cores e os nomes das mesmas 3.Excursão para identificar as cores no meio ambiente. 4. confecção de cartazes com os dias da semana e meses do ano. |
| BIODIVERSIDADE | 1.Nome de animais mamíferos. 2.Nome Puyanawa das aves e dos insetos. 3.Nomes dos répteis, dos anfíbios e dos peixes. | 1.Identificar os animais mamíferos e seus respectivos nomes em Puyanawa. 2.Aprender e exercitar a pronúncia, leitura e escrita dos mamíferos, aves, répteis, insetos e peixes, em Puyanawa | 1.Associação dos animais aos respectivos nomes, em Puyanawa. 2.Pintura dos desenhos de animais e escrita dos nomes deles, em Puyanawa. 3 Pintura dos desenhos de mamíferos, aves, répteis, insetos e peixes, e escrita dos nomes deles, em Puyanawa. 4. Prática de leitura e oralidade (em Puyanawa) com os nomes estudados pelos alunos. 5.Atividades com quebra cabeça, cruzadinhas, caça palavras, bingos. |
| CULTURA | 1.Objetos de cipó. 2.Objetos feitos de argila e madeira. 3.Objetos feitos de pena, sementes, fibras e frutos. | 1.Reconhecer os objetos da cultura Puyanawa que são feitos de cipó. 2.Aprender o nome de cada objeto feito de cipó. 3. Reconhecer os objetos da cultura Puyanawa que são feitos de argila e madeira. | 1.Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura Puyanawa e que são feitos de cipó. 3.Desenhos dos objetos feitos de cipó e escrita do nome de cada objeto. 3. Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura Puyanawa e que são feitos de argila e madeira, pena, sementes, fibras e frutos. 4. Desenhos dos objetos feitos de argila, madeira, pena, sementes, fibras e frutos, escrita do nome de cada objeto. |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola IXÛBĀY RABUÏ PUYANAWA (2020).

Pela figura apresentada, podemos perceber que o conteúdo da temática Terra é mais robusto em comparação com o 2º ano. Espera-se que a turma possa associar as cores aos seus nomes, desenvolvendo a habilidade da pronúncia das palavras. Nessa fase, os alunos já têm conhecimento sobre o conteúdo ministrado, por isso, nessa etapa passamos a trabalhar também a escrita em língua puyanawa. A seguir, apresentamos, na Figura 41, a matriz curricular do 4º ano.

Figura 41: Matriz curricular do 4º ano da disciplina de língua puyanawa.

| 4º Ano-- Disciplina/Componente Curricular: Língua Puyanawa (Área de Conhecimento: Linguagens e Códigos) | | | |
|---|---|--|--|
| Tema | Conteúdo/Objeto de Conhecimento | Habilidade | Metodologia |
| CIDADANIA | 1. Corpo humano 2. Material escolar | 1. Aprender a pronúncia, a leitura e a escrita das partes do corpo humano e do material escolar. 2. Praticar a pronúncia, a leitura, a escrita e a produção de frases com as palavras aprendidas nos anos anteriores. | 1. Situações de leitura, escrita e estudo das partes do corpo. 2. Atividades com quebra cabeça, cruzadinhas, caça palavras, bingos com as palavras aprendidas nos anos anteriores. 3. Produção de frases e socialização delas. |
| TERRA | 1. Astros 2. Utensílios | 1. Aprender a pronúncia, a leitura e a escrita dos nomes dos astros celestes e dos utensílios em geral. 2. Praticar a pronúncia, a leitura, a escrita e a produção de frases com as palavras aprendidas nos anos anteriores. | 1. Situações de leitura, escrita, desenhos e estudo sobre os astros e utensílios em geral. 2. Atividades com quebra cabeça, cruzadinhas, caça palavras, bingos com as palavras aprendidas nos anos anteriores. 3. Produção de frases e socialização delas. |
| BIODIVERSIDADE | 1. Frutíferas 2. Madeiras de lei 3. Palheiras | 1. Identificar as frutíferas, madeiras de lei e palheiras e seus respectivos nomes em Puyanawa. 2. Aprender e exercitar a pronúncia, leitura e escrita dos nomes das frutíferas, madeiras de lei e palheiras. 3. Compreender que todos são responsáveis pela preservação ambiental. | 1. Escrita, leitura, oralidade e ilustrações das frutíferas, madeiras de lei e palheiras, em Puyanawa. 2. Produção de cartazes com representantes da flora Puyanawa. 4. Prática de leitura e oralidade (em Puyanawa) com os nomes estudados pelos alunos. 5. Produção de frases e socialização delas. |
| CULTURA | 1. Artesanato 2. Enfeites | 1. Estudar sobre o artesanato e os enfeites do povo, compreendendo o uso e significados de cada um. 2. Aprender e exercitar a pronúncia, leitura e escrita dos nomes objetos de artesanato e os enfeites Puyanawa e seus significados. 3. Compreender que todos são responsáveis pela manutenção da cultura do povo. | 1. Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos de artesanato e os enfeites usados na cultura Puyanawa. 2. Desenhos dos objetos de artesanato e os enfeites e escrita e leitura do nome de cada objeto. 3. Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura Puyanawa e que são feitos de cipó, couro, argila e madeira, pena, sementes, fibras e frutos. 4. Desenhos dos objetos feito de cipó, couro, argila, madeira pena, sementes, fibras e frutos, escrita do nome de cada objeto. |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola IXÛBĀY RABUĪ PUYANAWA (2020).

No que diz respeito à matriz curricular do 4º ano, podemos perceber que, na temática biodiversidade, espera-se que a turma conheça árvores frutíferas, madeiras de lei e palheiras do contexto Puyanawa, desenvolvendo habilidades da escrita e pronúncia das palavras, além de compreender a importância da preservação ambiental. Julgamos importante o desenvolvimento dessas habilidades, porque o aluno já está inserido no contexto de uso da língua puyanawa, e há a necessidade de exercitar tanto oralidade quanto escrita de forma mais sistemática. A seguir, apresentamos na Figura 42 a matriz curricular do 5º ano.

Figura 42: Matriz curricular do 5º ano da disciplina de língua puyanawa.

| 5º Ano-- Disciplina/Componente Curricular: Língua Puyanawa (Área de Conhecimento: Linguagens e Códigos) | | | |
|---|---|---|---|
| Tema | Conteúdo/Objeto de Conhecimento | Habilidade | Metodologia |
| CIDADANIA | 1.Nomes dos ancestrais. 2.Famílias | 1.Aprender a pronúncia, a leitura e a escrita dos nomes dos ancestrais. 2.Confeccionar a árvore genealógica de cada aluno. 2Praticar a pronúncia, a leitura, a escrita e a produção de frases com as palavras aprendidas nos anos anteriores. | 1.Situações de leitura, escrita e estudo dos nomes dos ancestrais. 2.Atividades com quebra cabeça, cruzadinhas, caça palavras, bingos com as palavras aprendidas nos anos anteriores. 3.Produção de frases e pequenos parágrafos usando as palavras as língua Puyanawa, aprendidas anteriormente, e socialização delas. |
| TERRA | 1.Nomes das aldeias 2.Nomes e finalidades dos espaços coletivos. | 1.Aprender a pronúncia, a leitura e a escrita dos nomes das aldeias e dos espaços coletivos. 2Praticar a pronúncia, a leitura, a escrita e a produção de frases com as palavras aprendidas nos anos anteriores. | 1.Situações de leitura, escrita, desenhos e estudo sobre nomes das aldeias e dos espaços coletivos. 2.Atividades com quebra cabeça, cruzadinhas, caça palavras, bingos com as palavras aprendidas nos anos anteriores. 3.Produção de frases e pequenos parágrafos socialização delas. |
| BIODIVERSIDADE | 1.Frutas 2.plantas medicinais e de roçado 3.Estações do ano | 1.Identificar tipos de frutas, de plantas medicinais e das plantas de roçado e seus respectivos nomes em Puyanawa. 2.Aprender e exercitar a pronúncia, leitura e escrita dos nomes das frutas, das plantas medicinais e das plantas de roçado 3.Compreender que todos são responsáveis pela preservação ambiental. | 1.Escrita, leitura, oralidade e ilustrações das frutas, das plantas medicinais e das plantas de roçado, em Puyanawa. 2.Produção de cartazes com representantes da flora Puyanawa. 4. Prática de leitura e oralidade (em Puyanawa) com os nomes estudados pelos alunos. 5. Produção de frases e socialização delas. |
| CULTURA | 1.Pinturas 2.Culinária | 1.Estudar sobre a culinária e as pinturas do povo, compreendendo o uso e significados de cada uma. 2.Aprender e exercitar a pronúncia, leitura e escrita dos nomes das pinturas corporais e seus significados, além de estudar sobre a culinária Puyanawa. 3.Compreender que todos são responsáveis pela manutenção da cultura do povo. | 1.Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura Puyanawa e que são feitos de cipó. 3.Desenhos dos objetos feito de cipó e escrita do nome d cada objeto. 3. Situações de aprendizagens (usando material concreto) dos nomes de objetos usados na cultura Puyanawa e que são feitos de argila e madeira, pena, sementes, fibras e frutos. 4. Desenhos dos objetos feito de argila, madeira pena, sementes, fibras e frutos, escrita do nome d cada objeto. |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola IXÛBĀY RABUÍ PUYANAWA (2020).

Na figura 42, observamos que, na temática cultura, espera-se que a turma conclua o último ano do Ensino Fundamental I conhecendo todo o conteúdo dos anos anteriores, além das pinturas e culinária em língua puyanawa. Dessa forma, o aluno poderá escrever e pronunciar as palavras e conhecer os significados. Cumpre destacar que o professor de língua puyanawa (RAKEKĀY) vem desenvolvendo todo o conteúdo apresentado durante uma hora de aula em cada turma, quando utiliza listas de palavras, desenhos e frases em diferentes atividades para que as habilidades das turmas sejam desenvolvidas. Na sala de aula, cada professor decora sua sala com cartazes coloridos com diferentes informações em língua puyanawa, além de desenvolver nos demais componentes curriculares o ensino diferenciado, compreendido por todos como a mesclagem dos conhecimentos ocidentais e do contexto do nosso povo – a fim

de colaborar com o processo de revitalização e fortalecimento dos aspectos linguístico e cultural do nosso povo.

Vemos, pelo exposto, os esforços da Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA quanto ao ensino da língua indígena. A instituição tem promovido inúmeras ações com o intuito de fortalecer o ensino da língua, desde conversações em puyanawa, cantorias, apresentações e elaboração de materiais didáticos fixados nas paredes das escolas, assim como ocorre com os cartazes de boas-vindas, meses do ano, listas de palavras; afinal, “[...]pois ensinar a língua tradicional é uma atitude positiva de resistência às imposições do contato e de preservação das tradições indígenas [...]” (OLIVEIRA, 2021, p. 123). No entanto, consideramos a necessidade de elaboração de materiais didáticos que possam ser integrados ao ensino da língua na escola de forma mais sistemática. Tendo em vista que a nossa língua está em processo de revitalização, julgamos que o modelo de dicionários terminológicos é o mais viável, pois registra unidades terminológicas de um campo específico de atuação e/ou de atividade humana. Assim, como produto desta pesquisa, elaboramos “O dicionário terminológico dos animais Puyanawa”, com o propósito de colaborar com o ensino de língua na Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, haja vista a nossa condição enquanto professora da escola e indígena do povo. Dessa forma, apresentamos no próximo capítulo a Fundamentação Teórica da nossa pesquisa.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentamos discussões apoiadas em autores que se voltam para a produção de dicionários, dentre eles, Costa (2012), que trata das questões de autonomia dos povos indígenas, no que diz respeito à elaboração e divulgação de dicionários para o fortalecimento das línguas indígenas, além de Barros (2004, 2007), que apresenta informações sobre terminologia – disciplina científica que se destina a investigar e produzir obras terminográficas, ou seja, dicionários de determinada área ou campo de atuação da atividade humana.

Nesta pesquisa, evidenciamos as discussões de Costa (2012) sobre a necessidade de que os materiais didáticos usados em escolas indígenas sejam produzidos por pessoas indígenas, pois temos, muitas vezes, observado que pesquisas dessa natureza tendem a ser produzidas por não indígenas. Apesar do compromisso no trabalho de qualquer pesquisador, é importante destacar que a língua é um instrumento de comunicação, mas também de identidade, o que significa dizer que podemos manuseá-la de acordo com nossas intenções. Sendo assim, uma pessoa não indígena que fica nas comunidades em períodos específicos dificilmente conseguirá registrar aspectos mais íntimos da língua, tal como ocorre com os dialetos, por exemplo.

No que tange à elaboração e uso de dicionários em sala de aula, identificamos que existem, em grande escala, dicionários, glossários e enciclopédias em diferentes línguas; porém, quando falamos em línguas indígenas, principalmente as que estão em processo de revitalização, essa realidade muda, pois é raro nos depararmos com essas obras. Costa (2012) destaca a importância dos registros das línguas indígenas: “As publicações no Brasil precisam de incentivo para mostrar como os indígenas brasileiros têm pensado a sua escrita e conseqüentemente a sua língua” (COSTA, 2012, p. 266).

É importante destacar que uma obra indígena não deve servir somente para alunos indígenas ou para ser usada somente em escolas indígenas. Esse tipo de obra deve ser difundido para que o Brasil supere o mito de univocidade linguística. É preciso que obras dessa natureza estejam em escolas para que alunos de todas as etnias identifiquem que no Brasil há centenas de línguas, embora a língua portuguesa seja a língua oficial. “[...] quando se lança no mercado um dicionário de uma língua, que para os brasileiros é indígena e essa obra não se limita aos indigenistas, é bastante significativo falar dele” (COSTA, 2012, p. 268). Nesse sentido, percebemos a necessidade de materiais produzidos pelos próprios indígenas.

Para a sociedade indígena, a oportunidade de aparecer é muito bem-vinda por mostrar que não são invisíveis, são pessoas que têm vontades,

necessidades, direitos e deveres e que não podem ficar à margem da sociedade brasileira, como algumas vezes parecem relegados. A escrita da LI, então, tem a obrigação de ser mais do que uma tentativa de fazer parte do mundo da escrita da sociedade lusófona, precisa ser a oportunidade de descoberta de novos sentidos que são construídos a partir da cultura própria, além de significar e ressignificar os sentidos já existentes no que concerne ao processo de letramento. (COSTA, 2012, p. 269)

O ensino da língua puyanawa na Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, o *status* de nossa língua na atualidade (segunda língua em relação à língua portuguesa) e a oportunidade de desenvolvermos um estudo sobre o nosso povo evidenciam o nosso compromisso com o processo de revitalização de nossa língua puyanawa; assim, decidimos elaborar um dicionário terminológico dos animais Puyanawa para servir como material didático para a escola indígena.

Barros (2004) destaca que a elaboração de uma obra terminológica deve contemplar o objeto de estudo e os objetivos esperados com a obra, além do público-alvo e das fontes usadas para a constituição da obra. Também é importante que seja disponibilizado um instrumento que aborde os anseios e a capacidade de manuseio e entendimento do público-alvo (leitor). Nesse contexto, compreendemos que a obra apresentada requer um olhar estratégico do professor para que os alunos não sintam exaustão em momentos do manuseio do dicionário, mas que o dicionário seja uma ferramenta prazerosa diante das atividades propostas dentro e fora da sala de aula.

É importante destacar o interesse do ser humano em registrar suas experiências (língua) em forma de dicionários, desde os tempos mais antigos. A partir do ano de 2.600 a.C., segundo Barros (2004), já podemos encontrar registros de dicionários temáticos monolíngues feitos em tijolos de argila pelos povos sumérios, com descrições referentes às atividades campestres, profissões, objetos comuns do cotidiano e divindades. Todavia, somente no ano de 1930, Eugen Wüster (1898-1977) estabeleceu as bases para a Teoria Geral da Terminologia (TGT) que propunha uma terminologia descritiva e normativa com o aspecto (CORDEIRO-OLIVEIRA, 2019, p. 35).

A proposta de Wüster ([Felber, 1979], 1998) foi confrontada, porque ele previa que, no processo de designação das coisas, o mais importante era estabelecer as diferenças, ou seja, nenhum objeto deveria receber a mesma designação: “como o significado das unidades de especialidade se limita ao valor conceptual que expressa, sua relação com a linguagem está restrita ao exercício de nomeação (etiquetagem) dos seres, objetos e coisas: para cada objeto ou coisa, um conceito” (CORDEIRO-OLIVEIRA, 2019, p. 41). Como resposta a esse modelo, a

Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré ([1993], 2005), nos mostra o registro da língua considerando fatores externos, contextuais e motivacionais (Pragmática).

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré e por um grupo de pesquisadores do Instituto de Linguística Aplicada, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, surge como uma alternativa para se pensar o objeto da ciência dos termos a partir de uma perspectiva comunicativa, e não mais, apenas, normativa e prescritiva como propunha a teoria clássica. Na TCT, Cabré revisa os três princípios propostos pela TGT referentes ao “estado” da língua na abordagem terminológica: a noção de conceito como ponto de partida, o princípio de univocidade dos conceitos e o limite do léxico. (CORDEIRO-OLIVEIRA, 2019, p. 43)

No que diz respeito às palavras (unidades lexicais), podemos definir que elas só se tornam termos quando são empregadas dentro de um contexto de especialidade, ou seja, o termo possui função específica. Cumpre destacar que o *status* de termo só é atribuído a uma unidade linguística quando a unidade léxica, ou seja, a palavra do léxico geral, é investigada dentro de um domínio específico ou uma área de especialidade. Como exemplo, apresentamos a unidade léxica “macaco”, unidade geral que pertence ao conjunto de palavras de nosso sistema linguístico. No entanto, quando faço uma pesquisa sobre os animais da Amazônia, a unidade léxica (geral) “macaco” passa a receber o tratamento de unidade de especialidade, uma vez que macaco é um dos animais da nossa floresta amazônica. Assim, Barros (2004) destaca que todos os termos são palavras, mas as palavras só se tornam termos se forem investigadas em domínios específicos. Por isso, é provável que os termos apresentados em nosso dicionário já sejam de conhecimento do leitor em geral – na condição de palavra do léxico geral. Porém, nesta pesquisa com o registro dos animais Puyanawa, eles recebem o tratamento de termos, pois nos dedicamos a registrar apenas um domínio em específico.

Sobre os dicionários lexicográficos (do léxico geral – palavras) e terminográficos (do léxico de especialidade – termos), Krieger (2007) faz a seguinte observação: segundo a autora, o dicionário na sociedade torna-se importante pela facilidade de ser consultado por qualquer grupo de pessoas que busca explicações para os seus anseios, sendo que pode ser manuseado em diferentes momentos e lugares. Desse modo, o dicionário não é simplesmente um tradutor de termos, mas “o dicionário também responde a outras questões, envolvendo aspectos-históricos, ortográficos, prosódicos, gramaticais, e discursivos – relacionados à estrutura e funcionamento das línguas” (KRIEGER, 2007, p. 295-296). No entanto, compreendendo a amplitude que os dicionários trazem para os leitores, o dicionário também pode funcionar como

“um efetivo instrumento didático, auxiliando no desenvolvimento de muitas competências básicas inerentes a todo aprendizado” (KRIEGER, 2007, p. 298).

Contudo, Barros (2004) faz o seguinte destaque quanto à importância de consideramos o público-alvo no momento da elaboração de dicionários:

Caso o leitor-alvo seja as crianças em idade escolar, deve-se levar em conta seu universo vocabular e a sua capacidade de decodificação das mensagens. Assim, deve-se ter sempre em mente estratégias pedagógicas que conduzam o enriquecimento vocabular, partindo-se de um conjunto de léxico que a criança provavelmente conhece. (BARROS, 2004, p. 1991)

Nesse ínterim, a escola indígena Puyanawa carrega a responsabilidade de produzir materiais didáticos partindo das necessidades da comunidade, de maneira a colaborar com a constituição de uma educação mais significativa frente ao fortalecimento de nossa cultura, partindo da língua puyanawa, por meio de registros escritos como material para uso dos alunos de acordo com o nível de cada modalidade de ensino. Maher (2008, p. 412) descreve que “[o]s professores indígenas, além de reforçarem a importância da língua indígena no currículo escolar, porque são formadores de opinião, vêm angariando importante apoio, no interior de suas comunidades, para o projeto de fortalecimento linguístico e orientando os esforços familiares nessa direção”. A escola já dispõe de alguns materiais que são elaborados pelos professores e alunos, como poemas, histórias em quadrinhos e musiquinhas, com auxílio das listas de palavras e a gramática elaborada pelo linguista Aldir de Paula.

No que diz respeito aos alunos do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano), é importante destacar que propomos um dicionário com informações simples e acessíveis, respeitando o nível de conhecimento das modalidades de ensino e compreendendo que o professor, segundo Krieger (2007), ao ensinar a língua materna e utilizar o dicionário como ferramenta didática, deve perceber a importância da obra, para que tal perspectiva seja passada para o aluno e esse instrumento seja manuseado com prazer e sucesso.

Krieger ainda pontua que “[a]lém dos conhecimentos que favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa do sujeito e do saber sobre o funcionamento da língua, a consulta [...] pode contribuir para o processo de alfabetização” (KRIEGER, 2007, p. 301), auxiliando nas diferentes atividades em sala de aula e motivando os alunos a desenvolverem suas habilidades. O dicionário não é simplesmente um tradutor de termos:

A utilidade do dicionário não se limita ao conhecimento linguístico em si mesmo, porque ainda cumpre um papel de suporte cognitivo ao oferecer

informações conceituais sobre termos que integram outras disciplinas do currículo do aluno. Ao mesmo tempo, pela sua natureza de obra de consulta, fomenta a autonomia do estudante. Este pode, por si mesmo, buscar as informações de que necessita pragmaticamente ou que representam algum interesse específico. (KRIEGER, 2007, p. 301)

Considerando o exposto, apresentamos no próximo capítulo a metodologia de nossa investigação, momento em que descrevemos as etapas percorridas para a elaboração de nosso estudo.

5 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo, apresentaremos todas as etapas desenvolvidas para a realização de nossa pesquisa, considerando os objetivos propostos. É importante destacar o grande arsenal na metodologia de uma pesquisa, pois levam-se em consideração múltiplas fases e contribuições que colaboram para a construção da obra. Além disso, muitos pesquisadores fazem parte do contexto pesquisado, dando voz às demais vozes de uma nação indígena, justamente por conhecer e conviver junto com a comunidade.

Assim, como metodologia, adotamos uma abordagem qualitativa, histórica, descritiva documental. Quanto à natureza qualitativa, esse tipo de pesquisa “supõe o contato direto e prolongado do investigador com o ambiente e a situação que deve ser pesquisada e aí permanecer, através do trabalho de campo procurando capturar situação ou fenômeno em toda extensão” (LUDKE, 1986, p. 11). Logo, ela se justifica pela própria condição da pesquisadora: professora-indígena-Puyanawa, o que permite registrar acontecimentos e impressões ao longo do estudo. Assim, no Capítulo 1, intitulado “Constituição da Pesquisadora Indígena Puyanawa”, fazemos a apresentação da autora, momento em que narramos alguns acontecimentos de sua vida que colaboraram para a construção de sua identidade enquanto professora-pesquisadora-indígena.

A natureza histórica do estudo pode ser confirmada no Capítulo 2, intitulado “Breve Histórico do Povo Puyanawa”. Para levantamento e aprofundamento de algumas informações a respeito do contexto histórico e cultural do nosso povo, realizamos conversas com familiares: avó, tios, tias, professores, cacique e demais parentes de forma descontraída e acompanhada de iguarias da nossa saborosa culinária, feitas pelas mãos Puyanawa. As informações coletadas são de conhecimento de alguns moradores da comunidade, especialmente os sábios mais velhos e professores, o que torna essa abordagem histórica muito significativa para a manutenção do registro de nosso povo.

Tendo em vista a abordagem de nossa pesquisa, apresentamos a proposta para toda a comunidade, com a aprovação das lideranças para a efetivação do estudo, conforme documento apresentado no Anexo I. Também desejamos mencionar que o registro histórico foi feito a partir do olhar do indígena Puyanawa, que sofreu processos de exploração e discriminação por longo período. Considerando os sujeitos da pesquisa, desejamos dar voz ao nosso povo; por isso, alguns autores não indígenas que retratam nossa história foram desconsiderados, pois eles lançam, em certa medida, o olhar do colonizador – ação que desejamos veementemente combater em nossa cultura.

Também podemos considerar essa pesquisa uma pesquisa-ação, a qual “[...] pode ser vista como modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada” (THIOLLENT, 1986, p. 26). Levamos em consideração a nossa experiência como professora da Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA, local da pesquisa, há 18 anos, além de estar presente na maioria das reuniões comunitárias e escolares, dialogando com os professores e ouvindo as narrativas contadas e recontadas pelos nossos parentes. Segundo Gil, “Tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa. Neste sentido, distanciam-se dos princípios da pesquisa científica acadêmica” (GIL, 2008, p. 31).

Além disso, fizemos um resgate dos trabalhos de pesquisadores Puyanawa, assim como não indígenas, em busca de mais informações que pudessem colaborar na construção de nossa pesquisa, como: Constant (2012); Paula (1992), Walker (2012) dentre outros. É importante destacar que ainda são consideradas poucas as informações a respeito do povo Puyanawa, sendo que as informações originais são de difícil acesso – especialmente porque quase não há mais falantes vivos da língua puyanawa.

Nessa etapa, tomamos um cuidado especial, pois precisamos sempre considerar que os fatos narrados pelo não indígena nem sempre revelam a realidade do povo indígena; isso justifica ainda mais a importância desta pesquisa. Além dessas fontes, buscamos informações em documentos do nosso povo. Logo, elencamos alguns avanços dentro da terra indígena, dentre eles: a demarcação da terra indígena Puyanawa, implantação do ensino médio modular, a criação da associação (AAPBI) e a cartilha e gramática Puyanawa, que são símbolos de autonomia e fortalecimento cultural do nosso povo.

Em seguida, apresentamos o contexto atual do povo Puyanawa, elencando a organização das duas aldeias: Barão e Ipiranga, por meio de fotos e descrição de cada instituição, além de apresentar os locais das aldeias em que se utiliza a língua puyanawa. Essa etapa tem como objetivo comprovar como o uso da língua portuguesa é dominante em nossa comunidade. Elaboramos um desenho com o mapa da TI para melhor visualização do espaço geográfico da comunidade e verificação da aproximação com terras não-indígenas.

No mesmo capítulo, apresentamos as colaborações de importantes indígenas para o início do processo de revitalização de nossa língua, dentre os quais destacamos Railda Manaitá (MÃNÛ ÃNÏ) e Mário Cordeiro (MÃPA). Além disso, apresentamos o resultado da gramática Puyanawa elaborada pelo linguista Aldir de Paula, durante sua passagem pela comunidade no ano de 1990.

No Capítulo 3, intitulado “A Escola IXÛBÃY RABUÏ PUYANAWA e o Ensino de Línguas”, apresentamos a localização, espaço físico e a organização dos funcionários da escola; ainda, falamos sobre os avanços da Educação Puyanawa a partir do início do 2000. No mesmo capítulo, apresentamos o Projeto Político Pedagógico (TÃWINAKÃ TÃDAH AKISBI), a fim de compreendermos os objetivos gerais do PPP, pautado de acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas RCNEI, compreendendo às características de uma escola indígena.

Para Thiollent, “[...] a pesquisa-ação pode ser vista como modo de conceber e de organizar uma pesquisa social de finalidade prática e que esteja de acordo com as exigências próprias da ação e da participação dos atores da situação observada” (THIOLLENT, 1986, p. 26). Nesse sentido, a presente pesquisa também contou com um percurso metodológico da pesquisa de campo, refletindo sobre o ensino de língua puyanawa nas séries/ano do Ensino Fundamental I (1º a 5º ano) desenvolvido pelo professor específico de língua puyanawa e demais professores regentes que atuam na disseminação do conteúdo apresentado na matriz curricular do PPP da referida escola, bem como refletiu sobre os materiais pedagógicos utilizados nas aulas.

Nesse íterim, realizamos uma análise do PPP da escola, em especial, na matriz curricular, considerando a área de linguagens e os componentes curriculares de língua puyanawa nas séries do Ensino Fundamental I, II e médio, além da estrutura organizacional da educação escolar do ensino Puyanawa, com o intuito de analisar as cargas horárias de linguagens, com enfoque mais específico na carga horária de língua puyanawa. Também analisamos o fluxograma do PPP para compreender como se dá o ensino escolar Puyanawa.

Posteriormente, apresentamos o ensino de língua puyanawa e as políticas linguísticas utilizadas de 1º a 5º ano. Para isso, apresentamos imagens das matrizes curriculares das turmas para analisarmos o que é esperado de cada turma. Logo em seguida, apresentamos os espaços de uso da língua puyanawa, bem como os materiais utilizados no ensino. Ainda apresentamos importantes percussores da cultura Puyanawa que atuaram como professores, disseminando os conhecimentos que se referem à nossa língua de tradição.

O Capítulo 4 diz respeito à Fundamentação Teórica, momento em que apresentamos autores que versam sobre a Terminologia, dentre os quais destacamos: Barros (2004,2007), Krieger (2007). Evidenciamos a discussão de Costa (2012) sobre a importância de elaboração de materiais didáticos para o ensino de língua indígena por pessoas indígenas.

Quanto à etapa da elaboração do dicionário, inicialmente refletimos sobre a elaboração desta pesquisa, considerando o tempo que levaríamos para realização desse estudo, bem como

para o desenvolvimento das investigações referentes à temática. Ainda refletimos sobre o tipo de material que propomos e as vantagens deste estudo para o fortalecimento linguístico e cultural do povo Puyanawa, além de estudos terminológicos e as diferentes áreas dos conhecimentos, dentre elas, a linguagem e as ciências. A escolha pelo dicionário terminológico se deu pelo *status* da língua puyanawa – atualmente, em processo de revitalização.

Assim, o meu primeiro trabalho foi registrar atentamente todas as palavras que nomeiam os animais. Esse levantamento se deu a partir de conversas com familiares, amigos e parentes de modo geral que residem nas duas aldeias, dentre eles pescadores,³² caçadores e os sábios da comunidade. Em seguida, conversamos com dois professores de língua puyanawa, a saber: Eduardo (KUNIWAYAY) e Samuel (RAKEKĀY). Os professores nos informaram o equivalente dos nomes dos animais em língua puyanawa. Como nossa língua está em processo de revitalização, em alguns momentos fomos os primeiros a registrar alguns termos em puyanawa, visto que não havia, para alguns animais, até nossa pesquisa, nenhuma palavra equivalente na língua puyanawa. Após registrar os termos em língua portuguesa e puyanawa, iniciei o trabalho de elaboração do dicionário. A primeira etapa foi organizar o campo conceitual e os termos relacionados ao tipo de animal, como podemos exemplificar a seguir:

1 animal

1.1 invertebrado

1.2 vertebrado

1.2.1 anfíbio

1.2.2 ave

1.2.3 mamífero

1.2.4 peixe

1.2.5 réptil

É importante destacar que o dicionário foi organizado com apenas dois campos conceituais, a saber: (1) invertebrado, em que apresentamos uma lista de animais classificados como invertebrados, e (2) vertebrado, momento em que listamos os diferentes tipos de animais vertebrados – anfíbio, ave, mamífero, peixe, réptil. Mesmo representando um grupo da mesma espécie, os nomes estão registrados em letra minúscula e singular, seguindo as normas quanto ao registro dos termos em dicionários. No entanto, destacamos que os critérios de classificação

³² Nessa etapa, pesquisei com sábios das águas Puyanawa que conhecem todos os peixes, além de sábios da fauna Puyanawa que têm um relevante conhecimento dos nossos animais.

dos animais seguem o modelo convencional não indígena. Os termos foram organizados em ordem alfabética, considerando o alfabeto da língua puyanawa, conforme apresentamos abaixo:

A-Ã-B-D-E-Ê-H-I-Ĩ-K-M-N-P-R-S-T-TS-TX-U-Û-V-W-X-Y

A seguir, apresentamos, na Figura 43, uma amostra da organização dos termos no sistema nocional.

Figura 43: Imagem da organização dos termos no sistema nocional.

| | |
|---------|------------------------------------|
| 1 | animal |
| 1.1 | invertebrado |
| 1.1.1 | AWATXUHU (borboleta) |
| 1.1.2 | DAWAHAYREBEYA (piolho de cobra) |
| 1.1.3 | ÊIDIKÛĨ (formiga) |
| 1.1.3.1 | BAWIS (formiga taioca) |
| 1.1.3.2 | ÊIDIHAPU (formiga <u>tachi</u>) |
| 1.1.3.3 | ÊIDIKARIKARI (formiga ligeira) |
| 1.1.3.4 | ÊIDIPIISI (formiga <u>tapiba</u>) |
| 1.1.3.5 | ÊIDIPUY (formiga de bosta) |
| 1.1.3.6 | ÊIDITÏTÏ (formiga <u>saraça</u>) |
| 1.1.3.7 | ÊIDITSAPI (formiga de roça) |
| 1.1.3.8 | ÊIDITXIHI (formiga preta) |

Fonte: dados da presente pesquisa.

Após organizar o sistema nocional, iniciei a parte de estruturação do dicionário, que em sua macroestrutura apresenta o sistema nocional e os verbetes organizados em ordem alfabética. A microestrutura possui a seguinte estrutura: código, termo, equivalente, definição, contextos de uso em língua puyanawa e em língua portuguesa.

O código corresponde a uma sequência numérica que indica a localização do termo no sistema nocional e sua relação de subordinação. O termo está escrito em língua puyanawa, em negrito e em caixa alta, assim como toda a estrutura dos verbetes, justamente porque o dicionário será direcionado para crianças de 1º a 5º ano do Ensino Fundamental I. Enquanto professores, consideramos essa forma de registro mais adequada para o ensino da língua para as crianças. Abaixo do termo em puyanawa, registramos o equivalente em língua portuguesa e a classificação gramatical entre parênteses. Julgamos importante o registro das duas línguas, uma vez que a língua portuguesa é a língua dominante em nossa comunidade; além disso, esse material poderá ser usado como material didático para o ensino da língua. A definição inicia

com um termo destacado entre os sinais < >. Esse termo em destaque é o termo superordenado, ou seja, em uma relação hierárquica no sistema nocional, ele é superior ao termo que está sendo apresentado. Ainda consideramos importante apresentar uma figura representando o termo de forma lúdica e representativa, pois a maioria das crianças não conhece alguns animais e, dessa forma, terão a oportunidade de conhecê-los, ainda que seja por meio de desenhos. Vejam o exemplo a seguir na Figura 44.

Figura 44: Mostra da microestrutura do dicionário.



Fonte: dados da presente pesquisa.

Pela figura, podemos compreender que o termo KAPU é um tipo de PUYAKÛÏ; ou seja, no sistema nocional, <KAPU> está subordinado a <PUYAKÛÏ>. No contexto de uso, apresentamos uma primeira frase em língua puyanawa, seguida da apresentação do equivalente em língua portuguesa; em ambos os casos usamos os sinais < > para destacar o termo

apresentado. O nosso dicionário está no apêndice desta dissertação. A seguir, apresentamos os resultados e análise dos dados.

6 RESULTADO E ANÁLISE DOS DADOS

Como mencionado anteriormente, o povo Puyanawa, por muito tempo, teve sua cultura substituída pela cultura não indígena por meio de diferentes ações, dentre elas, o ensino da língua portuguesa e a proibição da língua puyanawa. Assim, o objetivo geral de nosso estudo é analisar o ensino da língua Puyanawa na Escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa, propondo o uso de dicionário terminológico como material didático para o ensino de língua. Quanto aos objetivos específicos, temos as seguintes proposições: (1) Realizar um resgate histórico do povo indígena Puyanawa, a fim de colaborar com o processo de registro dessa nação indígena; (2) analisar o ensino da língua indígena na escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa, refletindo sobre os instrumentos metodológicos utilizados para o ensino da língua puyanawa; (3) propor a elaboração de materiais didáticos produzidos por professores indígenas para o ensino de línguas em escolas indígenas.

Frente ao nosso objetivo geral e considerando a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa, nos propomos a refletir sobre o ensino de línguas na escola IXÛBÃY RABUĨ PUYANAWA. Assim, fizemos a seguinte constatação, resumida no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Carga horária semanal das disciplinas de linguagens.

| Áreas de conhecimento | Componentes curriculares | Ens. Fund. I | Ens. Fund. II | Ensino Médio |
|-----------------------|------------------------------|--------------|---------------|--------------|
| Linguagens | Língua Portuguesa | 3 | 4 | 3 |
| | Língua Puyanawa | 2 | 2 | 2 |
| | Artes | 1 | 1 | 1 |
| | Educação Física | 1 | 2 | 2 |
| | Língua Estrangeira/ Espanhol | | 2 | 1 |
| | Língua Estrangeira/Inglês | | | 1 |

Fonte: Projeto Político Pedagógico da Escola IXÛBÃY RABUĨ PUYANAWA, 2020.

De acordo com o Quadro 1, podemos perceber que a carga horária da disciplina língua puyanawa está prevista em todos os níveis de ensino e apresenta uma carga horária constante, ou seja, independentemente do nível, os alunos têm acesso a duas horas semanais da disciplina.

No que diz respeito à carga horária de língua puyanawa de 1º a 5º ano, podemos constatar que é menor quando comparamos com a carga horária destinada para o ensino da língua portuguesa. De acordo com PPP Puyanawa, constatamos que as turmas de 1º a 5º ano têm duas aulas semanais, totalizando duas horas. Quando consideramos o processo atual que a

comunidade propõe de revitalização da língua, vemos que a escola é considerada a principal instituição promotora da língua puyanawa; apesar disso, a carga horária destinada para a disciplina de língua puyanawa é menor quando comparada à de língua portuguesa. Contudo, não podemos afirmar que isso é prejudicial para o ensino de nossa língua, visto que toda a equipe escolar se dedica a desenvolver situações que promovam o uso de nossa língua puyanawa – sem esperar que isso ocorra somente nos horários específicos da disciplina.

No que diz respeito ao componente curricular de língua puyanawa para a turma do 1º ano apresentado no Figura 38, identificamos que, na temática “Cidadania”, são desenvolvidos os seguintes conteúdos: alfabeto e nome próprio. Nessa temática, espera-se que os alunos comecem a identificar os sons do alfabeto puyanawa e assim estabelecer relações com o nome próprio, sabendo diferenciar o alfabeto puyanawa do alfabeto português, além da capacidade de pronunciar corretamente o próprio nome em Puyanawa. Na temática “Terra”, a proposta de conteúdo do PPP, prevê, como conteúdo, as cores. Espera-se que os alunos sejam capazes de associar as cores aos seus respectivos nomes, pronunciando de forma correta e sendo capaz de identificar as cores no meio ambiente. Na temática “Biodiversidade”, observamos que o conteúdo apresentado está voltado para os nomes de animais mamíferos, onde espera-se que os alunos sejam capazes tanto identificar e associar os nomes a imagens, desenvolvendo a oralidade. No que tange a temática “Cultura”, a proposta de conteúdo está voltada para os objetos de cipó. Nessa temática, espera-se que o aluno identifique os objetos de cipó e aprenda os nomes.

No que se refere a turma do 2º ano, apresentada na Figura 39, podemos constatar que na temática “Cidadania”, o aluno tem acesso ao mesmo conteúdo previsto no 1º ano; porém, eles ampliam os significados de seus nomes e de seus pais. Nessa temática, espera-se que o aluno saiba diferenciar o alfabeto puyanawa do português e consiga pronunciar seu nome e de seus pais, além de conhecer seus significados. Na proposta da temática, percebemos que o conteúdo também se amplia: além de dar continuidade com o conteúdo cores, os alunos trabalham os números, sendo capazes de associar as cores aos seus respectivos nomes, além de conhecer e pronunciar os números até 10. Na temática “Biodiversidade”, os conteúdos também recebem uma ampliação; os alunos, além de conhecerem os animais mamíferos, conhecerão as aves e os insetos, espera-se que os alunos identifiquem os animais e associem aos seus respectivos nomes. No que diz respeito a temática “Cultura”, observamos que os conteúdos são ampliados. Continuam recebendo o conteúdo sobre os objetos de cipó, previsto no ano anterior, além de conhecer os objetos feitos de argila e madeira. Nessa temática, as habilidades estão voltadas

para que o aluno seja capaz de reconhecer os objetos citados, além dos seus nomes em língua puyanawa.

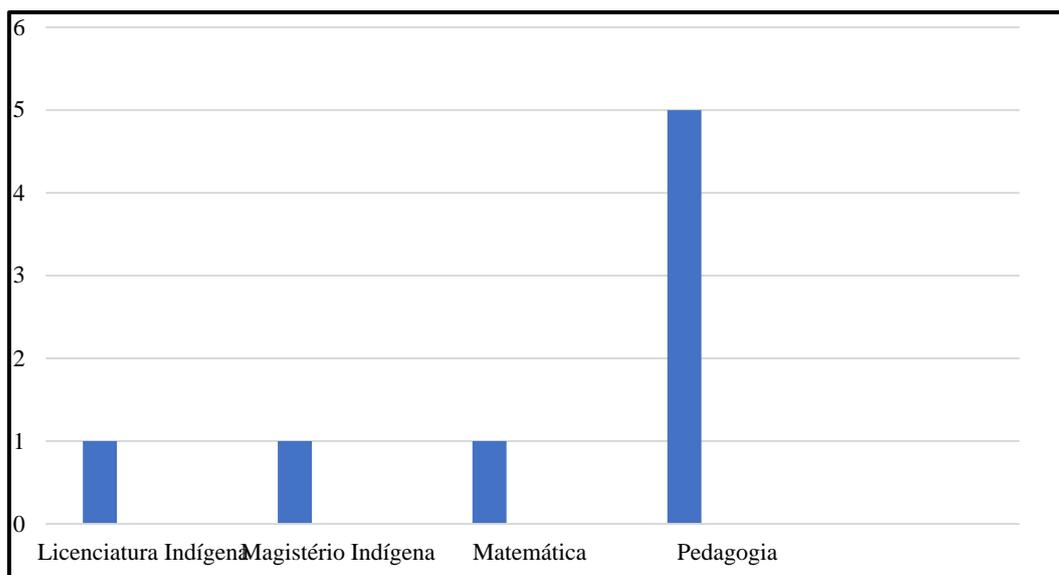
No que diz respeito ao conteúdo do 3º ano, apresentado na Figura 40, podemos perceber que os conteúdos das turmas anteriores estão inseridos nas quatro temáticas da turma, porém, é acrescentado mais um conteúdo; assim, na temática “Cidadania”, acrescentaram-se os nomes dos irmãos e avós. Nessa temática, espera-se que os alunos desenvolvam as habilidades das turmas anteriores, além de serem capazes de conhecer os nomes dos irmãos e avós. Na temática “Terra” não é diferente: a turma continua recebendo o mesmo conteúdo, além de conhecer os meses do ano, desenvolvendo as mesmas habilidades das turmas anteriores com acréscimo de conteúdo. Na temática “Biodiversidade”, é o mesmo caso dos conteúdos das turmas anteriores; porém, os alunos terão acesso ao conteúdo dos nomes de réptil, anfíbios e peixes. Nessa temática, espera-se que o aluno desenvolva a leitura e escrita das classes dos animais. Na temática “Cultura”, observa-se que o conteúdo é o mesmo das turmas anteriores, além do acréscimo de pautas voltadas para os objetos feitos de penas, sementes, fibras e frutos, sendo capaz de reconhecer os objetos e associando cada nome em língua puyanawa.

No que propõe a matriz curricular do 4º ano, apresentada na Figura 41, observa-se que os conteúdos que estiveram repetidos nas turmas de 1º, 2º e 3º ano não aparecem no 4º ano. Podemos constatar que até o 3º ano são turmas de alfabetização, sendo necessária a persistência dos conteúdos. Afinal, as turmas de 1º e 2º ano não são alfabetizadas na escrita, e somente às turmas de 3º ano iniciam esse processo; dessa forma, é necessário rever até o 3º ano o conteúdo anterior para maior fixação. No que diz respeito a temática “Cidadania”, podemos observar que os conteúdos estão voltados para o corpo humano e material escolar. Nessa temática, espera-se que os alunos pronunciem corretamente as palavras referentes ao conteúdo, porém percebe-se uma ampliação na escrita, para que o aluno seja capaz de elaborar frases com as palavras aprendidas nos anos anteriores, além de socializar com a turma. No que tange à temática “Terra”, os conteúdos estão voltados para os astros e utensílios. Nessa temática, espera-se que os alunos pronunciem palavras e produzam frases referentes à temática por meio de diferentes atividades, associando a leitura, escrita e desenhos. Na temática “Biodiversidade”, os conteúdos apresentados são: árvores frutíferas, madeiras de lei e palheiras. Nessa temática, espera-se que, além de ler e escrever palavras e frases, o aluno compreenda que ele é responsável pela preservação ambiental. No que diz respeito à temática “Cultura”, os conteúdos estão voltados para artesanatos e enfeites. De acordo com a matriz, espera-se que os alunos sejam capazes de compreender o uso e o significado dos artesanatos e enfeites, além de pronunciar e escrever seus respectivos nomes, produzir frases e elaborar cartazes com gravuras e escrita.

Contudo, na turma de 5º ano, apresentada na Figura 42, percebe-se que os conteúdos são mais robustos, ou seja, necessitam de conhecimento mais elevado. Na temática “Cidadania”, temos os seguintes conteúdos: nomes dos ancestrais e famílias. Nessa temática, espera-se que os alunos, além de pronunciarem corretamente os nomes, sejam capazes de produzir árvores genealógicas, produzam frases e pequenos parágrafos. Na temática “Terra”, observamos que os conteúdos estão voltados para nomes das aldeias, nomes e finalidades dos espaços coletivos. Nessa temática, espera-se que o aluno tenha conhecimento maior sobre as aldeias e seus espaços coletivos, compreendendo como as aldeias estão organizadas e desenvolvendo textos sobre essa temática. Na temática “Biodiversidade”, os conteúdos estão voltados para frutas, plantas medicinais, roçados e estações do ano. Nessa temática, espera-se que os alunos leiam e escrevam em puyanawa sobre o conteúdo, desenvolvendo a produção de frases e pequenos textos. No que diz respeito a temática “Cultura”, os conteúdos apresentados estão voltados para pinturas e culinária. Nessa temática, objetiva-se que os alunos desenvolvam a leitura e escrita em puyanawa, além de compreender a importância da manutenção da cultura do nosso povo.

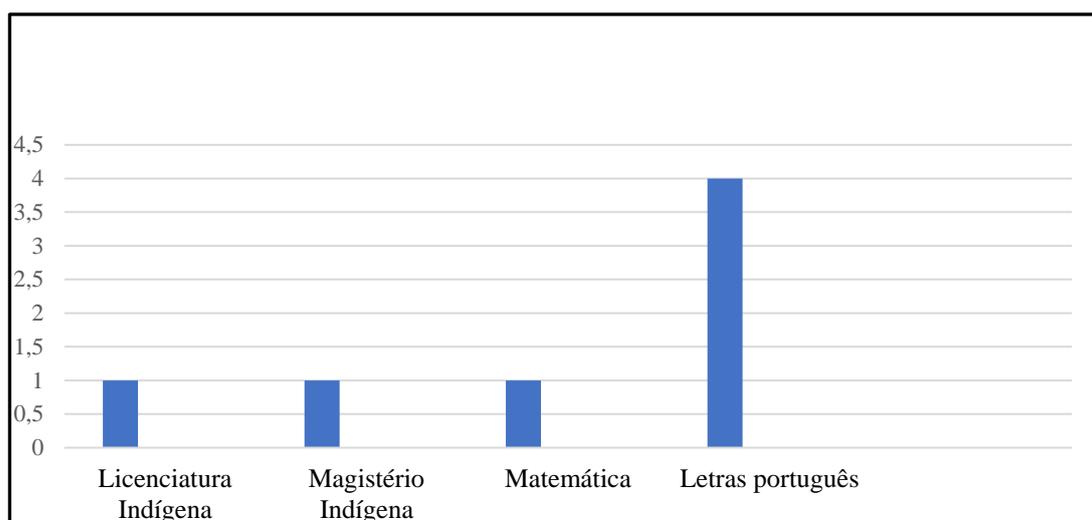
É importante destacar que, em todos os componentes curriculares, os professores são orientados a desenvolver conversações em puyanawa como forma que estender o contato dos alunos com a língua de tradição, incentivando o seu uso e, assim, demonstrar que não é vergonhoso usar a língua do nosso povo, identificando-a como uma língua assim como outras. Além disso, é importante destacar que a maioria do contato com diferentes documentos, livros, informações, seja na escrita ou na forma de leitura, são apresentados em língua portuguesa, visto que a maioria dos professores ainda não tem domínio suficiente para desenvolver uma carga horária mais elevada em língua puyanawa. Caso haja esse maior domínio pelos docentes, a situação da carga horária da língua puyanawa na Escola Ixübây Rabuñ Puyanawa poderá ser repensada futuramente, havendo ampliação da carga horária da disciplina.

No que diz respeito à formação acadêmica dos professores Puyanawa, apresentamos no Gráfico 1 a titulação dos professores que atuam no 1º ao 5º ano.

Gráfico 1. Formação acadêmica dos professores de 1º a 5º ano.

Fonte: Projeto Político Pedagógico (2020).

Pelo descrito, podemos perceber que oito professores atuam de 1º a 5º ano, tendo as seguintes formações: 1 professor com Licenciatura Indígena; 1 professor com Magistério Indígena; 1 professor com Matemática; 5 professores com Pedagogia. O critério de classificação foi o de maior titulação. Quanto à titulação dos professores das séries seguintes, apresentamos no Gráfico 2 a titulação dos professores que atuam no 6º a 9º ano.

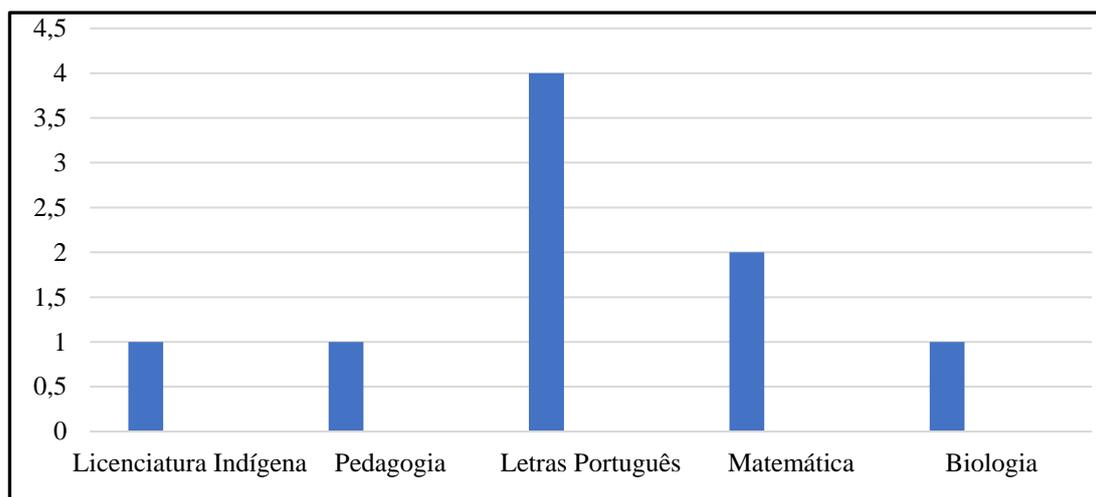
Gráfico 2. Formação acadêmica dos professores de 6º a 9º ano.

Fonte: Projeto Político Pedagógico (2020).

Pelo descrito, podemos identificar que oito professores atuam de 6º a 9º Ano, com as seguintes formações: 1 professor com Licenciatura Indígena; 1 professor com Magistério

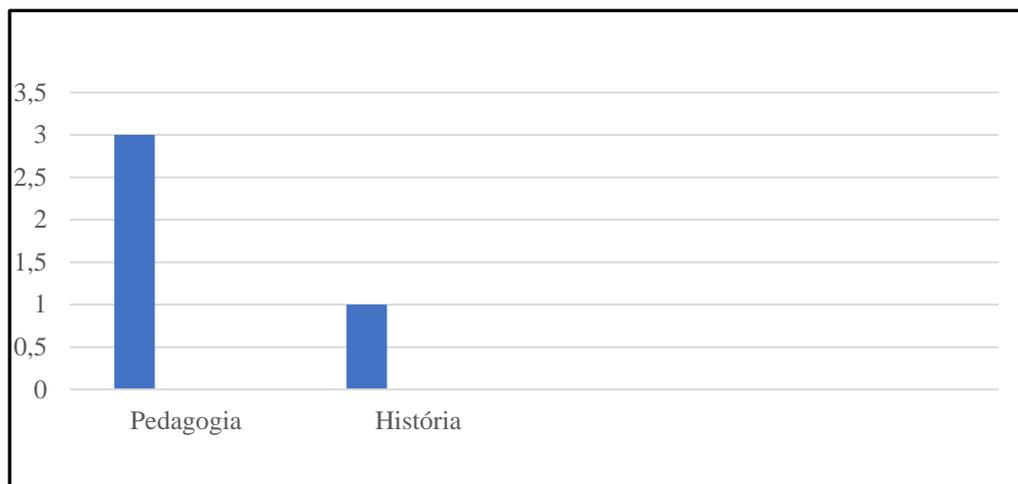
Indígena; 1 professor com Matemática e 4 professores com Letras/Português. O critério de classificação foi o de maior titulação. No gráfico 3, apresentamos a titulação dos professores que atuam no Ensino Médio.

Gráfico 3. Formação acadêmica dos professores do Ensino Médio.



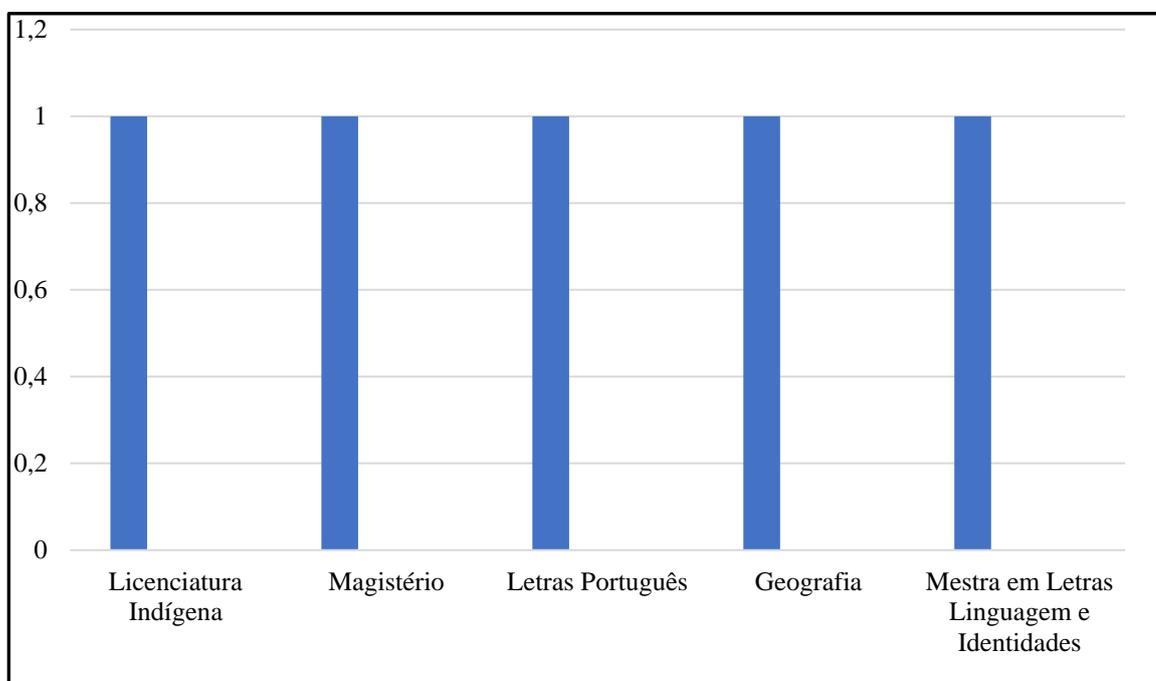
Fonte: Projeto Político Pedagógico (2020).

Pelo descrito, podemos identificar que nove professores atuam no Ensino Médio, com as seguintes formações: 1 professor com Licenciatura Indígena; 2 professores com Matemática; 1 professor com Pedagogia; 4 professores com Letras Português; 1 professor de Biologia. O critério de classificação da formação utilizado nessa classificação foi o de maior titulação. No Gráfico 4, apresentamos a titulação dos professores que atuam na EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Gráfico 4. Formação acadêmica dos professores da Educação de Jovens e Adultos.

Fonte: Projeto Político Pedagógico (2020).

Pelo descrito, podemos identificar que quatro professores atuam na EJA, com as seguintes formações: 3 professores com Pedagogia e 1 professor com história. O critério de classificação da formação foi o de maior titulação. No Gráfico 5, apresentamos a titulação dos funcionários da equipe gestora.

Gráfico 5. Equipe Gestora da Escola Ixübây Rabuñ Puyanawa.

Fonte: Projeto Político Pedagógico (2020).

Pelo descrito, podemos identificar que cinco funcionários atuam na equipe gestora, com as seguintes formações: 1 professor com Licenciatura Indígena; 1 professor com Magistério Indígena; 1 professor com Letras Português; 1 professor com Geografia e 1 professor com mestrado em Letras: Linguagem e Identidades. O critério de classificação foi o de maior titulação.

A apresentação dos gráficos busca mostrar o panorama da formação dos professores que atuam na Escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa; assim, podemos afirmar, a partir dos dados apresentados, que uma pequena parcela dos professores da instituição recebeu formação acadêmica, com graduação voltada para a Educação Escolar Indígena. A maioria recebe esse tipo de formação apenas durante os períodos de formação continuada – que não ocorrem com regularidade. Apesar das dificuldades com os processos de formação continuada, não nos intimidamos em realizar um trabalho que consideramos diferenciado dentro da nossa comunidade, que teve início no ano de 2000. Atualmente, em diferentes momentos e espaços da comunidade, desenvolvemos o processo de revitalização da nossa língua e cultura.

Podemos destacar que uma das estratégias utilizadas pelo nosso povo são as aulas de língua puyanawa destinadas aos professores, lideranças, pais, alunos etc. Essas formações internas acontecem no espaço da escola; tal ação faz parte do processo de revitalização da língua puyanawa, o qual tem se intensificado por muitos esforços dos professores, que colaboram com as políticas linguísticas de nosso povo a fim de elaborar materiais didáticos para esse processo. Dentre esses professores, destacamos KUNIWAYAY, professor de língua puyanawa de 8º e 9º ano, e XINÃ, professora de língua puyanawa do ensino médio, além de RAKEKÃY, professor de língua puyanawa de 1º a 5º ano e 6º e 7º ano.

Durante as aulas de língua puyanawa, cada professor faz uma apresentação com leituras de palavras e frases em processo de exercício da língua puyanawa, envolvendo professores, pais e alunos. Após apresentarem os nomes dos objetos e coisas em língua portuguesa, há apresentação do equivalente em língua puyanawa. Esses conhecimentos são adquiridos por meio dessas aulas e também por pesquisas na gramática atual do povo, gravações antigas dos nossos ancestrais, pesquisas com a nossa falante ativa, Railda Manaitá (MÃNÛ ÃNĨ). Além disso, ainda contamos com registros presentes nos cadernos antigos deixados pelo segundo cacique do nosso povo, Mário (MÃPA).

Podemos, ainda, perceber que a escola desenvolve atividades como a produção de cartazes, com gravuras e descrições em língua portuguesa e língua puyanawa, conforme podemos observar na Figura 45, em um cartaz de boas maneiras.

Figura 45: Cartaz de boas maneiras fixado na parede da Escola IXŪBĀY RABUĪ PUYANAWA.



Fonte: acervo pessoal.

Pela imagem, podemos perceber a presença da língua puyanawa e a língua portuguesa. As informações são sobre boas maneiras; os professores fazem a leitura diariamente a fim de intensificar a fixação da língua puyanawa, sem deixar de lado a língua portuguesa – haja vista a sua importância em nossa comunidade enquanto instrumento de comunicação. O colorido do papel artificial objetiva chamar a atenção dos alunos; outro detalhe importante é a escolha de imagens significativas para a nossa cultura, conforme observamos na Figura 46.

Figura 46: Cartaz sobre os meses do ano fixado na parede da Escola IXÛBÃY RABUÍ PUYANAWA.



Fonte: acervo pessoal.

Por meio da figura, podemos perceber que a professora apresentou os meses do ano nas línguas puyanawa e portuguesa e utilizou a imagem de sapos com intuito de evidenciar a origem do nosso povo – gente do sapo. Outro detalhe importante é o registro de KENE nas bordas do cartaz, que remetem à pintura da jiboia, muito utilizada em desenhos no papel e no corpo. Essas informações cotidianas estão em todo o espaço da escola, não só nas salas de aula, mas na biblioteca, em placas nas portas das salas, em banheiros, na sala da gestora, na sala do coordenador administrativo e na sala do secretário e são sempre informações nas duas línguas, com ilustrações sugestivas de nossa cultura Puyanawa.

Quanto ao “Dicionário Terminológico dos Animais Puyanawa”, identificamos 387 termos que foram registrados em negrito e caixa alta, com o intuito de chamar atenção do discente no momento da pesquisa do material. Em seguida, apresentamos o equivalente em língua portuguesa e categoria gramatical, entre parênteses. A definição foi registrada considerando a relação dos animais com a nossa comunidade, em especial, características que julgamos importantes para o aprendizado dos alunos quanto aos animais – conforme verificamos no conteúdo programático de 1º a 3º ano (Figuras 38, 39 e 40). O contexto de uso

é um importante instrumento para mostrar aos alunos o emprego do termo em uma construção frasal (sintaxe), colaborando com o processo de ensino da língua. A escolha de registrar o dicionário em caixa alta se deve ao público-alvo do material didático: alunos em período de alfabetização; assim, optamos por padronizar a escrita em todo o material didático. Apesar de o dicionário ser destinado aos alunos de alfabetização, o uso desse material poderá ser feito pelos demais alunos da comunidade, sem inviabilizar a nossa proposta, tendo em vista que a escrita em caixa alta é a forma mais comum de registrar a nossa língua, independentemente do nível escolar. Além disso, destacamos que as imagens são ilustrativas; logo, em uma situação de ensino, o aluno deverá considerar, em especial, as definições registradas no dicionário, que traz as características descritivas de cada animal.

A seguir, apresentamos a conclusão de nossa pesquisa.

CONCLUSÃO

A presente dissertação objetiva servir como material avaliativo para a obtenção do título de mestra em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – *Campus Cruzeiro do Sul*. Assim, o objetivo geral de nosso estudo é analisar o ensino da língua Puyanawa na Escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa, propondo o uso de dicionário terminológico como material didático para o ensino de língua. Quanto aos objetivos específicos, temos as seguintes proposições: (1) realizar um resgate histórico do povo indígena Puyanawa, a fim de colaborar com o processo de registro dessa nação indígena; (2) analisar o ensino da língua indígena na escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa, refletindo sobre os instrumentos metodológicos utilizados para o ensino da língua puyanawa; e (3) propor a elaboração de materiais didáticos produzidos por professores indígenas para o ensino de línguas em escolas indígenas.

Para a realização desta pesquisa, fizemos o seguinte percurso: No capítulo 1, intitulado “Constituição da Pesquisadora Indígena Puyanawa”, apresentamos alguns acontecimentos que colaboraram para a formação da pesquisadora indígena Puyanawa, destacando sua trajetória enquanto aluna e como professora na escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa, assim como o seu compromisso com o processo de revitalização linguística do povo.

No capítulo 2, “Breve histórico do povo Puyanawa”, tecemos uma apresentação sobre momentos em que o nosso sofreu imposições e massacres na nossa cultura tradicional, que ficou encarcerado pelo colonizador e derramou muito suor para suprir o desejo do coronel da borracha. Cumpre destacar que somente o trabalho escravo não foi suficiente; também era necessário proibir o uso da língua tradicional do nosso povo por meio da escola não indígena. No mesmo capítulo, apresentamos o período que é considerado pelo nosso povo como de direitos, quando conseguimos demarcar nossa terra e conquistar o nosso primeiro material didático que colaborou para incentivar o início do processo de revitalização de nossa língua.

No capítulo 3, “A escola Ixübây Rabuĩ Puyanawa e o ensino de línguas”, apresentamos essa importante instituição para a comunidade. Nesse capítulo, apresentamos o PPP da escola e nos dedicamos a analisar como se dá o ensino da língua puyanawa. A “Fundamentação Teórica” está no capítulo 4, momento em que destacamos o que diz a terminologia sobre dicionários terminológicos e a importância da produção de materiais didáticos produzidos pelos próprios indígenas.

Na “Metodologia da pesquisa”, apresentamos todas as etapas de elaboração desse estudo, apresentando algumas referências, bem como a organização do nosso dicionário. O

sistema nocional foi estruturado em dois campos conceituais, a saber: animais vertebrados e invertebrados. Ao todo, registramos 387 termos. O dicionário foi organizado em ordem alfabética, seguindo o alfabeto puyanawa, com registro em caixa alta, haja vista o público-alvo – crianças em alfabetização.

Quanto ao objeto de nosso estudo, o ensino de língua puyanawa na Escola Ixübây Rabuñ Puyanawa, vale ressaltar que o contato com a língua puyanawa vai além das informações que estão registradas nos diferentes cartazes, faixas, e/ou placas, pois a escola desenvolve momentos de cantorias no início e término das aulas, no auditório da escola, bem como outro espaço cultural, onde há o desenvolvimento de ações das quais participamos ativamente das atividades culturais do povo, incluindo professores e alunos dentro do processo de revitalização linguística e cultural de nosso povo.

Cumpramos destacar que atualmente todos os alunos já receberam seus nomes em puyanawa e foram batizados pelos professores de língua puyanawa. Isso é um grandioso avanço cultural, pois os alunos não se intimidam em falar seus nomes e se sentem à vontade para apresentar assuntos voltados para a epistemologia do nosso povo, diferentemente do que acontecia no passado, quando era vergonhoso falar, cantar e dançar as músicas tradicionais.

Nesse sentido, é nítida a grande importância da Escola Ixübây Rabuñ Puyanawa nos processos de revitalização linguístico-cultural de nosso povo. Identificamos que embora a carga horária da disciplina de língua puyanawa seja inferior à de língua portuguesa, fica evidente o esforço de nosso ensino para elevar nossa língua, quando observamos que o exercício da língua puyanawa ocorre de forma contínua na escola, nas cantorias, cartazes de recepção, boas maneiras, apresentações culturais, designações dos alunos em língua puyanawa ou nas pequenas conversas cotidianas dentro do espaço escolar. Além disso, destacamos os esforços da gestão para que os professores possam desenvolver mais seus conhecimentos na língua puyanawa, por meio das formações internas organizadas pelos gestores da escola e professores de língua.

Acreditamos que, conforme os professores em geral tiverem domínio da nossa língua, poderemos almejar alguma alteração na carga horária, ou, ainda, intensificar o uso da língua puyanawa nas demais disciplinas, com conversações e produções textuais em puyanawa. Também destacamos a condução de nossa liderança nesse processo, o cacique DIVAKE, que colabora intensivamente para o enriquecimento de nossa língua e cultura, estimulando os usos dos espaços das aldeias para o ensino, a que professores e alunos têm acesso e podem tornar o ensino ainda mais dinâmico. Além disso, não podemos nos esquecer dos anciões que iniciaram esse processo; apesar das dificuldades com a escrita, eles se encorajaram em registrar a nossa

língua, confiantes de que as gerações futuras teriam acesso a ela. Por todas essas contribuições e pelo que identificamos ao longo de nossa pesquisa, podemos afirmar que o processo de fortalecimento de nossa língua puyanawa está no caminho certo; precisamos manter o compromisso de nossos ancestrais e a dedicação com as gerações futuras para que a Escola Ixübã y Rabuĩ Puyanawa seja cada vez mais um espaço enriquecedor de nossa língua e cultura.

Concluo essa dissertação consciente de que outros(as) pesquisadores (as) poderão dar continuidade na pesquisa de nossa língua, produzindo outros materiais didáticos a partir desse estudo com objetivo de valorizar os traços culturais e fortalecer a cultura do nosso povo, a fim de dar visibilidade dentro e fora do contexto Puyanawa e que as futuras gerações possam conhecer a nossa história e sejam capazes de continuar escrevendo e reescrevendo a nossa língua puyanawa. Externo minha gratidão ao nosso povo, parte da Amazônia Brasileira, que, mesmo sofrendo as mais terríveis atitudes do colonizador/invasor, não se deixou dominar e guardou em sua alma pequenas e valiosas memórias para que hoje pudéssemos ampliar e ressignificar dentro do processo de revitalização e fortalecimento cultural do nosso povo.

REFERÊNCIAS

BARROS, Lídia Almeida. , 1961- **Conhecimentos de terminologia geral para a prática tradutória** / Lídia Almeida Barros. São José do Rio Preto, SP: Nova Graf, 2007.

BARROS, Lídia Almeida. _____. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: EDUSP, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas** (RCNEI). Brasília: MEC/SEF, 1998.

CONSTANT, Jósimo da Costa. **A vida da minha mãe, da etnia Puyanawa**: um estudo de caso da Casai de Mâncio Lima. Brasília: Universidade de Brasília. 2018.

CORDEIRO-OLIVEIRA, Simone. **Dicionário Terminológico Onomasiológico dos Termos Fundamentais da Mandioca**. São José do Rio Preto: UNESP, 2019.

CORDEIRO-OLIVEIRA, Simone. _____. **Os usos dos termos mandioca e macaxeira no estado do Acre**. ORGANON, v. 35, p. 1-15, 2020.

COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. “Dicionário de língua indígena: uma colaboração para a escrita da língua”. *In*: FARGETTI, Cristina Martins (Org.). **Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas**. Campinas, São Paulo: Curt Ninuendajú, 2012.

DE OLIVEIRA, Mileide Terres. Educação indígena: uma atitude positiva pela preservação da língua Rikbaktsa. **Revista Diadorim**, v. 22, n. 1, p. 114-128, 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODIM, Sérgio Augusto de Albuquerque. “Poyanáwa: sabedoria e resistência”. *In*: **Povos do Acre**: - História Indígena da Amazônia Ocidental. Rio Branco: Ed. Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour (FEM),. Rio Branco, Acre, 2002.

ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia,

KRIEGER, Maria da Graça;. FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2007.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAHER, T. M.; MAHER, T. M. Em Busca de Conforto Linguístico e Metodológico no Acre Indígena. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 47, n.(2), , p. 409-428, ago./dez. 2008.

MÂNCIO LIMA. **Projeto Político Pedagógico da escola Ixūbāy Rabuī Puyanawa.** Mâncio Lima:, Acre, 2020.

PAULA, Aldir Santos de. **Poyanáwa: a língua dos índios da aldeia barão, aspectos fonológicos e morfológicos.** 1992. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras e LinguísticaLinguística). Recife: - Universidade Federal de Pernambuco, 1992.

PEIXOTO, J. S. O contato do português com as línguas indígenas brasileiras: considerações sobre o desenvolvimento de L2. **Jaqueline dos Santos Peixoto, Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 12, p. 37--64, 2020.

PONTES, C. J. F. O Primeiro Ciclo da Borracha no Acre: da Formação dos Seringais ao Grande Colapso. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, [S. l.], v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/100>>. Acesso em: 2 fev. 2023. Terminologia. v. , volume III., Campo Grande, MS: ED.Editora da UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

WALKER, Maristela Rosso. **A Identidade Puyanáwa e a Escola Indígena.** 360 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Teresa Kazuko Teruya. Maringá, 2012.

APÊNDICE

DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO DOS ANIMAIS DO CONTEXTO PUYANAWA – “TAWIVĀRŪ YŪĪDABUKŪĪ”.

Sistema nocional do dicionário

- 1 animal
 - 1.1 invertebrado
 - 1.1.1 AWATXUHU (borboleta)
 - 1.1.2 DAWAHAYREBEYA (piolho de cobra)
 - 1.1.3 ĔIDIKŪĪ (formiga)
 - 1.1.3.1 BAWIS (formiga taioca)
 - 1.1.3.2 ĔIDIHAPU (formiga tachi)
 - 1.1.3.3 ĔIDIKARIKARI (formiga ligeira)
 - 1.1.3.4 ĔIDIPISI (formiga tapiba)
 - 1.1.3.5 ĔIDIPUY (formiga de bosta)
 - 1.1.3.6 ĔIDITĪTĪ (formiga saraça)
 - 1.1.3.7 ĔIDITSAPI (formiga de roça)
 - 1.1.3.8 ĔIDITXIHI (formiga preta)
 - 1.1.3.9 ĔIDITĔBA (formiga de fogo)
 - 1.1.3.10 ĔIDIVATA (formiga de açúcar)
 - 1.1.3.11 ĔY (formiga joaninha)
 - 1.1.3.12 ĔYDIWĀ (formigão)
 - 1.1.3.13 ĪSI (formiga tracuá)
 - 1.1.3.14 KŪTSIS (formiga trinca)
 - 1.1.3.15 PITXŪDIKŪĪ (tucandeira)
 - 1.1.3.16 TĪTĪKŪĪ (formiga quinze dias)
 - 1.1.4 ĔYTSITSA (joaninha)
 - 1.1.5 HĔDAKŪĪ (lagarta)
 - 1.1.5.1 TĀTES (lagarta de fogo)
 - 1.1.5.2 XIXUI (lagarta de coqueiro)
 - 1.1.5.3 XIXUSĀ (lagarta de patoá)
 - 1.1.6 NĀHBĔKŪĪ (mosca)
 - 1.1.6.1 HARA (mosca comum)
 - 1.1.6.2 NĀHPEWĀ (mosca grande)
 - 1.1.6.3 NĀPE (mosca varejeira)
 - 1.1.7 NĀSUKŪĪ (abelha)
 - 1.1.7.2 NĀSUKUHBA (abelha jandaíra)
 - 1.1.7.3 NĀSUSAYSIKI (abelha arapuá)
 - 1.1.7.4 NĀSUTEKA (abelha italiana)

- 1.1.7.5 NĀSUWE (abelha uruçú)
 - 1.1.7.5.1 NĀSUBUY (abelha uruçú boi)
 - 1.1.7.5.2 NĀSUTSITSA (abelha uruçú rajada)
 - 1.1.7.5.3 NĀSUTXIHI (abelha uruçú preta)
- 1.1.8 NĀYREKUVIKŪĨ (carneirinho)
 - 1.1.8.1 NĀYREKUVI (carneirinho amarelo)
 - 1.1.8.2 NĀYREKUVIHENĀ (carneirinho de ingazeira)
 - 1.1.8.3 NĀYREKUVIHU (carneirinho branco)
- 1.1.9 PĀNŪKŪĨ (barata)
 - 1.1.9.1 PĀNŪBISTI (barata peruana)
 - 1.1.9.2 PĀNŪWAKA (barata d'água)
- 1.1.10 PETUHKU (carrapato)
- 1.1.11 PISKAKŪĨ (caba)
 - 1.1.11.1 DAWADISWI (caba vermelha)
 - 1.1.11.2 KŪISBI (caba cabelo de negro)
 - 1.1.11.3 MĀXUVI (caba maribondo)
 - 1.1.11.4 PISKABAHI (caba de oco)
 - 1.1.11.5 PISKABUSE (caba cega)
 - 1.1.11.6 PISKAKĀBA (caba de roçado)
 - 1.1.11.7 PISKĀWIXI (caba tatu)
 - 1.1.11.8 PISKAYŪHĀ (caba peito-de-moça)
 - 1.1.11.9 TSĀKAPISKA (caba pequena)
 - 1.1.11.10 WIKĀPIS (caba tapium)
- 1.1.12 PŪNŪKŪĨ (besouro)
 - 1.1.12.1 PŪNŪ (besouro de buriti)
 - 1.1.12.2 PŪNŪMĀHŪ (besouro de chifre)
 - 1.1.12.3 PŪNŪPUĨYA (besouro rola bosta)
- 1.1.13 RĀKU (embuá)
- 1.1.14 SAPAWE (gafanhoto)
- 1.1.15 SĀBUKŪĨ (mangangá)
- 1.1.16 SEATAKŪĨ (minhoca)
 - 1.1.16.1 NŪĨWĀ (minhocão)
 - 1.1.16.2 SEATA (minhoca comum)
- 1.1.17 TXAHKUHĒ (mariposa)
- 1.1.18 TXAPEKŪĨ (mutuca)
 - 1.1.18.1 TETEKE (mutuca cabo verde)
 - 1.1.18.2 TXAPEPĀXĨ (mutuca amarela)
 - 1.1.18.3 TXAPETXI (mutuca preta)
- 1.1.19 TXAPIKŪĨ (escorpião)
 - 1.1.19.1 TXAPIHU (escorpião branco)
 - 1.1.19.1 TXAPIPĀXĨ (escorpião amarelo)
 - 1.1.19.2 TXAPITXIHI (escorpião preto)
- 1.1.20 UTSUPUYUKŪĨ (caracol)
- 1.1.21 WIKŪĨ (carapanã)

- 1.1.21.1 WIRU (carapanã guariba)
- 1.1.21.2 WIXIWI (carapanã estaca)
- 1.1.22 XĀDAKŪĨ (aranha)
 - 1.1.22.1 XĀDA (aranha caranguejeira)
- 1.1.23 XIŪBI (meruim)
- 1.1.24 XĪTI (grilo)

- 1.2 vertebrados
 - 1.2.1 anfíbio
 - 1.2.1.1 PĀTXUĀ (rã)
 - 1.2.1.2 PUYAKŪĨ (sapo)
 - 1.2.1.2.1 KĀPU (sapo verde)
 - 1.2.1.2.2 TUA (sapo canoeiro)
 - 1.2.1.3 TXĀKI (perereca)
 - 1.2.1.4 TXURĀ (gia)
 - 1.2.2 aves
 - 1.2.2.1 AKAKŪĨ (socó)
 - 1.2.2.1.1 AKA (socó mochila)
 - 1.2.2.1.2 AKASAKARA (socó boi)
 - 1.2.2.1.3 AKATUPAH (socó azul)
 - 1.2.2.1.4 TSŪDUAKA (socó branco)
 - 1.2.2.2 ATSĪWA (manguarí)
 - 1.2.2.3 ĀSĪ (mutum)
 - 1.2.2.4 BATAHIKA (alma de gato)
 - 1.2.2.5 BAWATĀDA (japiim)
 - 1.2.2.6 BAYRESTE (bem-te-vi)
 - 1.2.2.7 BAYWAWA (uru)
 - 1.2.2.8 BERETE (pica-pau)
 - 1.2.2.9 DAWAKĀDA (mãe da lua)
 - 1.2.2.10 DIHI (cigana)
 - 1.2.2.11 HĀBESKŪĨ (coruja)
 - 1.2.2.11.1 HĀBESWĀ (corujão)
 - 1.2.2.12 HĀTEYSA (peitica)
 - 1.2.2.13 HUKU (tucano)
 - 1.2.2.14 HUNĪKAKŪĨ (inambu)
 - 1.2.2.14.1 HŪYKA (inambu pintada)
 - 1.2.2.14.2 ISUTURU (inambu relógio)
 - 1.2.2.14.3 KŪBA (inambu galinha)
 - 1.2.2.14.4 KUMĀWĀ (inambu azul)
 - 1.2.2.14.5 SĒYKA (inambu preta)
 - 1.2.2.14.6 WAPAHUWE (inambu macucal)
 - 1.2.2.14.7 XURI (inambu sururinda)
 - 1.2.2.15 ISAKE (curió)
 - 1.2.2.16 ISATŪKŪĨ (sanhaçu)

- 1.2.2.16.1 ISATAKI (sanhaçu roxo)
- 1.2.2.16.2 ISATÛ (sanhaçu azul)
- 1.2.2.17 ISAWI (patativa)
- 1.2.2.18 ISKÛKÛÏ (japó)
 - 1.2.2.18.1 ISKÛ (japó galinha)
 - 1.2.2.18.2 ISKÛTXIHI (japó preto)
 - 1.2.2.18.3 TXÃDA (japó do cento)
- 1.2.2.19 ISMÏKÛÏ (urubu)
 - 1.2.2.19.1 ISMÏ (urubu reis)
 - 1.2.2.19.2 XIARI (urubu preto)
- 1.2.2.20 IXKÛÏ (bico-de-brasa)
- 1.2.2.21 ÏBIBUY (sangue-de-boi)
- 1.2.2.22 KATASA (rouxinol)
- 1.2.2.23 KÃDAKÛÏ (arara)
 - 1.2.2.23.1 KÃDA (arara canindé)
 - 1.2.2.23.2 KÃDAKÃY (arara vermelha)
 - 1.2.2.23.3 KÃDATÛPAH (arara azul)
- 1.2.2.24 KEBU (jacú)
- 1.2.2.25 KETSIANÃ (curupiã)
- 1.2.2.26 KUAHIKA (sabiá)
- 1.2.2.27 KUHU (cujubim)
- 1.2.2.28 KÛÏKÛÏ (anum)
 - 1.2.2.28.1 KÛÏ (anum comum)
 - 1.2.2.28.2 KÛÏTÛPAH (anum azulão)
- 1.2.2.29 KÛKU (bacurau)
- 1.2.2.30 NÛNÛ (pato de casa)
- 1.2.2.31 NÛNÛKÛÏ (pato selvagem)
 - 1.2.2.31.1 NÛNÛ TXIHI (pato selvagem preto)
 - 1.2.2.31.2 NÛNÛHU (pato selvagem asa branca)
- 1.2.2.32 PÏDU (beija-flor)
- 1.2.2.33 PIRISATXIKÛÏ (pipira)
 - 1.2.2.33.1 PIRISATXIHE (pipira preta)
 - 1.2.2.33.2 PIRISATXIHU (pipira branca)
 - 1.2.2.33.3 PIRISATXITA (pipira vermelha)
- 1.2.2.34 PISA (araçari)
- 1.2.2.35 PITSUKÛÏ (periquito)
 - 1.2.2.35.1 PITSU (periquito comum)
 - 1.2.2.35.2 PITSUKU (periquito papacú)
 - 1.2.2.35.3 PITSUTA (periquito cabeça vermelha)
- 1.2.2.36 PUPU (Caboré)
- 1.2.2.37 REWIKÛÏ (juriti)
 - 1.2.2.37.1 REWIKATAKI (juriti roxa)
 - 1.2.2.37.2 REWITA (juriti vermelha)
- 1.2.2.38 TÃKARAVÃDE (galo)

- 1.2.2.39 TĀKARAKIA (franga)
 - 1.2.2.40 TĀKARAKŪĨ (galinha)
 - 1.2.2.40.1 TĀKARADIA (galinha indiana)
 - 1.2.2.40.2 TĀKARATSITSA (galinha pedrês)
 - 1.2.2.40.3 TĀKARATUREW (galinha poedeira)
 - 1.2.2.41 TĀKARARAKI (frango)
 - 1.2.2.42 TĀKARAVAKE (pinto)
 - 1.2.2.43 TAKU (saracura)
 - 1.2.2.44 TEPUTE (uirapuru)
 - 1.2.2.45 TETEPĀWĀKŪĨ (gavião)
 - 1.2.2.45.1 TETEPAWĀ (gavião real)
 - 1.2.2.45.2 TXIKI (gavião pequeno)
 - 1.2.2.46 TĒKU (jacamim)
 - 1.2.2.47 TURA (coroca)
 - 1.2.2.48 TUXI (curica)
 - 1.2.2.48.1 TUXIPĀXĨ (curica amarela)
 - 1.2.2.48.2 TUXIWĀ (curica azul)
 - 1.2.2.49 TUXIPĀ (jandaia)
 - 1.2.2.50 TXĀRĀKŪĨ (jaburu)
 - 1.2.2.50.1 TXĀRĀ (jaburu moleque)
 - 1.2.2.50.2 TXĀRĀTXI (jaburu asa preta)
 - 1.2.2.51 ŪDUTSARA (ariramba)
 - 1.2.2.52 ŪTXĨ (pombo)
 - 1.2.2.53 WAKAMĀNĀTĪBA (carará)
 - 1.2.2.54 WARITAW (dorminhoco)
 - 1.2.2.55 WAWAKŪĨ (papagaio)
 - 1.2.2.55.1 WAWATSA (papagaio estrela)
 - 1.2.2.55.2 WAWAXIA (papagaio urubu)
 - 1.2.2.56 WISTUKŪĨ (garça)
 - 1.2.2.56.1 WISTU (garça comum)
 - 1.2.2.56.2 WISTUTĒ (garça coleleira)
 - 1.2.2.57 YŪDAPATSI (pavão)
 - 1.2.2.58 YŪDATĒTŪWĀ (arapapá)
 - 1.2.2.59 YŪDAVUMĀ (carão)
- 1.2.3 mamíferos
- 1.2.3.1 AMĀ (capivara)
 - 1.2.3.2 AWAKŪĨ (anta)
 - 1.2.3.2.1 AWATXI (anta preta)
 - 1.2.3.2.2 AWAWĀ (anta rozia)
 - 1.2.3.3 ĀTSĪMĀTSĪ (buri-buri)
 - 1.2.3.4 BAHUHKŪĨ (mucura)
 - 1.2.3.4.1 BAHU (mucura comum)
 - 1.2.3.4.2 TITIHIKA (mucura chichica)
 - 1.2.3.4.3 WAKABAHU (mucura d'agua)

- 1.2.3.5 BAKAKŪĨ (rato)
 - 1.2.3.5.1 BAKA (rato catita)
 - 1.2.3.5.2 BAKATA (rato coró)
 - 1.2.3.5.3 PUKURU (rato roxo)
- 1.2.3.6 BARI (cutia)
- 1.2.3.7 BUHRI (cavalo)
- 1.2.3.7 BUHRIA (égua)
- 1.2.3.8 BUY (boi)
- 1.2.3.9 BUYWA (vaca)
- 1.2.3.10 HAYKŪĨ (tamanduá)
 - 1.2.3.10.1 ĀSĨMĀSĨ (tamanduá)
 - 1.2.3.10.2 HAY (tamanduá bandeira)
- 1.2.3.11 HĒMĀ (gaitiara)
- 1.2.3.12 ISUKŪĨ (macaco)
 - 1.2.3.12.1 ĀBE (macaco cairara)
 - 1.2.3.12.2 BAXTA (macaco barrigudo)
 - 1.2.3.12.3 HEMĀĨXĨ (macaco da noite)
 - 1.2.3.12.4 ISU (macaco preto)
 - 1.2.3.12.5 RUKA (macaco paruacú)
 - 1.2.3.12.6 PĀKATSUKĀ (macaco zogue-zogue)
 - 1.2.3.12.7 RU (macaco guariba)
 - 1.2.3.12.8 SĀTE (macaco acarí)
 - 1.2.3.12.9 WĀSA (macaco de cheiro)
 - 1.2.3.12.10 XIPIKŪĨ (macaco soinho)
 - 1.2.3.12.10.1 XĪPĀ (macaco soinho de taboca)
 - 1.2.3.12.11 XĪDU (macaco prego)
- 1.2.3.13 ĪNŪKŪĨ (onça)
 - 1.2.3.13.1 ISUĪNŪ (onça preta)
 - 1.2.3.13.2 ĪNŪ (onça pintada malha pequena)
 - 1.2.3.13.3 PAXĪDU (onça vermelha)
 - 1.2.3.13.4 PUYĀMĀWĀ (onça da malha grande)
- 1.2.3.14 ĪSA (quadú)
- 1.2.3.15 KAPAWIXKŪĨ (quatipuru)
 - 1.2.3.15.1 KAPA (quatipuru vermelho)
 - 1.2.3.15.2 KAPATXI (quatipuru preto)
 - 1.2.3.15.3 KAPAWIXI (quatipuru mandingueiro)
- 1.2.3.16 KĀMĀ (raposa)
- 1.2.3.17 MĀKŪĨ (paca)
 - 1.2.3.17.1 MĀKU (paca comum)
 - 1.2.3.17.2 ŪDUKĀMĀ (paca de rabo)
- 1.2.3.18 NĀYKŪĨ (preguiça)
 - 1.2.3.18.1 NĀY (preguiça real)
 - 1.2.3.18.2 PŪSĀ (preguiça bentinha)
- 1.2.3.19 SĀKĪKŪĨ (porquinho da mata)

- 1.2.3.19.1 ĪDUSĀKE (porquinho mundé)
- 1.2.3.19.2 SĀKĪ (porquinho comum)
- 1.2.3.20 TENĀYA (guaxinim)
- 1.2.3.21 TSĀKĀ (cutiara)
- 1.2.3.22 TXAHUKŪĨ (veado)
 - 1.2.3.22.1 TXAHU (veado de capoeira)
 - 1.2.3.22.2 TXAHUÃ (veado roxo)
 - 1.2.3.22.3 TXAHUWÃ (veado chifre courado)
- 1.2.3.23 UDUKĀMĀ (pacarrão)
- 1.2.3.24 UTXITE (cachorro)
- 1.2.3.25 UTXITEA (cachorra)
- 1.2.3.26 UTXITEDI (cachorro-da-mata)
- 1.2.3.27 VAKEBUY (bezerro)
- 1.2.3.28 VAKEBUYA (bezerra)
- 1.2.3.29 VUKA (irara)
- 1.2.3.30 WIWI (mambira)
- 1.2.3.31 XĀDUAWĒ (gato de casa)
 - 1.2.3.31.1 XĀDUDIKŪĨ (gato-da-mata)
 - 1.2.3.31.2 UVIS (gato muriço)
 - 1.2.3.31.3 WĒTXĀDU (gato maracajá)
 - 1.2.3.31.4 XĀDUVIS (gato-açú)
- 1.2.3.32 XIXIDU (quinquajú)
- 1.2.3.32 XIXIKŪĨ (quati)
 - 1.2.3.32.1 XIXI (quati comum)
 - 1.2.3.32.2 XIXIWÃ (quati mundé)
- 1.2.3.33 YAWA (queixada)
- 1.2.3.34 YAWADAKIWI (porco)
- 1.2.3.35 YAWADAKIWIA (porca)
- 1.2.3.36 YAWIXKŪĨ (tatu)
 - 1.2.3.36.1 PĀDUĀ (tatu canastro)
 - 1.2.3.36.2 PĀKARU (tatu rabo de couro)
 - 1.2.3.36.3 YAWIX (tatu verdadeiro)
 - 1.2.3.36.4 YAWIXIWÃ (tatu china)
- 1.2.4 peixe
 - 1.2.4.1 AXPAKŪĨ (olaia)
 - 1.2.4.1.1 AXPAHĀW (olaia de escama)
 - 1.2.4.1.2 AXPAHĀHĀ (olaia tucunaré)
 - 1.2.4.1.3 HĀMĀWÃ (olaia lisa)
 - 1.2.4.2 BAKE KŪĨ (piranha)
 - 1.2.4.2.1 BAKE BAKATA (piranha roxa)
 - 1.2.4.2.2 BAKE TĒTXĀBA (piranha acaju)
 - 1.2.4.3 BASIWÃ (dourado)
 - 1.2.4.4 BAYDATAKŪĨ (cangati)
 - 1.2.4.5 BAKUSPARA (cangati mole)

- 1.2.4.6 BEHKU (traíra)
- 1.2.4.7 DURUMĂKŨĨ (bacú)
- 1.2.4.8 PURUMÊHĂ (bacú cascudo)
- 1.2.4.9 HETAWAKŨĨ (cachorra)
 - 1.2.4.9.1 HETAWABAHU (cachorra tubarana)
 - 1.2.4.9.2 PĂXĪHETAWA (cachorra comum)
 - 1.2.4.9.3 TXĪTXŪKA (cachorra espada)
- 1.2.4.10 IPUKŨĨ (bode)
 - 1.2.4.10.1 IPU (bode comum)
 - 1.2.4.10.2 IPUBA (bode de praia)
 - 1.2.4.10.3 IPURŪXIKĀ (bode cachimbo)
 - 1.2.4.10.4 IPUWĂ (bode casa veia)
 - 1.2.4.10.5 IXKĪ (bode isquim)
- 1.2.4.11 ISKU (tambuatá)
- 1.2.4.12 KUPATXIKŨĨ (bocão)
 - 1.2.4.12.1 KUPATXI (bocão comum)
 - 1.2.4.12.2 KUPATXI IXPI (bocão de esporão)
 - 1.2.4.12.3 KUPATXIKUSPARA (bocão manteigueiro)
- 1.2.4.13 KURE (caparari)
- 1.2.4.14 KĒDI ABAWĂ (jundiá)
- 1.2.4.15 MĂHĂ (tucunaré)
- 1.2.4.16 MĂYKŨĨ (cará)
 - 1.2.4.16.1 MĂYPEY (cará folha)
 - 1.2.4.16.2 MĂYKATAKI (cará roxo)
 - 1.2.4.16.3 MAYPĂXĪ (cará ouro)
 - 1.2.4.16.4 MĂYHĪBURU (cará bicuara)
 - 1.2.4.16.5 MĂY (cará comum)
 - 1.2.4.16.6 MĂYTXUHA (cará panema)
 - 1.2.4.16.7 MĂY (cará buiã)
 - 1.2.4.16.8 MĂYTXIHI (cará preto)
 - 1.2.4.16.9 MĂYBUYKA (cará touro)
 - 1.2.4.16.10 MĂNEWĂ (cará-açú)
 - 1.2.4.16.11 MĂYPESBI (cará de asa)
 - 1.2.4.16.12 MĂYUHU (cará branco)
- 1.2.4.17 PUTXI (barba chata)
- 1.2.4.18 PUTXITSAYA (pintadinha)
- 1.2.4.19 RARĂBASI (pirarara)
- 1.2.4.20 SĂNĪ (aruanã)
- 1.2.4.21 TAPEĂ (pirarucu)
- 1.2.4.22 TARU (pirapitinga)
- 1.2.4.23 TARUĂ (tambaqui)
- 1.2.4.24 TAWABA (flecheira)
- 1.2.4.25 TEPUKŨĨ (jiju)
 - 1.2.4.25.1 TEPUTXIHI (jiju preto)

- 1.2.4.25.2 YŪXA (jiju lavrado)
- 1.2.4.26 TSATSEÃ (agulhão)
- 1.2.4.27 TXETXE (casca grossa)
- 1.2.4.28 TXIAKŪĨ (pacu)
 - 1.2.4.28.1 TXIABAKE (pacu piranha)
 - 1.2.4.28.2 TXIABIPIĨ (pacu beira fina)
 - 1.2.4.28.3 TXIAHU (pacu branco)
 - 1.2.4.28.4 TXIAPĨ (pacu mafurá)
 - 1.2.4.28.5 TXIAVUSTUPIĨ (pacu ferrugem)
- 1.2.4.29 TXŪKAHE (madalena)
- 1.2.4.30 VAKEBA (filhote)
- 1.2.4.31 VATŪKŪĨ (piau)
 - 1.2.4.31.1 VATŪ BEHKU (piau traíra)
 - 1.2.4.31.2 VATŪ (piau verdadeiro)
 - 1.2.4.31.3 VATŪ DEWBÃ (piau de barranco)
 - 1.2.4.31.4 VATŪ HUKU (piau cubiu)
 - 1.2.4.31.5 VATŪ TSITSAYA (piau lavrado)
- 1. 2.4.32 VURUKŪĨ (mandim)
 - 1.2.4.32.1 IXI (mandim mole)
 - 1.2.4.32.2 TUNŪ (mandim juruá)
 - 1.2.4.32.3 VURUHAKA (mandim tora)
 - 1.2.4.32.4 VURUHU (mandim branco)
 - 1.2.4.32.5 VURUPUYA (mandim sapo)
 - 1.2.4.32.6 VURUYUKU (mandim preto)
- 1.2.4.33 VUYMÃWÃ (matrinchan)
- 1.2.4.34 VUYWÃ (curimatan)
- 1.2.4.35 WAVŪĨ (surubim)
- 1.2.4.36 YASTUKŪĨ (piaba)
 - 1.2.4.36.1 ãDEBURUXI (piaba reis)
 - 1.2.4.36.2 ĨBISÃNĨ (piaba olho de vidro)
 - 1.2.4.36.3 KUMAHAKA (piaba chata)
 - 1.2.4.36.4 TETEWA (piaba cascuda)
 - 1.2.4.36.5 TXAWA (piaba chauá)
 - 1.2.4.36.6 YAPA (piaba do centro)
 - 1.2.4.36.7 YASTUBISTĨ (piaba pequena)
 - 1.2.4.36.8 YASTUHA (piaba matapiri)
 - 1.2.4.36.9 YASTUPÃXĨ (piaba loura)
- 1.2.4.37 YŪBAHŪ (mocinha)
- 1.2.5 réptil
 - 1.2.5.1 HAVUKŪĨ (calango)
 - 1.2.5.1.1 HAVU (calango verde)
 - 1.2.5.1.2 VUSÃKARA (calango preto)
 - 1.2.5.2 HAWEKŪĨ (jabuti)
 - 1.2.5.2.1 HAWE (jabuti comum)

- 1.2.5.2.2 HAWEWÃ (jabuti açú)
- 1.2.5.3 HÃYA (tartaruga)
- 1.2.5.4 HEKIMÃNÃBA (camaleão)
- 1.2.5.5 KAPE (jacaré)
- 1.2.5.6 KÃBUKÛÏ (cobra)
 - 1.2.4.5.1 DAWARU (cobra papa-ova)
 - 1.2.4.5.2 DAYBEHBU (cobra cipó)
 - 1.2.4.5.3 HÛDUWÃBITSAWTA (cobra sucurujoba)
 - 1.2.4.5.4 ÏTXÏKA (cobra salamanta)
 - 1.2.4.5.5 KÃBU (cobra pico-de-jaca)

1.1.1

AWATXUHU

BORBOLETA (S.F.)

<INVERTEBRADO> DE HÁBITOS DIURNOS, QUE HABITA EM LOCAIS ÚMIDOS E ÁREAS ENLAMEADAS. POSSUI DOIS PARES DE ASAS QUE APRESENTAM FORMAS E CORES VARIADAS. PODENDO APRESENTAR TAMANHOS VARIADOS: GRANDE, MÉDIO E PEQUENO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAHKUKŨÏ> BUTSA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <BORBOLETA> É BONITA.



1.1.2

DAWAHAYREBEYA

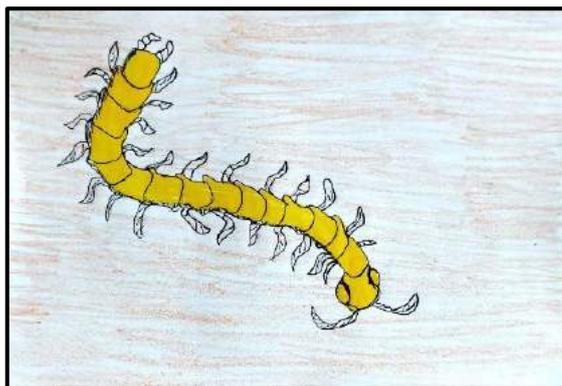
PIOLHO DE COBRA (S.M.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI DOIS PARES DE PERNAS E COLORAÇÃO VARIADA. SE ALIMENTAM DE FOLHAS PODRES DE DIFERENTES ÁRVORES. COSTUMA SE ENROLAR FORMANDO UMA BOLA. É ENCONTRADO EM DIFERENTES LOCAIS COMO: EMBAIXO DE FLOHAS MOLHADAS MADEIRAS EM DECOMPOSIÇÃO, ROUPAS, DENTRE OUTROS. APRESENTA TAMANHOS VARIADOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <DAWAHAYREBEYA> BITXA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PIOLHO DE COBRA> É FEIO.



1.1.3

ĒIDIKŨÏ

FORMIGA (S.F.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS E UM PAR DE OLHOS. HABITA EM DIFERENTES LUGARES DA FLORESTA. APRESENTA TAMANHOS E CORES VARIADAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĒIDIKŨÏ> KUXANU.

LÍNGUA PORTUGUESA: <FORMIGA> É PERIGOSA.



1.1.3.1

BAWIS

FORMIGA TAIOCA (S.F.)

<ĒIDIKŨÏ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI UMA ALIMENTAÇÃO VOLTADA PARA PRESAS QUE SE ALIMENTAM DE: LARVAS, ARANHAS E OUTROS. SUA COLORAÇÃO ESTÁ VOLTADA PARA O LARANJA. SUA PICADA CAUSA DORES INTENSAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAWIS> UTXITE TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <FORMIGA TAIOCA> FERROU O CACHORRO.





1.1.3.2

ÊDIHAPU

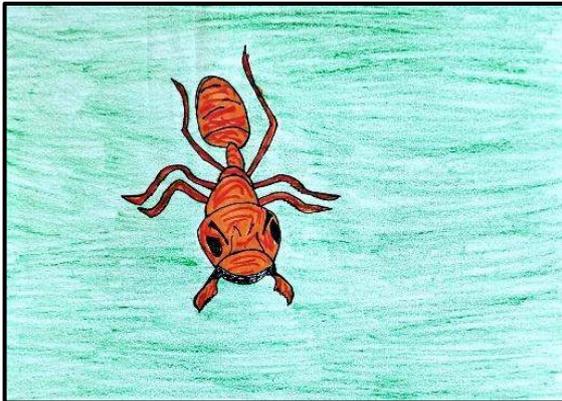
FORMIGA TACHI (S.F)

<ÊDIKÛÏ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. SÃO CONSIDERADAS AGRESSIVAS QUANDO SÃO TOCADAS. POSSUIM FORTE ODOR QUANDO SÃO ESMAGADAS. TEMIDA POR PESSOAS ALÉRGICAS. HABITAM EM ÁRVORES, NA PARTE CENTRAL DAS FOLHAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: ENÃ <ÊDIHAPU> TEKARI.

LÍNGUA PORTUGUESA: ESTOU TODA FERRADA, FOI A FORMIGA TACHI.



1.1.3.3

ÊDIKARIKARI

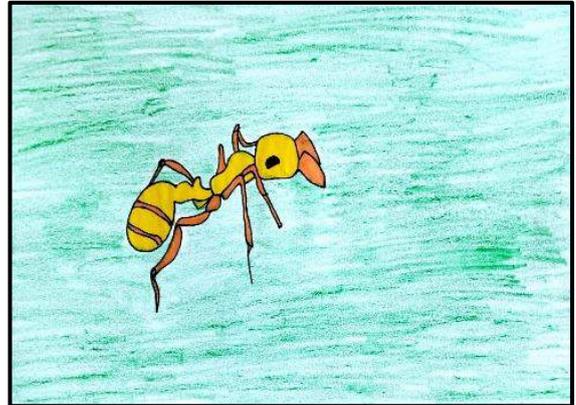
FORMIGA LIGEIRA (S.F)

<ÊDIKÛÏ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI TAMANHO PEQUENO E SE MOVIMENTAM RÁPIDO. SUA COLORAÇÃO É VARIADA, ALGUMAS SÃO NA COR ALARANJADA, OUTRAS SÃO BRANCAS. GOSTAM DE RESTOS DE ALIMENTOS E INSETOS MORTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ÊDIKARIKARI> UMÍSIBA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <FORMIGA LIGEIRA> É ESPERTA.



1.1.3.4

ÊDIPISI

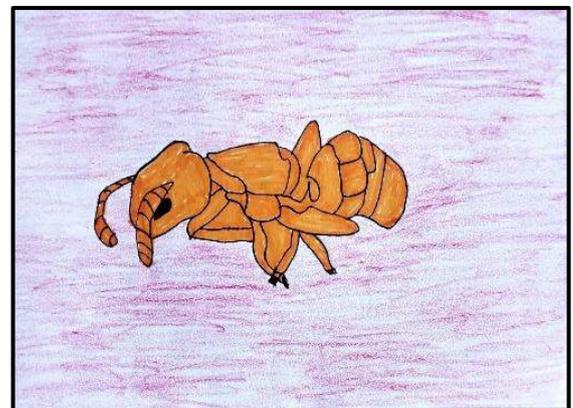
FORMIGA TAPIBA (S.F)

<ÊDIKÛÏ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES DA FLORESTA, GERALMENTE NAS FOLHAS E TRONCOS DE PAUS. POSSUI FORTE ODOR QUANDO ESMAGADAS. TEMIDAS POR SUAS PICADAS DOLORIDAS QUE CAUSAM COCEIRAS E VERMELHIDÃO NA PELE. SUA COLORAÇÃO É ALARANJADA QUASE VERMELHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: HENÃ NÃDIA <ÊDIPISI>

LÍNGUA PORTUGUESA: A INGAZEIRA ESTÁ CHEIA DE <FORMIGA TAPIBA>.



1.1.3.5

ÊDIPUY

FORMIGA DE BOSTA (S.F.)

< ÊDIKÛÏ > ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO

NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI ODOR SEMELHANTE A FEZES HUMANAS QUE É USADO COMO FORMA DE DEFESA DA COLÔNIA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĒIDIPUY> ITXAYA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <FORMIGA DE BOSTA> TEM MAU CHEIRO.



1.1.3.6

ĒIDITĪ

FORMIGA SARAÇA (S.F.)

<ĒIDIKŪĪ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. GOSTA DE LOCAIS ESCUROS COMO FRESTAS DE MADEIRAS E ATÉ GUARDA-ROUPAS. POSSUI UMA COLORAÇÃO ALARANJADA. PODEM CARREGAR VINTE VEZES SEU PESO CORPORAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EWEDA TARI DISATA <ĒIDITĪ>

LÍNGUA PORTUGUESA: MINHA ROUPA ESTÁ CORTADA, FOI A <FORMIGA SARAÇA>.



1.1.3.7

ĒIDITSAPI

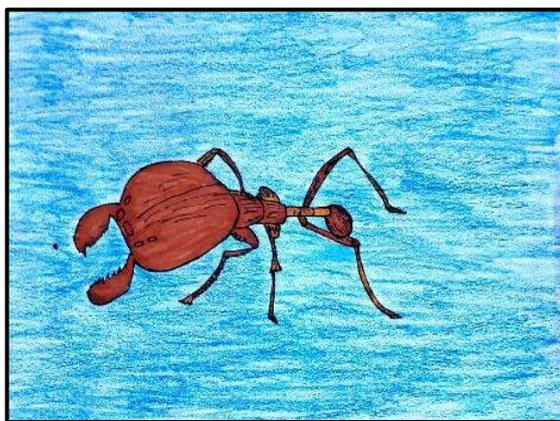
FORMIGA DE ROÇA (S.F)

<ĒIDIKŪĪ> QUE SE ALIMENTA DAS FOLHAS DAS PLANTAÇÕES EM CURTO PERÍODO DE TEMPO, PROVOCANDO PREJUÍZOS PARA A AGRICULTURA. POSSUI COR QUE VARIA DO MARROM AMARELADO AO PRETO. TEM FERROADA DOLOROSA QUE PROVOCA VERMELHIDÃO NA PELE. CONTEXTO DE

USO:

LÍNGUA PUYANAWA: < ĒIDITSAPI> WAYDI PEY PINU.

LÍNGUA PORTUGUESA: <A FORMIGA DE ROÇA> COMEU AS FOLHAS DO ROÇADO.



1.1.3.8

ĒIDITXIHI

FORMIGA PRETA (S.F.)

<ĒIDIKŪĪ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI TAMANHO PEQUENO E COR PRETA. TEM FERROADA DOLOROSA QUE PROVOCA VERMELHIDÃO NA PELE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĒIDITXIHI> TAY TEKAH.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <FORMIGA PRETA> PICOU MEU PÉ.



1.1.3.9

ĚIDITĚBA

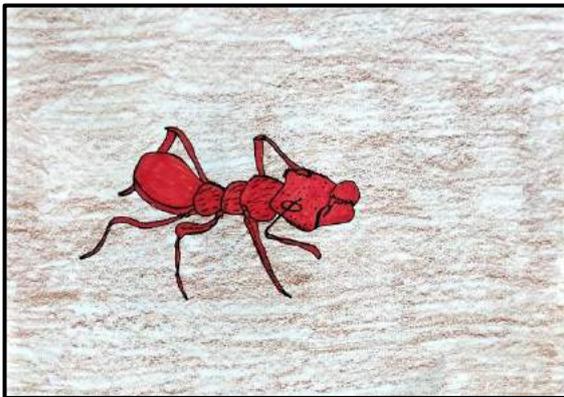
FORMIGA DE FOGO (S.F.)

<ĚIDIKŮĚ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. É CONSIDERADA AGRESSIVA PORQUE TEM UMA PICADA DOLOROSA QUE CAUSAM BOLHAS E VERMELHIDÃO NA PELE. SÃO ATRAÍDAS POR CARNE E ÓLEO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TAYTAY <ĚIDITĚBA> REREYKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: QUE DOR, A FORMIGA DE FOGO QUEIMA.



1.1.3.10

ĚIDIVATA

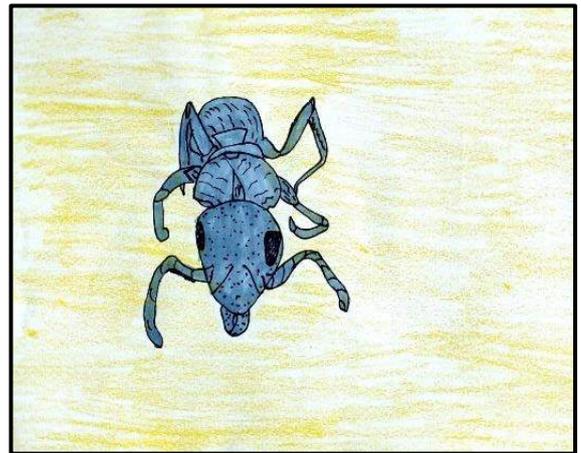
FORMIGA DE AÇÚCAR (S.F)

<ĚIDIKŮĚ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI COLORAÇÃO AMARELO CLARO QUASE TRANSPARENTE. É UMA FORMIGA PEQUENA E RÁPIDA. SE ALIMENTA DE AÇÚCAR DOS MAIS VARIADOS ALIMENTOS. SEU TAMANHO VARIA DE UM A DOIS MILÍMETROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EWEDA ISKASA NĀDEYA <ĚIDIVATA>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU VASO ESTÁ CHEIO DE <FORMIGA-DE-AÇÚCAR>.



1.1.3.11

ĚY

FORMIGA JOANINHA (S.F.)

<ĚIDIKŮĚ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI TAMANHO PEQUENO E UMA COLORAÇÃO ALARANJADA. SUA PICADA CAUSA COCEIRA E DOR.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: ANĀ YĀTAKI REREYKA <ĚYDI> TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: ELE PEGOU A FORMIGA JOANINHA, E FOI FERRADO.



1.1.3.12

ĚYDIWĀ

FORMIGÃO (S.M)

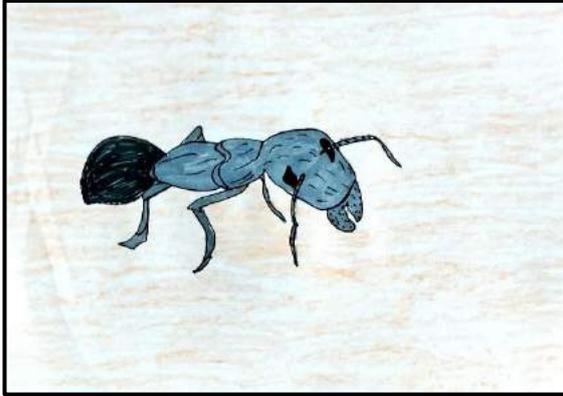
<ĚIDIKŮĚ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. É CONHECIDA PELO SEU TAMANHO GIGANTE. POSSUI COR PRETA E PATAS BRANCAS. SUA PICADA É EXTREMAMENTE DOLOROSA. SE ALIMENTA

DE OUTRAS FORMIGAS E RESTOS DE ANIMAIS MORTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <ĚYDIWĀ> WASKAKI

LÍNGUA PORTUGUESA: EU ASSUSTEI COM O <FORMIGÃO>.



1.1.3.13

ĪSI

FORMIGA TRACUÁ (S.F)

<ĚIDIKŪĪ > CONSTROEM NINHOS EM MADEIRAS MORTAS E ÚMIDAS. VIVEM NOS ENTRENÓS DAS EMBAÚBAS, BAMBUS OU NAS RESIDÊNCIAS. ATACAM OS ALIMENTOS ARMAZENADOS. QUANDO SÃO TOCADAS, EMITEM UM SOM FORTE SEMELHANTE A UM SOPRO E SOLTAM ÁGUA DO SEU CORPO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĪSI> WAKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <FORMIGA> TRACOÁ SOLTA ÁGUA.



1.1.3.14

KŪTSIS

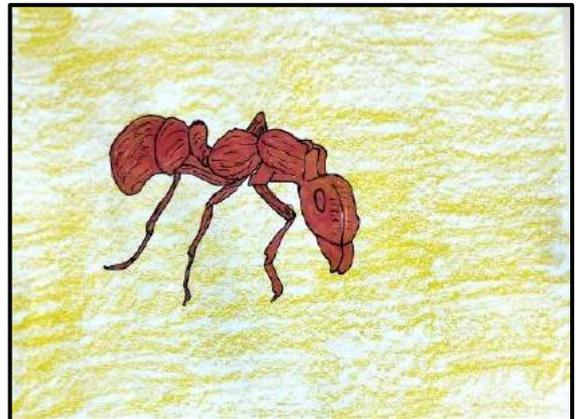
FORMIGA TRINCA (S.F)

<ĚIDIKŪĪ> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES, TANTO NA FLORESTA QUANTO NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI UMA PICADA PROFUNDA COM CORTES CAUSANDO MUITAS DORES E SANGRAMENTOS. SUA COR É AVERMELHADA E FAZ BARULHO NAS FOLHAS SECAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KŪTSIS> DISATA EWEDA TAY

LÍNGUA PORTUGUESA: A <FORMIGA TRINCA> CORTOU MEU PÉ.



1.1.3.15

PITXŪDIKŪĪ

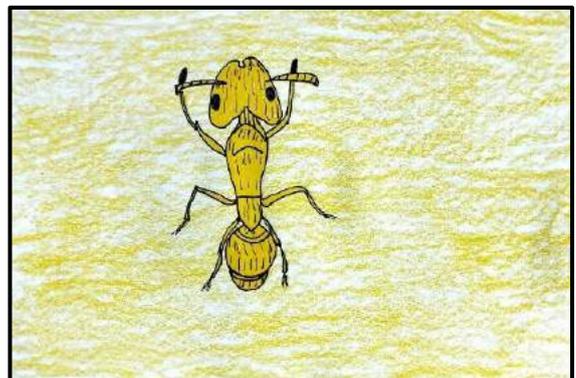
TUCANDEIRA (S.F.)

<ĚIDIKŪĪ> POSSUI TAMANHOS DIFERENTES. É CARNÍVORA SE ALIMENTA DE INSETOS E OUTROS ANIMAIS. TEM UMA PICADA DOLOROSA QUE DURA ATÉ DEZOITO HORAS. A DOR SE ASSEMELHA COM CARVÃO EM CHAMAS OU PREGO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PITXŪDIKŪĪ> NĀBI PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <TUCANDEIRA> COME CARNE.



1.1.3.16



TĪTĪKŪĪ

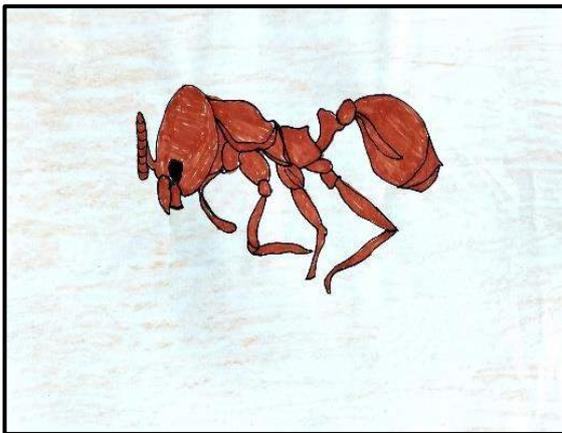
FORMIGA QUINZE DIAS (S.F)

< ĒIDIKŪĪ > ENCONTRADA DEBAIXO DE FOLHAS SECAS E MADEIRAS EM DECOMPOSIÇÃO. SUA COLORAÇÃO É PRETA. POSSUI UMA PICADAS DOLORIDAS QUE CAUSAM MUITA DOR CHEGANDO A DOER POR 15 DIAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĪTĪKŪĪ> TEKA

LÍNGUA PORTUGUESA: A FORMIGA QUINZE DIAS ME FERROU.



1.1.4

ĒYTSITSA

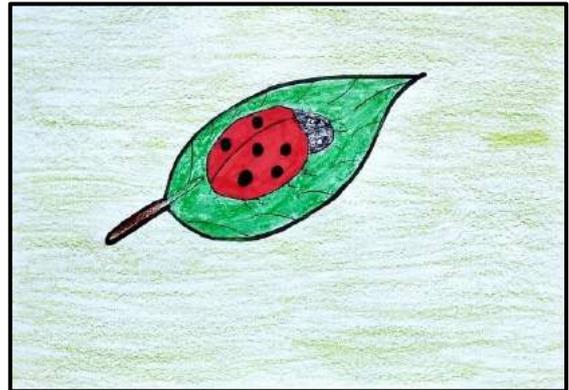
JOANINHA (S.F.)

<INVERTEBRADO> APRESENTA CORES VARIADAS COMO: VERMELHO COM PINTINHAS PRETAS, VERDE, AMARELO DENTRE OUTRAS CORES. SEU CORPO É ARREDONDADO, CABEÇA PEQUENA, ANTENAS CURTAS E 6 PATAS. HABITA EM LOCAIS AGRÍCOLAS E DIFERENTES VEGETAÇÕES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FOLHAS, POLÉM, MEL E ATÉ FUNGOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĒYTSITSA> PEY PINŪ

LÍNGUA PORTUGUESA: A JOANINHA COME FOLHA.



1.1.5

HĒDAKŪĪ

LAGARTA (S.F.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI O CORPO COM ESPESSURA MOLE PODENDO SE DESENVOLVER ENTRE AS PLANTAS. POSSUI ENTRE DOIS A CINCO PARES DE PATAS NA SUA BARRIGA. ALGUMAS SE ALIMENTAM DE PLANTAS SENDO QUE OUTRAS SÃO CARNÍVORAS. ALGUMAS SERVEM DE ALIMENTOS PARA OUTROS ANIMAIS POIS SÃO RICAS EM PROTEÍNAS. SUA COLORAÇÃO É VARIADA, ALÉM DO SEU TAMANHO. SÃO ENCONTRADAS EM DIFERENTES LOCAIS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HĒDAKŪĪ> KURĪ

LÍNGUA PORTUGUESA: A <LAGARTA> É MOLE.



1.1.5.1

TĀTES

LAGARTA DE FOGO (S.F.)

<TĀTES> POSSUI O CORPO COM ESPESSURA MOLE E COM UMA PLUMAGEM EM FORMA DE ESPINHOS. POSSUI COLORAÇÃO PRETO COM DETALHES VERMELHOS E BRANCO. É TEMIDA POR CAUSAR TANTA DOR AO SER



TOCADA POR SERES HUMANOS, CHEGANDO A QUEIMAR COMO FOGO. É ENCONTRADA NOS TRONCOS DE MADEIRAS, FOLHAS SECAS E VERDES. POSSUI ENTRE DOIS A CINCO PARES DE PATAS. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE PLANTAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀTES> KUA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <LAGARTA DE FOGO> QUEIMA.



1.1.5.2

XIXUI

LAGARTA DE COQUEIRO (S.F.)

<TĀTES> COM CORPO DE ESPESSURA MOLE E COLORAÇÃO ESCURA. HABITA EM COQUEIROS GERALMENTE NAS FOLHAS E CAULE DA PLANTA. POSSUI ENTRE DOIS A CINCO PARES DE PATAS. SE ALIMENTA DE FOLHAS VERDES DE DIFERENTES PLANTAS. É APRECIADA NO CARDÁPIO DAS AVES: GALINHAS, PATOS E OUTROS ANIMAIS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: YETE NĀDEA <XIXUI>

LÍNGUA PORTUGUESA: O COQUEIRO ESTÁ CHEIO DE <LAGARTA DE COQUEIRO>.



1.1.5.3

XIXUSÃ

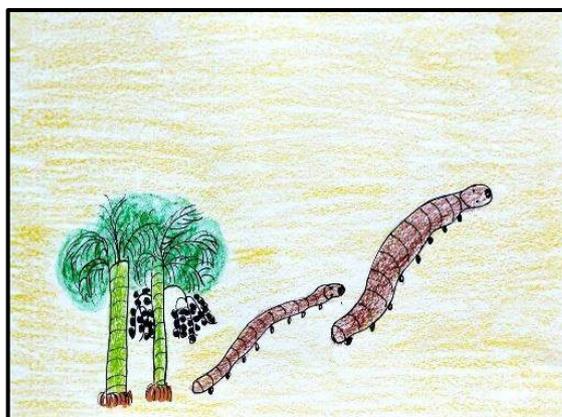
LAGARTA DE PATOÁ (S.F.)

<TĀTES> QUE POSSUI O CORPO COM ESPESSURA MOLE E COLORAÇÃO BRANCA. É ENCONTRADA DENTRO DA FRUTA DO PATOÁ E NAS DEMAIS PARTES DA PLANTA. É RICA EM PROTEÍNAS JUSTAMENTE POR CONTA DO CONTATO COM O ÓLEO PRESENTE NA FRUTA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XIXUSÃ> UHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <LAGARTA DE PATOÁ> É BRANCA.



1.1.6

NĀHBEKŪĪ

MOSCA (S.F.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI UM PAR DE ASAS E UM PAR DE OLHOS GRANDES EM CADA LADO DA CABEÇA QUE PODEM SE APRESENTAR JUNTOS. APRESENTAM CICLO DE VIDA COM METAMORFOSE DIVIDIDOS EM QUATRO ESTÁGIOS: OVO, LARVA, PUPA E ADULTO. ALGUMAS POSSUIM GRANDE AGILIDADE NO VOO E SUA COLORAÇÃO É ESCURA OU LARANJA. SUA ALIMENTAÇÃO SÃO: FEZES, ESCARROS, SECREÇÕES, ANIMAIS EM DECOMPOSIÇÃO E AÇÚCAR. POSSUI TAMANHOS VARIADOS, SENDO ALGUMAS GRANDES E OUTRAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VATA NĀDEA <NĀHBEKŪĪ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: O AÇÚCAR ESTÁ CHEIO DE <MOSCA>.





1.1.6.1

HARA

MOSCA COMUM (S.F.)

<NĀHBEKŪĪ> QUE POSSUI UM PAR DE ASAS E UM PAR DE OLHOS GRANDES E VERMELHOS EM CADA LADO DA CABEÇA QUE PODEM SE APRESENTAR JUNTOS. APRESENTAM CICLO DE VIDA COM METAMORFOSE DIVIDIDOS EM QUATRO ESTÁGIOS: OVO, LARVA, PUPA E ADULTO. É ENCONTRADA EM DIVERSOS AMBIENTES. SEU TAMANHO VARIA DE 5-8 MM DE COMPRIMENTO. APRESENTA COLORAÇÃO CINZENTA NO TÓRAX. POSSUI QUATRO LINHAS NO DORSO E UMA COLORAÇÃO AMARELA NA PARTE DA BARRIGA. SEU CORPO É COBERTO DE PELOS. AS FÊMEAS SÃO MAIORES DO QUE OS MACHOS. SUA ALIMENTAÇÃO SÃO: FEZES, ESCARROS, SECREÇÕES, ANIMAIS EM DECOMPOSIÇÃO E AÇÚCAR. POSSUI TAMANHOS VARIADOS, SENDO ALGUMAS GRANDES E OUTRAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KUXA <HARA>

LÍNGUA PORTUGUESA: VOU MATAR ESSA <MOSCA COMUM>.



1.1.6.2

NĀHPEWĀ

MOSCA GRANDE (S.F.)

<NĀHBEKŪĪ> APRESENTA CICLO DE VIDA COM METAMORFOSE DIVIDIDOS EM QUATRO ESTÁGIOS: OVO, LARVA, PUPA E ADULTO. É ENCONTRADA EM DIVERSOS AMBIENTES. SEU TAMANHO É MAIS ELEVADO DO QUE AS DEMAIS ESPÉCIES. GOSTA DE POUSAR EM ALIMENTOS CÍTRICOS COMO O CUPU-AÇÚ, UVALHA DENTRE OUTROS ALIMENTOS. POSSUI UM PAR DE ASAS E UM PAR DE OLHOS GRANDES E VERMELHOS EM CADA LADO DA CABEÇA, QUE PODEM SE APRESENTAR JUNTOS. SEU CORPO É COBERTO DE PELOS. AS FÊMEAS SÃO MAIORES DO QUE OS MACHOS. SUA ALIMENTAÇÃO SÃO: FEZES, ESCARROS, SECREÇÕES, ANIMAIS EM DECOMPOSIÇÃO E AÇÚCAR.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VAKEVU KUXA <NĀHPEWĀ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: O MENINO MATOU A <MOSCA GRANDE>.



1.1.6.3

NĀPE

MOSCA VAREJEIRA S.F.)

<NĀHBEKŪĪ> APRESENTA CICLO DE VIDA COM METAMORFOSE DIVIDIDOS EM QUATRO ESTÁGIOS: OVO, LARVA, PUPA E ADULTO. É ENCONTRADA EM DIVERSOS AMBIENTES. POSSUI UMA COLORAÇÃO AZUL OU VERDE-METÁLICO COM CERCA DE 12 MM CM DE COMPRIMENTO E APRESENTA BOCA ATROFIADA. CABEÇA E OLHOS MARRONS, TÓRAX CINZA-AMARRONZADO E ASAS GRANDES. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE CARNES DE ANIMAIS MORTOS.



SUA REPRODUÇÃO ACONTECE POR MEIO DE OVOS COLOCADOS NAS FERIDAS EM ABERTO DE MAMÍFEROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NĀPE> BITXA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MOSCA VAREJEIRA> É FEIA.



1.1.7

NĀSUKŪĪ

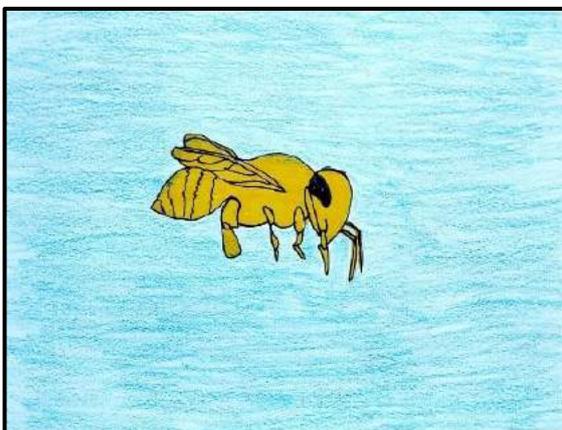
ABELHA (S.F)

<INVERTEBRADO> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. SEU TAMANHO E COLORAÇÃO É VARIADO SENDO ALGUMAS GRANDES E OUTRAS PEQUENAS. SÃO RESPONSÁVEIS PELA PRODUÇÃO DO MEL E A POLARIZAÇÃO DAS PLANTAS. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: DUE NĀSUETA <NĀSUKŪĪ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: GOSTO DO MEL DE <ABELHA>.



1.1.7.2

NĀSUKUHBA

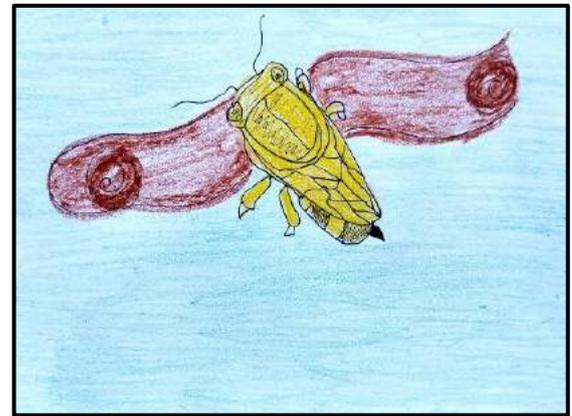
ABELHA JANDAÍRA (S.F.)

<NĀSUKŪĪ> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. A ESPÉCIE APRESENTA COLORAÇÃO NEGRA COM LISTRAS AMARELAS NO ABDOME; PRODUZ MEL CLARO, AROMÁTICO SENDO APRECIADO PARA CURAR GRIPE E TOSSES. SEU TAMANHO CHEGA A 6 MM A 7 MM DE COMPRIMENTO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: NĀSUVATA <NĀSUKUHBA> DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O MEL DE <ABELHA JANDAÍRA> É GOSTOSO.



1.1.7.3

NĀSUSAYSIKI

ABELHA ARAPUÁ (S.F.)

<NĀSUKŪĪ> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. SEU TAMANHO É DE 6 A 7MM DE COMPRIMENTO COM COLORAÇÃO NEGRA. CONSTROE SUA COLMÉIA NOS GALHOS DAS ÁRVORES NORMALMENTE NA COPA COM COLORAÇÃO MARRON. NÃO POSSUI FERRÃO, MAS QUANDO SE SENTEM AMEAÇADAS, VOAM EM TORNO DOS SEUS AGRESSORES ATACANDO NOS CABELOS. SEU MEL É UTILIZADO SOMENTE POR ANIMAIS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE VUH NĀDEA <NĀSUSAYSIKI>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU CABELO ESTÁ CHEIO DE <ABELHA ARAPUÁ>.





1.1.7.4

NĀSUTEKA

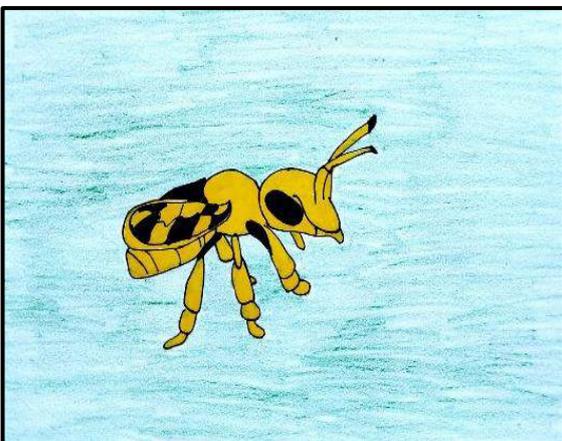
ABELHA ITALIANA (S.F.)

<NĀSUKŪĨ> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. AS OPERÁRIAS MEDEM DE 12 A 13 MM DE COMPRIMENTO. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O MARRON CLARO COM LISTRAS AMARELAS. É CONHECIDA PELA RÁPIDA PRODUÇÃO DE MEL E POUCA AGRESSIVA. SUA COLMÉIA AGREGA UMA QUANTIDADE ELEVADA DE INDIVÍDUOS COMPARADAS A OUTRAS ESPÉCIES DE ABELHAS. SEU MEL É UTILIZADO PARA CURAR INFECÇÕES NA GARGANTA, TOSSE DENTRE OUTRAS DOENÇAS, TAMBÉM É UTILIZADO COMO ADOÇANTE NATURAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NĀSUTEKA> PĀXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A ABELHA <ITALIANA> É AMARELA.



1.1.7.5

NĀSUWE

ABELHA URUCÚ (S.F.)

<NĀSUKŪĨ> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. CONSTROEM SUAS COLMÉIAS EM BURACOS DE PAUS. SEU MEL É MUITO APRECIADO PARA UTILIZAÇÃO EM REMÉDIOS NATURAIS E COMO ADOÇANTES. NÃO POSSUI FERRÃO. SUA COLORAÇÃO VARIA DO MARRON, PRETO E LISTRAS BRANCAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NĀSUWE> THIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ABELHA URUCÚ> É PRETA.



1.1.7.5.1

NĀSUBUY

ABELHA URUCÚ-BOI (S.F.)

<NĀSUKŪĨ> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. NÃO POSSUI FERÃO. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O PRETO COM AS ASAS MARRON. SÃO RESPONSÁVEIS PELA PRODUÇÃO DO MEL E A POLARIZAÇÃO DAS PLANTAS. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS. ESSA ESPÉCIE CONSTROE GRANDE PARTE DO SEU NINHO EM FORMATO TUBULAR. SEU MEL É USADO NA RODUÇÃO DE REMÉDIOS CASEIROS PARA CURA DE DIFERENTES DOENÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: NĀSUVATA <NĀSUBUY> DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O MEL DA ABELHA <URUCÚ-BOI> É GOSTOSO.





1.1.7.5.2

NĀSUTSITSA

ABELHA URUÇÚ RAJADA (S.F.)

<NĀSUKŪĪ> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O MARRON COM LISTRAS BRANCAS COM TAMANHO ELEVADO. SEU MEL É MUITO APRECIADO CONHECIDO PELO SEU SABOR INTENSO. CONSTROE SUAS COLMÉIAS EM LOCAIS HÚMIDOS ESPECIALMENTE EM CUPINS E BURACOS DE PAU. NÃO POSSUI FERRÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: IWĪ NĀDEA NĀSUTSITSA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A ÁRVORE ESTÁ CHEIA DE <ABELHA URUÇÚ RAJADA>.



1.1.7.5.3

NĀSUTXIHI

ABELHA URUÇÚ PRETA (S.F.)

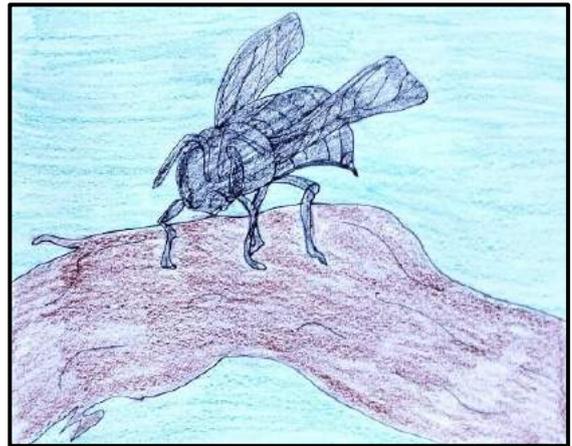
<NĀSUKŪĪ> SEU CORPO É DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDOME. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS, UM PAR DE ANTENAS E DOIS PARES DE ASAS. SUA

COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O PRETO. SEU MEL É MUITO APRECIADO CONHECIDO PELO SEU SABOR INTENSO. CONSTROE SUAS COLMÉIAS EM BURACOS DE PAU, POR EXEMPLO EM SAMAÚMAS E SAPOTAS. NÃO POSSUI FERRÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: DUHU NĀSUVATA <NĀSUTXIHI>.

LÍNGUA PORTUGUESA: VOU TOMAR MEL DE ABELHA <URUÇÚ PRETA>.



1.1.8

NĀYREKUVIKŪĪ

CARNEIRINHO (S.M.)

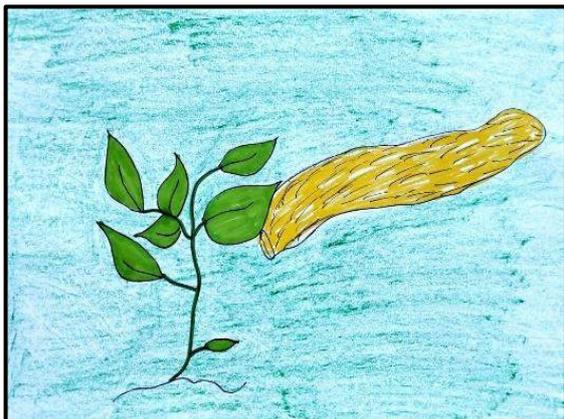
<INVERTEBRADO> DE PLUMAGEM FOFA COM COLORAÇÃO BRANCO, AMARELA E CINZA DE TAMANHOS VARIADOS. ENCONTRADO EM DIFERENTES AMBIENTES COMO: EMBAIXO DE FOLHAS VERDES E GRUDADOS NOS GALHOS DAS ÁRVORES. SUA DEFESA ESTÁ NOS SEUS PELOS QUE CAUSA MUITA DOR AO TOCAR, CAUSANDO VERMELHIDÃO, ARDENCIA E INCHAÇO. PARA DIMINUIR A DOR E O INCHAÇO, UTILIZA-SE GOMA SECA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NĀYREKUVIKŪĪ> MĀKĀ EWĒDA KUA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARNEIRINHO> QUEIMOU MINHA MÃO.





1.1.8.1

NĀYREKUVI

CARNEIRINHO AMARELO (S.M.)

<NĀYREKUVIKŪĪ> DE PLUMAGEM FOFA E AMARELO DE TAMANHOS VARIADOS. ALGUNS CHEGAM A FICAR DO TAMANHO DE UM PINTINHO. ENCONTRADO EM DIFERENTES AMBIENTES COMO: EMBAIXO DE FOLHAS VERDES E GRUDADOS NOS GALHOS DAS ÁRVORES. SUA DEFESA ESTÁ NOS SEUS PELOS QUE CAUSA MUITA DOR AO TOCAR, CAUSANDO VERMELHIDÃO, ARDENCIA E INCHAÇO. PARA DIMINUIR A DOR E O INCHAÇO, UTILIZA-SE GOMA SECA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: PEY <NĀYREKUVIKŪĪ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: NA FOLHA TEM UM <CARNEIRINHO AMARELO>.



1.1.8.2

NĀYREKUVIHENĀ

CARNEIRINHO DE INGAZEIRA (S.M.)

<NĀYREKUVIKŪĪ> DE PLUMAGEM FOFA COM COLORAÇÃO CINZA COM TAMANHOS VARIADOS. ENCONTRADO GERALMENTE NAS INGAZEIRAS GRUDADOS NAS FOLHAS

E GALHOS. SUA DEFESA ESTÁ NOS SEUS PELOS QUE CAUSA MUITA DOR AO TOCAR, CAUSANDO VERMELHIDÃO, ARDENCIA E INCHAÇO. PARA DIMINUIR A DOR E O INCHAÇO, UTILIZA-SE GOMA SECA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NĀYREKUVIHENĀ> AKATIBUSTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARNEIRINHO DE INGAZEIRA> É CINZA



1.1.8.3

NĀYREKUVIHU

CARNEIRINHO BRANCO (S.M.)

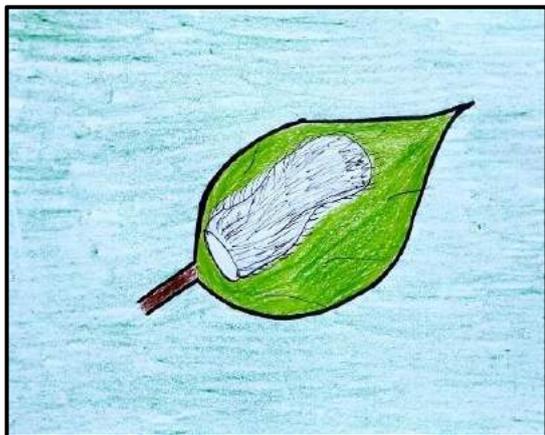
<NĀYREKUVIKŪĪ> DE PLUMAGEM FOFA E BRANCA DE TAMANHOS VARIADOS. ENCONTRADO EM DIFERENTES AMBIENTES COMO: DEBAIXO DE FOLHAS VERDES E GRUDADOS NOS GALHOS DAS ÁRVORES. SUA DEFESA ESTÁ NOS SEUS PELOS QUE CAUSA MUITA DOR AO TOCAR, CAUSANDO VERMELHIDÃO, ARDENCIA E INCHAÇO. PARA DIMINUIR A DOR E O INCHAÇO, UTILIZA-SE GOMA SECA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NĀYREKUVIHU> VIXĪDA.

LÍNGUA PORTUGUESA: PEGUEI NO <CARNEIRINHO BRANCO>.





1.1.9

PÂNŪKŪĪ

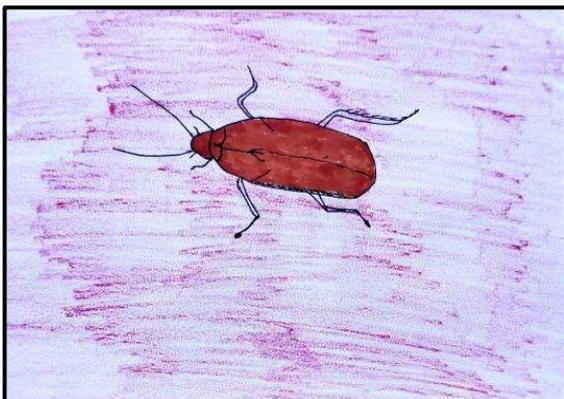
BARATA (S.F)

<INVERTEBRADO> SEU CORPO TEM FORMATO OVULAR E COMPRIDO. SEUS TAMANHOS SÃO VARIADOS SENDO QUE POSSUIM TRÊS PARES DE PERNAS E DUAS ASAS. SUA COLORAÇÃO VARIA DO MARROM ESCURO, MARROM CLARO OU ALARANJADA. POSSUI PARES DE PERNAS E DUAS ASAS. SÃO ENCONTRADAS EM DIFERENTES ESPAÇOS DAS RESIDÊNCIAS OU NA FLORESTA. GOSTA DE LOCAIS ESCUROS E ABAFADOS. SÃO CONSIDERADAS ONÍVOROS, POIS SE ALIMENTAM DE QUALQUER COISA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA KUXA <PÂNŪKŪĪ>

LÍNGUA PORTUGUESA: EU MATEI A <BARATA>.



1.1.9.1

PÂNŪBISTI

BARATA PERUANA (S.F)

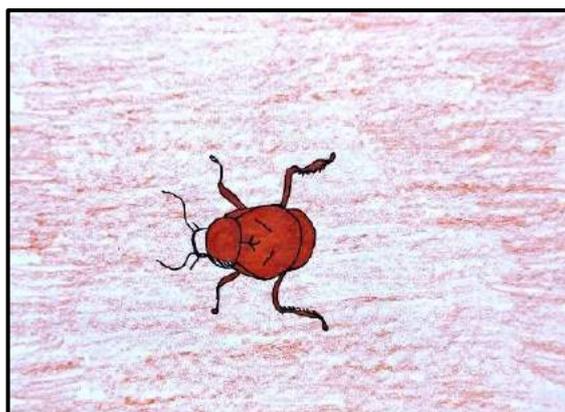
<PÂNŪKŪĪ> POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS E DUAS ASAS. É CONSIDERADA UMA

BARATA PEQUENA. ENCONTRADA NO TELHADO DE CASAS COM COBERTURAS EM PALHA OU NAS FRESTAS DAS TÁBUAS. SUA COLORAÇÃO VAI DO MARROM ESCURO A PRETO. DURANTE A NOITE, COSTUMA MORDER AS PARTES DO CORPO DO SER HUMANO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: BAKATE NÃDIA <PÂNŪKŪĪ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: O TELHADO ESTÁ CHEIO DE <BARATA PERUANA>.



1.1.9.2

PÂNŪWAKA

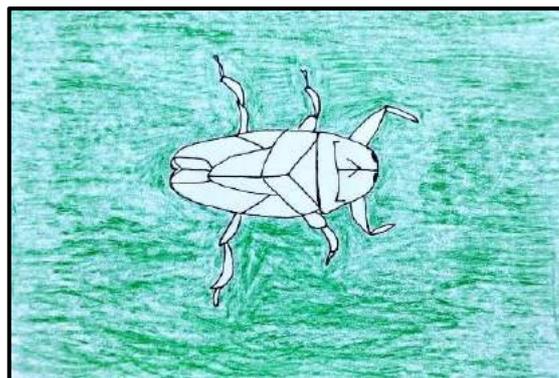
BARATA D'ÁGUA (S.F)

<PÂNŪKŪĪ>, POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS E DUAS ASAS. SUA MORDIDA É DOLOROSA, SENDO TEMIDA PELOS PESCADORES POR HABITAR NAS ÁGUAS. SUA ALIMENTAÇÃO ESTÁ VOLTADA PARA PEIXES, AVES, ANFÍBIOS, COBRAS E OUTROS ANIMAIS. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O MARROM. EM ALGUNS LOCAIS, É USADA COMO ALIMENTAÇÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KAYKI BIXKIA <PÂNŪWAKA> BEWI TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: FUI PESCAR E A <BARATA D'ÁGUA> ME MORDEU.



1.1.10

PETUHKU

CARRAPATO (S.M.)

<INVERTEBRADO> ENCONTRADO NOS CAPINS, TOUCEIRAS OU NAS FOLHAS DE AMBIENTES ÚMIDOS E QUENTES. SUA CARAPAÇA É MOLE OU DURA SENO BEM RESISTENTE. EXISTEM GRANDES VARIEDADES DE CARRAPATOS COM TAMANHOS, ESPESSURAS E CORES DIFERENTES. ALGUNS SÃO ENCONTRADOS EM ANIMAIS, OUTROS EM SERES HUMANOS. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA EM SANGUE DE ANIMAIS E PESSOAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PETUHKU> ĪBI HAWE KUKUA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARRAPATO> CHUPOU O SANGUE DO JABUTI.



1.1.11

PISKAKŪĪ

CABA (S.F.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN COM TAMANHOS E CORES VARIADAS. ENCONTRADAS EM ESPAÇOS DIVERSOS. SUA MORADIA É FEITA DE BARRO DE TAMANHOS E DETALHES DIFERENTES, ALGUMAS MORAM EM BURACOS DE PAU OU SE ABRIGAM EM PALHAS SECAS DAS PALHEIRAS OU NAS FRUTAS. QUANTO AO SEU FERRÃO, ALGUMAS APRESENTAM SER MAIS VALENTES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PISKAKŪĪ> PUYĀ TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA> FERROU MEU BRAÇO.



1.1.11.1

DAWADISWI

CABA VERMELHA (S.F.)

<PISKAKŪĪ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O VERMELHO COM DETALHES PRETO. ENCONTRADA EM ESPAÇOS ONDE É REALIZADA LIMPEZAS DE PEIXES OU CARNES. SUA DEFESA É POR MEIO DE FERRÃO CHEGANDO A CAUSAR MUITAS DORES E VERMELHIDÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <DAWADISWI> HUBUKĀY.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA VERMELHA> ESTÁ VALENTE.



1.1.11.2

KŪISBI

CABA CABELO DE NEGRO (S.F.)

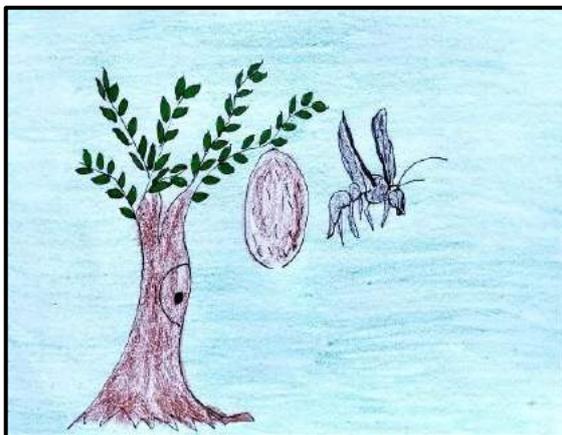
<PISKAKŪĪ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO PRETA E TAMANHO PEQUENO. SUA MORADIA É CONSTRUÍDA EM ÁRVORES E GALHOS DE PAUS. POSSUI FERRADA

DOLOROSA QUE CAUSA MUITA DOR E INCHAÇO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CARNES DE ANIMAIS MORTOS, RESTOS DE ALIMENTOS E FRUTAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KÛISBI> TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA CABELO DE NEGRO> É PRETA.



1.1.11.3
MÃXUVI

CABA MARIMBONDO (S.F.)

<PISKAKÛÏ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO PRETA. TRATA-SE DE UMA CABA QUE CAÇA ARANHAS PARA SERVIREM DE HOSPEDEIRAS E ALIMENTAÇÃO, ALÉM DE ALIMENTOS RICO EM AÇÚCAR. O MACHO É MENOR DO QUE A FÊMEA. SUA MORADIA É PEQUENA SENDO CONSTRUÍDA DEBAIXO DE PALHAS DE BURITI, EM GALHOS SECOS OU EM CUPIM. SUA PICADA É CONSIDERADA UMA DAS MAIS DOLORIDAS, CAUSANDO MUITO INCHAÇO E VERMELHIDÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MÃXUVI> VERU TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA MARIMBONDO> FERROU MEU OLHO.



1.1.11.4

PISKABAHI

CABA DE OCO (S.F.)

<PISKAKÛÏ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO É PRETA E ALGUMAS AMARELA. CONSTROE SUAS MORADIAS EM BUARACOS DE PAU OU CUPIM. SEU TAMANHO É CONSIDERADO GRANDE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, ANIMAIS MORTOS E ALIMENTOS DOCES. SUA FERRADA É DOLOROSA QUE CAUSA MUITA DOR E INCHAÇO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: HERE NÂDEA <PISKABAHI>.

LÍNGUA PORTUGUESA: O BURACO ESTÁ CHEIO DE <CABA DE OCO>.



1.1.11.5

PISKABUSE

CABA CEGA (S.F.)

<PISKAKÛÏ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO AMARELA. NÃO POSSUI MORADIA. VIVE EM COLÔNIAS EM LOCAIS DIVERSOS. SE MOVIMENTA SOMENTE A NOITE E DURANTE O DIA FICA PARADA NO SEU AMBIENTE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, ANIMAIS MORTOS E ALIMENTOS DOCES. SUA FERRADA É DOLOROSA COM INCHAÇO LEVE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PISKABUSE> BUSÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA CEGA> É CEGA.





1.1.11.6

PISKAKĀBA

CABA DE ROÇADO (S.F.)

<PISKAKŪĪ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO AMARELO DOURADO. NÃO POSSUI MORADIAS, VIVEM INDIVIDUAL DAS DEMAIS. É ENCONTRADA NAS LAVOURAS DOS ROÇADOS. POSSUIM FERRADA POUCO DOLOROSA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, ANIMAIS MORTOS E ALIMENTOS DOCES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PISKAKĀBA> PĀXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA DE ROÇADO> É AMARELA.



11.11.7

PISKĀWIXI

CABA TATU (S.F.)

<PISKAKŪĪ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO PRETA. CONSTROE SUAS MORADIAS QUE ASSEMELHA UM TATU NOS GALHOS ALTOS E GROSSOS DAS ÁRVORES COMO: MANGUEIRA, INGAZEIRA, DENTRE OUTROS.

SUA FERRADA É DOLOROSA QUE CAUSA MUITA DOR E INCHAÇO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, ANIMAIS MORTOS E ALIMENTOS DOCES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: IWI EWETE

<PIKĀWIXI>

LÍNGUA PORTUGUESA: NA ÁRVORE TEM UMA CASA DE <CABA TATU>.



1.1.11.8

PISKAYŪHĀ

CABA PEITO DE MOÇA (S.F.)

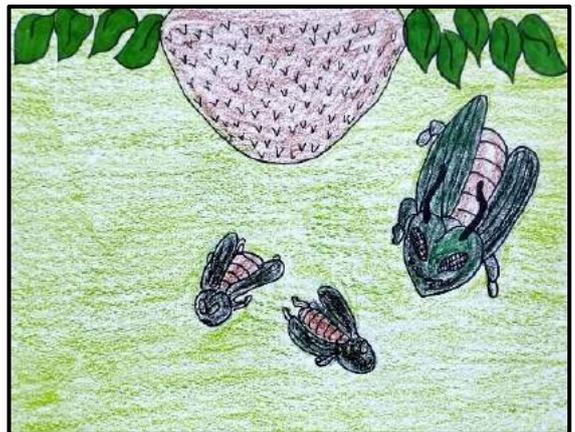
<PISKAKŪĪ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO MARRON ESCURO E TAMANHO BEM PEQUENO. CONSTROE SUAS MORADIAS EM GALHOS BAIXOS DAS ÁRVORES QUE SE ASSEMELHA A SEIOS DE MENINAS. SUA FERRADA É DOLOROSA QUE CAUSA MUITA DOR E INCHAÇO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, ANIMAIS MORTOS E ALIMENTOS DOCES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PISKAYŪHĀ>

HUBUKĀY.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA PEITO DE MOÇA> É VALENTE.



1.1.11.9

TSÁKAPISKA

CABA PEQUENA (S.F.)

<PISKAKŪĪ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO MAARON ESCURO E PRETO. NÃO CONSTROE MORADIAS, VIVE EM QUALQUER ESPAÇO. SUA FERRADA É MENOS DOLORIDA DO QUE AS DEMAIS. GERALMENTE FERRA EMBAIXO DOS BRAÇOS QUANDO É EMPRENSADA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, ANIMAIS MORTOS E ALIMENTOS DOCES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE PUYÃ
<TSÁKAPISKA> TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU BRAÇO FOI FERRADO PELA <CABA PEQUENA>.



1.1.11.10

WIKĀPIS

CABA TAPIUM (S.F.)

<PISKAKŪĪ> QUE POSSUI O CORPO DIVIDIDO EM TRÊS PARTES: CABEÇA, TÓRAX E ABDÔMEN. POSSUI COLORAÇÃO PRETA E OUTRAS SÃO PRETA COM AS ASAS BRANCAS. CONSTROE SUAS MORADIAS EM GALHOS DE PAU E DEBAIXO DE ARBUSTOS NO FORMATO COMPRIDO. SUA PICADA É DOLOROSA QUE CAUSA MUITAS DORES E INCHAÇO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA RESTOS DE ANIMAIS MORTOS E AÇÚCAR DAS FRUTAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WIKĀPIS> BISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CABA TAPIUM> É PEQUENA.



1.1.12

PŪNŪKŪĪ

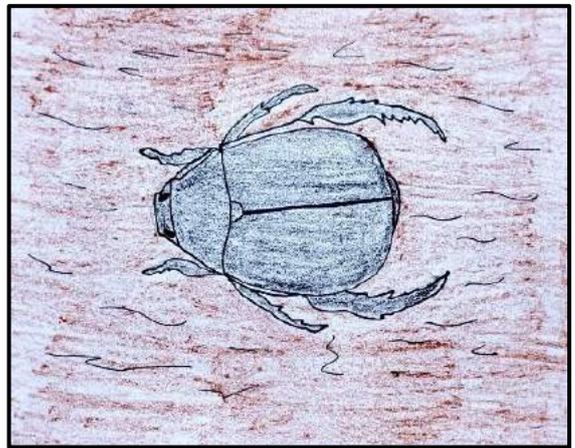
BESOURO (SM.)

<INVERTEBRADO> ENCONTRADO EM DIFERENTES ESPAÇOS E COM COLORAÇÃO E TAMANHOS DIVERSIFICADOS. ALGUNS SERVEM DE ALIMENTOS PARA OUTROS ANIMAIS E SERES HUMANOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VARIADA TAIS COMO: FORMIGAS, RESTOS DE ALIMENTOS E COCÔ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PŪNŪKŪĪ> PEY.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BESOURO> ESTÁ NA FOLHA.



1.1.12.1

PŪNŪ

BESOURO DE BURITI (S.M.)

<PŪNŪKŪĪ> ENCONTRADO DENTRO DA PARTE EM DECOMPOSIÇÃO DO BURITI. POSSUI COLORAÇÃO BRANCA COM GRANDE QUANTIDADE DE GORDURA EXTRAÍDA DO ÓLEO DA FRUTA DO BURITI. É APRECIADO POR ALGUMAS PESSOAS ONDE É DEGUSTADO NA FORMA ASSADA. SEU SABOR ASSEMELHA A FRUTA DO BURITI.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PÛNÛ> UHU.
LÍNGUA PORTUGUESA: O <BESOIRO DE BURITI> É BRANCO.



1.1.12.2

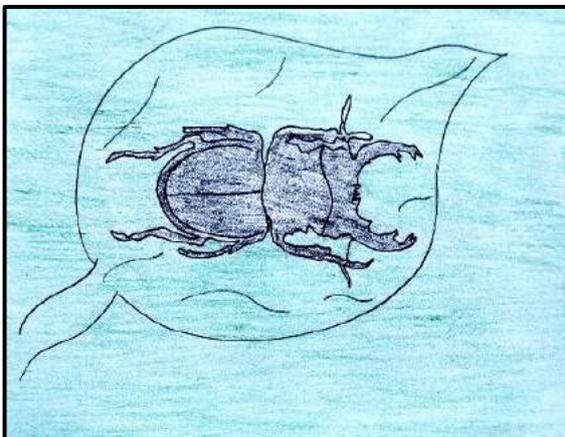
PÛNÛMÃHÛ

BESOIRO DE CHIFRE (S.M.)
<PÛNÛKÛÏ> HABITA EM LOCAIS SECOS GERALMENTE EM PAUS NA FLORESTA OU DEBAIXO DAS FOLHAS SECAS. ALÉM DESSE AMBIENTES, PODEMOS ENCONTRAR NAS RESIDÊNCIAS. POSSUI TAMANHOS VARIADOS; OS MACHOS POSSUIM DOIS CHIFRES NA CABEÇA, 1 NA CABEÇA E OUTRO NO TÓRAX. AS FÊMEAS NÃO POSSUIM CHIFRES E A SUA COLORAÇÃO É MAIS ESCURA DO QUE OS MACHOS. O CHIFRE DO MACHO É UTILIZADO PARA FAZER PINJENTE DE CORDÕES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTOS E MADEIRA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: < PÛNÛMÃHÛ> VATXÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BESOIRO DE CHIFRE> É DURO.



1.1.12.2

PÛNÛPUÏYA

BESOIRO ROLA BOSTA (S.M.)
<PÛNÛKÛÏ> ENCONTRADO DEBAIXO DE FEZES DE SER HUMANO E DIFERENTES ANIMAIS. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O MARRON ESCURO E BEJE. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA SOMENTE DAS FEZES. POSSUI TRÊS PARES DE PERNAS DENTRE ELAS, A TRASEIRA SERVE PARA ESCAVAR A TERRA. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE EM TEMPOS CHUVOSOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PÛNÛPUÏYA> PISI

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BESOIRO ROLA BOSTA> É FEDIDO.



1.1.13

RÃKU

EMBUÁ (S.M.)

<INVERTEBRADO> ENCONTRADO EM PAU EM DECOMPOSIÇÃO OU DEBAIXO DE FOLHAS SECAS E ÚMIDAS. SEU CORPO É CILINDRO E ACHATADO. POSSUI 30 PARES DE PERNAS QUE SERVEM PARA SUA LOCOMOÇÃO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA MATÉRIA ORGÂNICA PRESENTE NO SOLO COMO: MADEIRA EM DECOMPOSIÇÃO. SUA COLORAÇÃO É VARIADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <RÃKU> DAWE WITA EWEA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <EMBUÁ> TEM TRINTA PERNAS.





1.1.14

SAPAWÉ

GAFANHOTO (S.M.)

<INVERTEBRADO> ENCONTRADO EM DIFERENTES LUGARES POSSUI VARIEDADES DE CORES E TAMANHOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA FOLHAS DE VÁRIOS TIPOS DE PLANTAS TAIS COMO: PASTAGENS, FOLHAS DE ROÇA, COUVE DENTRE OUTROS. É CARACTERIZADO POR SUAS ENORMES PERNAS QUE SÃO FORTES E PERMITEM DESLOCAR-SE POR MEIO DE SALTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SAPAWÉ> PEY PĪNŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GAFANHOTO> COME FOLHAS.



1.1.15

SĀBUKŪĪ

MANGANGÁ (S.M.)

<INVERTEBRADO>, POSSUI PELUGEM NA COR PRETA E AMARELO. EMITEM ZUMBIDO ALTO AO VOAR. SÃO MUITO IMPORTANTE NA POLINIZAÇÃO DAS PLANTAS. GERALMENTE SÃO ENCONTARDOS NAS FLORES DO MARACUJÁ. SÃO CONSIDERADOS VALENTES SE CASO SEJA PROVOCADO POR ALGUM TIPO DE

BARULHO REAGINDO COM FERROADAS DOLOROSAS. CRIAM SEUS NINHOS FORRADOS COM PEDAÇOS DE PALHA, EM BURACOS, TRONCOS DE ÁRVORES, JARDINS OU NO SOLO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA O NÉCTAR DAS FLORES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SĀBUKŪĪ> NĀSUVATA TXUKU PĪNŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MANGANGÁ> SE ALIMENTA DO NÉCTAR DAS FLORES.



1.1.16

SEATAKŪĪ

MINHOCA (S.F.)

<INVERTEBRADO> ENCONTRADOS EM SOLOS ÚMIDOS EM DIFERENTES LOCAIS GERALMENTE EM ESPAÇOS COM MUITO CAPIM OU PRÓXIMO A BURITIZAIS. SEU CORPO É COBERTO POR UMA CAMADA FINA DE CUTÍCULA CHEIA DE LINHAS. POSSUIM TAMANHOS VARIADOS COM CORES VOLTADAS PARA O VERMELHO E MARRON ESCURO. SÃO USADAS COMO ISCAS NA PESCA COM LINHAS. ALÉM DE SERVIR DE ALIMENTOS PARA OS PEIXES, E APRECIADA POR GALINHAS E PATOS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE VEGETAIS E TERRA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: YŪBA <SEATAKŪĪ> PĪNŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O PEIXE COME <MINHOCA>.

1.1.16.1



NŪIWĂ

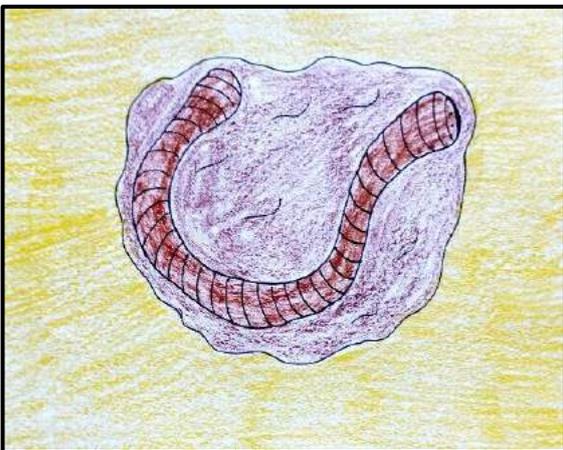
MINHOCA (S.F.)

<SEATAKŪĨ> ENCONTRADAS DEBAIXO DE FOLHAS NO IGAPÓ. PARA RETIRÁ-LA É NECESSÁRIO MECHER NAS FOLHAS, RETIRANDO ATÉ ENCONTRAR. SÃO USADAS COMO ISCAS PARA PESCAR PEIXES MAIORES COMO: SURUBIM, BARBA CHATA, PIRAPITINGA, DENTRE OUTROS. SUA COLORAÇÃO É PRETA COM LINHAS HORIZONTAIS EM TODO O SEU CORPO. SE ALIMENTAM DE PEQUENOS INSETOS E LARVAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NŪIWĂ> REWĂ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MINHOCA> É GRANDE.



1.1.16.2

SEATA

MINHOCA COMUM (S.F.)

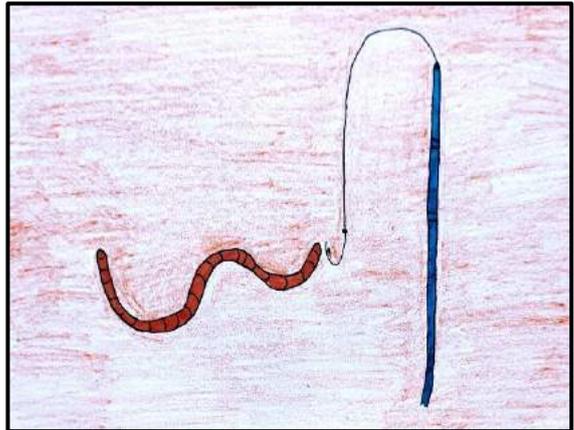
<SEATAKŪĨ> ENCONTRADOS EM SOLOS ÚMIDOS EM DIFERENTES LOCAIS GERALEMENTE EM ESPAÇOS COM MUITO CAPIM OU PRÓXIMO A BURITIZAIS. SEU CORPO É COBERTO POR UMA CAMADA FINA DE CUTÍCULA CHEIA DE LINHAS. POSSUIM TAMANHOS VARIADOS COM CORES VOLTADAS PARA O VERMELHO E MARRON

ESCURO. SÃO USADAS COMO ISCAS NA PESCA COM LINHAS. ALÉM DE SERVIR DE ALIMENTOS PARA OS PEIXES, É APRECIADA POR GALINHAS E PATOS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE VEGETAIS E TERRA. PARA RETIRAR A MINHOCA DA TERRA, É USADO ENXADAS OU PÁ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SEATA> KURĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MINHOCA COMUM> É MOLE.



1.1.17

TXAHKUHĒ

MARIPOSA (S.F.)

<INVERTEBRADO> QUE SURGE A PARTIR DA METAMORFOSE DE LAGARTAS. POSSUI TAMANHOS VARIADOS E COLORAÇÃO ESCURA E POSSUI HÁBITOS NOTURNOS. ALGUMAS ESPÉCIES FAZEM BURACOS NO CHÃO, ONDE FICAM ATÉ SE TORNAREM ADULTAS. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADO EM NÉCTAR, PÓLEM, SANGUE, EXCRETOS DE ANIMAIS DENTRE OUTROS. AO VOAR, PODE SOLTAR PARTÍCULAS DE PELOS DO SEU CORPO.

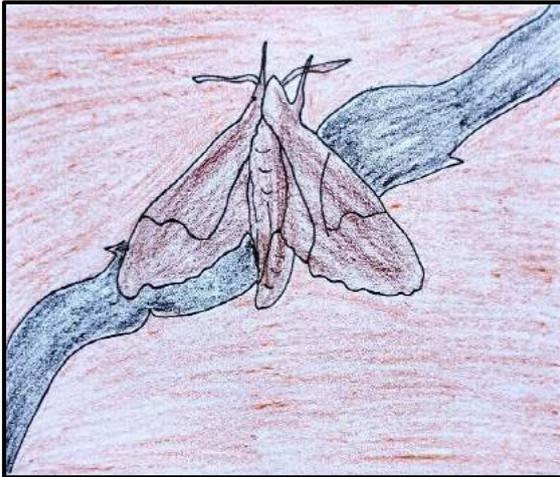
CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: YŪDAY

<TXAHKUHĒ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MARIPOSA> VOA.





1.1.18

TXAPEKŪĪ

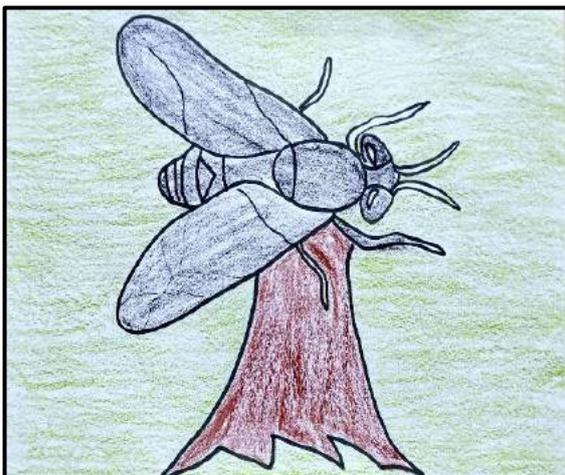
MUTUCA (S.F.)

<INVERTEBRADO> DE CORPO ROBUSTO E DE TAMANHO MÉDIO – A GRANDE. POSSUIM DOIS GANCHOS NA CABEÇA E O ABDOMEM ALMOFADADO QUE FACILITA RASTEJAR EM CHÃO ÚMIDO. AS FÊMEAS SE ALIMENTAM DE SANGUE ENQUANTO OS MACHOS SE NUTREM DE SEIVA, NÉCTAR E FEZES. SÃO ENCONTRADAS EM DIFERENTES ESPAÇOS. POSSUIM COLORAÇÃO VARIADAS TAIS COMO: PRETA, VERDE, AMARELA DENTRE OUTRAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAPEKŪĪ> ĪBI DUHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MUTUCA> BEBE SANGUE.



1.1.18.1

TETEKE

MUTUCA CABO VERDE (S.F.)

<TXAPEKŪĪ> CONHECIDA POR SUA PICADA QUE CAUSA MUITA COCEIRA. POSSUI

COLORAÇÃO EM TONS VERDE ESCURO E TAMANHO CONSIDERADO PEQUENO. SE ALIMENTA DE SANGUE HUMANO, DE ANIMAIS E RESTOS DE CARNES EM DECOMPOSIÇÃO. SEU HABITAT É DIVERSO ONDE PODE SER ENCONTRADA NAS BEIRADAS DE IGARAPÉS, ROÇADOS E NA FLORESTA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TETEKE> BISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MUTUCA CABO VERDE> É PEQUENA.



1.1.18.2

TXAPIPĂXĪ

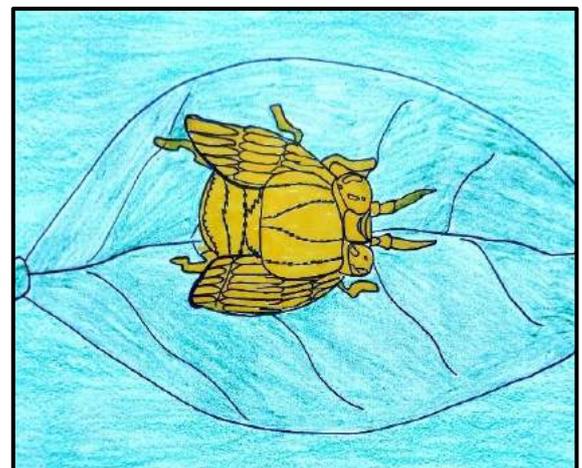
MUTUCA AMARELA (S.F.)

<TXAPEKŪĪ> ENCONTRADA GERALMENTE NOS IGAPÓS E LAGOS. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O AMARELO. SEU TAMANHO É CONSIDERADO MÉDIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA SANGUE HUMANO, DE ANIMAIS E RESTOS DE CARNES EM DECOMPOSIÇÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VAKEVU <TXAPIPĂXĪ> KUXA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O MENINO MATOU A <MUTUCA AMARELA>.



1.1.18.3

TXAPETXI

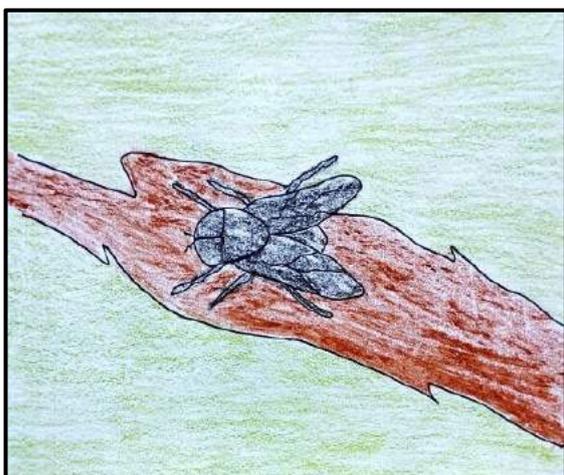
MUTUCA PRETA (S.F.)

<TXAPEKŨĨ> CONHECIDA COMO MUTUCA DE CAVALO. É CONSIDERADA A MAIOR DENTRE AS DEMAIS. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O TOM PRETO. POSSUI PICADA DOLOROSA ONDE SE ALIMENTA DE SANGUE DE HUMANOS E ANIMAIS, ALÉM DE RESTOS MORTAIS DE ANIMAIS EM DECOMPOSIÇÃO. PODE SER ENCONTRADA EM DIFERENTES ESPAÇOS. SUA FERROADA CAUSA MUITA COCEIRA CHEGANDO A CAUSAR VERMELHIDÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAPETXI> PUYÃ EBE TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MUTUCA PRETA> FERROU MEU BRAÇO.



1.1.19

TXAPIKŨĨ

ESCORPIÃO (S.M.)

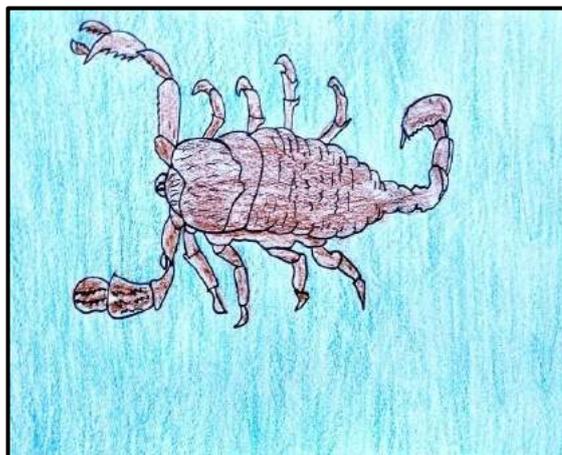
<INVERTEBRADO> COM PATAS FORMADAS POR VÁRIOS SEGMENTOS QUE APRESENTA COMPRIMENTO DE 10 CM A 12 CM. SEU CORPO É ALONGADO COM ALGUMAS CONJUNTURAS. SÃO ANIMAIS NOTURNO GERALMENTE DURANTE O DIA, SE ESCONDE DENTRO DE TRONCOS E CASCAS DE ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA PRINCIPALMENTE EM INSETOS E ARANHAS, MAS PODEM COMER OUTROS ESCORPIÕES, LAGARTOS E ATÉ PEQUENOS ROEDORES E PÁSSAROS. USAM SEU VENENO PARA IMOBILIZAR A PRESA E PARA REALIZAR A DIGESTÃO. SUA FERRADURA É DOLOROSA ONDE UMA PESSOA PODE CHEGAR A DESMAIAR.

POSSUI COLORAÇÃO VOLTADA PARA O BRANCO, AMARELO E PRETO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAPIKŨĨ> RAWKŨ EWEA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ESCORPIÃO> TEM VENENO.



1.1.19.1

TXAPIHU

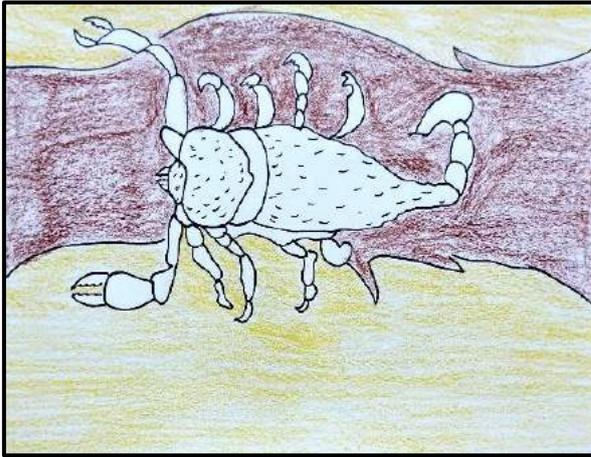
ESCORPIÃO BRANCO (S.M.)

<TXAPIKŨĨ> É UM ANIMAL COM PATAS FORMADAS POR VÁRIOS SEGMENTOS QUE APRESENTA COMPRIMENTO DE 10 CM A 12 CM. SEU CORPO É ALONGADO COM ALGUMAS CONJUNTURAS. SÃO ANIMAIS NOTURNO GERALMENTE DURANTE O DIA, SE ESCONDE DENTRO DE TRONCOS E CASCAS DE ÁRVORES. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O BRANCO. POSSUI FERRADURA DOLOROSA CAUSANDO MUITAS DORES ONDE UMA PESSOA PODE CHEGAR A DESMAIAR. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA PRINCIPALMENTE EM INSETOS, ARANHAS, E RESTOS DE ANIMAIS MORTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAPIHU> XĀDAKŨĨ PĪNŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ESCORPIÃO BRANCO> COME ARANHA.



1.1.19.2

TXAPIPĀXĪ

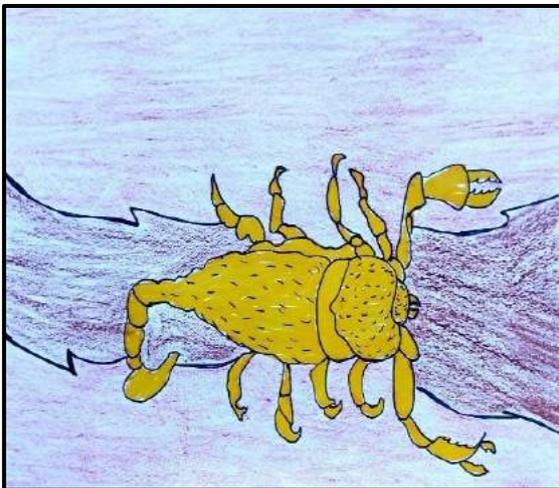
ESCORPIÃO AMARELO (S.M.)

<TXAPIKŪĪ> COM PATAS FORMADAS POR VÁRIOS SEGMENTOS QUE APRESENTA COMPRIMENTO DE 10 CM A 12 CM. SEU CORPO É ALONGADO COM ALGUMAS CONJUNTURAS. SÃO ANIMAIS NOTURNO GERALMENTE DURANTE O DIA, SE ESCONDE DENTRO DE TRONCOS E CASCAS DE ÁRVORES. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O AMARELO. POSSUI FERRADURA DOLOROSA CAUSANDO MUITAS DORES ONDE UMA PESSOA PODE CHEGAR A DESMAIAR. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA PRINCIPALMENTE EM INSETOS, ARANHAS, E RESTOS DE ANIMAIS MORTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAPIPĀXĪ> ÈIDIKŪĪ PĪNŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ESCORPIÃO AMARELO> COME FORMIGA.



1.1.19.3

TXAPITXIHI

ESCORPIÃO PRETO (S.M.)

<TXAPIKŪĪ> COM PATAS FORMADAS POR VÁRIOS SEGMENTOS QUE APRESENTA COMPRIMENTO DE 10 CM A 12 CM. SEU CORPO É ALONGADO COM ALGUMAS CONJUNTURAS. SÃO ANIMAIS NOTURNO GERALMENTE DURANTE O DIA, SE ESCONDEM DENTRO DE TRONCOS E CASCAS DE ÁRVORES. SUA COLORAÇÃO É VOLTADA PARA O PRETO. POSSUI FERRADURA DOLOROSA CAUSANDO MUITAS DORES ONDE UMA PESSOA PODE CHEGAR A DESMAIAR. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA PRINCIPALMENTE EM INSETOS, ARANHAS, E RESTOS DE ANIMAIS MORTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE TAY TAYTAY. TEKA <TXAPITXIHI>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU PÉ ESTÁ DOENDO. O <ESCORPIÃO PRETO> ME FERROU.

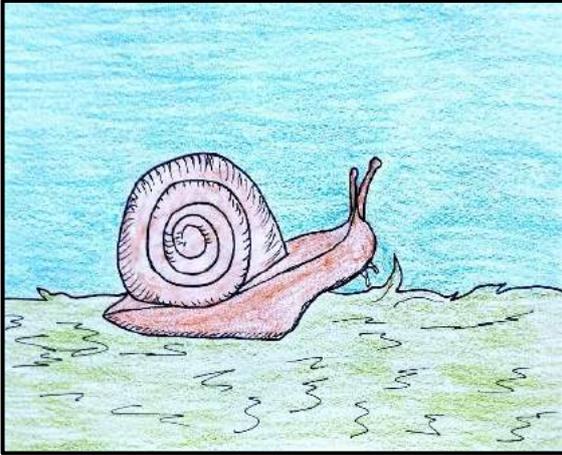
**1.1.20 UTSUPUYUKŪĪ**

CARACOL (S.M.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI UMA CONCHA DURA. NÃO POSSUIM AUDIÇÃO, UTILIZAM OS SENTIDOS DO TATO E DO OLFATO QUE ESTÁ SITUADO EM TODO SEU CORPO. PODEM DORMIR POR ATÉ TRÊS ANOS. SÃO ENCONTRADOS EM IGAPÓ EM ÁREAS ÚMIDAS, JARDINS, NA FLORESTA OU POMARES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA MINHOCAS, OUTROS CARACOIS, LESMAS, VERDURAS E FRUTAS. SUA LOCOMOÇÃO É DE FORMA LENTA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <UTSUPUYUKÛÏ>
KARIBI.
LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARACOL> É
LENTO.



1.1.21

WIKÛÏ

CARAPANÃ (S.F.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI TAMANHOS E CORES VARIADAS. SEU CORPO É DIVIDIDO EM: CABEÇA, TÓRAX, ABDOME E OITO PERNAS. SÃO ENCONTRADAS EM DIFERENTES ESPAÇOS. A CARAPANÃ AEGYPTI É CONHECIDA COMO “CARAPANÃ DA MALÁRIA”. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE SEIVA, NÉCTAR DAS PLANTAS E SANGUE DE ANIMAIS E SERES HUMANOS. ALGUMAS COSTUMAM FICAR EM LOCAIS ESCUROS E ÁREAS ÚMIDAS. SUA FERROADA CAUSA COCEIRA E VERMILHIDÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: < WIKÛÏ > KUXA.

LÍNGUA PORTUGUESA: MATEI A <CARAPANÃ>.



1.1.21.1

WIRU

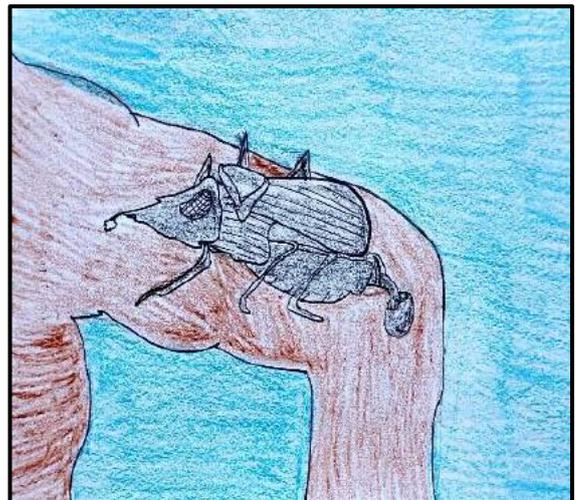
CARAPANÃ GUARIBA (S.F.)

<WIKÛÏ> QUE POSSUI TAMANHOS VARIADOS DE ACORDO COM A SUA ÉPOCA DE NASCIMENTO. SEU CORPO É DIVIDIDO EM: CABEÇA, TÓRAX, ABDOME E OITO PERNAS. SÃO ENCONTRADAS EM DIFERENTES ESPAÇOS. SUA COR É VOLTADA PARA O VERMELHO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE SEIVA, NÉCTAR DAS PLANTAS E SANGUE DE ANIMAIS E SERES HUMANOS. ALGUMAS COSTUMAM FICAR EM LOCAIS ESCUROS E ÁREAS ÚMIDAS. SUA FERROADA CAUSA COCEIRA E VERMILHIDÃO. NÃO TRANSMITE DOENÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WIRU> ÏBI PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CARAPANÃ GUARIBA> SE ALIMENTA DE SANGUE.



1.1.21.2

WIXIWI

CARAPANÃ ESTACA (S.F.)

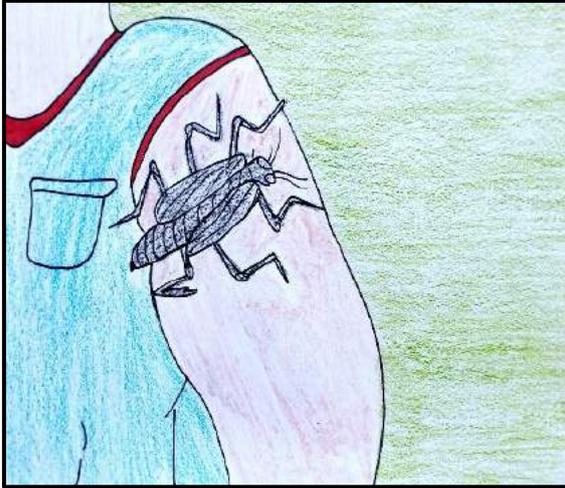
<WIKÛÏ> QUE POSSUI TAMANHOS VARIADOS DE ACORDO COM A SUA ÉPOCA DE NASCIMENTO. SEU CORPO É DIVIDIDO EM: CABEÇA, TÓRAX, ABDOME E OITO PERNAS SENDO CONSIDERADA BEM FINA. SUA FERRADURA APARENTA UMA ESTACA PERFURANDO O CORPO; CAUSA MUITA COCEIRA CHEGANDO A CAUSAR VERMELHIDÃO. SUA COR É VOLTADA PARA TONS ESCUROS. COSTUMA SE APRESENTAR COM MAIS FREQUENCIA NO TURNO DA NOITE.

CONTEXTO DE USO:



LÍNGUA PUYANAWA: <WIXIWI> EWĒDA EWA TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CARAPANÃ ESTACA> FERROU MINHA MÃE.



1.1.22

XĀDAKŪĪ

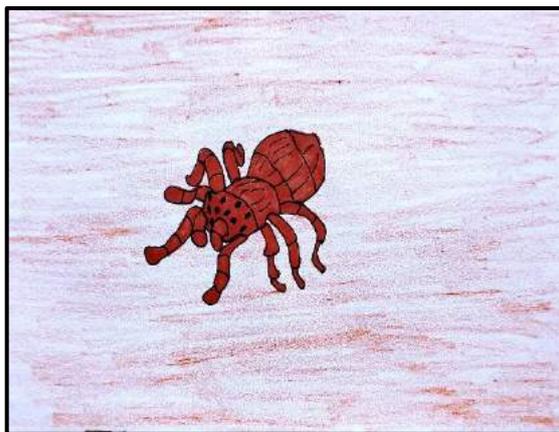
ARANHA (S.F.)

<INVERTEBRADO> QUE POSSUI OITO PATAS E OITO OLHOS. APRESENTA DIFERENTES TAMANHOS E CORES. ALGUMAS SÃO VENENOSAS. PRODUZEM TEIAS QUE INSPIRAM AS ARTES INDÍGENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <XĀDAKŪĪ> RAKE.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU TENHO MEDO DE <ARANHA>.



1.1.22.1

XĀDA

ARANHA CARANGUEJEIRA (S.F.)

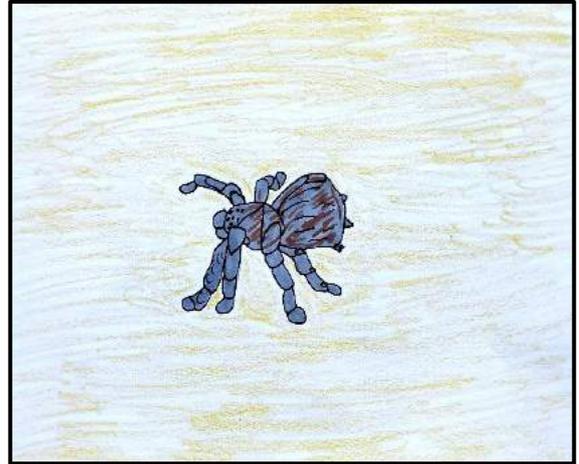
<XĀDAKŪĪ> POSSUI OITO PATAS LONGAS E DUAS GARRAS NAS PONTAS. APRESENTA CORPO PELUDO, DE COR PRETA. SE ALIMENTA DE PEQUENOS ANIMAIS COMO:

SAPO, COBRAS, RÃS, PERERECAS E LAGARTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XĀDA> EWĒDA TAY DAKU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ARANHA CARANGUEJEIRA> PICOU MEU PÉ.



1.1.23

XIŪBI

MERUIM (S.M.)

<INVERTEBRADO> ENCONTRADO EM QUASE QUALQUER HABITAT AQUÁTICO. EM ÉPOCAS CHUVOSAS, ELES SE APRESENTAM EM GRANDES QUANTIDADES. SE ALIMENTAM DE SANGUE HUMANO; AO PICAR, FICAM MARCAM GRUDADAS NA PELE COMO ESPÉCIE DE BOLHAS DE SANGUE QUE PODEM PERSISTIR POR MAIS DE UMA SEMANA. EM ALGUNS CASOS, CAUSAM ALERGIAS E COCEIRAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XIŪBI> EWĒDA MĀKĀ TEKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MERUIM> FERROU MINHA MÃO.





1.1.24

XÍTI

GRILO (S.M.)

<INVERTEBRADO> QUE APRESENTA UMA GRANDE VARIEDADES DE TAMANHOS E CORES. OS MACHOS PRODUZEM SONS PARA ATRAIR AS FÊMEAS PARA A REPRODUÇÃO. SUA PRINCIPAL ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA AS FOLHAS DE DIFERENTES PLANTAS, FRUTAS COMO BANANA, ABACATE E ETC. SÃO USADOS COMO ISCAS PARA PEGAR PEIXES, EM ESPECIAL AS PIABAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TĀKARA <XÍTI> PINŨ

LÍNGUA PORTUGUESA: A GALINHA COME <GRILO>.



1.2.1.1

PĀTXUÃ

RÃ (S.F.)

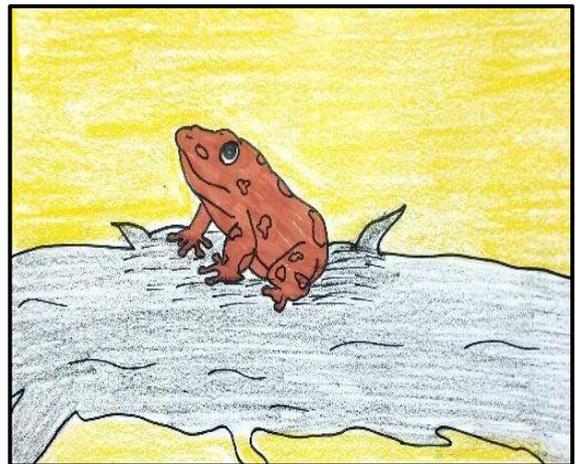
<ANFÍBIO> QUE VIVE EM AMBIENTES AQUÁTICOS TAIS COMO: LAGOS, IGAPÓS, CACIMBAS E IGARAPÉS. POSSUI PELE LISA, CORPO CURTO E FLEXÍVEL, COM QUATRO

DEDOS NAS PATAS DIANTEIRAS E CINCO DEDOS NAS PATAS TRASEIRAS. APRESENTA UMA LÍNGUA PEGAJOSA PARA LANÇAR E CAPTURAR ANIMAIS PARA SUA ALIMENTAÇÃO. SE ALIMENTA DE PEQUENOS INSETOS COMO: GERINOS, PEQUENOS PEIXES, INSETOS E LARVAS. SUA COR É VOLTADA PARA O MARRON.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PĀTXUÃ> NĪKĪNĪKĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <RÃ> É FRIA.



1.2.1.2

PUYAKŪĪ

SAPO (S.M.)

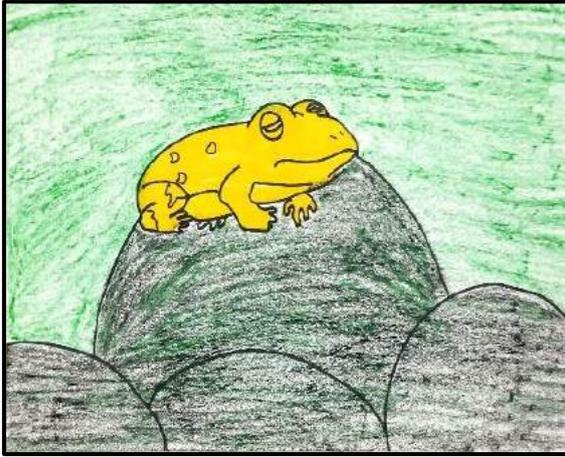
<ANFÍBIO> POSSUI PELE RUGOSA SEMELHANTES A VERRUGAS E SECAS. EXISTEM UMA GRANDE VARIEDADE DE SAPOS COM TAMANHOS E CORES VARIADAS. ALGUNS VIVEM EM AMBIENTES PRÓXIMO A FONTE DE ÁGUAS USADA PARA REPRODUÇÃO, OUTROS SÃO ENCONTRADOS EM AMBIENTES SECOS. SUA LOCOMOÇÃO É POR MEIO DE SALTOS ONDE UTILIZA SUAS PATAS PARA PULAR. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA EM INSETOS TENDO O GRILO COMO SUA ALIMENTAÇÃO PREFERIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA < PUYAKŪĪ> EWETW VIA.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VI O <SAPO> NA CASA.





1.2.1.2.1

KĀPU

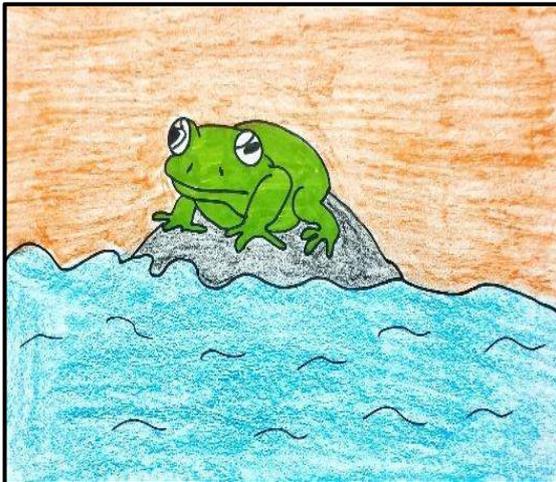
SAPO VERDE (S.M.)

<PUYAKŪĨ> VIVE GERALMENTE NA FLORESTA. SUA PELE VERDE POSSUI UMA SUBSTÂNCIA VENENOSA ONDE É UTILIZADA EM RITUAIS MEDICINAIS PELOS INDÍGENAS. QUANDO A SUBSTÂNCIA É TOCADA NA PELE, O SER HUMANO VOMITA MUITO FAZENDO UMA LIMPEZA NO CORPO. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA EM INSETOS. POSSUI PATAS PEGAJOSAS USADAS PARA LOCOMOÇÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KĀPU> HERIKIMÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SAPO VERDE> É MEDICINAL.



1.2.1.2.3

TUA

SAPO CANOEIRO (S.M.)

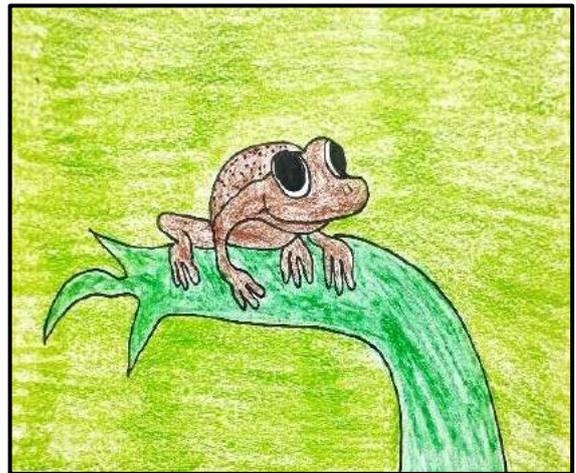
<PUYAKŪĨ> VIVE PRINCIPALMENTE NOS IGARAPÉS, LAGOS, CACIMBAS, OU SEJA, LOCAIS ÚMIDOS QUE FACILITA SUA RESPIRAÇÃO E REPRODUÇÃO. DURANTE O

DIA FICA NA ÁGUA E DURANTE A NOITE É ENCONTRADO NAS PLANTAS E ÁRVORES QUE FICAM ÀS MAGENS DOS IGARAPÉS. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE INSETOS COMO: MOSCAS, GRILOS, DENTRE OUTROS. POSSUIM TRÊS DEDOS EM CADA PATA. SUA COR É VOLTADA PARA O MARROM.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TUA> XĪTI PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SAPO CANOEIRO> COME GRILO.



1.2.1.3

TXĀKI

PERERECA (S.F.)

<ANFÍBIO> QUE POSSUI PELE ÚMIDA, FRIA, OLHOS ESTUFADOS, PERNAS FINAS, LONGAS E PEQUENAS. SEUS DEDOS CONSEGUEM GRUDAR NAS PLANTAS FACILITANDO SUA LOCOMOÇÃO, ALÉM DE SEREM CAPAZES DE REALIZAR SALTOS DE ATÉ DOIS METROS. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE POR MEIO DE OVOS QUE DÃO ORIGEM AOS FILHOTES CONHECIDOS COMO GIRINOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS E POR MEIO DA SUA LÍNGUA LONGA E PEGAJOSA CONSEGUE CAPTURAR SUAS PRESAS. SUA COLORAÇÃO É VERDE COM DETALHES AZUL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXĀKI> IKĀBA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PERERECA> É VERDE.





1.2.1.4

TXURÃ

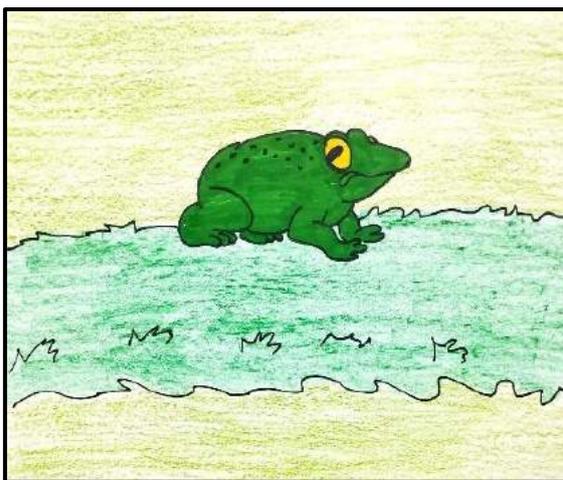
GIA (S.F.)

<ANFÍBIO> QUE SÃO ENCONTRADOS ENTRE AS FLHAS DAS BANANEIRAS, ESCONDIDOS EM ROUPAS MOLHAS, ATRÁS DE GELADEIRA DENTRE OUTROS ESPAÇOS. SUA COLORAÇÃO É VERDE, AMARELA OU MARRON ESCURO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS. SE REPRODUZEM NA ÁGUA POR MEIO DE OVOS QUE DÃO ORIGEM A FILHOTES QUE SÃO CONHECIDOS COMO GIRINOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXURÃ> XĀDAKŪĪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <GIA> COME ARANHA.



1.2.2.1

AKAKŪĪ

SOCÓ (S.M.)

<AVE> COBERTA DE PENAS COM DIFERENTES CORES. SUA REPRODUÇÃO É

POR MEIO DE OVOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEIXES, ANFÍBIOS, INSETOS E OUTRAS AVES. DURANTE O DIA REPOUSA NOS GALHOS DE ÁRVORES. POSSUI O HÁBITO DE COLOCAR SEU BICO LONGO E FINO SOBRE O SEU PEITO PARA DORMIR.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <AKAKŪĪ> YŪBA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SOCÓ> COME PEIXE.



1.2.2.1.1

AKA

SOCÓ MOCHILA (S.M.)

<AKAKŪĪ> COBERTA DE PENAS MARRON. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEIXES, ANFÍBIOS, INSETOS E OUTRAS AVES. É ENCONTRADO PRÓXIMO AOS IGARAPÉS E LAGOS. POSSUI BICO ALONGADO E FINO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <AKA> DAWABI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SOCÓ MOCHILA> VOA.



AKASAKARA

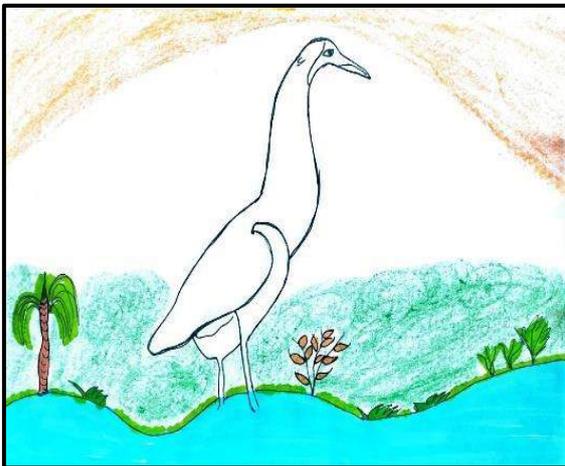
SOCÓ BOI (S.M.)

<AKAKŪĨ> VIVE NAS MARGENS DE RIOS E IGARAPÉS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS. ALIMENTA-SE DE PEIXES, MOLUSCOS, ANFÍBIOS E RÉPTILS. NA BUSCA POR SUA ALIMENTAÇÃO, PERMANECE IMÓVEL ENQUANTO ESPERA SUA PRESA. SUAS PENAS SÃO VOLTADAS PARA O TOM MARRON E CINZA. SEU BICO É GROSSO E AMARELO ESCURO. SUAS PERNAS SÃO VERDES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: BIPA, EYA
<AKASAKARA> VIA.

LÍNGUA PORTUGUESA: PAI, EU VI UM
<SOCÓ BOI>.



1.2.2.1.3

AKATUPAH

SOCÓ AZUL (S.M.)

<AKAKŪĨ> VIVE NAS MARGENS DE RIOS, LAGOS E IGARAPÉS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS. ALIMENTA-SE DE PEIXES, MOLUSCOS, ANFÍBIOS E RÉPTILS. NA BUSCA POR SUA ALIMENTAÇÃO, PERMANECE IMÓVEL ENQUANTO ESPERA SUA PRESA. SUAS PENAS SÃO VOLTADAS PARA O TOM AZUL ESCURO. SEU BICO É COMPRIDO E PRETO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <AKATUPAH>
HĒYDAKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SOCÓ AZUL> É
LINDO.



1.2.2.1.4

TSŪDU AKA

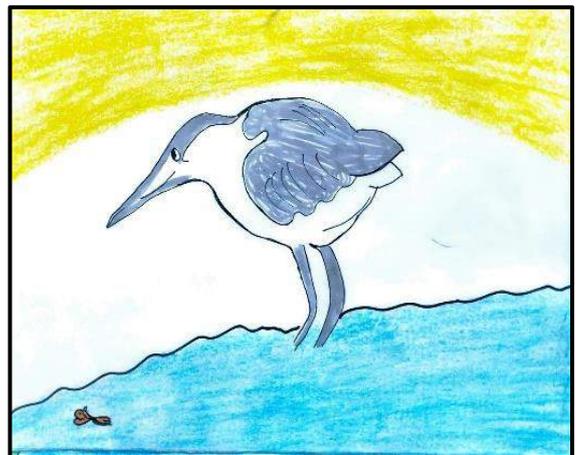
SOCÓ BRANCO (S.M.)

<AKAKŪĨ> VIVE NAS MARGENS DE RIOS, LAGOS E IGARAPÉS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS. ALIMENTA-SE DE PEIXES, MOLUSCOS, ANFÍBIOS E RÉPTILS. NA BUSCA POR SUA ALIMENTAÇÃO, PERMANECE IMÓVEL ENQUANTO ESPERA SUA PRESA. SUAS PENAS SÃO TODAS BRANCAS COMO ALGODÃO. SEU BICO É COMPRIDO E LARANJA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TSŪDUAKA> RAWE
WITA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SOCÓ BRANCO>
TEM DUAS PERNAS.



1.2.2.2

ATSÍWA

MANGUARI (S.M.)

<AVE> POSSUI PENAS BRANCAS E PRETAS
NA SUA CALDA. SUAS PERNAS SÃO
VERMELHAS E UM BICO GRANDE NA COR



CINZA E VERMELHO. VIVE NAS MARGENS DE RIOS, LAGOS E IGARAPÉS NAS PARTES RASAS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS. ALIMENTA-SE DE PEIXES, SAPOS, MINHOCAS, LARVAS DE INSETOS, COBRAS DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ATSÍWA> SEATAKÛÏ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MANGUARI COME MINHOCA.



1.2.2.3

ÃSĨ

MUTUM (S.M.)

<AVE> COM PLUMAGEM PRETA E NA PARTE ABDOMINAL POSSUI PENAS BRANCAS E BICO AMARELO. SE ALIMENTA DE FRUTOS, FLORES E SEMENTES DE DIFERENTES PLANTAS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS. SEU NINHO É CONSTRUÍDO NAS ÁRVORES, COM RAMOS E FOLHAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: IWI WIXKI <ÃSĨ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: NA ÁRVORE TEM NINHO DE <MUTUM>.



1.2.2.4

BATAHIKA

ALMA DE GATO (S.M.)

<AVE> POSSUI PARTE DE SUAS PENAS NA COR FERRUGEM, PEITO ACINZENTADO, CAUDA LONGA ESCURA, BICO AMARELO E OLHOS VERMELHO. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE CRIA SEUS NINHOS NOS GALHOS DAS ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE INSETOS, PRINCIPALMENTE LAGARTAS, LAGARTIXAS, PERERECA E OVOS DE OUTRAS AVES, ALÉM DE FRUTINHAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BATAHIKA> HÊDAKÛÏ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ALMA DE GATO> COME LAGARTAS.



1.2.2.5

BAWATĀDA

JAPIIM (S.M.)

<AVE> QUE POSSUI PENAS PRETAS E AMARELAS, ALÉM DE UM BICO BRANCO E OLHOS AZUIS. SEU CANTO É VARIADO, CONSEGUE IMITAR OUTRAS AVES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTOS E SEMENTES. SEUS NNHOS SÃO CONSTRUÍDOS COM CAPIM EM FORMATO DE UMA BOLSA PENDURADA. É COMUM ENCONTRAR NINHOS EM GRANDE QUANTIDADES NAS SAMAUMEIRAS, APRESENTANDO GRANDE NÚMEROS DE NINHOS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE POSSUI UMA COLORAÇÃO BRANCO-AZULADOS COM LISTRAS MARROM ESCURO.

CONTEXTO DE USO:



LÍNGUA PUYANAWA: <BAWATĀDA> WITA PĀXĪ TXIHL.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JAPIIM> TEM PENAS AMARELAS E PRETAS.



1.2.2.6

BAYRESTE

BEM-TE-VI (S.M.)

<AVE> ENCONTRADA EM DIVERSOS LUGARES TAIS COMO: ÁRVORES QUE FICAM NAS MARGENS DOS IGARAPÉS, PLANTAÇÕES, PASTAGENS E NA FLORESTA EM MATAS DE CAPOEIRA OU DE SERINGAL. É COBERTO DE PENAS COM AS CORES: AMARELO, MARROM, PRETO E BRANCO. SEU BICO É ACHATADO E LONGO. SEU CANTO LEMBRA AS SÍLABAS DO SEU NOME. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE FRUTAS COMO: MAMÃO, BANANA, PITANGAS, ALÉM DE: MINHOCAS, FLORES, LAGARTOS, PEIXES E COBRAS. CONSTROE NINHOS COM RAMAS DE VEGETAIS EM GALHTILIZAM SOS DE ÁRVORES CERRADAS COM FORMATO DE UMA XÍCARA ABERTA. PÕE DE DOIS A QUATRO OVOS DE COR CREME COM POUCAS MANCHAS MARROM-AVERMELHADAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAYRESTE> KĀBUKŪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JAPIIM> COME COBRA.



1.2.2.7

BAYWAWA

URU (S.M.)

<AVE> DE PLUMAGEM RAJADA, MESCLA EM TONS DE CINZA, MARROM E LARANJA QUE AJUDA A CLAMUFLAR NO SOLO DA FLORESTA. EMITE SONS DO SEU NOME QUE PODE DURAR ALGUNS MINUTOS. PELA MANHÃ MARCA SEU TERRITÓRIO POR MEIO DE MELODIAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE GERALMENTE SÃO ENCONTRADOS DENTRO DE BURACOS QUE ELES MESMO CONSTROEM.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAYWAWA> TUH HERE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <URU> PÕE OVOS NO BURACO.



1.2.2.8

BERETE

PICA-PAU (S.M.)

<AVE> SÃO COBERTOS DE PENAS PRETAS, BRANCAS E CABEÇA COM UMA CRISTA VERMELHA. POSSUIM DOIS DEDOS VOLTADOS PARA FRENTE E DOIS DEDOS VOLTADOS PARA TRÁS QUE FACILITA SE AGARRAR NOS TORNCOS DAS ÁRVORES. SEU HÁBITO É PERFURAR MADEIRA DAS ÁRVORES COM SEU BICO MUITO RESISTENTE EM BUSCA DE LARVAS E INSETOS PARA SE ALIMENTAR ALÉM DE CONSTRUIR SEUS NINHOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BERETE> XĪTI MĀPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PICA-PAU> FUROU A ÁRVORE.



1.2.2.9

DAWAKĀDA

MÃE-DA-LUA (S.F.)

<AVE> DE HÁBITOS NOTURNO. SUA ALIMENTAÇÃO É CONSTITUÍDA DE INSETOS QUE SÃO CAPTURADOS NO SEU VOO. TAMBÉM SE ALIMENTA DE MORCEGO, LAGARTOS E PEQUENOS PÁSSAROS. UTILIZAM SUAS PENAS MARROM PARA CLAMUFLAR SENDO CONFUNDIDAS COM PEDAÇOS DE MADEIRA, GALHOS E TRONCOS QUE FICAM EM PÉ. COSTUMAM FICAR PARADAS E NÃO SE ASSUSTAM COM FACILIDADE. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE POR MEIO DE OVOS, ONDE PÕE UM OVO EM TRONCOS APODRECIDOS. A INCUBAÇÃO DURA EM 33 DIAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: IWI TUH <DAWAKĀDA>.

LÍNGUA PORTUGUESA: NA ÁRVORE TEM UM OVO DA <MÃE-DA-LUA>.



1.2.2.10

DIHI

CIGANA (S.F.)

<AVE> POSSUI A PELE DO ROSTO NA COR AZUL, OS OLHOS SÃO VERMELHOS E A CABEÇA PEQUENA COM CRISTA AVERMELHADAS. A PLUMAGEM É CATANHO-CLARO. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA EM FOLHAS DE PLANTAS, FRUTOS E FLORES. SEUS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS PERTO DAS MARGENS DO RIO, LAGOS OU IGARAPÉS COLOCANDO DE 2 A 3 OVOS. SEUS FILHOTES NASCEM SEM PENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA VIA <DIHI>.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VI UMA <CIGANA> NA ÁRVORE.



1.2.2.11

HĀBESKŪĪ

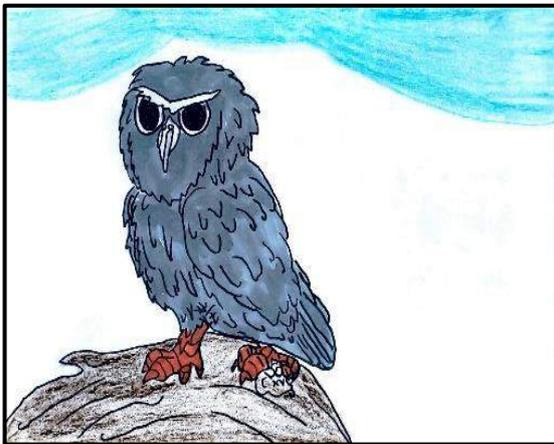
CORUJA (S.F.)

<AVE> SÃO CAÇADORAS EFICIENTES. USAM SEUS OLHOS GRANDES QUE SE ASSEMELHA A HUMANOS COM MOVIMENTOS RÁPIDOS PARA OBSERVAR SUAS PRESAS. POSSUI BICOS CURVADO E GARRAS MUITO FORTES ENCURVADAS E AFIADAS. GRANDE HABILIDADE PARA GIRAR O PESCOÇO E VOAR SILENCIOSAMENTE JUSTAMENTE PORQUE SUAS PENAS SÃO MACIAS. EXISTEM UMA VARIEDADES DE TONS NA PLUMAGEM DAS CORUJAS, TAIS COMO: MARROM, BRANCO E CINZA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: ROEDORES, MORCEGOS, ARANHA, PEIXES E OUTRAS AVES. ENGOLEM SUAS REFEIÇÕES POR INTEIRO. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE POR MEIO DE OVOS ONDE BOTAM DE 6 A 11 OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HĀBESKŪĪ> VERU REWĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CORUJA> POSSUI OLHOS GRANDES.



1.2.2.11.1

HĀBESWĀ

CORUJÃO (S.M.)

<HĀBESKŪĪ> SÃO CAÇADORES EFICIENTES. USAM SEUS OLHOS GRANDES QUE SE ASSEMELHA A HUMANOS COM MOVIMENTOS RÁPIDOS PARA OBSERVAR SUAS PRESAS. POSSUI BICOS CURVADO E GARRAS MUITO FORTES ENCURVADAS E AFIADAS. GRANDE HABILIDADE PARA GIRAR O PESCOÇO E VOAR SILENCIOSAMENTE JUSTAMENTE PORQUE

SUAS PENAS SÃO MACIAS. OS TONS DE SUAS PENAS SÃO VOLTADAS PARA O CINZA COM MANCHAS BRANCAS E MARROM. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: ROEDORES, MORCEGOS, ARANHA, PEIXES E OUTRAS AVES. ENGOLEM SUAS REFEIÇÕES POR INTEIRO. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE POR MEIO DE OVOS ONDE BOTAM DE 6 A 11 OVOS. SEU TAMANHOS É CONSIDERADO GRANDE EM COMPARATIVO COM AS CORUJAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EWEATA RAKE <HĀBESWĀ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: TENHO MEDO DE <CORUJÃO>.



1.2.2.12

HĀTEYSA

PEITICA (S.F.)

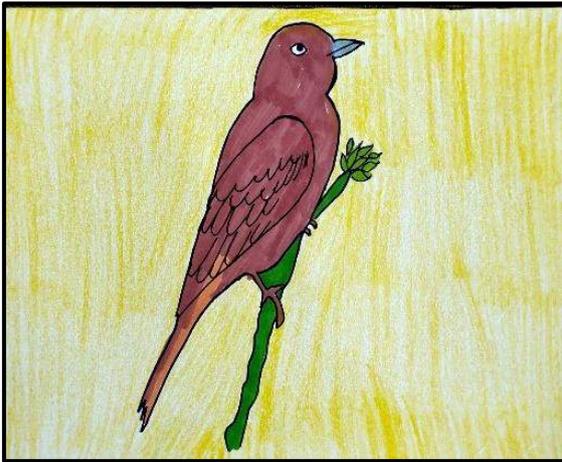
<AVE> POSSUI PLUMAGEM RAJADA DE CINZA ESCURO COM SEMELHANÇA PARA O BEM-TE-VI. SUA ALIMENTAÇÃO BASICAMENTE É VOLTADA PARA INSETOS E FRUTINHAS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS, GERALMENTE CONSTRUÍDOS SOBRE OS GALHOS ACHATADOS DAS ÁRVORES FEITO COM GRAMAS, GRAVETOS E FIBRAS. SÃO POSTOS 3 A 4 OVOS DE COR CREME.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HĀTEYSA> KEWĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PEITICA> CANTA.





1.2.2.13

HUKE

TUCANO (S.M.)

<AVE> QUE POSSUI PENAS PRETAS COM DETALHES BRANCOS. SEU BICO É LONGO NA COR AMARELO E DETALHES PRETO, USADO PARA ALCANÇAR SEUS ALIMENTOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTOS, INSETOS COMO A CIGARRA, LAGARTIXAS, DENTRE OUTROS. CONSTROEM SEUS NINHOS NOS BURACOS DOS PAUS BOTANDO DE 2 A 4 OVOS POR VEZ. SUAS PENAS SÃO USADAS PARA CRIAR LINDAS PEÇAS DE ARTESANTOS COMO: CORDÃO, BRINCOS E COROAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE TEWTE PEY <HUKE>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU CORDÃO É DE PENA DE <TUCANO>.



1.2.2.14

HUNĪKAKŪĪ

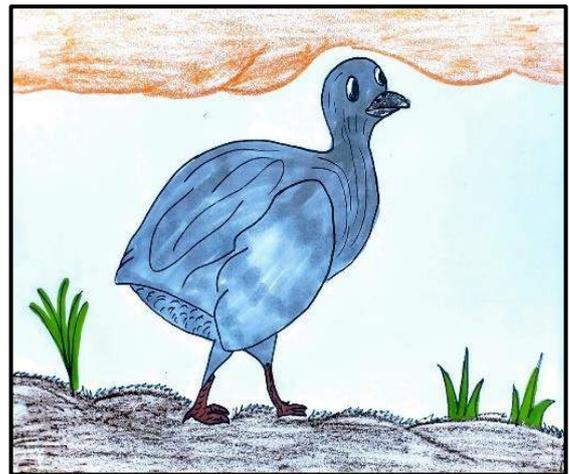
INAMBU (S.F.)

<AVE> QUE NÃO POSSUI CALDA E ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. EXISTE UMA VARIEDADE DE ESPÉCIES, TAMANHOS E CORES. É ENCONTRADA NAS MATAS DE CANARAÍ E DO SERINGAL. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE SEMENTES, FRUTAS E INSETOS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE BOTA DE 4 A 5 OVOS. CONSTROE SEUS NINHOS NO CHÃO ONDE SE ASSEMELHA AOS NINHOS DE GALINHAS. SUA CARNE É DELICIOSA ONDE FONTE DE ALIMENTAÇÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: NĀBI <HUNĪKAKŪĪ> DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: A CARNE DA <INAMBU> É GOSTOSA.



1.2.2.14.1

HŪYKA

INAMBU PINTADA (S.F.)

<HUNĪKAKŪĪ> QUE NÃO POSSUI CALDA E ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. AS PENAS DA CABEÇA SÃO CINZENTA E O PAPO BRANCO, SUAS ASSAS SÃO NO TOM DE AMARELO-CLARO. SEU BICO E OLHOS SÃO MARRONS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE BOTA DE 4 A 5 OVOS QUE VARIA DE TONS AZUIS E VERDE-TURQUESA. CONSTROEM SEUS NINHOS NO CHÃO OU EM TRONCOS DE ÁRVORES ONDE SE ASSEMELHA AOS NINHOS DE GALINHAS. SUA CARNE É DELICIOSA ONDE É FONTE DE ALIMENTAÇÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TUH <HÛYKA> PINÛ.
LÍNGUA PORTUGUESA: VOU COMER O OVO
DA <INAMBU GALINHA>.



1.2.2.14.2

ISUTURU

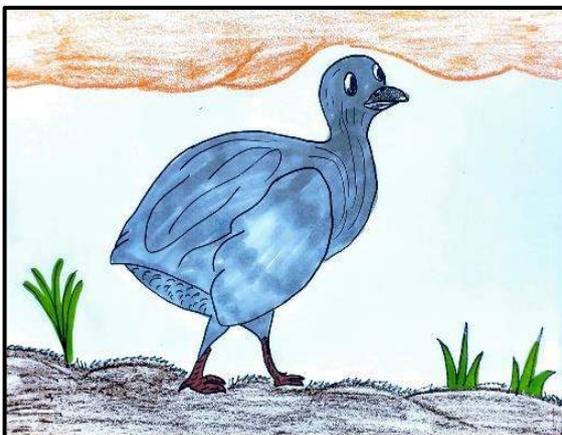
INAMBU RELÓGIO (S.F.)

<HUNĪKAKŪĪ> QUE NÃO POSSUI CALDA, ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. COBERTA DE PENAS PRETAS E AMARELO CLARO. SEU CANTO É SUAVE EM UMA ÚNICA NOTA QUE ECOA POR MUITO TEMPO GERALMENTE AO ANOITECER NO MESMO HORÁRIO. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE SEMENTES, FRUTAS E INSETOS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE SÃO DEPOSITADOS NO CHÃO NA COR LILÁS, COM A VARIEDADE DE 4 A 6 OVOS EM CADA NINHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TUH <ISUTURU> MANĪHAW.

LÍNGUA PORTUGUESA: O OVO DA <INAMBU RELÓGIO É LILÁS.



1.2.2.14.3

KŪBA

INAMBU GALINHA (S.F.)

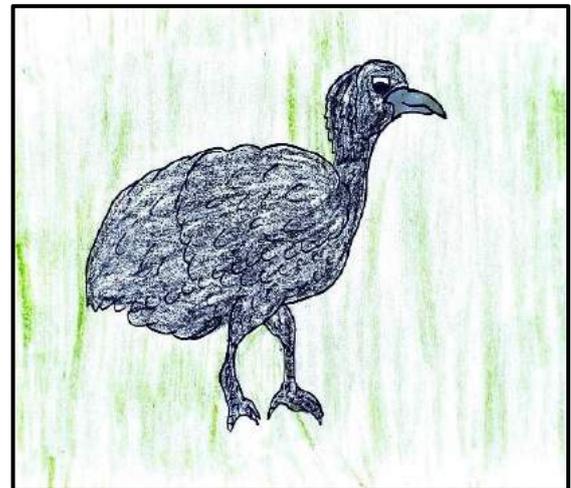
<HUNĪKAKŪĪ>

QUE NÃO POSSUI CALDA, ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. É COBERTA DE PENAS NA COR CINZA, MARROM E PINTAS AMARELO-CLARO. É CONSIDERADA A MAIOR INAMBU. POSSUI OLHOS E BICO MARRONS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: SEMENTES, INSETOS E FRUTINHAS. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS ONDE CONSTROEM SEUS NINHOS NO CHÃO OU EM VEGETAÇÃO CERRADO. SEUS OVOS POSSUIM UM TOM VERDE-AZULADO. É APRECIADA COMO CARDÁPIO. SUA CARNE É DELICIOSA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KŪBA> IKĀBA TŪPAH TUREWA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <INAMBU GALINHA> BOTA OVOS VERDE-AZULADO.



1.2.2.14.4

KUMĀWĀ

INAMBU AZUL (S.F.)

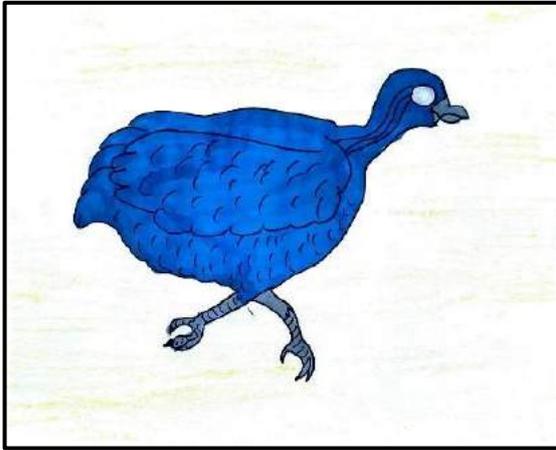
<HUNĪKAKŪĪ> QUE NÃO POSSUI CALDA E ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. DURANTE A NOITE, DORMEM NOS GALHOS DAS ÁRVORES. SUAS PERNAS SÃO VOLTADAS PARA TONS AZULADO COM CINZA. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE SEMENTES, FRUTAS E INSETOS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE SÃO DEPOSITADOS NO CHÃO NA COR AZUL ERVERDIADO. É APRECIADA COMO CARDÁPIO. SUA CARNE É DELICIOSA.

CONTEXTO DE USO:



LÍNGUA PUYANAWA: <KUMÃWÃ> UHAY IWISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <INAMBU AZUL> DORME NOS GALHOS.



1.2.2.14.5

SÊYKA

INAMBU PRETA (S.F.)

<HUNĪKAKŪĪ> QUE NÃO POSSUI CALDA, ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. É COBERTA DE PENAS NA COR MARROM-ESCURO QUE A DISTÂNCIA APARENTA SER TOTALMENTE NEGRA. SEU PIADO É LONGO EM UM ÚNICO TOM OUVIDO TODO DIA AO ENTARDECER. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: SEMENTES, INSETOS E FRUTINHAS. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS ONDE CONSTROEM SEUS NINHOS NO CHÃO OU EM VEGETAÇÃO CERRADO. SEUS OVOS POSSUIM UM TOM DE ROSA-MÉDIO. É APRECIADA COMO CARDÁPIO. SUA CARNE É DELICIOSA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SÊYKA> PEY TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <INAMBU PRETA> TEM PENAS PRETAS.



1.2.2.14.6

WAPAHUWE

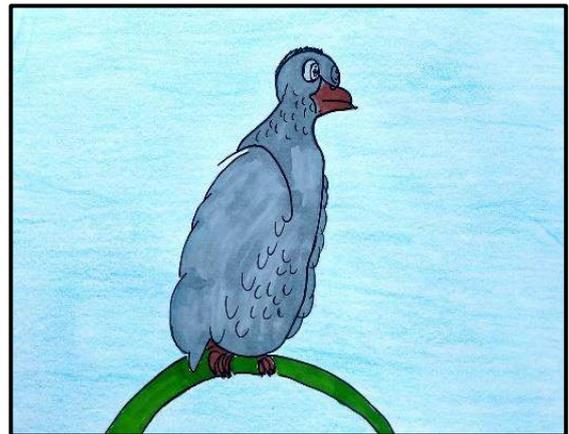
INAMBU MACUCAL (S.F)

<HUNĪKAKŪĪ> QUE NÃO POSSUI CALDA E ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. É COBERTA DE PENAS MARROM ACINZENTADO. EMITE SOM PARA DEMARCAR SEU TERRITÓRIO. SEU HABITAT SÃO NAS MATAS DE VÁRZEA, CAPOEIRAS E MATAS SECAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTASCAÍDAS NO CHÃO, FOLHAS, SEMENTES, INSETOS QUE SE ESCONDEM NAS FOLHAGENS APODRECIDAS. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE POR MEIO DE OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WAPAHUWE> DARAWE TUH TUREWA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <INAMBU MACUCAL> BOTOU TRÊS OVOS.



1.2.2.14.7

XURI

INAMBU SURURINDA (S.F.)

<HUNĪKAKŪĪ> QUE NÃO POSSUI CALDA E ANDAM PELO CHÃO E QUASE NÃO VOAM. É COBERTA DE PENAS MARROM-ESCURO ACINZENTADO E CANELAS RUIVAS. CABEÇA E GARGANTA BRANCAS. HABITA EM ÁREAS SECAS E ÚMIDAS GERALMENTE EM CAPOEIRAS, FLORESTAS SECAS. CONSTROEM SEUS NINHOS EM EMARANHADOS DE CIPÓS. SEUS OVOS POSSUIM COLORAÇÃO AMARRONZADO AO ROSA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLATDA PARA: SEMENTES, FRUTOS, INSETOS E ATÉ PEQUENOS VERTEBRADOS COMO OS SAPOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XURI> PUYA PINŪ.



LÍNGUA PORTUGUESA: A <INAMBU SURURINDA> COME SAPO.



1.2.2.15

ISAKE

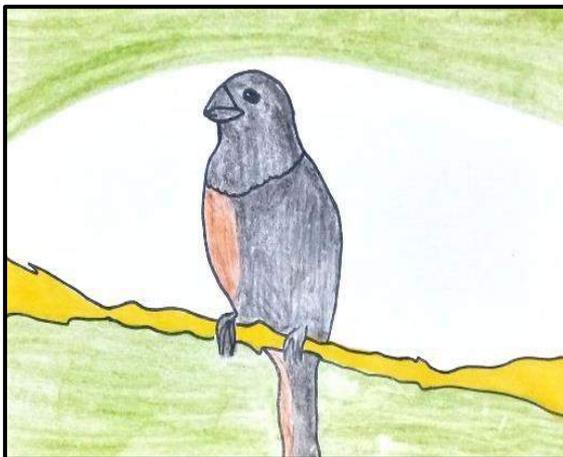
CURIÓ (S.M.)

<AVE> DE PORTE PEQUENO. O MACHO NA FASE ADULTA APRESENTA PLUMAGEM PRETA E VINHO, SENDO QUE A FÊMEA É MENOR COM PLUMAGEM MARROM-ESCURO. O NINHO É CONSTRUÍDO COM AJUDA DO MACHO EM ÁRVORES BAIXAS ONDE A FÊMEA PÔE DE 2 A 3 OVOS. POSSUI UM ASSOBO MELODIOSO MUITO FORTE QUE ATRAI MUITOS CRIADORES QUE GANHAM PRÊMIOS EM COMPETIÇÕES DE CANTO DO CURIÓ. ESSA AVE É CAPTURADA E CRIADA EM GAIOLAS FAZENDO PARTE DO TRÁFICO DE ANIMAIS. SUA ALIMENTAÇÃO NO AMBIENTE NATURAL É VOLTADA PARA: INSETOS E VÁRIAS SEMENTES NATURAIS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISAKE> KEWÃ HËYDAKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CURIÓ> TEM UM CANTO LINDO.



1.2.2.16

ISATŪKŪĪ

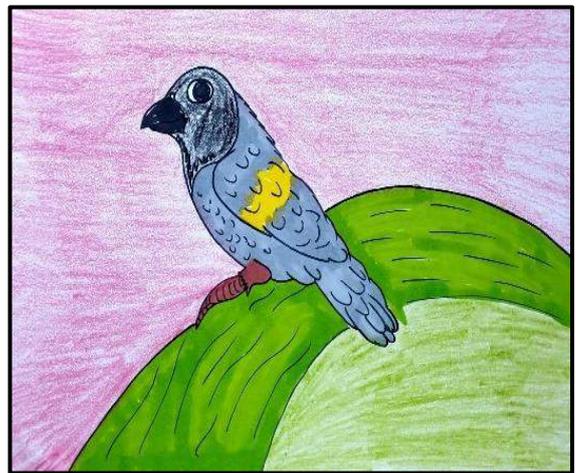
SANHAÇU (S.M.)

<AVE> COBERTA DE PENAS NOS TONS: AZUL E ROXO. VIVE EM MATAS ABERTAS, CAPOEIRAS, MATAS DEGRADADAS, ROÇADOS E JARDINS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTAS, FOLHAS, NÉCTAR E INSETOS. SEU NINHO SE ASSEMELHA A UMA TAÇA FEITA COM FOLHAS E FIBRAS. SÃO POSTOS DE 2 A 3 OVOS. É CONHECIDO POR FAZER MUITO BARULHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISATŪKŪĪ> PEY PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SANHAÇU> COME FOLHAS.



1.2.2.16.1

ISATAKI

SANHAÇU ROXO (S.M.)

<ISATŪKŪĪ> COBERTO DE PENAS NO TON ROXO. VIVE EM MATAS ABERTAS, CAPOEIRAS, MATAS DEGRADADAS, ROÇADOS E JARDINS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTAS, FOLHAS, NÉCTAR E INSETOS. SEU NINHO SE ASSEMELHA A UMA TAÇA FEITA COM FOLHAS E FIBRAS. SÃO POSTOS DE 2 A 3 OVOS. É CONHECIDO POR FAZER MUITO BARULHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KĀBUKŪĪ <ISATAKI> PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A COBRA COMEU O <SANHAÇU ROXO>.





1.2.2.16.2

ISATÛ

SANHAÇU AZUL (S.M.)

<ISATÛKÛÏ> COBERTO DE PENAS NO TON AZUL. VIVE EM MATAS ABERTAS, CAPOEIRAS, MATAS DEGRADADAS, ROÇADOS E JARDINS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTAS, FOLHAS, NÉCTAR E INSETOS. SEU NINHO SE ASSEMELHA A UMA TAÇA FEITA COM FOLHAS E FIBRAS. SÃO POSTOS DE 2 A 3 OVOS. É CONHECIDO POR FAZER MUITO BARULHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISATÛ> YÛKÃ PINÛ.
LÍNGUA PORTUGUESA: O <SANHAÇU AZUL> COME GOIABA.



1.2.2.17

ISAWI

PATATIVA (S.F.)

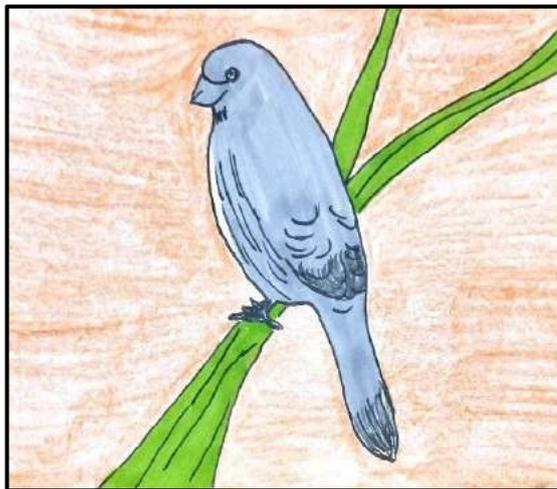
<AVE> COM PENAS CINZA-AZULADO. SEU CANTO É FINO E MELODIOSO. ÀS VEZES IMITA OUTROS PÁSSAROS COMO O BEM-TE-VI. CONSTROE SEUS NINHOS NOS GALHOS DAS ÁRVORES NA FORMA DE UMA XÍCARA ABERTA E RASA. CADA NINHADA PÕE DE 2 A 3 OVOS. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA

EM DIFERENTES ESPÉCIES DE FRUTAS DA MATA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISAWI> VAKETUA PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PATATIVA> COME FRUTAS DA MATA.



1.2.2.18

ISKÛKÛÏ

JAPÓ (S.M.)

<AVE> COBERTA DE PENAS NAS CORES: PRETO, MARRON E CALDA AMARELA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: BANANA, MAMÃO, TANGERINA E OUTROS FRUTOS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE CONSTROE NINHOS GRANDES E COMPRIDOS EM FORMA DE BOLSA. PÕE DE 1 A 2 OVOS NOS TONS DE VERDE-CLAROS OU CINZA. VIVEM NAS MATAS DE VÁRZEAS, CAPOEIRAS E MATA DE SERINGAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISKÛKÛÏ> VERU TÛPAH.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JAPÓ> TEM OLHOS AZUIS.



1.2.2.18.1

ISKŪ

JAPÓ GALINHA (S.M.)

<ISKŪKŪĪ> COBERTO DE PENAS ONDE NA PARTE DAS COSTAS É MARROM-ESCURO, PEITO, RABO E BICO AMARELO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: BANANA, MAMÃO, TANGERINA E OUTROS FRUTOS. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS ONDE CONSTROE NINHOS GRANDES E COMPRIDOS EM FORMA DE BOLSA. PÕE DE 1 A 2 OVOS NOS TONS DE VERDE-CLAROS OU CINZA. VIVEM NAS MATAS DE VÁRZEAS, CAPOEIRAS E MATA DE SERINGAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISKŪ> REXPA PĀXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JAPÓ GALINHA> TEM O BICO AMARELO.



1.2.2.18.2

ISKŪTXIHI

JAPÓ PRETO (S.M.)

<ISKŪKŪĪ> COBERTO DE PENAS PRETAS. SEU BICO POSSUI TOM CINZA-ESBRANQUIÇADO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS E FRUTAS. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS ONDE PÕE DE 2 A 3 OVOS NA COR BRANCO COM LISTRAS MARRONS E CINZA. SEU NINHO É CONSTRUÍDO EM FORMATO DE BOLSA QUE FICAM PENDURADOS NOS GALHOS DE ÁRVORES. VIVEM NAS MATAS DE VÁRZEAS, CAPOEIRAS E MATA DE SERINGAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISKŪTXIHI> WIXKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JAPÓ PRETO> ESTÁ NO NINHO.



1.2.2.19

ISMĪKŪĪ

URUBU (S.M.)

<AVE> DE CABEÇA DESPENADA, COM PELE RUGOSA E PENAS NEGRAS. EXISTEM DUAS ESPÉCIE DE URUBUS COMO: URUBU- PRETO E URURBU-REI. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE POR MEIO DE OVOS QUE POSSUI UMA TONALIDADE CINZA OU VERDE-CLARO. OS URUBUS BEBÊS POSSUIM PENAS BRANCAS. SEU PRIMEIRO VOO OCORRE POR VOLTA DE 10 A 11 SEMANAS DE VIDA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CARNIÇAS E FRUTAS EM DECOMPOSIÇÃO. ESSA AVE POSSUI GRANDE IMPORTÂNCIA NO MEIO AMBIENTE, POIS AJUDAM NA LIMPEZA DE SERES VIVOS EM DECOMPOSIÇÃO, POR ISSO, POSSUIM CHEIRO DESAGRADÁVEL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISMĪKŪĪ> PISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <URUBU> É FEDORENTO.



1.2.2.19.1

ISMĪ

URUBU REI (S.M.)



<ISMĪKŪĪ> DE CABEÇA E O PESCOÇO SEM PENAS E PINTADO DE VERMELHO, AMARELO E ALARANJADO. SUAS ASAS SÃO BRANCAS COM CAUDA PRETA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CARNES DE ANIMAIS MORTOS. POSSUIM ODOR FEDORENTO. SUA REPRODUÇÃO É POR MEIO DE OVOS, OS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS EM MATAS FECHADAS OU NO ALTO DE BURITIZEIROS. DORMEM ATREPADOS NO ALTO DAS ÁRVORES E PELA MANHÃ LEVANTAM VOO ACIMA DO TOPO DAS ÁRVORES. ABAIXA A CABEÇA QUANDO ESTÁ INCOMODADO CHEGANDO A VOMITAR E SOPRAR FORTEMENTE PARA AFASTAR O INTRUSO. POSSUI GRANDE IMPORTÂNCIA NO MEIO AMBIENTE, POIS AJUDAM NA LIMPEZA DE SERES VIVOS EM DECOMPOSIÇÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISMĪ> VUHKA TAXI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <URUBU REI> TEM A CABEÇA VERMELHA.



1.2.2.19.2

XIARI

URUBU PRETO (S.M.)

<ISMĪKŪĪ> POSSUI A CABEÇA DESPENADA COM PELE RUGOSA E PENAS NEGRAS. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS QUE SÃO NA COR CINZA OU VERDE CLARO. OS URUBUS BEBÊS POSSUIM PENAS BRANCAS. SEU PRIMEIRO VOO OCORRE POR VOLTA DE 10 A 11 SEMANAS DE VIDA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CARNIÇAS E FRUTAS EM DECOMPOSIÇÃO. COSTUMA VOAR QUANDO VAI CHOVER. POSSUI GRANDE IMPORTÂNCIA NO MEIO AMBIENTE, POIS AJUDAM NA LIMPEZA DE SERES VIVOS EM DECOMPOSIÇÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XIARI> UTXITE RAWIKĀBA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <URUBU-PRETO> COMEU UM CACHORRO.



1.2.2.20

IXKŪĪ

BICO-DE-BRASA (S.M.)

<AVE> POSSUI O CORPO COBERTO DE PENAS PRETAS E UM BICO VERMELHO-LARANJA. SEUS OLHOS SÃO CASTANHOS E PERNAS PRETAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: GRILOS, BESOUROS, BICHOS-PAU, LOUVA-A-DEUS, CIGARRAS, LAGARTAS, MARIPOSAS, BORBOLETAS, ARANHAS E RÃS. SEU CANTO É ALTO E TRISTE. CONSTROE SEUS NINHOS EM BURACOS NO SOLO. PÔE DE 2 A 3 OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: HERE TUH <IXKŪĪ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: NO BURACO TEM OVO DO <BICO-DE-BRASA>.



1.2.2.21

ĪBIBUY

SANGUE-DE-BOI (S.M.)



<AVE> COM PLUMAGEM VERMELHA E BICO PRETO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTOS DA EMBAÚBA, INSETOS E VERMES. SÃO ENCONTRADOS EM ÁREAS PRÓXIMAS DE ÁGUA, CAPOEIRAS E NAS BORDAS DE FLORESTAS E PLANTAÇÕES. SUA REPRODUÇÃO ACONTECE NA PRIMAVERA E NO VERÃO. CONSTRÓI NINHOS EM FORMA DE CESTO, FORRADO COM FIBRAS DE PALMEIRA, COCO E RAIZ DE CAPIM. A FÊMEA PÕE DE 2 A 3 OVOS VERDE-AZULADOS COM PINTAS PRETAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĪBIBUY> PEY TAXI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SANGUE-DE-BOI TEM PENAS VERMELHAS.



1.2.2.22

KATASA

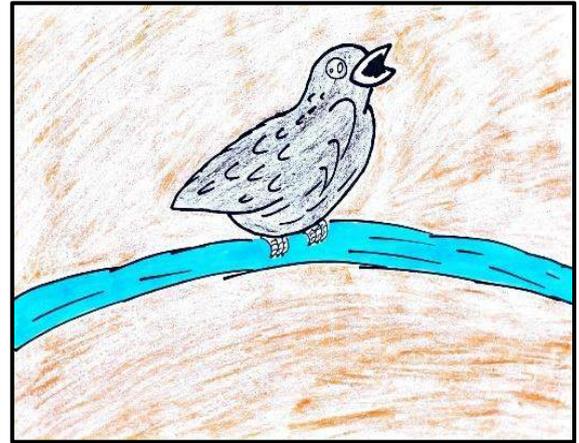
ROUXINOL (S.M.)

<AVE> QUE EMITE UM DOS MAIS LINDOS SONS NA NATUREZA, INSPIRANDO CANÇÕES, CONTOS DE FADAS E POESIA. SEU CANTO PODE SER OUVIDO DURANTE O DIA E A NOITE. CONSTROE NINHOS COM FOLHAS E ERVAS FICANDO BEM ESCONDIDO NA VEGETAÇÃO CERRADA E RARAMENTE É VISTO. POSSUI PENAS CASTANHO-CLARO E CALDA AVERMELHADA. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE INSETOS, MINHOCAS, FRUTAS E LARVAS ENCONTRADAS PELO CHÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KATASA> KEWÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ROUXINOL> ESTÁ CANTANDO.



1.2.2.23

KĀDAKŪĪ

ARARA (S.F.)

<AVE> CONHECIDA COMO UMA DAS MAIS LINDAS AVES DA FLORESTA, JUSTAMENTE PELAS SUAS PENAS COLORIDAS COM VARIEDADES DE CORES, USADAS NA CONFECÇÃO DE ARTESANATOS INDÍGENAS COMO: BRINCOS, CORDÕES, COROAS E CHOCALHOS, QUE SÃO UTILIZADOS NAS FESTAS TRADICIONAIS, E AINDA SERVE COMO FONTE DE RENDA. SEU HABITAT É SOMENTE NAS MATAS DE SERINGAL ONDE MIGRAM NA MEDIDA QUE FALTAM ALIMENTOS OU SE SENTEM AMEAÇADAS. CRIAM SEUS NINHOS EM BURACOS DE PAU OU EM PAREDES ROCHOSAS. A FÊMEA É RESPONSÁVEL POR CHOCAR OS OVOS E O MACHO PARA TRAZER ALIMENTOS PARA A MÃE E OS FILHOTES. COSTUMAM ANDAR DE BANDOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE TEWETEWĀ PEY <KĀDAKŪĪ>

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU COCÁ É DE PENAS DE <ARARA>.



1.2.2.23.1

KĀDA

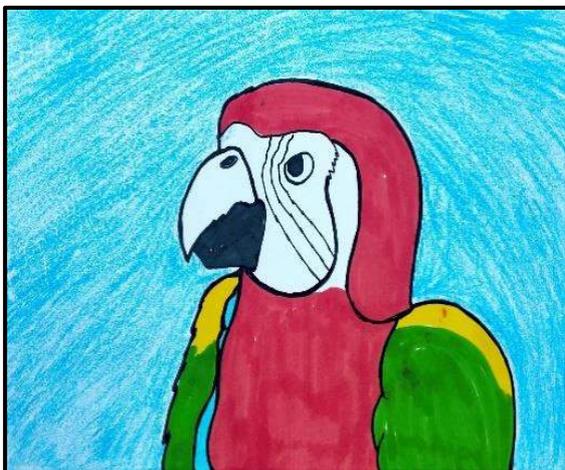
ARARA CANINDÉ (S.F.)

<KĀDAKŪĪ> COBERTA DE PENAS COLORIDAS. NA PARTE SUPERIOR POSSUI PENAS AZUIS E INFERIORES AMARELAS. NO ALTO DA CABEÇAS POSSUI PENAS VERDES E UMA FILEIRA DE PENAS PRETAS. SEU ROSTO É BRANCO, OLHOS COM ÍRIS AMARELA E GARGANTA NEGRA. POSSUI UMA CALDA LONGA E ASAS LARGAS, UM BICO ESCURO, GRANDE E FORTE. SUAS GARRAS SÃO UTILIZADAS PARA ESCALAR ÁRVORES E MANIPULAR ALIMENTOS. SUAS PENAS SÃO USADAS PARA CONFECÇÃO DE ARTESANATOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA DIFERENTES FRUTOS COMO: BURIRTI E COQUINHO DA MATA. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS, GERALMENTE PÕE SEUS OVOS EM BURACOS DE PAU COMO BURITIZEIRO EM DECOMPOSIÇÃO. COSTUMAM ANDAR DE BANDOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE RIRIPAKI PEY <KĀDA>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU BRINCO É DE PENAS DE <ARARA CANINDÉ>.



1.2.2.23.2

KĀDAKĀY

ARARA VERMELHA (S.F.)

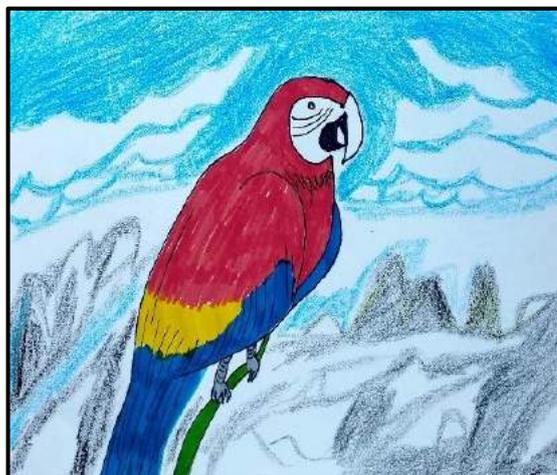
<KĀDAKŪĪ> POSSUI PENAS VERMELHAS NA PARTE DA CABEÇA ATÉ A METADE DO SEU CORPO, NA PARTE DAS ASAS E CALDA SÃO PENAS AZUIS, ALÉM DE TONS DE VERDE NAS COSTAS. SEU ROSTO É BRANCO, OLHOS COM ÍRIS AMARELA E GARGANTA NEGRA. POSSUI UMA CALDA LONGA E ASAS

LARGAS, UM BICO ESCURO, GRANDE E FORTE. SUAS GARRAS SÃO UTILIZADAS PARA ESCALAR ÁRVORES E MANIPULAR ALIMENTOS. SUAS PENAS SÃO USADAS PARA CONFECÇÃO DE ARTESANATOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA DIFERENTES FRUTOS COMO: BURIRTI E COQUINHO DA MATA. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS, GERALMENTE PÕE SEUS OVOS EM BURACOS DE PAU COMO BURITIZEIRO EM DECOMPOSIÇÃO. COSTUMAM ANDAR DE BANDOS OU EM PARES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE BIPA KUXA RAWIKĀBA <KĀDAKĀY>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU PAI MATOU UMA <ARARA VERMELHA>.



1.2.2.23.3

KĀDATŪPAH

ARARA AZUL (S.F.)

<KĀDAKŪĪ> SUAS PENAS SE DESTACAM PELA COLORAÇÃO AZUL. NA PARTE INFERIOR DAS ASAS E DA LONGA CALDA A COLORAÇÃO É PRETA. NA CABEÇA POSSUI UM ANEL AMARELO ALÉM DOS OLHOS. POSSUI UM BICO ESCURO, GRANDE E FORTE APARENTANDO SER MAIOR QUE A CABEÇA. NA FASE ADULTA PODE ATINGIR ATÉ UM METRO DE COMPRIMENTO, POR ISSO É CONSIDERADA A MAIOR DE SUA ESPÉCIE. SUAS GARRAS SÃO UTILIZADAS PARA ESCALAR ÁRVORES E MANIPULAR ALIMENTOS COMO: BURITI, AÇAÍ, ABACABA, PATOÁ, DENTRE OUTROS FRUTOS. SUAS PENAS SÃO USADAS PARA CONFECÇÃO DE ARTESANATOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KĀDATŪPAH> WINŪ
PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ARARA AZUL>
COME BURITI.



1.2.2.24

KEBU

JACÚ (S.M.)

<AVE> COM PLUMAGEM VERDE-BRONZE BEM ESCURA, PESCOÇO COM UMA CAMADA VERMELHA E PEITO COM PINTINHAS BRANCAS E PERNAS PRETAS. EMITEM SONS ESQUISITO E RUÍDO FORTE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FOLHAS, FRUTOS, BROTOS, GRÃOS E INSETOS. BEBE ÁGUA NA BEIRA DE RIO E LAGOS. CONSTROE SEUS NINHOS EM CIPOAIS NO ALTO DAS ÁRVORES OU EM RAMOS SOBRE A ÁGUA E TRONCOS CAÍDOS. A PENNA DO SEU RABO É UTILIZADA PARA CONFECCIONAR PEQUENAS VASSOURAS PARA LIMPEZA NO FOGÃO A LENHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KEBU> WITA TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JACU> TEM PERNAS PRETAS.



1.2.2.25

KETSIANÃ

CURRUPIÃO (S.M.)

<AVE> QUANDO SÃO JOVENS APRESENTAM PLUMAGEM AMARELA. OS ADULTOS POSSUIM COLORAÇÃO GERAL ALARANJADA E PRETA. O BICO É LONGO, PONTIAGUDO DE COR ESCURA, E AS PERNAS E OS DEDOS SÃO ACINZENTADOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: LAGARTOS, VERDURAS, COCOS MADUROS DE BURITI, INSETOS, OVOS DE OUTROS PÁSSAROS, SEMENTES E LEGUMES. CONSTROEM SEUS PRÓPRIOS NINHOS, MAS COSTUMA OCUPAR NINHOS ALHEIOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KETSIANÃ> PEY PĀXI TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CURRUPIÃO> TEM PENAS AMARELAS E PRETAS.



1.2.2.26

HUAHIKA

SABIÁ (S.F.)

<AVE> POSSUI BICO RETO DE COR AMARELA, AS PATAS SÃO CINZA, OLHOS NEGROS E PLUMAGEM MARRON-ACINZENTADO. A GARGANTA É ESBRANQUIÇADA RAJADA DE MARRON, O PEITO É CINZA-PARDO. É ENCONTRADO NAS ÁREAS DE ROÇADO E CAPOEIRAS PRÓXIMO DE ÁGUAS. POSSUI CANTO MELODIOSO QUE ECOA MAIS DE 1 QUILOMETRO DE DISTÂNCIA. IMITA O CANTO DE OUTROS PÁSSAROS COMO O JOÃO-DE-BARRO. CONSTROE SEUS NINHOS GERALMENTE NOS CACHOS DE BANANA. UTILIZA FIBRAS E GRAVETOS LIGADOS POR



UM POUCO DE LAMA, NUM FORMATO DE TIGELA FUNDA. DENTRO DO NINHO É REVESTIDO COM HASTES DE FLORES E CAPIM. PÕE DE 3 A 4 OVOS VERDE-AZULADOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: LARVAS, MINHOCAS E FRUTAS MADURAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HUAHIKA> XĪKŪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <SABIÁ> COME BANANA.



1.2.2.27

KUHU

CUJUBIM (S.M.)

<AVE> POSSUI NA PARTE DA CABEÇA, FACE E NUCA PENAS BRANCAS E BARBELA VERMELHA. COSTUMA SE ALIMENTAR DE FRUTOS COMO O AÇAÍ. É ENCONTRADO NAS MATAS DE TERRA FIRME, CAMPOS E CAPOEIRAS. COSTUMA BEBER ÁGUA NAS MARGENS DOS RIOS. AS FÊMEAS CONSTROEM NINHOS EM FORMATO DE UMA CESTA NO ALTO DAS ÁRVORES, ONDE DEPOSITAM DE 2 A 3 TRÊS OVOS GRANDES E BRANCOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KUHU> DUHU WAKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CUJUBIM> ESTÁ BEBENDO ÁGUA.



1.2.2.28

KŪĪKŪĪ

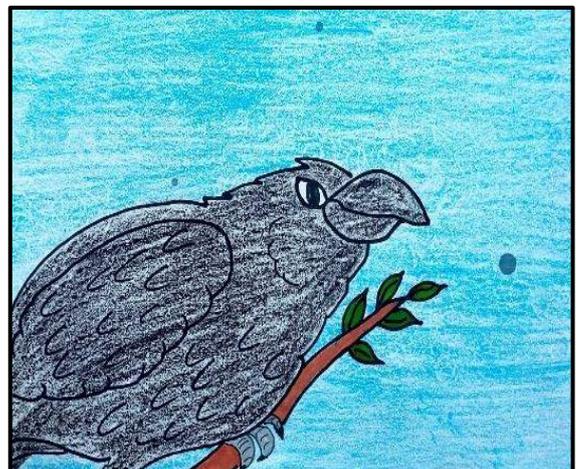
ANUM (S.M.)

<AVE> POSSUI DUAS ESPÉCIE CONHECIDA COMO: ANUM COMUM E ANUM AZULÃO COM PLUMAGEM TOTALMENTE PRETA E OUTRO COM PLUMAGEM AZUL. POSSUIM OLHOS PRETOS, CAUDA LONGA E BICO GRANDE E ACHATADO. GOSTA DE FICAR NO SOL E TOMAR BANHO NA POEIRA. VIVE EM BANDOS COM SEIS A 10 INDIVÍDUOS. SEU HABITAT SÃO ÁREAS ABERTAS COM MOITAS, PASTOS E JARDINS. NÃO VOA MUITO BEM, POIS SEU VOO É LENTO. CRIAM SEUS NINHOS EM ÁRVORES ONDE SÃO CONSIDERADOS GRANDES E PROFUNDOS. A FÊMEA PÕE DE 4 A 7 OVOS. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA EM: GAFANHOTOS, ARANHAS, LAGARTIXAS, PEIXES, COBRAS E RÃS, ALÉM DE FRUTAS COMO COQUINHOS E SEMENTES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KŪĪKŪĪ> PISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ANUM> É FEDIDO.



1.2.2.28.1

KŪĪ

ANUM COMUM (S.M.)

<KŪĪKŪĪ> POSSUIM PENAS E OLHOS PRETOS, CAUDA LONGA E BICO GRANDE E ACHATADO. GOSTA DE FICAR NO SOL E TOMAR BANHO NA POEIRA. VIVE EM BANDOS COM SEIS A DEZ INDIVÍDUOS. SEU HABITAT SÃO ÁREAS ABERTAS COM MOITAS, PASTOS E JARDINS. NÃO VOA MUITO BEM, POIS SEU VOO É LENTO. CRIAM SEUS NINHOS EM ÁRVORES ONDE SÃO CONSIDERADOS GRANDES E PROFUNDOS. A FÊMEA PÔE DE 4 A 7 OVOS. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA EM: GAFANHOTOS, ARANHAS, LAGARTIXAS, PEIXES, COBRAS E RÃS, ALÉM DE FRUTAS COMO COQUINHOS E SEMENTES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KŪĪ> TXIHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ANUM COMUM É PRETO>



1.2.2.28.2

KŪĪTŪPAH

ANUM AZULÃO (S.M.)

<KŪĪKŪĪ> SOMENTE OS MACHOS POSSUIM TONS DE AZUL VARIADO NAS SUAS PENAS, AS FÊMEAS E OS FILHOTES POSSUIM PENAS MARRON. OS OLHOS SÃO PRETOS, CAUDA LONGA, BICO GRANDE E ACHATADO. GOSTA DE ESTÁ NO SOL E TOMAR BANHO NA POEIRA. VIVE EM BANDOS COM 6 A 10 INDIVÍDUOS. SEU HABITAT SÃO ÁREAS ABERTAS COM MOITAS, PASTOS E JARDINS. NÃO VOA MUITO BEM, POIS SEU VOO É LENTO. CRIAM SEUS NINHOS EM ÁRVORES ONDE SÃO CONSIDERADOS GRANDES E PROFUNDOS. A

FÊMEA PÔE DE 4 A 7 OVOS. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA EM: GAFANHOTOS, ARANHAS, LAGARTIXAS, PEIXES, COBRAS E RÃS, ALÉM DE FRUTAS COMO COQUINHOS E SEMENTES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KŪĪTŪPAH> PEY TŪPAH.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ANUM AZULÃO> TEM PENAS AZUIS.



1.2.2.29

KŪKU

BACURAU (S.M.)

<AVE> POSSUI PENAS MARRON-ACINZENTADO, TONS CASTANHOS E BRANCO. OS OLHOS SÃO MARRONS, AS PERNAS SÃO CURTAS DE COR CINZA. SUAS ASAS SÃO GRANDES O QUE PERMITE PERSEGUIR E CAPTURAR INSETOS VOADORES. SE ALIMENTA DE: BESOUROS, MARIPOSAS, BORBOLETAS, ABELHAS E FORMIGAS. CONSTROE NINHOS NO CHÃO ONDE APENAS 1 OVO É ENCONTRADO. COSTUMA ESTÁ NAS BEIRADAS DAS MATAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KŪKU> UHAY.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BACURAU> ESTÁ DORMINDO.





1.2.2.30

NŨNŨ

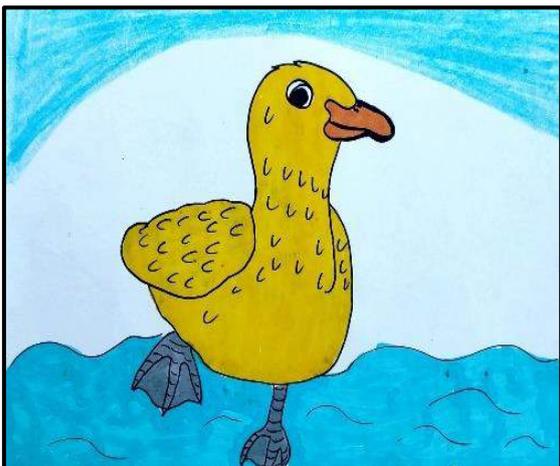
PATO (S.M.)

<AVE> POSSUI UM PESCOÇO LONGO E UM BICO QUE APRESENTA TONS AMARELO, LARANJA OU PRETO COM VERRUGAS SOBRE O BICO. OS PÉS POSSUIM MEMBRANAS QUE SÃO UTILIZADAS PARA NADAR. A PATA FÊMEA CONSTRÓI SEUS NINHOS NO CHÃO GERALMENTE EM BURACOS ONDE COBREM SEUS OVOS COM AS SUAS PENAS. SUA CARNE É APRECIADA NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NŨNŨ> PĀXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PATO> É AMARELO.



1.2.2.31

NŨNŨKŨĪ

PATO SELVAGEM (S.M.)

<AVE> POSSUI PLUMAGEM PRETAS E BRANCAS. ENCONTRADO NO IGAPÓ, LAGOS E AÇUDES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA

PARA PEIXES E FRUTAS DA MATA. COSTUMA ANDAR EM BANDOS. CONSTROEM SEUS NINHOS PERTO DAS LAGOAS OU ATÉ EM BURACOS DE PAU. BOTAM DE 5 A 7 OVOS BRANCO. AS MÃES PROTEGEM SEUS FILHOTES DE ANIMAIS PREDADORES COMO: GUAXINIM, TARTARUGAS, PEIXES GRANDES E COBRAS.

CONTEXTO DE USO:LÍNGUA PUYANAWA: KĀBUKŨĪ
<NŨNŨKŨĪ> PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A COBRA COME <PATO SELVAGEM>.



1.2.2.31.1

NŨNŨTXIHI

PATO SELVAGEM PRETO (S.M.)

<NŨNŨKŨĪ> COBERTO DE PENAS PRETAS. ENCONTRADO NO IGAPÓ, LAGOS E AÇUDES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEIXES E FRUTAS DA MATA. COSTUMA ANDAR EM BANDOS. CONSTROEM SEUS NINHOS PERTO DAS LAGOAS OU ATÉ EM BURACOS DE PAU. BOTAM DE 5 A 7 OVOS BRANCO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NŨNŨTXIHI> PEY TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PATO SELVAGEM PRETO> TEM PENAS PRETAS.





1.2.2.31.2

NŪNŪHU

PATO SELVAGEM ASA BRANCA (S.M.)
<NŪNŪKŪĪ>. POSSUI PENAS PRETAS EM QUASE TODO SEU CORPO, PORÉM UMA PARTE DAS ASAS SÃO BRANCAS QUE SÓ PODEM SER VISTA QUANDO ABREM AS ASAS. É ENCONTRADO NO IGAPÓ, LAGOS E AÇUDES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEIXES E FRUTAS DA MATA. COSTUMA ANDAR EM BANDOS. CONSTROEM SEUS NINHOS PERTO DAS LAGOAS OU ATÉ EM BURACOS DE PAU. BOTAM DE 5 A 7 OVOS BRANCO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NŪNŪHU> PEY TXIHI UHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PATO DA ASA BRANCA> TEM PENAS PRETAS E BRANCAS.



1.2.2.32

PĪDU

BEIJA-FLOR (S.F.)

<AVE> TAMBÉM CONHECIDA COMO COLIBRI, APRESENTA BICO ALONGADO E AFIADO. SUAS PENAS APRESENTAM COLORAÇÃO VARIADA COMO: AZUL, VERDE, VIOLETA, VERMELHA E AMARELO. SUA ALIMENTAÇÃO É BASEADA NO NÉCTAR DAS FLORES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE TXUKUKAYTXI <PĪDU>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU JARDIM TEM BEIJA-FLOR.



1.2.2.33

PIRISATXIKŪĪ

PIPIRA (S.F.)

<AVE> POSSUIM PENAS NOS TONS DE PRETO, MARROM, BRANCO E VERMELHO. O MACHO POSSUI PENAS PRETAS BRILHANTES ENQUANTO A FÊMEA POSSUI PENAS MARROM, ALÉM DE DETALHES EM BRANCO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTINHAS, NÉCTAR DAS FLORES E INSETOS. COSTUMAM INVADIR OS CACHOS DE BANANAS NOS QUINTAIS ALÉM DE MAMÕES. CONSTROEM SEUS NINHOS EM ÁRVORES BAIXAS EM FORMATO DE UMA XÍCARA. PÕE DE 2 A 3 OVOS NA COR DE FERRUGEM.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA:< PIRISATXIKŪĪ> BUE PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIPIRA> COME MAMÃO.





1.2.2.33.1

PIRISATXIHE

PIPIRA PRETA (S.F.)

<PIRISATXIKÛÏ> POSSUI PENAS PRETAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTINHAS, NÉCTAR DAS FLORES E INSETOS. COSTUMAM INVADIR OS CACHOS DE BANANAS NOS QUINTAIS ALÉM DE MAMÕES. CONSTROEM SEUS NINHOS EM ÁRVORES BAIXAS EM FORMATO DE UMA XÍCARA. PÕE DE 2 A 3 OVOS NA COR DE FERRUGEM.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PIRISATXIHE> EWÊDA XÏKÛ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIPIRA PRETA> COMEU MINHA BANANA.



1.2.2.33.2

PIRISATXIHU

PIPIRA-DE- ASA- BRANCA (S.F.)

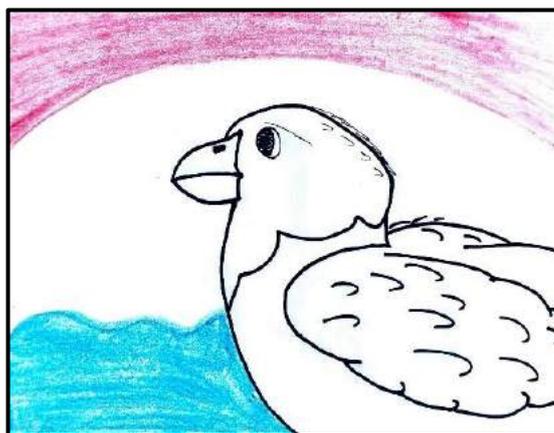
<PIRISATXIKÛÏ> POSSUI PENAS PRETAS E DETALHES BRANCO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTINHAS, NÉCTAR DAS FLORES E INSETOS. COSTUMAM INVADIR OS CACHOS DE BANANAS NOS QUINTAIS

ALÉM DE MAMÕES. CONSTROEM SEUS NINHOS EM ÁRVORES BAIXAS EM FORMATO DE UMA XÍCARA. PÕE DE 2 A 3 OVOS NA COR DE FERRUGEM.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PIRISATXIHU> DAWABI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIPIRA DA ASA BRANCA> VOA.



1.2.2.33.3

PIRISATXITA

PIPIRA VERMELHA (S.F.)

<PIRISATXIKÛÏ> POSSUI PENAS PRETAS NA MAIORIA DO SEU CORPO. NA CABEÇA POSSUI PENAS VERMELHAS E BICO BRANCO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTINHAS, NÉCTAR DAS FLORES E INSETOS. COSTUMAM INVADIR OS CACHOS DE BANANAS NOS QUINTAIS ALÉM DE MAMÕES. CONSTROEM SEUS NINHOS EM ÁRVORES BAIXAS EM FORMATO DE UMA XÍCARA. PÕE DE 2 A 3 OVOS NA COR DE FERRUGEM.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: < PIRISATXITA> PEU TAXI VUHKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIPIRA VERMELHA> TEM PENAS VERMELHA NA CABEÇA.





1.2.2.34

PISA

ARAÇARI (S.M.)

<AVE> POSSUI PLUMAGEM PRETA E MARROM NA CABEÇA. SEU BICO É LONGO DE COR LARANJA E AMARELO. AS PENAS DO CORPO SÃO PRETAS, VERDE-ESCURO, VERMELHO E PEITO AMARELO. EMITEM SONS PARA MANTER A UNIÃO DO GRUPO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTOS, FLORES, INSETOS E FILHOTES DE OUTRAS AVES. SE REPRODUZEM POR MEIO DE OVOS. UTILIZAM SEUS ENORMES BICOS PARA FURAR AS ÁRVORES E ASSIM CRIAR SEUS NINHOS. CHOCAM DE 2 A 4 OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PISA> TUH TUREWA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <ARAÇARI> BOTA 4 OVOS.



1.2.2.35

PITSUKŪĪ

PERIQUITO (S.M.)

<AVE> ENCONTRADO EM DIFERENTES ESPAÇOS. POSSUI PENAS PONTUDAS NA CAUDA COM CORES BEM VIVAS. VIVEM EM BANDOS À PROCURA DE COMIDAS ONDE EMITEM BARULHO QUE REPRESENTA ALEGRIA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTAS COMO O MAMÃO, BANANA, MELANCIA E OUTRAS FRUTAS DA MATA. TAMBÉM SE ALIMENTA DE SEMENTES E ATÉ RAÇÕES. ALGUNS SÃO DOMESTICADOS EM CASA COMO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, OUTROS SÃO CAPTURADOS E VIVEM EM GAIOLAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KUXA <PITSUKŪĪ>

LÍNGUA PORTUGUESA: MATEI UM <PERIQUITO>.



1.2.2.35.1

PITSU

PERIQUITO COMUM (S.M.)

<PITSUKŪĪ> ENCONTRADO EM DIFERENTES ESPAÇOS. POSSUI PENAS VERDES NA MAIORIA DO SEU CORPO. O PEITO APRESENTA TOM AMARELADO E O BICO NO TOM MARROM CLARO. A CAUDA É LONGA COM COLORAÇÃO VERDE-AZULADA. VIVEM EM BANDOS À PROCURA DE COMIDAS ONDE EMITEM BARULHO QUE REPRESENTA ALEGRIA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTAS COMO O MAMÃO, BANANA, GOIABA, ABACATE, MELANCIA E OUTRAS FRUTAS DA MATA. TAMBÉM SE ALIMENTA DE SEMENTES E ATÉ RAÇÕES. ALGUNS SÃO DOMESTICADOS EM CASA COMO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, OUTROS SÃO CAPTURADOS E VIVEM EM GAIOLAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PITSU> YŪKĀ> PINŪ.
LÍNGUA PORTUGUESA: O <PERIQUITO
COMUM> COME GOIABA.



1.2.2.35.2

PITSUKU

PERIQUITO PAPACÚ (S.M.)

<PITSUKŪ> ENCONTRADO EM DIFERENTES ESPAÇOS. AS FÊMEAS É TOTALMENTE VERDE E OS MACHOS SÃO VERDE COM TOM AZULADO. SÃO CONSIDERADOS OS MENORES DA ESPÉCIE DE PERIQUITO. VIVEM EM BANDOS À PROCURA DE COMIDAS ONDE EMITEM BARULHO QUE REPRESENTA ALEGRIA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTAS COMO O MAMÃO, BANANA, GOIABA, ABACATE, MELANCIA E OUTRAS FRUTAS DA MATA. TAMBÉM SE ALIMENTA DE SEMENTES E ATÉ RAÇÕES. ALGUNS SÃO DOMESTICADOS EM CASA COMO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, OUTROS SÃO CAPTURADOS E VIVEM EM GAIOLAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PITSUKU> BISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PERIQUITO
PAPACÚ> É PEQUENO.

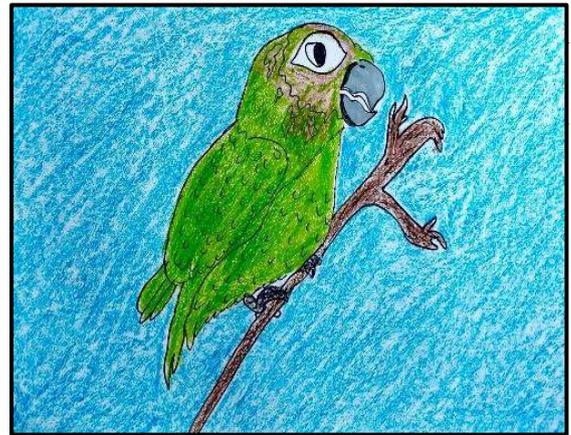


1.2.2.35.3

PITSUTA

PERIQUITO CABEÇA VERMELHA (S.M.)

<PITSUKŪ> ENCONTRADO EM DIFERENTES ESPAÇOS. POSSUI PENAS VERDES NA MAIORIA DO CORPO E CALDA AZULADA. OS MACHOS POSSUIM PLUMAGEM VERMELHA NA CABEÇA FORMANDO UMA MÁSCARA. ESSA ESPÉCIE É CONSIDERADA A MAIOR DOS PERIQUITOS. VIVEM EM BANDOS À PROCURA DE COMIDAS ONDE EMITEM BARULHO QUE REPRESENTA ALEGRIA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: FRUTAS COMO O MAMÃO, BANANA, MELANCIA E OUTRAS FRUTAS DA MATA. TAMBÉM SE ALIMENTA DE SEMENTES E ATÉ RAÇÕES. CONSTROEM SEUS NINHOS EM BURACOS DE ÁRVORES. ALGUNS SÃO DOMESTICADOS EM CASA COMO ANIMAL DE ESTIMAÇÃO, OUTROS SÃO CAPTURADOS E VIVEM EM GAIOLAS.



1.2.2.36

PUPU

CABORÉ (S.M.)

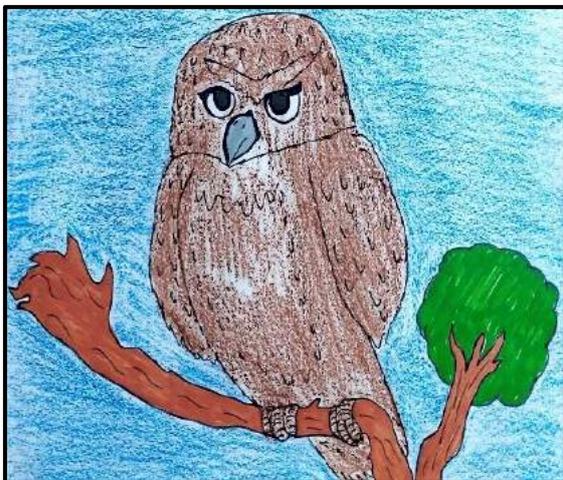
<AVE> POSSUI PLUMAGEM CINZA COM CAUDA LISTRADA DE BRANCO COM MARROM. SEUS OLHOS SÃO GRANDES NO TOM AMARELO E PRETO. SEU BICO É PONTIAGUDO NO TOM MARROM CLARO. POSSUI GARRAS AFIADAS QUE SÃO USADAS PARA CAPTURAR SUAS PRESAS. SE ALIMENTAM DE OUTRAS AVES COMO> SANHAÇU, BEIJA-FLORES, INSETOS, RÃS, LAGARTIXAS E PEQUENAS COBRAS. PÔE DE 2 A 5 OVOS. CONSTROEM SEUS NINHOS EM BURACOS DE ÁRVORES E CUPINZEIROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PUPU> KĀBUKŪ
PINŪ.



LÍNGUA PORTUGUESA: O <CABORÉ> COME COBRA.



1.2.2.37

REWIKŪĪ

JURITI (S.F.)

<AVE> QUE APRESENTA PLUMAGEM DE DIFERENTES CORES. SE ALIMENTA DE GRÃOS, SEMENTES, FRUTAS E VEGETAIS. SEU BICO É UTILIZADO PARA VIRAR AS FOLHAS SECAS E CONSEGUIR SEMENTES E FRUTOS CAÍDOS. CONSTROE SEUS NINHOS COM PEQUENOS GRAVETOS DE FORMA RASA ONDE OS OVOS CHEGAM A CAIR. É ENCONTRADA EM LOCAIS BEM ARBORIZADOS E ANDANDO PELO CHÃO. GOSTA DE TOMAR BANHO E BEBER ÁGUA BEM CEDO OU PELA TARDINHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <REWIKŪĪ> WAKA DUHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <JURITI> BEBE ÁGUA.



1.2.2.37.1

REWIKATAKI

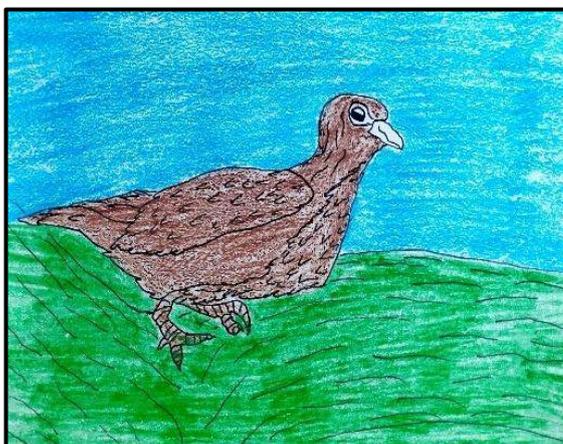
JURITI ROXA (S.F.)

<REWIKŪĪ> APRESENTA PLUMAGEM NO TOM ROXO. SE ALIMENTA DE GRÃOS, SEMENTES, FRUTAS E VEGETAIS. SEU BICO É UTILIZADO PARA VIRAR AS FOLHAS SECAS E CONSEGUIR SEMENTES E FRUTOS CAÍDOS. CONSTROE SEUS NINHOS COM PEQUENOS GRAVETOS DE FORMA RASA ONDE OS OVOS CHEGAM A CAIR. É ENCONTRADA EM LOCAIS BEM ARBORIZADOS E ANDANDO PELO CHÃO. GOSTA DE TOMAR BANHO E BEBER ÁGUA BEM CEDO OU PELA TARDINHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TUH <REWIKATAKI> PAKEA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O OVO DA <JURITI ROXA> CAIU.



1.2.2.37.2

REWITA

JURITI VERMELHA (S.F.)

<REWIKŪĪ> APRESENTA PLUMAGEM NO TOM MARROM QUASE VERMELHO. SE ALIMENTA DE GRÃOS, SEMENTES, FRUTAS E VEGETAIS. SEU BICO É UTILIZADO PARA VIRAR AS FOLHAS SECAS E CONSEGUIR SEMENTES E FRUTOS CAÍDOS. CONSTROE SEUS NINHOS COM PEQUENOS GRAVETOS DE FORMA RASA ONDE OS OVOS CHEGAM A CAIR. SEUS OVOS SÃO AMARELOS. É ENCONTRADA EM LOCAIS BEM ARBORIZADOS E ANDANDO PELO CHÃO. GOSTA DE TOMAR BANHO E BEBER ÁGUA BEM CEDO OU PELA TARDINHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TUH <REWIKŪĪ> TAXI PĀXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O OVO DA <JURITI VERMELHA> É AMARELO.





1.2.2.38

TĀKAVĀDE

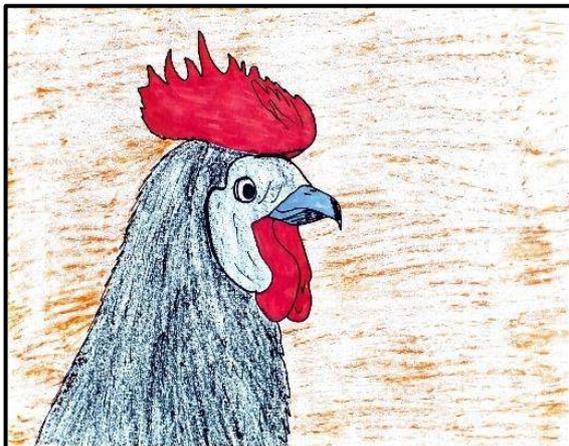
GALO (S.M.)

<AVE> APRESENTA PENAS BRILHANTES COM TONS VARIADOS, TAIS COMO: PRETO, LARANJA, BRANCO, DENTRE OUTROS. POSSUIM PENAS GRANDES NA REGIÃO DO RABO. A CABEÇA É PELADA E COBERTA COM UMA PELE AVERMELHADA E AS SUAS PERNAS SÃO ESCAMOSAS COM ESPORÃO QUE É USADO COMO ARMA EM MOMENTOS DE BRIGAS. É CONSIDERADO O REI DO TERREIRO POIS NÃO GOSTA DE DIVIDIR ÀS GALINHAS DO TERREIRO COM OUTROS GALOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MILHO, MACAXEIRA, ARROZ, CAPIM, GRILO E OUTROS INSETOS. TAMBÉM SE ALIMENTA DE RESTOS DE ALIMENTOS. COSTUMA CANTAR MEIA NOITE E PELA MANHÃ BEM CEDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀKAVĀDE>
BASTŪBA KEWĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GALO> CANTA ALTO.



1.2.2.39

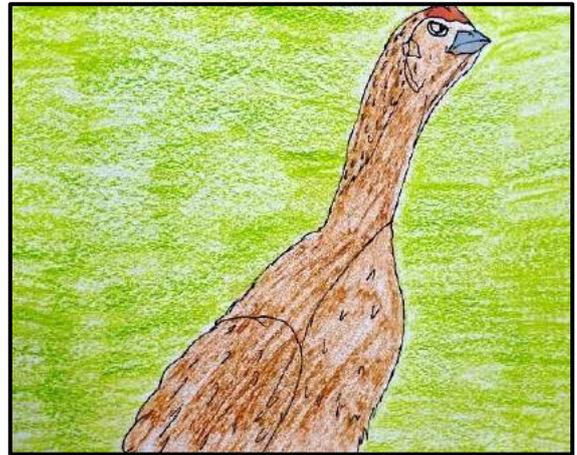
TĀKARAKIA

FRANGA (S.F.)

<AVE> QUE ESTÁ NA FASE DE MOCIDADE DA GALINHA. APRESENTA VARIEDADE DE TAMANHOS E CORES DE PENAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MILHO, MACAXEIRA, ARROZ, CAPIM, GRILO E OUTROS INSETOS. TAMBÉM SE ALIMENTA DE RESTOS DE ALIMENTOS. COSTUMA DORMIR ATREPADA NOS GALHOS DAS ÁRVORES OU NO PULEIRO DO GALINHEIRO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀKARAKIA> UHAY.
LÍNGUA PORTUGUESA: A <FRANGA> ESTÁ DORMINDO.



1.2.2.40

TĀKARAKŪĪ

GALINHA (S.F.)

<AVE> POSSUI BICO PEQUENO, CRISTA CARNUDA E VERMELHA, PERNAS ESCAMOSAS, ASAS CURTAS E LARGAS. EXISTEM UMA VARIEDADE DE ESPÉCIE E PENAS DE DIFERENTES CORES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MILHO, MACAXEIRA, ARROZ, CAPIM, GRILO E OUTROS INSETOS. TAMBÉM SE ALIMENTA DE RESTOS DE ALIMENTOS. BOTAM OVOS DE DIFERENTES CORES E TAMANHOS. SEUS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS PELO HOMEM COMO TAMBÉM ELAS BOTAM EM QUALQUER LUGAR GERALMENTE EM BURACOS OU ARBUSTOS. SEUS OVOS SÃO CONSUMIDOS DE VÁRIAS FORMAS: COZIDO, FRITO. TAMBÉM SÃO UTILIZADOS PARA PREPARO DE BOLOS, PUDINS DENTRE OUTRAS DELÍCIAS. SUA CARNE É

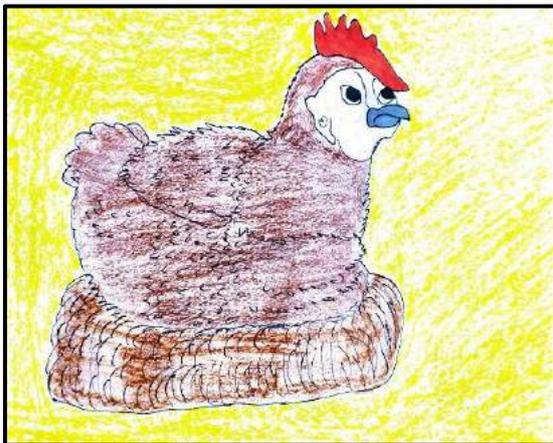


CONSUMIDA EM FORMA DE: ENSOPADO, FRITO OU ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: BIWA, MANÛ TĀKARA PINÛ?

LÍNGUA PORTUGUESA: MÃE, VAMOS COMER <GALINHA>?



1.2.2.40.1

TĀKARADIA

GALINHA INDIANA

<TĀKARAKÛÏ> POSSUIM BICOS PEQUENOS, CRISTA CARNUDA E VERMELHA, PERNAS ESCAMOSAS, ASAS CURTAS E LARGAS. APRESENTAM VARIEDADES DE CORES COMO: PRETA, BRANCA, VERMELHA E AMARELA. SÃO ÓTIMAS REPRODUTORAS SENDO PESADAS E MUSCULOSAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MILHO, MACAXEIRA, ARROZ, CAPIM, GRILO E OUTROS INSETOS. TAMBÉM SE ALIMENTA DE RESTOS DE ALIMENTOS. BOTAM OVOS DE DIFERENTES CORES E TAMANHOS. SEUS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS PELO HOMEM COMO TAMBÉM ELAS BOTAM EM QUALQUER LUGAR GERALMENTE EM BURACOS OU ARBUSTOS. SEUS OVOS SÃO CONSUMIDOS DE VÁRIAS FORMAS: COZIDO, FRITO. TAMBÉM SÃO UTILIZADOS PARA PREPARO DE BOLOS, PUDINS DENTRE OUTRAS DELÍCIAS. SUA CARNE É CONSUMIDA EM FORMA DE: ENSOPADO, FRITO OU ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀKARADIA> MEKERAWEYA TUH TUREWA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <GALINHA INDIANA> BOTOU DEZ OVOS.



1.2.2.40.2

TĀKARATSITSA

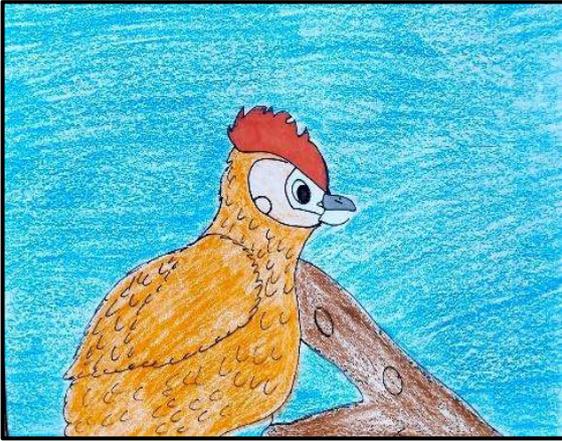
GALINHA PEDRÊS (S.F.)

<TĀKARAKÛÏ> POSSUIM BICOS PEQUENOS, CRISTA CARNUDA E VERMELHA COM SUAS PENAS MARISCADA DE PRETO COM BRANCO OU PRETO COM LARANJA COM APARÊNCIA DE GALINHA CAIPIRA. FORAM USADAS OUTRAS RAÇAS DE GALINHA PARA CHEGAR O RESULTADO DESSA ESPÉCIE. SÃO ÓTIMAS REPRODUTORAS SENDO PESADAS E MUSCULOSAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MILHO, MACAXEIRA, ARROZ, CAPIM, GRILO E OUTROS INSETOS. TAMBÉM SE ALIMENTA DE RESTOS DE ALIMENTOS. BOTAM OVOS DE DIFERENTES CORES E TAMANHOS. SEUS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS PELO HOMEM COMO TAMBÉM ELAS BOTAM EM QUALQUER LUGAR GERALMENTE EM BURACOS OU ARBUSTOS. SEUS OVOS SÃO CONSUMIDOS DE VÁRIAS FORMAS: COZIDO, FRITO. TAMBÉM SÃO UTILIZADOS PARA PREPARO DE BOLOS, PUDINS DENTRE OUTRAS DELÍCIAS. SUA CARNE É CONSUMIDA EM FORMA DE: ENSOPADO, FRITO OU ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀKARATSITSA> PITXANÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <GALINHA PEDRÊS> ESTÁ COZIDA.



1.2.2.40.3

TĀKARATUREW

GALINHA POEDEIRA (S.F.)

<TĀKARAKŪĪ> POSSUI BICO PEQUENO, CRISTA CARNUDA E VERMELHA COM SUAS PENAS LARANJAS. SÃO REPRODUTORAS DE OVOS E TAMBÉM SÃO USADAS PARA ABATE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: RAÇÃO DE MILHO ESPECÍFICO PARA BOTAR, ALÉM DO MILHO NATURAL. BOTAM EM GRANDE QUANTIDADE ONDE AJUDA MUITO NAS QUESTÕES FINANCEIRAS. SEUS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS PELO HOMEM COMO TAMBÉM ELAS BOTAM EM QUALQUER LUGAR GERALMENTE EM BURACOS OU ARBUSTOS. SEUS OVOS SÃO CONSUMIDOS DE VÁRIAS FORMAS: COZIDO, FRITO. TAMBÉM SÃO UTILIZADOS PARA PREPARO DE BOLOS, PUDINS DENTRE OUTRAS DELÍCIAS. SUA CARNE É CONSUMIDA EM FORMA DE: ENSOPADO, FRITO OU ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀKARATUREW> TUH UHU TUREWA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <GALINHA POEDEIRA> BOTOU OVOS BRANCO.



1.2.2.41

TĀKARARAKI

FRANGO (S.M.)

<AVE> É CONSIDERADO UM GALO JOVEM QUE POSSUI VARIEDADE DE TAMANHOS E CORES. É UTILIZADO PARA ABATE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MILHO, MACAXEIRA, ARROZ, CAPIM, GRILO E OUTROS INSETOS. TAMBÉM SE ALIMENTA DE RESTOS DE ALIMENTOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀKARARAKI> PITXANŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <FRANGO> ESTÁ COZIDO.



1.2.2.42

TĀKARAVAKE

PINTO (S.M.)

<AVE> FILHOTES DE GALINHA QUE POSSUIM CORES VARIADAS COMO: AMARELO, PRETO OU MARISCADO COM DUAS OU MAIS CORES. SÃO CUIDADOS PELA MAMÃE GALINHA ONDE DORMEM E SÃO AQUECIDOS DEBAIXO DE SUAS ASAS. COMEM PEQUENAS PARTÍCULAS DE RAÇÃO, MACAXEIRA DENTRE OUTROS



ALIMENTOS. QUANDO ESTÃO ASSUTADOS ELES PIAM.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TĀKARAVAKE> PĀXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PINTO> É AMARELO.



1.2.2.43

TAKU

SARACURA (S.F.)

<AVE> APRESENTA PENAS CINA-AMARRONZADA, PERNAS COM TOM VERMELHO, ASAS COM TOM AZULADO, BICO VOLTADO PARA TOM ESVERDIADO E OLHOS VERMELHOS. SÃO ENCONTRADAS EM MATAS E CAPOEIRAS ALAGADAS, NA BEIRA DE RIOS, LAGOS E IGARAPÉS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE: INSETOS, CAPINS, LARVAS, MINHOCAS E PEIXES. DORME EMPOLEIRADAS EM GRUPOS. QUANDO ELA CANTA, É SINAL QUE VAI CHOVER OU VAI ESTIAR.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: UX KAY UYSI <TAKU> KEWĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: HOJE VAI CHOVER, A <SARACURA> ESTÁ CANTANDO.



1.2.2.44

TEPUTE

UIRAPURU (S.M.)

<AVE> SEU HABITAT É NA FLORESTA MOLHADA, TANTO NA TERRA FIRME COMO NAS VÁRZEAS. POSSUI PLUMAGEM PARDA-AVERMELHADA COM PINTAS BRANCAS EM CADA LADO DA CABEÇA, GARGANTA E PEITO VERMELHO, SEU BICO E PÉS SÃO FORTES E GRANDE. SEU CANTO É BELO E FAMOSO PELAS LENDAS ALÉM DE TRAZER SORTE NA VIDA E NO AMOR. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE INSETOS E FRUTAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TEPUTE> KEWĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <UIRAPURU> ESTÁ CANTANDO.



1.2.2.45

TETEPĀWĀKŪĪ

GAVIÃO (S.M.)

<AVE> DE RAPINA COM ÓTIMA VISÃO E AUDIÇÃO. POSSUI BICO CURVADO E GARRAS FORTES QUE SÃO USADAS PARA CAPTURAR PRESAS. SÃO CAPAZES DE ARRANCAR BICHOS PRESOS NAS ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: ROEDORES, LAGARTOS, PASSARINHOS E AVES COMO: GALINHA, PINTOS, FRANGOS DENTRE OUTROS. SUAS PENAS SÃO VOLTADAS PARA TONS DE CINZA E MARROM. CONSTROE NINHOS COM RAMOS SECOS. PÔE DE 5 A 7 OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TETEPĀWĀKŪĪ> TĀKARA PINŪ

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GAVIÃO> COME GALINHA.





1.2.2.45.1

TETEPĂWĂ

GAVIÃO REAL (S.M.)

<TETEPĂWĂKŪĪ> CINHECIDO COMO A MAIOR AVE PREDADORA DO PLANETA. POSSUI BICO POTENTE E GARRAS AFIADAS USADAS PARA CAPTURAR PRESAS. SUA VISÃO E AUDIÇÃO É AGUÇADA CAPAZES DE VER E OUVIR DE LONGE. SÃO CAPAZES DE ARRANCAR BICHOS PRESOS NAS ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: ROEDORES, LAGARTOS, PASSARINHOS E AVES COMO: GALINHA, PINTOS, FRANGOS DENTRE OUTROS. SUAS PENAS SÃO VOLTADAS PARA TONS DE CINZA, CAUDA LONGA DE TOM BRANCO ALÉM DO PEITO QUE É PRETO. AS PERNAS E OS PÉS SÃO AMARELOS. CONSTROE NINHOS COM RAMOS SECOS NO ALTO DE SAMAUMEIRAS E CASTANHEIRAS ONDE OBSERVA TUDO AO SEU REDOR PÔE 2 OVOS DE COR CINZA-CLARO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: COBRAS, ANIMAIS DE PENAS, LAGARTOS DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TETEPĂWĂ> KĂBUKŪĪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GAVIÃO REAL> COME COBRA.



1.2.2.45.2

TXIKI

GAVIÃO PEQUENO (S.M.)

<TETEPĂWĂKŪĪ> POSSUI PLUMAGEM MARROM-ESCURA E TAMANHO CONSIDERADO PEQUENO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: SAPOS, RĂS, RATOS, INSETOS, COBRAS, GALINHAS E LAGARTIXAS. SEUS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS COM FOLHAS VERDES. PÔE 2 OVOS EM CADA INCUBAÇÃO ONDE SÃO BRANCOS COM MANCHAS CASTANHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXIKI> BAKAKŪĪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GAVIÃO PEQUENO> COME RATOS.



1.2.2.46

TĒKU

JACAMIM (S.M.)

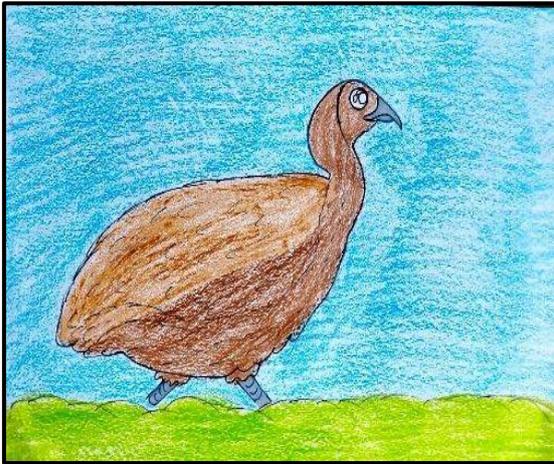
<AVE> É ENCONTRADO ANDANDO PELO CHĂO DA FLORESTA. POSSUI PENAS B=NA COR: CINZA, TONS DE VERDE, BICO CINZA AGUÇADO, PERNAS BRANCAS, CABEÇA

PRETA. A BASE DE SUA DIETA É FORMADA POR TODO TIPO DE FRUTOS DA FLORESTA, BEM COMO INSETOS E SEMENTES. GOSTA DE CARNIÇA ONDE LEMBRA O URUBU. SEUS NINHOS SÃO CONSTRUÍDOS NOS BURACOS DOS PAUS ALTOS. CAMINHA EM BANDO E VOAM GRITANDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TUH <TÊKU> HERE IWI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O OVO DE <JACAMIM> ESTÁ NO BURACO DA ÁRVORE.



1.2.2.47

TURA

COROCA (S.F.)

<AVE> QUE POSSUI PENAS PRETAS, BICO GRANDE E CURVADO, PÉS NOS TONS DE VERDE. PÕE SEUS OVOS EM NINHOS QUE FICAM NOS GALHOS DE ÁRVORES NA VÁRZEA. SE ALIMENTA DE INSETOS COMO: GRILOS, BARATAS E MINHOCAS, ALÉM DE FRUTOS, COQUINHOS E SEMENTES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TURA> IWISI IWI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <COROCA> ESTÁ NO GALHO DA ÁRVORRE.



1.2.2.48

TUXIKŪĪ

CURICA (S.F.)

<AVE> POSSUI COLORAÇÃO VERDE NA MAIORIA DO SEU CORPO. É MENOR QUE UM PAPAGAIO. A CAUDA APRESENTA COR LARANJA, O BICO É AMARELO COM CINZA ESCURO. MANTÉM CONTATO POR MEIO DE GRITOS E ASSOBIOS. CONSTROE SEUS NINHOS NOS BURACOS DE ÁRVORES E CUPINZEIROS. PÕE DE 2 A 4 OVOS. ALIMENTA-SE DE SEMENTES, FRUTOS, FLORES E FOLHAS. SUAS PENAS COLORIDAS SÃO USADAS PARA PRODUÇÃO DE ARTESANATOS COMO: BRINCOS, CORDÕES E COROA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TUXIKŪĪ> WIWISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CURICA> ESTÁ GRITANDO.



1.2.2.48.1

TUXIPĀXĪ

CURICA AMARELA (S.F.)

<TUXIKŪĪ> POSSUI COLORAÇÃO VERDE NA MAIORIA DO SEU CORPO ONDE E NA CABEÇA APRESENTA PENAS AMARELAS. É MENOR QUE UM PAPAGAIO. A CAUDA APRESENTA COR LARANJA, O BICO É AMARELO COM CINZA ESCURO. MANTÉM CONTATO POR MEIO DE GRITOS E ASSOBIOS. CONSTROE SEUS NINHOS NOS BURACOS DE ÁRVORES E CUPINZEIROS. PÕE DE 2 A 4 OVOS. ALIMENTA-SE DE SEMENTES, FRUTOS, FLORES E FOLHAS. SUAS PENAS COLORIDAS SÃO USADAS PARA PRODUÇÃO DE ARTESANATOS COMO: BRINCOS, CORDÕES E COROA.

CONTEXTO DE USO:



LÍNGUA PUYANAWA: <TUXIPĂXĪ> PEY PĂXĪ VUHKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CURICA AMARELA> TEM PENAS AMARELAS NA CABEÇA.



1.2.2.48.2

TUXIWĂ

CURICA AZUL (S.F.)

<TUXIKŪĪ> POSSUI COLORAÇÃO VERDE NA MAIORIA DO SEU CORPO ONDE E NA CABEÇA APRESENTA PENAS AZUIS. É MENOR QUE UM PAPAGAIO. A CAUDA APRESENTA COR LARANJA, O BICO É AMARELO COM CINZA ESCURO. MANTÉM CONTATO POR MEIO DE GRITOS E ASSOBIOS. CONSTROE SEUS NINHOS NOS BURACOS DE ÁRVORES E CUPINZEIROS. PÔE DE 2 A 4 OVOS. ALIMENTA-SE DE SEMENTES, FRUTOS, FLORES E FOLHAS. SUAS PENAS COLORIDAS SÃO USADAS PARA PRODUÇÃO DE ARTESANATOS COMO: BRINCOS, CORDÕES E COROA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE RIRIPAKI PEY <TUXIWĂ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU BRINCO É DE PENAS DE <CURICA AZUL>.



1.2.2.49

TUXIPĂ

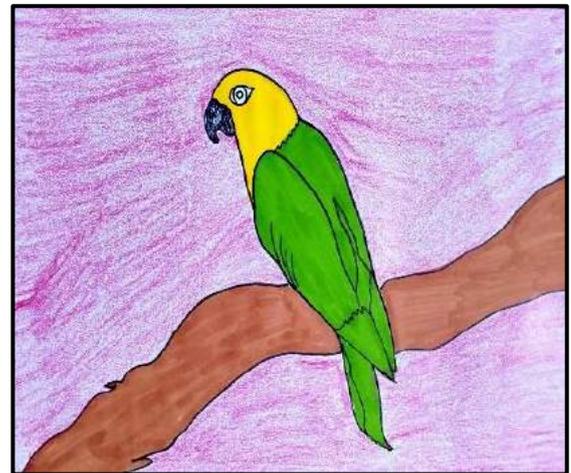
JANDAIA (S.F.)

<AVE> POSSUI PENAS LARANJA NA CABEÇA E O PEITO VERMELHO. SUA ASAS APRESENTAM TOM DE VERDE TENDO SEMELHANÇA COM PAPAGAIO. SEU BICO É CURVADO E PRETO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA SEMENTES, CASTANHAS E FRUTAS. PODE BOTAR DE 3 A 4 OVOS NOS GALHOS DAS ÁRVORES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TUXIPĂ> IWISI BETUWE.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <JANDAIA> ESTÁ NO GALHO DO JATOBĂ.



1.2.2.50

TXĂRĂKŪĪ

JABURU (S.M.)

<AVE> POSSUI PESCOÇO LONGO NU E PRETO COM PAPO VERMELHO. SUAS PENAS SÃO BRANCAS, E PRETA.

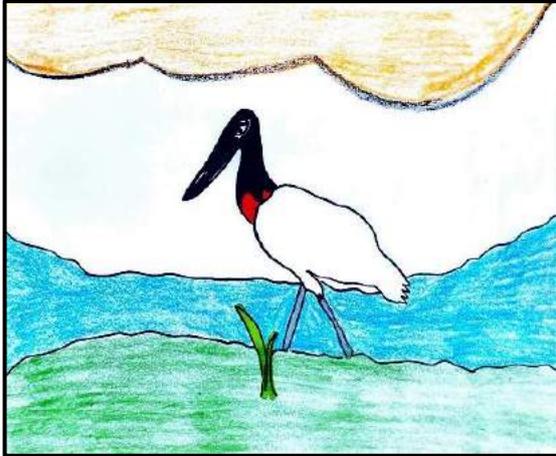
O BICO É COMPRIDO CHEGANDO ATÉ 30 CENTÍMETROS. COSTUMA FICAR EM LOCAIS COM ÁGUA COMO: VĂRZEA, LAGOS, LAGOA PRÓXIMO AOS ROÇADOS E NA BEIRA DO RIO. A FÊMEA CONSTROE SEU NINHO NO ALTO DAS ÁRVORES COM GALHOS SECOS TENDO AJUDA DO SEU COMPANHEIRO. PÔE DE 2 A 5 OVOS BRANCOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXĂRĂKŪĪ> REXPĂWĂ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JABURU> TEM O BICO GRANDE.





1.2.2.50.1

TXĀRĀ

JABURU MOLEQUE (S.M.)

<TXĀRĀKŪĪ> APRESENTA TAMANHO PEQUENO COM RELAÇÃO A OUTROS JABURUS. POSSUI PENAS BRANCAS, TENDO A CAUDA E O BICO PRETO. O PESCOÇO E AS PERNAS SÃO CINZAS. O BICO É CURVADO PARA BAIXO. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE PEIXES, RÃS E INSETOS. COSTUMA HABITAR EM ÁREAS ALAGADAS E LAGOAS. A FÊMEA BOTA JUNTO COM AS GARÇAS ONDE PÕE DE 3 A 5 OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXĀRĀ> VUHKA BASI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JABURU-MOLEQUE> TEM A CABEÇA SECA.



1.2.2.50.2

TXĀRĀTXI

JABURU DE ASA PRETA (S.M.)

<TXĀRĀKŪĪ> SUA PLUMAGEM É BRANCA E APENAS AS PENAS DE VOO SÃO PRETAS. POSSUI BICO LONGO EM TONS DE CINZA E VERMELHO. SUAS PERNAS SÃO LONGAS E VERMELHAS PARA VOAR, PRECISA DAR TRÊS SALTOS LONGOS. OS ADULTOS EMITEM ASSOBIOS PARA APRESENTAR SEU NINHO. COSTUMA HABITAR EM ÁREAS ALAGADAS E LAGOAS. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE PEIXES, RÃS, SAPOS MINHOCAS, LARVAS, COBRAS, RATOS DENTRE OUTROS. PÕE DE 3 A 4 OVOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TUH <TXĀRĀTXI> PAKEA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O OVO DO <JABURU DE ASA PRETA> CAIU.



1.2.2.51

ŪDUTSARA

ARIRAMBA (S.M.)

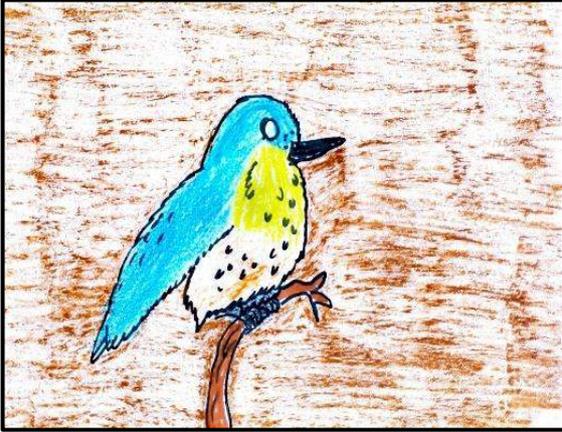
<AVE> COM PENAS VOLTADAS PARA TONS DE LARANJA, VERDE, AMARELO E BRANCO. POSSUI UM BICO LONGO E FINO. COSTUMA HABITAR NAS MARGENS DO IGARAPÉ, LAGOS E IGAPÓ. NA ÉPOCA DO VERÃO, CAVAM BURACOS NO CHÃO PARA BOTAR SEUS OVOS. SE ALIMENTAM DE PEIXES E INSETOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: HERE TUH <ŪDUTSARA>.

LÍNGUA PORTUGUESA: NO BURACO TEM OVOS DE <ARIRAMBA>.





1.2.2.52

ÚTXĪ

POMBO (S.M.)

<AVE> DE PLUMAGEM VOLTADA PARA TONS DE CINZA, NA CABEÇA TONS ESVERDIADO, CAUDA COM TONS DE CINZA ESCURO, BICO BRANCO E OLHOS AMARELOS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE GRÃOS E SEMENTES DA MATA. CONSTROE SEUS NINHOS NOS GALHOS MAIS ALTO DAS ÁRVORES ONDE UTILIZA GRAVETOS E CAPINS. PÔE DE 2 A 5 OVOS. SERVEM DE ALIMENTO PARA: CACHORROS, GAIVOTAS, CORUJAS DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VAKEVU WIXKI <ÚTXĪ> VIA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O MENINO VIU O NINHO DO <POMBO>.



1.2.2.53

WAMĀNĀTĪBA

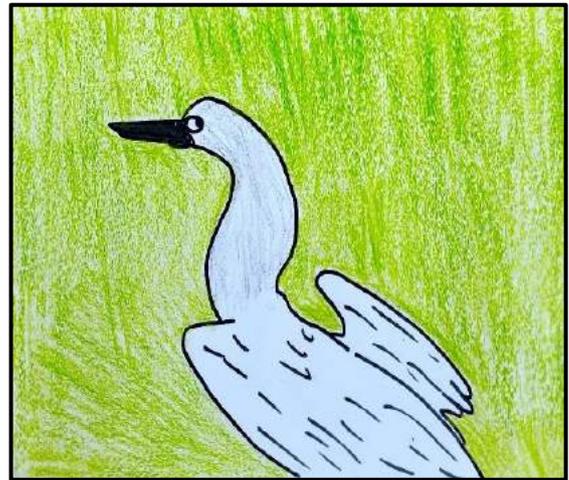
CARARÁ (S.M.)

<AVE> POSSUI PENAS PRETAS NA CABEÇA, BICO AFIADO E FACE VERMELHA. NO PEITO APRESENTA TONS DE MARROM CLARO COM RISCAS PRETAS, SUAS PATAS SÃO COMPRIDAS DE COR AMARELA. SUA ASA É MAIS ESTREITA DO QUE A DE UM URUBU, ALÉM DA CAUDA MAIS LONGA. CONSTROE SEUS NINHOS UTILIZANDO GALHOS SECOS DE PALMEIRAS ONDE PÔE DE 2 A 3 OVOS COM COLORAÇÃO BRANCO E CASTANHO-AVERMELHADO. PASSA MUITO TEMPO NO CHÃO MAIS TAMBÉM É UM EXCELENTE VOADOR PARA COMUNICAÇÃO COM SEU GRUPO, ELE DOBRA O PESCOÇO E MANTÉM A CABEÇA SOBRE AS COSTAS ENQUANTO EMITE O SOM. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CARNIÇA, OUTRAS AVES, RÉPTILS E ATÉ MINHOCAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WAMĀNĀTĪBA> NĀBI PISI PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARARÁ> ESTÁ COMENDO CARNE FEDORENTA.



1.2.2.54

WARITAW

DORMINHOCO (S.M.)

<AVE> QUE VIVE NAS BORDAS DE LAGOS, LAGOAS E RIOS. DURANTE O DIA REPOUA EM GALHOS DE ÁRVORES GRANDES. POSSUI HÁBITO DE COLOCAR O BICO SOBRE O PEITO. COSTUMA SER ENCONTRADA EM LOCAIS COM ÁGUA ONDE TEM PEIXES OU ANFÍBIOS. PARA CAÇAR, FICA SENTADA E ESPERANDO OU USA SEUS LONGOS DEDOS PARA MECHER O LODO E AS PEDRAS EM BUSCA DE COMIDA. CONSTROE SEU NINHO NO ALTO DAS ÁRVORES ONDE UTILIZA



GALHOS SECOS. PÕE DE 2 A 5 OVOS DE COR ESVERDEADA OU VERDE-AZULADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TUH <WARITAW> IKĀBA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O OVO DO <DORMINHOCO> É VERDE.



1.2.2.55

WAWAKŪĪ

PAPAGAIO (S.M.)

<AVE> COM PENAS VERDES NA MAIORIA DO SEU CORPO. NA CABEÇA POSSUI PENAS AZUIS NA TESTA, ACIMA DO BICO NO ROSTO E COROA É MARELO. NA CAUDA APRESENTA PENAS VERMELHAS. O BICO É PRETO. POSSUI UMA INTELIGENCIA INVEJÁVEL, POIS CONSEGUEM REPETIR O QUE OUVEM QUANDO SÃO DOMESTICADOS. NA NATUREZA SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CASTANHAS, FRUTAS E SEMENTES. EM CASA COMEM ARROZ, MAMÃO, BANANA, BURITI DENTRE OUTRAS FRUTAS. SUAS PENAS SÃO UTILIZADAS PARA CONFECÇÃO DE ARTESANATOS. DE ACORDO COM A NOSSA CULTURA, MENINOS QUE USAM COROA DE PAPAGAIO FICAM MUITO INTELIGENTE. QUANDO VAI CHOVER, ELES AVISAM FAZENDO BARULHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TEWETEWĀ VAKEVU PEY <WAWAKŪĪ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: O COCÁ DO MENINO, É DE PENAS DE <PAPAGAIO>



1.2.2.55.1

WAWATSA

PAPAGAIO ESTRELA (S.M.)

<WAWAKŪĪ> COM PENAS VERDES NA MAIORIA DO SEU CORPO. NA CABEÇA POSSUI UM DESTAQUE DE PENAS VERMELHAS QUE ORIGINOU SEU NOME. ACIMA DO BICO NO ROSTO E COROA É AMARELO. NA CAUDA APRESENTA PENAS VERMELHAS. O BICO É PRETO. POSSUI UMA INTELIGENCIA INVEJÁVEL, POIS CONSEGUEM REPETIR O QUE OUVEM QUANDO SÃO DOMESTICADOS. NA NATUREZA SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CASTANHAS, FRUTAS E SEMENTES. EM CASA COMEM ARROZ, MAMÃO, BANANA, BURITI DENTRE OUTRAS FRUTAS. SUAS PENAS SÃO UTILIZADAS PARA CONFECÇÃO DE ARTESANATOS. DE ACORDO COM A NOSSA CULTURA, MENINOS QUE USAM COROA DE PAPAGAIO FICAM MUITO INTELIGENTE. QUANDO VAI CHOVER, ELES AVISAM FAZENDO BARULHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WAWATSA> PEY TAXI VUMĀNĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PAPAGAIO-ESTRELA> TEM PENAS VERMELHAS NA TESTA.



1.2.2.55.2

WAWAXIA

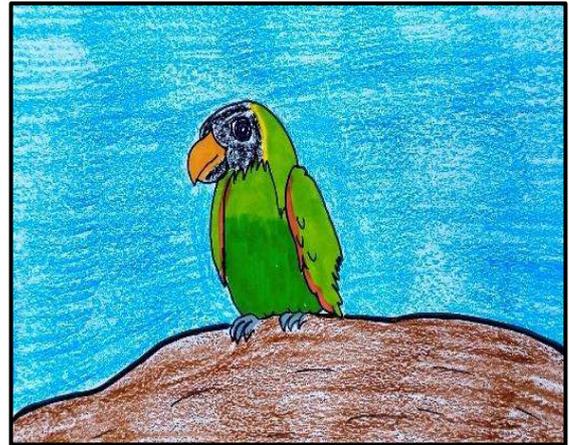
PAPAGAIO URUBU (S.M.)

<WAWAKŨĨ> COM PENAS VERDES NA MAIORIA DO SEU CORPO. NA CABEÇA POSSUI UM DESTAQUE DE PENAS VERMELHAS QUE ORIGINOU SEU NOME. ACIMA DO BICO NO ROSTO E COROA É AMARELO. NA CAUDA APRESENTA PENAS VERMELHAS E O BICO É PRETO. AO CONTRÁRIO DO PAPAGAIO ESTRELA, ELE NÃO FALA. NA NATUREZA SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CASTANHAS, FRUTAS E SEMENTES. EM CASA COMEM ARROZ, MAMÃO, BANANA, BURITI DENTRE OUTRAS FRUTAS. SUAS PENAS SÃO UTILIZADAS PARA CONFECÇÃO DE ARTESANATOS. DE ACORDO COM A NOSSA CULTURA, MENINOS QUE USAM COROA DE PAPAGAIO FICAM MUITO INTELIGENTE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WAWAXIA> AMINŨ VĀDAH.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PAPAGAIO-URUBU> NÃO FALA.



1.2.2.56

WISTUKŨĨ

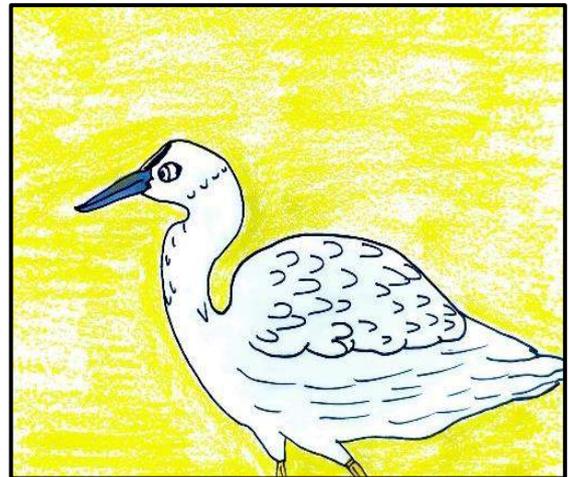
GARÇA (S.F.)

<AVE> QUE POSSUI PENAS BRANCAS, PERNAS, PESCOÇO E BICO LONGO. SE ALIMENTA PRINCIPALMENTE DE PEIXES. OCUPA LOCAIS COM ÁGUA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WISTUKŨĨ> UHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <GARÇA> É BRANCA.



1.2.2.56.1

WISTU

GARÇA COMUM (S.F.)

<WISTUKŨĨ> QUE POSSUI PENAS TOTALMENTE BRANCAS. SEU BICO É LONGO E AMARELO, ALÉM DE UM LONGO PESCOÇO E PERNAS. SE ALIMENTA PRINCIPALMENTE DE PEIXES, ALÉM DE ROEDORES, ANFÍBIOS, RÉPTILS, INSETOS, COBRAS E PEQUENAS AVES. QUANDO ESTÃO CAÇANDO, SEU VOO É LENTO. SEU NINHO É CONSTRUÍDO COM GRAVETOS E

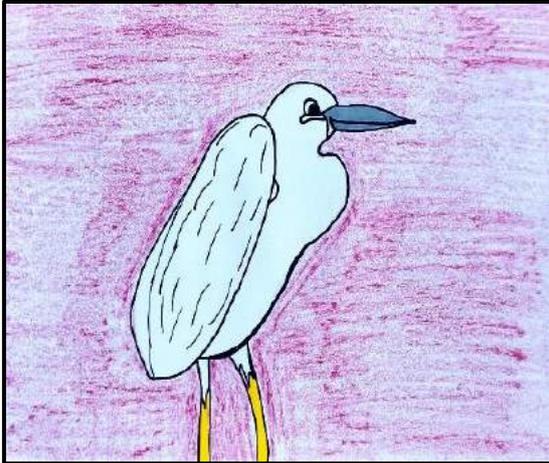


CAULES DE PLANTAS AQUÁTICAS. PÔE DE 4 A 5 OVOS LISOS NO TOM AZUL ESVERDEADOS. OCUPA LOCAIS COM ÁGUA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: PEY <WISTU> UHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: AS PENAS DA <GARÇA COMUM> É BRANCA.



1.2.2.56.2

WISTUTÊ

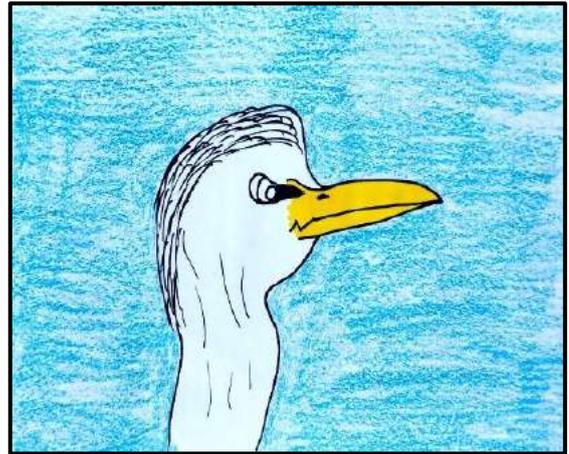
GARÇA COLELEIRA (S.F.)

<WISTUKÛÏ> QUE POSSUI PENAS TOTALMENTE BRANCAS. APRESENTA TAMANHO PEQUENO. COSTUMA FICAR DENTRO DOS CAMPOS DE BOI. SEU BICO É AMARELO E PERNAS CINZA. SE ALIMENTA PRINCIPALMENTE DE PEIXES, ALÉM DE ROEDORES, ANFÍBIOS, RÉPTILS, INSETOS, COBRAS E PEQUENAS AVES. QUANDO ESTÃO CAÇANDO, SEU VOO É LENTO. SEU NINHO É CONSTRUÍDO COM GRAVETOS E CAULES DE PLANTAS AQUÁTICAS. PÔE DE 4 A 5 OVOS LISOS NO TOM AZUL ESVERDEADOS. OCUPA LOCAIS COM ÁGUA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WISTUTÊ> BISTÊ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <GARÇA COLELEIRA> É PEQUENA.



1.2.2.57

YÛDAPATSI

PAVÃO (S.M.)

<AVE> AS FÊMEAS SÃO MENORES, PORÉM OS MACHOS SÃO GRANDES PORQUE POSSUIM UMA LONGA CAUDA COM CORES EXUBERANTES EM TONS AZULADOS, VERDES, PRETO E AMARELO. PASSAM O DIA NO CHÃO E A NOITE FICAM ATREPADOS NAS ÁRVORES. SE ALIMENTAM DE PLANTAS, PÉTALAS DE FLORES, SEMENTES, FORMIGAS, GRILOS E CUPINS. EM DIAS QUENTES, COSTUMAM ENTRAR DEBAIXO DAS ÁRVORES. CONSTROE SEUS NINHOS EM LOCAIS COM POUCO BARULHO EM GRAMAS ALTAS. O PAVÃO MACHO ATRAI A FÊMEA ABRINDO SUA LINDA CAUDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: PEY <YÛDAPATSI> HËYDAKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: AS PENAS DE <PAVÃO> SÃO LINDAS.



1.2.2.58

YŪDATĒTŪWĀ

ARAPAPÁ (S.M.)

<AVE> COBERTA COM PENAS CINZA-CLARO E BRANCO. NA BARRIGA APRESENTA PENAS CASTANHO E PRETO. O BICO É LARGO EM FORMA DE CONCHA NA COR PRETA. SE REPRODUZEM EM ESTAÇÃO CHUVOSA. PÕE DE 2 A 4 OVOS. COM MOVIMENTAÇÃO HUMANA, ELES ABANDONAM SEUS NINHOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEIXES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: REXPA

<YŪDATĒTŪWĀ> REWĀMĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O BICO DO <ARAPAPÁ> É LARGO.



1.2.2.59

YŪDAVUMĀ

CARÃO (S.M.)

<AVE> POSSUI PENAS MARROM-ESCURO COM A GARGANTA BRANCA. O BICO É AMARELO. A CABEÇA E O PESCOÇO POSSUIM LISTRAS BRANCAS E NEGRAS. CONSTRÓI SEU NINHO NO CHÃO, ONDE PÕE 2 A 6 OVOS NA COR CREME. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE PEQUENOS ANIMAIS DA ÁGUA, PRINCIPALMENTE O CARACOL, NA TERRA COME LAGARTOS. EMITEM SONS QUANDO ESTÁ EM REPRODUÇÃO E QUANDO POUSA NAS ÁRVORES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <YŪDAVUMĀ> RŪBA TUH TUREWA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARÃO> BOTOU 6 OVOS.



1.2.3.1

AMĀ

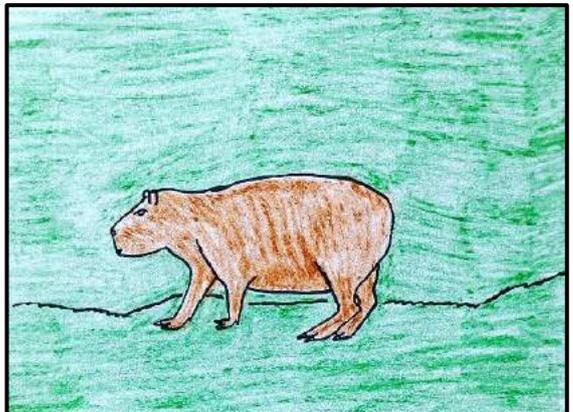
CAPIVARA (S.F.)

<MAMÍFERO> QUE POSSUI QUATRO PATAS. COBERTO DE PELOS MARROM. A CABEÇA É GRANDE COM ORELHAS PEQUENAS. AS PERNAS SÃO CURTAS E AS PATAS TRASEIRAS MAIS LONGAS QUE AS DIANTEIRAS. HABITA NAS MARGEM DAS VÁRZEAS, RIOS E LAGOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CANARANA E HORTIGA. SUA CARNE SERVE DE ALIMENTAÇÃO PARA O HOMEM ONDE É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, ASSADA E TORRADA, ALÉM DE SERVIR COMO ALIMENTO PARA A ONÇA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <AMĀ> VU KATAKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CAPIVARA> TEM PELOS MARROM.



1.2.3.2

AWAKŪĪ

ANTA (S.F.)

<MAMÍFERO> APRESENTA UMA CRINA QUE VAI DESDE O PESCOÇO ATÉ A FRONTE DA CABEÇA. EXISTEM DUAS ESPÉCIE ONDE



POSSUI UMA TROMBA COMPRIDA E A PELE É GROSSA COM PELOS MARROM-ESCURA, AS PONTAS DAS ORELHAS SÃO BRANCAS. TENDO TAMANHOS DIFERENTES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE FRUTAS DA MATA E BARRO. COSTUMA ANDAR COM MAIS FREQUÊNCIA DURANTE A NOITE SENDO ENCONTRADA NOS BALSEIROS E CAPOEIRAS. SUA CARNE POSSUI COLORAÇÃO ESCURA E GORDUROSA. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, TORRADA E COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: NĀBI <AWAKŪĪ> DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: A CARNE DA <ANTA> É GOSTOSA.



1.2.3.2.1

AWATXI

ANTA PRETA (S.F.)

<MAMÍFERO> APRESENTA UMA CRINA QUE VAI DESDE O PESCOÇO ATÉ A FRONTE DA CABEÇA. SEUS PELOS POSSUI COLORAÇÃO PRETA E NÃO POSSUI TUTANO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE FRUTAS DA MATA E BARRO. COSTUMA ANDAR COM MAIS FREQUÊNCIA DURANTE A NOITE SENDO ENCONTRADA NOS BALSEIROS E CAPOEIRAS. SUA CARNE POSSUI COLORAÇÃO ESCURA E GORDUROSA. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, TORRADA E COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA VIA <AWATXI> DI.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VI A <ANTA PRETA> NA MATA.



1.2.3.2.2

AWAWĀ

ANTA ROZIA (S.F.)

<MAMÍFERO> APRESENTA UMA CRINA QUE VAI DESDE O PESCOÇO ATÉ A FRONTE DA CABEÇA. SEU PELO POSSUI COLORAÇÃO MARROM E POSSUI TUTANO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE FRUTAS DA MATA E BARRO. COSTUMA ANDAR COM MAIS FREQUÊNCIA DURANTE A NOITE SENDO ENCONTRADA NOS BALSEIROS E CAPOEIRAS. SUA CARNE POSSUI COLORAÇÃO ESCURA E GORDUROSA. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, TORRADA E COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <AWAWĀ> DAPU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ANTA ROZIA> TEM TUTANO.



1.2.3.4

BAHUHKŪĪ

MUCURA (S.F.)



<MAMÍFERO> POSSUI CABEÇA ALONGADA E PELOS COM TONS DE CINZA E PRETO. EXISTEM DOIS TAMANHOS DE MUCURA: GRANDE E PEQUENA. A CAUDA É LONGA QUE SERVE PARA ENROLAR NOS GALHOS DAS ÁRVORES. AS PATAS SÃO CURTAS E TÊM CINCO DEDOS. É ENCONTRADA COM MAIS FREQUÊNCIA DURANTE A NOITE. SUA ALIMENTAÇÃO PREDILETA É GALINHA, ALÉM DE INSETOS, FRUTAS, GRÃOS E CARNIÇA. SE ABRIGAM GERALMENTE EM BURACOS DE PAUS. SE REPRODUZEM TRÊS VEZES POR ANO. CARREGA SEUS FILHOTES DENTRO DE UM SACO QUE FICA NA SUA BARRIGA. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA E O GATO-DO-MATO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAHUHKŪĪ>
TĀKARA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MUCURA> COME GALINHA.



1.2.3.4.1

BAHU

MUCURA COMUM (S.F.)

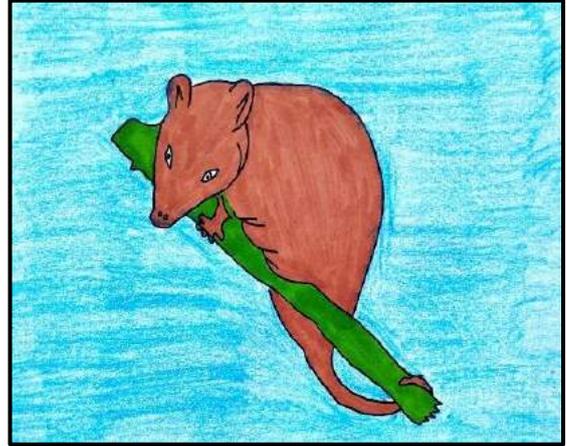
<BAHUHKŪĪ> POSSUI CABEÇA ALONGADA E PELOS COM TONS DE CINZA E PRETO. SEU TAMANHO É CONSIDERADO GRANDE. A CAUDA É LONGA QUE SERVE PARA ENROLAR NOS GALHOS DAS ÁRVORES. AS PATAS SÃO CURTAS E TÊM CINCO DEDOS. É ENCONTRADA COM MAIS FREQUÊNCIA DURANTE A NOITE. SUA ALIMENTAÇÃO PREDILETA É GALINHA, ALÉM DE INSETOS, FRUTAS, GRÃOS E CARNIÇA. SE ABRIGAM GERALMENTE EM BURACOS DE PAUS. SE REPRODUZEM TRÊS NO ANO. CARREGA SEUS FILHOTES DENTRO DE UM SACO QUE FICA NA SUA BARRIGA. SERVE DE

ALIMENTO PARA A ONÇA E O GATO-DO-MATO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: HERE <BAHU>

LÍNGUA PORTUGUESA: NO BURACO TEM <MUCURA COMUM>.



1.2.3.4.2

TITIHIKA

MUCURA CHICHICA (S.F.)

<BAHUHKŪĪ> POSSUI CABEÇA ALONGADA E PELOS COM TONS DE CINZA E PRETO. SEU TAMANHO É CONSIDERADO PEQUENO. A CAUDA É LONGA QUE SERVE PARA ENROLAR NOS GALHOS DAS ÁRVORES. AS PATAS SÃO CURTAS E TÊM CINCO DEDOS. É ENCONTRADA COM MAIS FREQUÊNCIA DURANTE A NOITE. SUA ALIMENTAÇÃO PREDILETA É GALINHA, ALÉM DE INSETOS, FRUTAS, GRÃOS E CARNIÇA. SE ABRIGAM GERALMENTE EM BURACOS DE PAUS. SE REPRODUZEM TRÊS NO ANO. CARREGA SEUS FILHOTES DENTRO DE UM SACO QUE FICA NA SUA BARRIGA. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA E O GATO-DO-MATO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VĀTI <TITIHIKA>
TXAYPA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O RABO DA MUCURA CHICHICA É COMPRIDA.





1.2.3.5

BAKAKŪĪ

RATO (S.M.)

<MAMÍFERO> POSSUI FOCINHO PONTUDO, ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS. SUA CAUDA É LONGA, FINA E SEM PELOS. EXISTEM ALGUMAS ESPÉCIES COM TAMANHOS VARIADOS. SÃO ENCONTRADOS EM ESGOTOS, BALSEIROS, DEBAIXO DE TÁBUAS, BURACOS DE PAUS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE RESTOS DE ALIMENTOS HUMANOS, BANANA, MACAXEIRA, MILHO DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAKAKŪĪ> ATSA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <RATO> COME MACAXEIRA.



1.2.3.5.1

BAKA

RATO CATITA (S.M.)

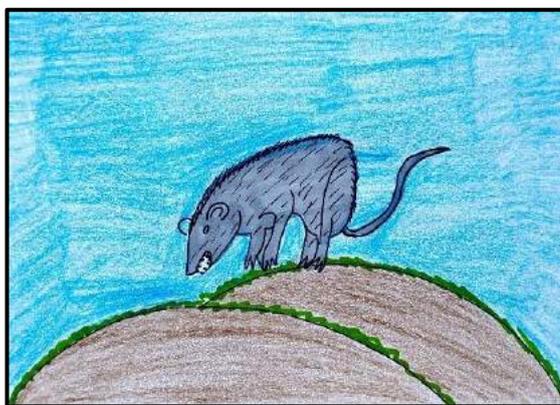
<BAKAKŪĪ> POSSUI FOCINHO PONTUDO, ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS. SUA CAUDA É LONGA, FINA E SEM PELOS. É

CONSIDERADO O MENOR DA ESPÉCIE. SÃO ENCONTRADOS EM ESGOTOS, BALSEIROS, DEBAIXO DE TÁBUAS, BURACOS DE PAUS, ATRÁS DOS MÓVEIS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE RESTOS DE ALIMENTOS HUMANOS, BANANA, MACAXEIRA, MILHO DENTRE OUTROS. COSTUMAM ROER ROUPAS, SAPATOS, SOFÁ, DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KĀBUKŪĪ <BAKA> PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A COBRA COMEU O <BAKA>



1.2.3.5.2

BAKATA

RATO CORÓ (S.M.)

<BAKAKŪĪ> POSSUI FOCINHO PONTUDO, ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS. SUA CAUDA É LONGA, FINA E SEM PELOS. É CONSIDERADO O MAIOR DA ESPÉCIE. SÃO ENCONTRADOS EM ESGOTOS, BALSEIROS, DEBAIXO DE TÁBUAS, BURACOS DE PAUS, ATRÁS DOS MÓVEIS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE RESTOS DE ALIMENTOS HUMANOS, BANANA, MACAXEIRA, MILHO DENTRE OUTROS. COSTUMAM ROER ROUPAS, SAPATOS, SOFÁ, DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE BIPA, <BAKATA> KUXA.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU PAI, MATOU O <RATO CORÓ>.





1.2.3.5.3

PUKURU

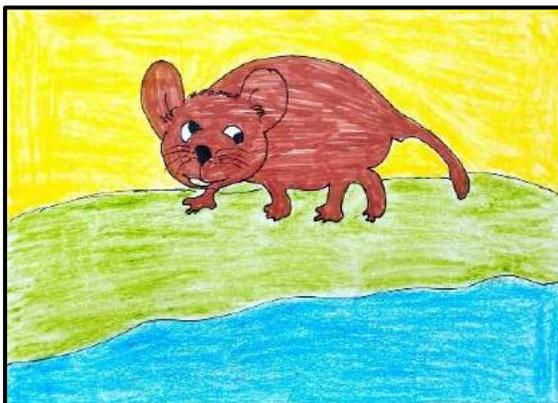
RATO ROXO (S.M.)

<BAKAKŪĪ> POSSUI FOCINHO PONTUDO, ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS. SUA CAUDA É LONGA, FINA E SEM PELOS. SEUS PELOS SÃO CINZA COM A BARRIGA PRETA. SÃO ENCONTRADOS EM ESGOTOS, BALSEIROS, DEBAIXO DE TÁBUAS, BURACOS DE PAUS, ATRÁS DOS MÓVEIS. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE RESTOS DE ALIMENTOS HUMANOS, BANANA, MACAXEIRA, MILHO DENTRE OUTROS. COSTUMAM ROER ROUPAS, SAPATOS, SOFÁ, DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PUKURU>
AKATIBUSTI DAHVA TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <RATO ROXO> É CINZA COM A BARRIGA PRETA.



1.2.3.6

BARI

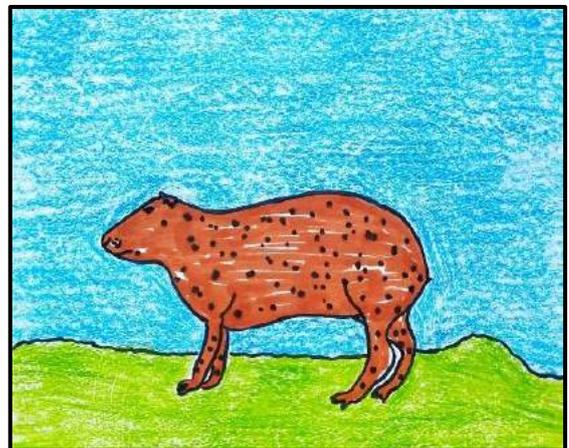
CUTIA (S.F.)

<MAMÍFERO> DE PELO MARROM NA MAIORIA DO CORPO, SENDO QUE A BARRIGA É BRANCA. É ENCONTRADA EM

DIFERENTES LOCAIS COMO NA MATA DE CANARAÍ E SERINGAL. O CAÇADOR UTILIZA UM APITO CASEIRO DE ALUMÍNIO PARA ATRAIR E MATAR PARA ALIMENTAÇÃO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE MACAXEIRA, MAMÃO, COCO DE ARICURI, JARINA, BURITI, DENTRE OUTROS. PAREM DE 1 A 2 FILHOTES. SUA CARNE SERVE DE ALIMENTO PARA O HOME E OUTROS ANIMAIS COMO ONÇA, GATO-DA-MATA E CACHORRO-DA-MATA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: ĪNŪKŪĪ <BARI> PINŪ.
LÍNGUA PORTUGUESA: A ONÇA COMEU A <CUTIA>.



1.2.3.7

BUHRI

CAVALO (S.M.)

<MAMÍFERO> COBERTO DE PELOS CURTOS E LISOS COM VARIEDADE DE CORES. A CABEÇA É LONGA, OS OLHOS BEM SEPARADOS E AS NARINAS ABERTAS. POSSUI UM RABO COM MUITO PELOS E UMA GRANDE CRINA E QUATRO PATAS DURAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CAPIM E FRUTAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BUHRI> VUHKA TXAYPA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CAVALO> TEM A CABEÇA COMPRIDA.





1.2.3.8

BUHRIA

ÉGUA (S.F.)

<MAMÍFERO> POSSUI PELO CURTO E LISO COM VARIEDADE DE CORES. A CABEÇA É LONGA, OS OLHOS BEM SEPARADOS E AS NARINAS ABERTAS. POSSUI UM RABO COM MUITO PELOS E UMA GRANDE CRINA E QUATRO PATAS DURAS. É RESPONSÁVEL DE REPRODUZIR OS FILHOTES CONHECIDOS COMO “POTRINHO”. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CAPIM E FRUTAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BUHRIA> VU WARETEYKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ÉGUA> TEM PELOS LARANJA.



1.2.3.9

BUY

BOI (S.M.)

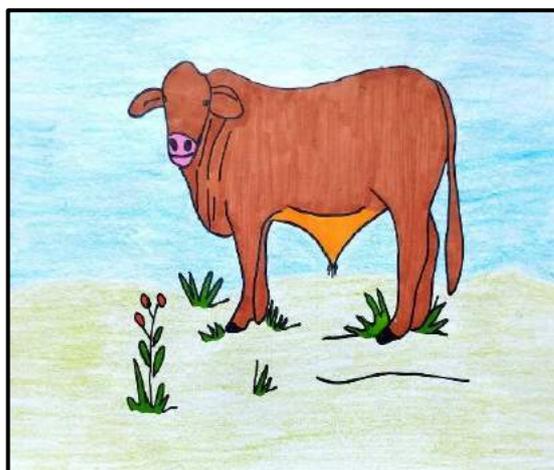
<MAMÍFERO> COBERTO DE PELO CURTO EM TONS VARIADOS, TAIS COMO: PRETO, ALARANJADO, PINTADO, BRANCO E MARROM. APRESENTA TAMANHOS

VARIADOS, DEPENDENDO DA RAÇA. QUANDO DOMESTICADOS, EXERCEM A FUNÇÃO DE CARREGAR CARROÇA COM MACAXEIRA, LENHA, DENTRE OUTROS. SE ALIMENTAM DE CAPIM, FOLHAS, MACAXEIRA E SAL. SUA CARNE É MUITO APRECIADA NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA ONDE FAZ PARTE DA MESA DE TODOS OS BRASILEIROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BUY> ATSA PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BOI> COME MACAXEIRA.



1.2.3.10

BUYWA

VACA (S.F.)

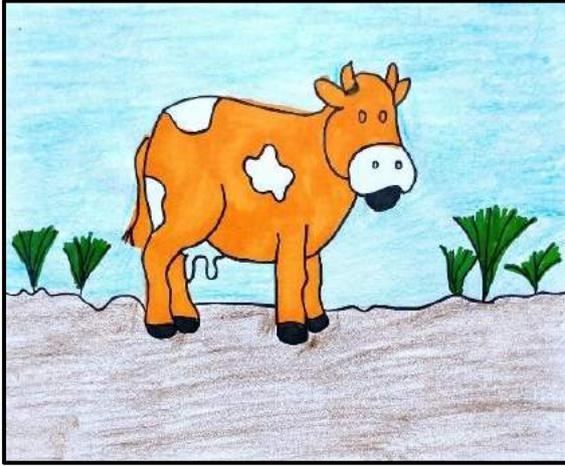
<MAMÍFERO> DE QUATRO PATAS COM CORPO COBERTO DE PELOS CURTOS E LISO ONDE APRESENTA PORTE MÉDIO A GRANDE COM CAUDA COMPRIDA. ALIMENTA SEUS FILHOTES COM LEITE DA SUA GRANDE MAMA. ALÉM DE AMAMENTAR OS BEZERROS, O LEITE É UTILIZADO PARA FABRICAR MUITAS DELÍCIAS, TAIS COMO: LEITE EM PÓ, LEITE CONDENSADO, CREME-DE-LEITE, QUEIJO DENTRE OUTROS. SUA CARNE É UTILIZADA COMO ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA A ONÇA, JACARÉ GRANDE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KURAH BUYWA DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O LEITE DA <VACA> É GOSTOSO.





1.2.3.11

HAYKŪĪ

TAMANDUÁ (S.M.)

<MAMÍFERO> POSSUI A TROMBA ALONGADA. OS OLHOS E AS ORELHAS SÃO PEQUENOS. SEUS PELOS SÃO MARROM E PRETO NAS COSTAS E UMA PARTE NOS PULSOS SÃO BRANCO. EXISTE DUAS ESPÉCIE SENDO QUE APRESENTAM TAMANHOS DIFERENTES. OS RABOS SE DESTACAM POR SER MAIOR MEMBRO DO CORPO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA CUPIM E VÁRIAS ESPÉCIE DE FORMIGAS ONDE UTILIZA SUA ENORME LÍNGUA PARA CAPTURAR SUAS PRESAS. É ENCONTRADO EM CUPINZEIROS, BURACOS DE PAU E BALCEIROS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA OS ANIMAIS COMO O GATO-DA-MATA E A ONÇA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: INŪKŪĪ <HAYKŪĪ> PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A ONÇA COME <TAMANDUÁ>.



1.2.3.11.1

ĀSĪMĀSĪ

TAMANDUÁÍ (S.M.)

<HAYKŪĪ> POSSUI PELOS AMARELA, MACIA E SEDOSA E LONGA CAUDA QUE SERVE PARA ENROLAR NAS ÁRVORES. AS MÃOS TÊM DOIS DEDOS, QUATRO DEDOS NAS PATAS ANTERIORES, COM DUAS GARRAS LONGAS E CURVADAS, OS OLHOS E ORELHAS PEQUENAS. PASSA O DIA DORMINDO ENROLADO E A NOITE SAI PARA SE ALIMENTAR ONDE COME CUPINS E FORMIGAS UTILIZANDO SUA ENORME LÍNGUA. É ENCONTRADO NAS MATAS DE CANARAÍ E DE SERINGAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĀSĪMĀSĪ> VERU BISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <TAMANDUÁÍ> TEM OLHOS PEQUENOS.



1.2.3.11.2

HAY

TAMANDUÁ BANDEIRA (S.M.)

<HAYKŪĪ> ENCONTRADO NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. SEUS CORPO É COBERTO DE PELOS GRANDES COM TONS DE CINZA, PRETO E MARROM. POSSUI UMA TROMBA GRANDE E FINA, OS OLHOS E A ORELHA SÃO PEQUENOS. A CAUDA É LONGA COM MUITO PÊLO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE FORMIGAS E CUPIM. ALGUMAS PESSOAS ADOTAM NO CARDÁPIO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HAY> DAKA MĀPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <TAMANDUÁ BANDEIRA> COME CUPIM.





1.2.3.12

HÊMÃ

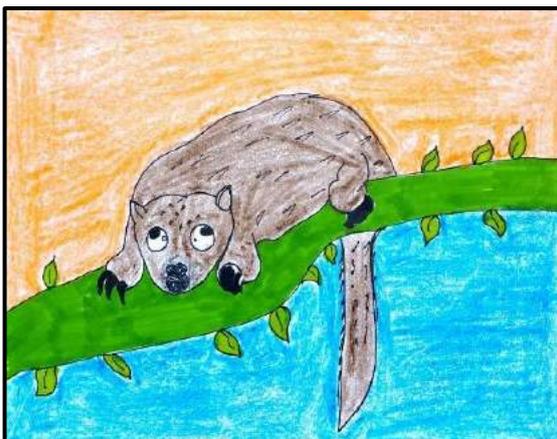
GAITIARA

<MAMÍFERO> POSSUI O TAMANHO DE UM GATO-DE-CASA COM A APARÊNCIA DE UM CACHORRO. APRESENTA PELOS NA COR AVERMELHADO. A CABEÇA SE ASSEMELHA DE UM CACHORRO PEQUENO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA AVES PEQUENAS E FRUTAS. É ENCONTRADA NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL NO TURNO DA NOITE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <HÊMÃ> YÃBE VIA.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VI UMA <GAITIARA> DE NOITE.



1.2.3.13

ISUKŪĪ

MACACO (S.M.)

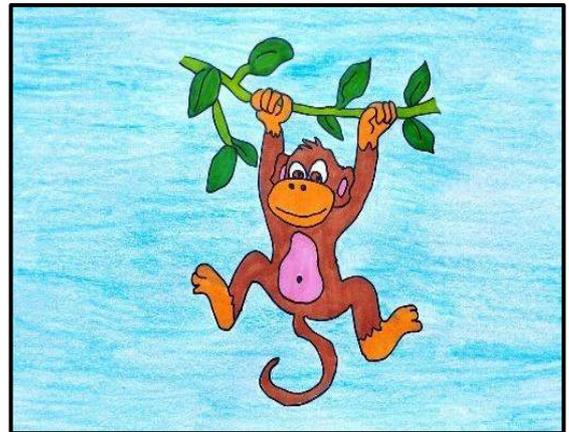
<MAMÍFERO> APRESENTA PELOS QUE COBREM TODO O CORPO COM DIFERENTES TONALIDADES. SEU HABITAT NATURAL É A

FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS DAS ÁRVORES E FAZ MUITO BARULHO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA DIFERENTES FRUTAS SILVESTRE E DE CASA. OS FILHOTES ANDAM NAS COSTAS DA MÃE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISUKŪĪ> VAKETUA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO> COME FRUTAS.



1.2.3.13.1

ÃBE

MACACO CAIRARA (S.M.)

<ISUKŪĪ> POSSUI PELOS DE TOM CINZA-CLARO, RABO COMPRIDO E QUATRO PATAS. COSTUMA BALANÇAR OS GALHOS DAS ÁRVORES AO VER PESSOAS. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL. OS FILHOTES ANDAM NAS COSTAS DA MÃE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ÃBE> WINŪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO CAIRARA> MÃPIKI BURITI.



1.2.3.13.2

BAXTA

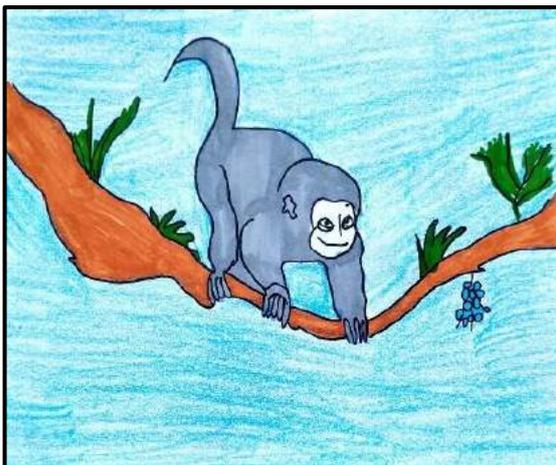
MACACO BARRIGUDO (S.M.)

<ISUKŨĨ> POSSUI PELOS MARROM CLARO, RABO COMPRIDO E QUATRO PATAS. COSTUMA BALANÇAR OS GALHOS DAS ÁRVORES AO VER PESSOAS. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANŨ <BAXTA> PINŨ?

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER <MACACO BARRIGUDO?>



1.2.3.13.3

HEMÃIXĨ

MACACO-DA-NOITE (S.M.)

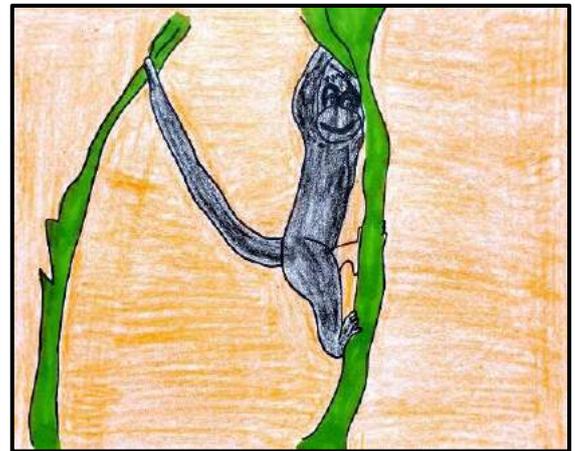
<ISUKŨĨ> POSSUI PELOS LARANJA-AMARRONZADO, RABO COMPRIDO E

QUATRO PATAS. SUA ROTINA É REALIZADA DURANTE A NOITE. COSTUMA BALANÇAR OS GALHOS DAS ÁRVORES AO VER PESSOAS. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HEMÃIXĨ> VÁTI TXAYPA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO-DA-NOITE TEM O RABO COMPRIDO.>



1.2.3.13.4

ISU

MACACO PRETO (S.M.)

<ISUKŨĨ> OS MACHOS SÃO MAIORES QUE A FÊMEA. SEUS PELOS SÃO TOTALMENTE PRETO E OLHOS AMARELO. QUANDO SE SENTE AMEAÇADO, QUEBRAM PAUS E JOGAM NAS PESSOAS E CORREM ATRÁS. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TETEPĂWĂ <ISU> PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O GAVIÃO-REAL COME <MACACO PRETO>.





1.2.3.13.5

RUKA

MACACO PARUACÚ (S.M.)

<ISUKŨĨ> DE PELOS VOLUMOSOS NA TONALIDADE DE PRETO COM BRANCO. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <RUKA> VĂWĂ MĂPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO PARUACÚ> COME MARACUJÁ-DA-MATA.



1.2.3.13.6

PĂKATSUKĂ

MACACO ZOGUE-ZOGUE (S.M.)

<ISUKŨĨ> DE PELOS MARROM-CLARO COM O RABO BRANCO. SÃO ENCONTRADOS NA

FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, INGĂ, BIRIBĂ, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIĂO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: IWISI BETUWE <PĂKATSUKĂ>

LÍNGUA PORTUGUESA: NO GALHO DO JATOBĂ TEM <MACACO ZOGUE-ZOGUE>.



1.2.3.13.7

RU

MACACO GUARIBA (S.M.)

<ISUKŨĨ> DE PELOS LARANJA - AVERMELHADO, ROSTO PRETO E UM PAPO NO TOM MARROM-ESCURO. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. EMITE UM SOM ESTRANHO E ASSUSTADOR. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJĂ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, INGĂ, BIRIBĂ, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIĂO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <RU> WIWISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO GUARIBA> ESTĂ GRITANDO.





1.2.3.13.8

SĀTE

MACACO ACARÍ (S.M.)

<ISUKŪĪ> DE PELOS LARANJA - AVERMELHADO, ROSTO SEM PELOS E VERMELHO. NÃO POSSUI RABO. SEU BANDO É CONSIDERADO O MAIOR. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. EMITE UM SOM ESTRANHO E ASSUSTADOR. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, INGÁ, BIRIBÁ, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SĀTE> WIWISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO ACARÍ> GRITA.



1.2.3.13.9

WĀSA

MACACO-DE CHEIRO (S.M.)

<ISUKŪĪ> DE PELOS CINZA NA MAIORIA DO CORPO E TONS DE LARANJA NAS PATAS E NAS COSTAS. SUA BOCA E A PONTA DO RABO É PRETA. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. EMITE UM SOM ESTRANHO E ASSUSTADOR. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, INGÁ, BIRIBÁ, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WĀSA> VU WARETEYKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO-DE-CHEIRO TEM PELOS LARANJA.



1.2.3.13.10

XIPIKŪĪ

MACACO SOINHO (S.M.)

<ISUKŪĪ> DE PELOS PRETOS, SENDO QUE O ROSTO E BARBA BRANCA. POSSUI RABO COMPRIDO. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. EMITE UM SOM ESTRANHO E ASSUSTADOR. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, INGÁ, BIRIBÁ, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XIPIKŪĪ> KĀDI UHU TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO SOINHO> TEM A BARBA BRANCA E PRETA.





1.2.3.13.10.1

XĪPĀ

MACACO SOINHO-DE-TABOCA (S.M.) <ISUKŪĪ> DE PELOS PRETO. POSSUI RABO COMPRIDO. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL, CANARAÍ E NAS VÁRZEAS ESPECIFICAMENTE NAS TABOCAS. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, INGÁ, BIRIBÁ, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XĪPĀ> TAWA KUXA.
LÍNGUA PORTUGUESA: MATEI O <MACACO SOINHO-DE-TABOCA> COM FLECHA.



1.2.3.13.11

XĪDU

MACACO PREGO <ISUKŪĪ> DE PELOS MARROM-ESCURO POSSUI RABO COMPRIDO. SÃO ENCONTRADOS NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARAÍ. É CONSIDERADO INTELIGENTE. CATA PIOLHO NOS SEUS

PACEIROS E QUANDO SÃO DOMESTICADOS, REALIZAM DIFERENTES ATIVIDADES HUMANAS. POSSUI O HÁBITO DE PULAR NOS GALHOS SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO: BURITI, COCÃO, COCO JACÍ, MARACUJÁ-DA-MATA, GOLOSA, SAPOTA, INGÁ, BIRIBÁ, BANANA DENTRE OUTRAS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XĪDU> YA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MACACO PREGO> COME PIOLHO.



1.2.3.14

ĪNŪKŪĪ

ONÇA (S.F.)

<MAMÍFERO> CONSIDERADO O MAIS TEMIDO MAMÍFERO DA FLORESTA TANTO PELO HOMEM COMO PELOS ANIMAIS POR SER O MAIS FERROZ DE TODOS. POSSUI PELOS ALARANJADO, OUTRAS COM MALHAS GRANDES E PEQUENAS E OUTRA TOTALMENTE PRETA. SUAS PATAS SÃO MACIAS, A CABEÇA E O RABO SÃO GRANDES. SÃO ENCONTRADAS EM MATAS DE SERINGAL, CANARAÍ E VÁRZEA DE IGARAPÉS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA QUASE TODOS OS ANIMAIS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĪNŪKŪĪ> HUBUBĀY.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ONÇA> É VALENTE.





1.2.3.14.1

ISUÏNÛ

ONÇA PRETA (S.F.)

<ÏNÛKÛÏ> DE PELOS TOTALMENTE PRETO, CABEÇA GRANDE, 4 PATAS MACIAS E OLHOS NA COR AMARELA. SEU HABITAT É EM MATAS DE CANARAÍ, SERINGAL E VÁRZEA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA QUASE TODOS TIPOS DE ANIMAIS DA MATA. SUA PELE É USADA PARA DECORAÇÃO NAS PAREDES E ARTESANATOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISUÏNÛ> TXAHUKÛÏ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ONÇA PRETA> COME VEADO.



1.2.3.14.2

ÏNÛ

ONÇA-DA-MALHA-PEQUENA (S.F.)

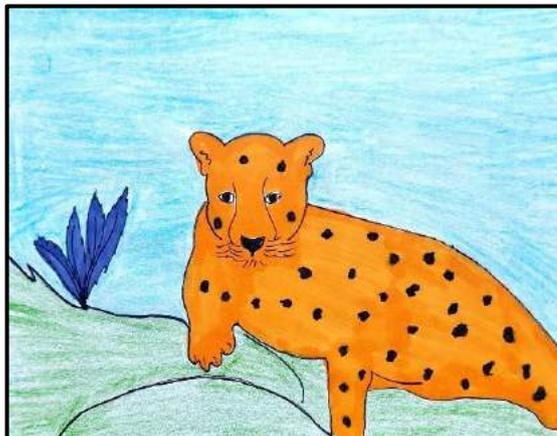
<ÏNÛKÛÏ> POSSUI PELOS ALARANJADO COM MALHAS PRETAS PEQUENAS. A CABEÇA É GRANDE, 4 PATAS MACIAS E OLHOS PRETOS. SEU HABITAT É EM MATAS DE CANARAÍ, SERINGAL E VÁRZEA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA QUASE

TODOS TIPOS DE ANIMAIS DA MATA. SUA PELE É USADA PARA DECORAÇÃO NAS PAREDES E ARTESANATOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ÏNÛ> BARI PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ONÇA-DA-MALHA- PEQUENA> COME CUTIA.



1.2.3.14.3

PAXÏDU

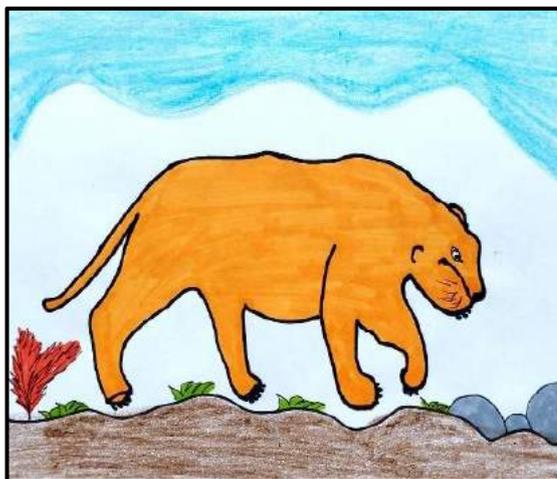
ONÇA VERMELHA (S.F.)

<ÏNÛKÛÏ> DE PELOS ALARANJADO EM TODO O CORPO. A CABEÇA É GRANDE, 4 PATAS MACIAS E OLHOS PRETOS. SEU HABITAT É EM MATAS DE CANARAÍ, SERINGAL E VÁRZEA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA QUASE TODOS TIPOS DE ANIMAIS DA MATA. SUA PELE É USADA PARA DECORAÇÃO NAS PAREDES E ARTESANATOS COMO: PULSEIRAS, CINTOS, BRACELETES DENTRE OUTRAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PAXÏDU> IWISI IWI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <ONÇA VERMELHA> ESTÁ NO GALHO DA ÁRVORE.



1.2.3.14.4

PUYĂMĂWĂ

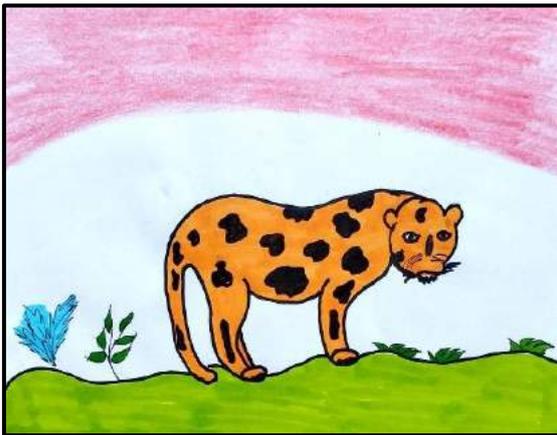
ONÇA DA MALHA GRANDE (S.F.)

<ĪNŪKŪĪ> POSSUI PELOS ALARANJADO COM MALHAS PRETAS GRANDES. A CABEÇA É GRANDE, 4 PATAS MACIAS E OLHOS PRETOS. SEU HABITAT É EM MATAS DE CANARAÍ, SERINGAL E VĂRZEA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA QUASE TODOS TIPOS DE ANIMAIS DA MATA. SUA PELE É USADA PARA DECORAÇÃO NAS PAREDES E ARTESANATOS COMO: PULSEIRAS, CINTOS, BRACELETES DENTRE OUTRAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EWĒDA BERARATE <PUYĂMĂWĂ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MINHA PULSEIRA É DE <ONÇA DA MALHA GRANDE>.



1.2.3.15

ĪSA

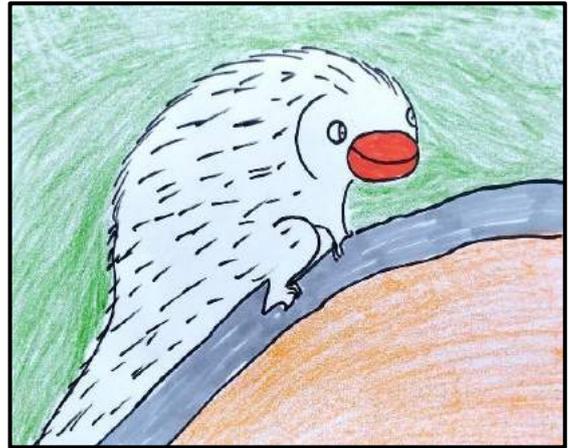
QUANDŪ

<MAMÍFERO> DE CORPO COBERTO DE ESPINHOS CURTOS E FINOS COM COR ESBRANQUIÇADA OU AMARELA COM TRANSMITE MAL CHEIRO. POSSUI O HÁBITO DE FICAR ATREPADO SEGURANDO COM A SUA CAUDA. SAEM A NOITE PARA PROCURAR ALIMENTOS QUE SÃO VOLTADOS PARA FRUTAS DENTRE ELAS, O ARICURI ALÉM DE ROER PAU SECO, E EM BARREIROS. SÃO ENCONTRADOS EM MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ ONDE DURANTE O DIA FICAM ESCONDIDOS. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM. DEPOIS DE MORTO SERVE DE ALIMENTO PARA AS AVES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ISĂ> PISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <QUANDŪ> É FEDORENTO.



1.2.3.16

KAPAWIXKŪĪ

QUATIPURU (S.M.)

<MAMÍFERO> QUE HABITA NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. EXISTEM TRÊS ESPÉCIE DE QUATIPURU QUE APRESENTAM PELOS COM TONALIDADES DIFERENTES, TAIS COMO: PRETO, VERMELHO E VERMELHO-CLARO. VIVEM EM GRUPOS E POSSUI O HÁBITO DE PULAR NAS ÁRVORES COMO MACACO. COSTUMAM FICAR ATREPADOS E GERALMENTE ESCONDIDOS EM BURACOS DE PAU E MOITAS E AO VER PESSOAS, FAZEM BARULHOS. É UMA DAS MELHORES CAÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KAPAWIXKŪĪ> HUYANŪ, DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <QUATIPURU> ASSADO, É GOSTOSO.



1.2.3.16.1



KAPA

QUATIPURU VERMELHO (S.M.)

<KAPAWIXKŨĨ> HABITA NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. POSSUI PELOS NA COR LARANJA. VIVE EM GRUPOS E POSSUI O HÁBITO DE PULAR NAS ÁRVORES COMO MACACO. COSTUMAM FICAR ATREPADOS E GERALMENTE ESCONDIDOS EM BURACOS DE PAU E MOITAS E AO VER PESSOAS, FAZEM BARULHOS. É UMA DAS MELHORES CAÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <KAPA> KUXA.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU MATEI QUATRO <QUATIPURU VERMELHO>.



1.2.3.16.2

KAPATXI

QUATIPURU PRETO (S.M.)

<KAPAWIXKŨĨ> HABITA NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. POSSUI PELOS NA COR PRETA. VIVE EM GRUPOS E POSSUI O HÁBITO DE PULAR NAS ÁRVORES COMO MACACO. COSTUMAM FICAR ATREPADOS E GERALMENTE ESCONDIDOS EM BURACOS DE PAU E MOITAS E AO VER PESSOAS, FAZEM BARULHOS. É UMA DAS MELHORES CAÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KAPATXI> HERE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <QUATIPURU PRETO> ESTÁ NO BURACO.



1.2.3.16.3

KAPAWIXI

QUATIPURU MANDIGUEIRO (S.M.)

<KAPAWIXKŨĨ> HABITA NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. POSSUI PELOS MARROM COM PINTAS PRETAS SENDO O MENOR DA ESPÉCIE. VIVE EM GRUPOS E POSSUI O HÁBITO DE PULAR NAS ÁRVORES COMO MACACO. COSTUMAM FICAR ATREPADOS E GERALMENTE ESCONDIDOS EM BURACOS DE PAU E MOITAS E AO VER PESSOAS, FAZEM BARULHOS. É UMA DAS MELHORES CAÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANŨ <KAPAWIXI> PINŨ?

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER <QUATIPURU MANDIGUEIRO>?



1.2.3.17

KÃMÃ

RAPOSA (S.F.)

<MAMÍFERO> POSSUI PELOS ALARANJADO-CLARO ORELHAS CURTAS E PONTUDAS. HABITA EM AMBIENTES COM MATAS CERRADAS. POSSUI SEMELHANÇA DE

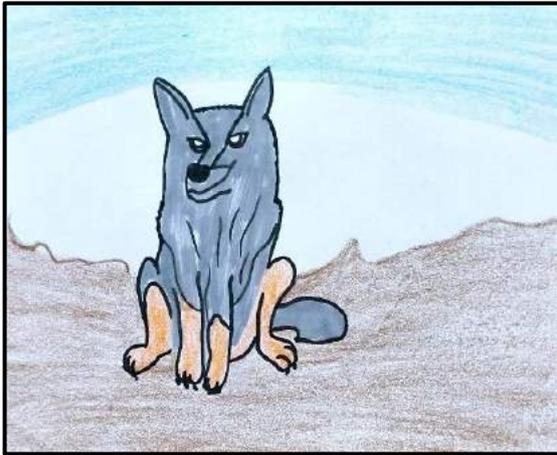


CACHORRO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA GALINHAS, INSETOS E ALGUMAS FRUTAS DA MATA. SERVE DE ALIMENTOS PARA ONÇAS E GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KÂMÃ> TĀKARA PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <RAPOSA> COME GALINHA.



1.2.3.18

MĀKŪĪ

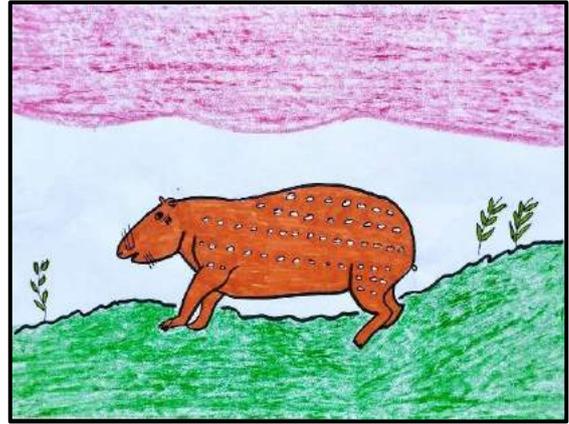
PACA (S.F.)

<MAMÍFERO> POSSUI HÁBITOS NOTURNOS. SEUS PELOS SÃO MARROM E PINTAS BRANCAS NA LATERAL DO CORPO. NAS PATAS DIANTEIRAS TEM 4 DEDOS E NAS PATAS TRASEIRAS 5 DEDOS COM UNHAS AFIADAS QUE SERVEM PARA AJUDAR NA LOCOMOÇÃO EM TERRAS MOLHADAS NAS BEIRADAS DE RIOS, LAGOS E IGARAPÉS. UMA ESPÉCIE APRESENTA RABO OUTRA NÃO POSSUI. SEUS DENTES SÃO GRANDES QUE FAVORECE PARA ROER ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE: MACAXEIRA, GOLOSA, ARICURI, SOVA ALÉM DE ROER BARRO. PRÓXIMO AS RESIDÊNCIAS, COSTUMA COMER TODAS AS FRUTAS E LEGUMES. DURANTE O DIA, COSTUMA DORMIR DENTRO DE BURACOS DE PAU OU NO CHÃO. SUA CARNE É MUITO APRECIADA POR APRESENTAR MUITAS GORDURAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA, GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MĀKŪĪ> EWĒDA ATSA PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PACA> COMEU MINHA MACAXEIRA.



1.2.3.18.1

MĀKU

PACA COMUM (S.F.)

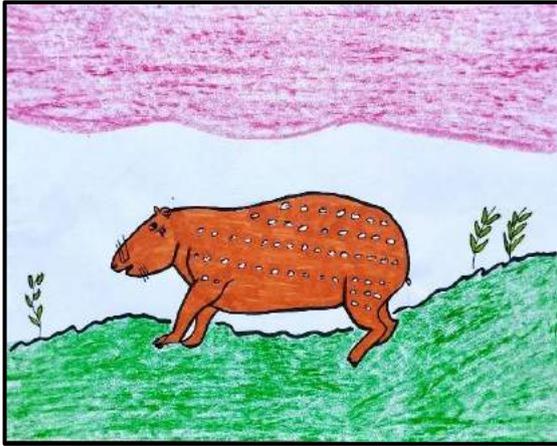
<MĀKŪĪ> POSSUI HÁBITOS NOTURNOS. SEUS PELOS SÃO MARROM E PINTAS BRANCAS NA LATERAL DO CORPO. NAS PATAS DIANTEIRAS TEM 4 DEDOS E NAS PATAS TRASEIRAS 5 DEDOS COM UNHAS AFIADAS QUE SERVEM PARA AJUDAR NA LOCOMOÇÃO EM TERRAS MOLHADAS NAS BEIRADAS DE RIOS, LAGOS E IGARAPÉS. NÃO TEM RABO. SEUS DENTES SÃO GRANDES QUE FAVORECE PARA ROER ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE: MACAXEIRA, GOLOSA, ARICURI, SOVA ALÉM DE ROER BARRO. PRÓXIMO AS RESIDÊNCIAS, COSTUMA COMER TODAS AS FRUTAS E LEGUMES. DURANTE O DIA, COSTUMA DORMIR DENTRO DE BURACOS DE PAU OU NO CHÃO. SUA CARNE É MUITO APRECIADA POR APRESENTAR MUITAS GORDURAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA, GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <MĀKU> DAYATA PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VOU COMER <PACA COMUM> FRITA.





1.2.3.18.2

ÛDUKÂMÃ

PACA DE RABO (S.F.)

<MÃKÛÏ> DE HÁBITOS NOTURNOS. SEUS PELOS SÃO MAROM E PINTAS BRANCAS NA LATERAL DO CORPO. NAS PATAS DIANTEIRAS TEM 4 DEDOS E NAS PATAS TRASEIRAS 5 DEDOS COM UNHAS AFIADAS QUE SERVEM PARA AJUDAR NA LOCOMOÇÃO EM TERRAS MOLHADAS NAS BEIRADAS DE RIOS, LAGOS E IGARAPÉS. POSSUI RABO. SEUS DENTES SÃO GRANDES QUE FAVORECE PARA ROER ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE: MACAXEIRA, GOLOSA, ARICURI, SOVA ALÉM DE ROER BARRO. PRÓXIMO AS RESIDÊNCIAS, COSTUMA COMER TODAS AS FRUTAS E LEGUMES. DURANTE O DIA, COSTUMA DORMIR DENTRO DE BURACOS DE PAU OU NO CHÃO. SUA CARNE É MUITO APRECIADA POR APRESENTAR MUITAS GORDURAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA, GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ÛDUKÂMÃ> HEKI PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PACA DE RABO> COMEU MEU MILHO.



1.2.3.19

NÃYKÛÏ

PREGUIÇA (S.F.)

<MAMÍFERO> QUE POSSUI DEDOS COM GARRAS LONGAS QUE SERVEM PARA DEPENDURAR NOS GALHOS DE ÁRVORES. SEUS PELOS SÃO GROSSOS E LONGOS NOS TONS MARROM-ACINZENTADO. AO REDOR DOS OLHOS E FOCINHO SÃO PRETOS. APRESENTAM DOIS TAMANHOS: GRANDE E PEQUENA. USA COMO DEFESA SUA CAMUFLAGEM E SUAS GARRAS. SE LOCOMOVEM DE FORMA MUITO LENTA ONDE PASSA HORAS PARA SUBIR EM UMA ÁRVORE ONDE PERMANECE POR MUITO TEMPO, RARAMENTE DESCE PARA O CHÃO. SE ALIMENTA DE FOLHAS. É ENCONTRADA EM DIFERENTES MATAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: IWI <NÃYKÛÏ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: <PREGUIÇA> ESTÁ NA ÁRVORE



1.2.3.19.1

NÃY

PREGUIÇA REAL (S.F.)



<NĀYKŪĪ> POSSUI DEDOS COM GARRAS LONGAS QUE SERVEM PARA DEPENDURAR NOS GALHOS DE ÁRVORES. SEUS PELOS SÃO GROSSOS E LONGOS NOS TONS MARROM-ACINZENTADO. AO REDOR DOS OLHOS E FOCINHO SÃO PRETOS. É CONSIDERADA MAIOR DA SUA ESPÉCIE. USA COMO DEFESA SUA CAMUFLAGEM E SUAS GARRAS. SE LOCOMOVEM DE FORMA MUITO LENTA ONDE PASSA HORAS PARA SUBIR EM UMA ÁRVORE ONDE PERMANECE POR MUITO TEMPO, RARAMENTE DESCE PARA O CHÃO. SE ALIMENTA DE FOLHAS. É ENCONTRADA EM DIFERENTES MATAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <NĀY> PEY MĀPIKI
LÍNGUA PORTUGUESA: A <PREGUIÇA-REAL> COME FOLHAS.



1.2.3.19.2

PŪSĀ

PREGUIÇA BENTINHA (S.F.)

<NĀYKŪĪ> POSSUI DEDOS COM GARRAS LONGAS QUE SERVEM PARA DEPENDURAR NOS GALHOS DE ÁRVORES. SEUS PELOS SÃO GROSSOS E LONGOS NOS TONS MARROM-ACINZENTADO COM MANCHA AMARELA NA REGIÃO DA TESTA. AO REDOR DOS OLHOS E FOCINHO SÃO PRETOS. É CONSIDERADA A MENOR DA SUA ESPÉCIE. USA COMO DEFESA SUA CAMUFLAGEM E SUAS GARRAS. SE LOCOMOVEM DE FORMA MUITO LENTA ONDE PASSA HORAS PARA SUBIR EM UMA ÁRVORE ONDE PERMANECE POR MUITO TEMPO, RARAMENTE DESCE PARA O CHÃO. SE ALIMENTA DE FOLHAS. É ENCONTRADA EM DIFERENTES MATAS. SERVE DE ALIMENTO PARA COBRAS, ONÇA-PINTADA, COBRAS, GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VU <PŪSĀ>
AKATIBUSTI KATAKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: OS PELOS DA <PREGUIÇA-BENTINHA> É CINZA COM MARROM.



1.2.3.20

SĀKĪKŪĪ

PORQUINHO-DA-MATA (S.M.)

<MAMÍFERO> APRESENTA UM FOCINHO ALONGADO E ORELHAS PEQUENAS. SEU PELO É GROSSO NOS TONS CINZA MESCLADO COM PRETO E DETALHE BRANCO NO PESCOÇO QUE DÁ O ASPECTO DE UM COLAR ONDE APRESENTA CHEIRO FORTE. EXISTEM DUAS ESPÉCIE COM TAMANHOS DIFERENTES. SEU HABITAT SÃO MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ ONDE VIVEM EM BANDOS. SÃO ENCONTRADOS EM BARREIROS TOMANDO BANHO E CRUZANDO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE: COCO DE TUCUMÃ, ARICURI, MINHOCAS, BARRO, INGÁ, FEIJÃOZINHO E MANICHI. SERVEM DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA OUTROS ANIMAIS DA MATA COMO A ONÇA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SĀKĪKŪĪ> BAY MĀPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PORQUINHO-DA-MATA> COME BARRO.





1.2.3.20.1

ÎDUSÂKE

PORQUINHO MUNDÉ (S.M.)

<SÂKĪKŪĪ> APRESENTA UM FOCINHO ALONGADO E ORELHAS PEQUENAS. SEU PELO É GROSSO NOS TONS CINZA MESCLADO COM PRETO E DETALHE BRANCO NO PESCOÇO QUE DÁ O ASPECTO DE UM COLAR ONDE APRESENTA CHEIRO FORTE. É CONSIDERADO O MAIOR DA ESPÉCIE. SEU HABITAT SÃO MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ ONDE VIVEM EM BANDOS. SÃO ENCONTRADOS EM BARREIROS TOMANDO BANHO E CRUZANDO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE: COCO DE TUCUMÃ, ARICURI, MINHOCAS, BARRO, INGÁ, FEIJÃOZINHO E MANICHI. SERVEM DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA OUTROS ANIMAIS DA MATA COMO A ONÇA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ÎDUSÂKE> REWÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PORQUINHO MUNDÉ> É GRANDE.



1.2.3.20.2

SÂKĪ

PORQUINHO COMUM (S.M.)

<SÂKĪKŪĪ> APRESENTA UM FOCINHO ALONGADO E ORELHAS PEQUENAS. SEU PELO É GROSSO NOS TONS CINZA MESCLADO COM PRETO E DETALHE BRANCO NO PESCOÇO QUE DÁ O ASPECTO DE UM COLAR ONDE APRESENTA CHEIRO FORTE. É CONSIDERADO O MENOR DA ESPÉCIE. SEU HABITAT SÃO MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ ONDE VIVEM EM BANDOS. SÃO ENCONTRADOS EM BARREIROS TOMANDO BANHO E CRUZANDO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE: COCO DE TUCUMÃ, ARICURI, MINHOCAS, BARRO, INGÁ, FEIJÃOZINHO E MANICHI. SERVEM DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA OUTROS ANIMAIS DA MATA COMO A ONÇA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SÂKĪ> BISTĪ DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PORQUINHO COMUM> É PEQUENO E GOSTOSO.



1.2.3.21

TENÃYA

GUAXINIM (S.M.)

<MAMÍFERO> POSSUI CABEÇA GRANDE E FOCINHO FINO. SEUS PELOS SÃO LONGOS CASTANHOS E PRETOS. NO ROSTO SÃO APRESENTADOS PELOS BRANCOS ACIMA DOS OLHOS E NO FOCINHO COMO UMA MÁSCARA. SÃO VALENTES COM OUTROS ANIMAIS E COM O SER HUMANO QUANDO HOVER AMEAÇA COM RELAÇÃO AOS SEUS ALIMENTOS. CAÇAM SEUS ALIMENTOS DURANTE A NOITE, TAIS COMO: PÁSSAROS, RATOS, INSETOS, PEIXES

E COBRAS, ALÉM DE FRUTAS. DORMEM O DIA INTEIRO EM BURACOS NAS ÁRVORES NAS MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TENĀYA> YŪBA MĀPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GUAXINIM> COME PEIXE.



1.2.3.22

TSĀKĀ

CUTIARA (S.F.)

<MAMÍFERO> POSSUI PELOS LARANJA E APRESENTA TAMANHO MENOR QUE A CUTIA. HABITA NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. SE ALIMENTA DE FRUTAS DA MATA, ALÉM DE SER UM ROEDOR DE BARRO. É ENCONTRADO NOS BURACOS DE PAU E NO CHÃO. SERVE DE ALIMENTO PARA O HOMEM E PARA OUTROS ANIMAIS COMO A ONÇA E O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MĀNŪ PINŪ? NĀBI <TSĀKĀ> PITXANŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER? TEM CARNE DE <CUTIARA> COZIDA.



1.2.3.23

TXAHUKŪĪ

VEADO (S.M.)

<MAMÍFERO> QUE APRESENTA TONS DE PELOS E TAMANHOS VARIADOS DE CHIFRES. SOMENTE OS MACHOS APRESENTAM CHIFRES. HABITAM EM MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA FOLHAS E FRUTOS DA MATA. POSSUI GRANDE HABILIDADE NA CORRIDA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA O HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITO, ASSADO. TAMBÉM É APRECIADO PELAS ONÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAHUKŪĪ> HUYANŪ DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: <VEADO> ASSADO É GOSTOSO.



1.2.3.23.1

TXAHU

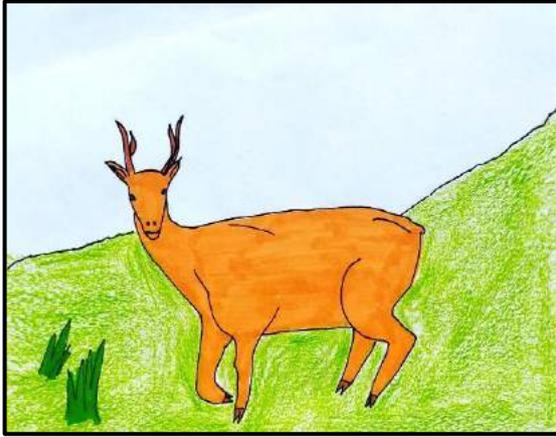
VEADO DE CAPOEIRA (S.M.)

<TXAHUKŪĪ> QUE APRESENTA DE PELOS NO TOM ALARANJADO E APRESENTA CHIFRES. SOMENTE OS MACHOS APRESENTAM CHIFRES. HABITA EM MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA FOLHAS E FRUTOS DA MATA. POSSUI GRANDE HABILIDADE NA CORRIDA. SERVE DE ALIMENTOS PARA O HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITO, ASSADO. TAMBÉM É APRECIADO PELAS ONÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAHU> MĪMĀ KUXAPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: MATEI O <VEADO DE CAPOEIRA> COM ESPINGARDA.



1.2.3.23.2

TXAHUÃ

VEADO ROXO (S.M.)

<TXAHUKÛĩ> QUE APRESENTA DE PELOS NO TOM MARROM ESCURO NA MAIORIA DO CORPO SENDO QUE APRESENTA MARROM-CLARO NA PARTE DA BARRIGA ATÉ A CABEÇA. POSSUI CHIFRE GRANDE NA CABEÇA. SOMENTE OS MACHOS APRESENTAM CHIFRES. HABITA EM MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA FOLHAS E FRUTOS DA MATA. POSSUI GRANDE HABILIDADE NA CORRIDA. SERVE DE ALIMENTOS PARA O HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITO, ASSADO. TAMBÉM É APRECIADO PELAS ONÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: INÛKÛĩ <TXAHUÃ> KUXAPAWTI

LÍNGUA PORTUGUESA: A ONÇA MATOU O <VEADO ROXO>.



1.2.3.23.3

TXAHUWÃ

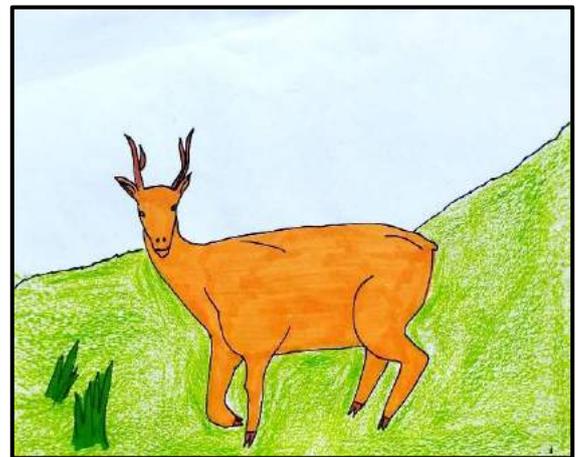
VEADO CHIFRE COURADO (S.M.)

<TXAHUKÛĩ> APRESENTA DE PELOS NO TOM ALARANJADO E CHIFRES COM REVERTIMENTO EM COURO CONSIDERADO MAIOR. SOMENTE OS MACHOS APRESENTAM CHIFRES. HABITA EM MATAS DE SERINGAL E CANARAÍ. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA FOLHAS E FRUTOS DA MATA. POSSUI GRANDE HABILIDADE NA CORRIDA. SERVE DE ALIMENTOS PARA O HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITO, ASSADO. TAMBÉM É APRECIADO PELAS ONÇAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VAKEVU, MANÛ NÃBI TXAHUWÃ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: MENINO, VAMOS COMER CARNE DE <VEADO CHIFRE COURADO>?



1.2.3.24

UTXITE

CACHORRO (S.M.)

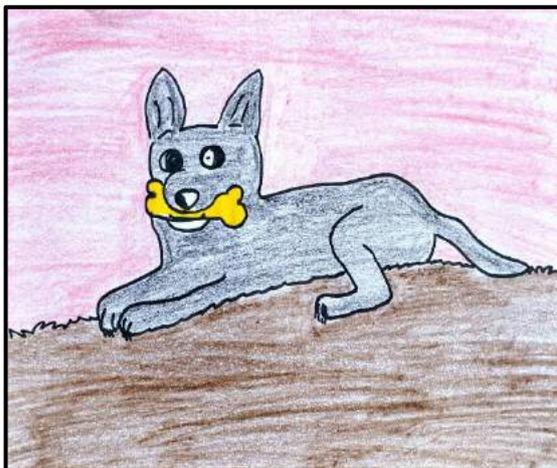
<MAMÍFERO> COBERTO COM DIFERENTES TONS DE PELOS E TAMANHOS VARIADOS DEPENDENDO DA RAÇA. ALGUNS COM MUITOS PELOS E OUTROS COM POUCOS PELOS. SÃO CONHECIDOS COMO AMIGO DO HOMEM. SUA ALIMENTAÇÃO CONSISTE EM: CARNE, RESTOS DE ALIMENTOS, RAÇÃO E AMAM OSSOS. SÃO MUITO INTELIGENTE E CONSEGUEM OBEDECER AO SEU DONO (A). PROTEGEM OS QUINTAIS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <UTXITE> NÃBI PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CACHORRO> COME CARNE.





1.2.3.25

UTXITEA

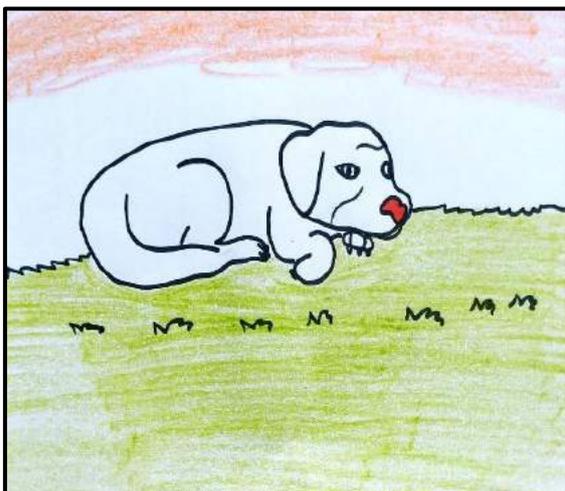
CACHORRA (S.F.)

<MAMÍFERO> COBERTO COM DIFERENTES TONS DE PELOS E TAMANHOS VARIADOS DEPENDENDO DA RAÇA. ALGUMAS COM MUITOS PELOS E OUTROS COM POUÇOS PELOS. SÃO RESPONSÁVEIS POR REPRODUZIR ONDE TEM DE 5 A 10 FILHOTES. SUA ALIMENTAÇÃO CONSISTE EM: CARNE, RESTOS DE ALIMENTOS, RAÇÃO E AMAM OSSOS. SÃO MUITO INTELIGENTE E CONSEGUEM OBEDECER AO SEU DONO (A). PROTEGEM OS QUINTAIS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EWĒDA UTXITEA HĒYDAKA.

LÍNGUA PORTUGUESA: MINHA <CACHORRA> É LINDA.



1.2.3.26

UTXITEDI

CACHORRO-DA-MATA (S.M.)

<MAMÍFERO> EXIBEM PELAGEM CURTA E GROSSA COM TOM MARROM-ACINZENTADO, COM ÁREAS VERMELHAS NO ROSTO E NAS PERNAS. POSSUIM PATAS ESCURAS E ORELHAS ARREDONDADS. O FOCINHO COMPRIDO. DURANTE O DIA FICA EM OCOS DE ÁRVORES E TOCAS. A NOITE SAI EM BUSCA DE ALIMENTOS DE RESTOS MORTAIS DE OUTROS ANIMAIS, ALÉM DE INSETOS, MAMÍFEROS E FRUTOS DE EMBAÚBA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <UTXITEDI> YŪDABU ABIXAY MÃPINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CAHORRO-DA-MATA> COME ANIMAIS PODRE.



1.2.3.27

VAKEBUY

BEZERRO (S.M.)

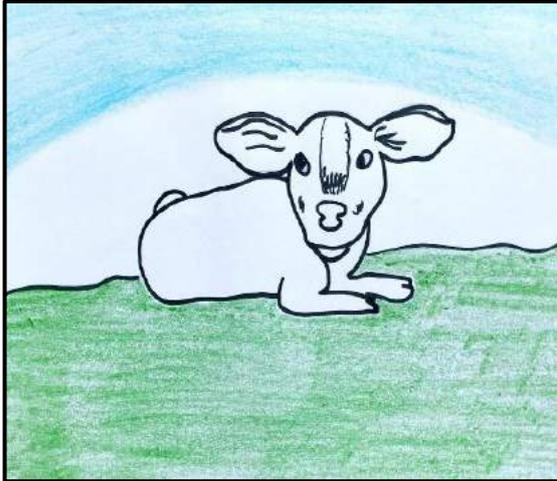
<MAMÍFERO> SÃO FILHOTES DO BOI E DA VACA. COBERTO DE PELOS COM TONS VARIADOS. SE ALIMENTAM DO LEITE DA MAMÃE VACA. COSTUMAM FICAR AO LADO DA SUA MÃE.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VAKEBUY> BISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BEZERRO> É PEQUENO.





1.2.3.28

VUKA

IRARA (S.F.)

<MAMÍFERO> OS MACHOS SÃO MAIORES QUE AS FÊMEAS. POSSUI PELOS CURTO DE TOM MARROM-ESCURO A PRETO E UMA MANCHA AMARELA ABAIXO DA CABEÇA. OS PÉS TÊM DEDOS DE COMPRIMENTO DESIGUAL COM UMA LINHA CURVA JUNTAS. A CABEÇA TEM ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS, BIGODES LONGOS E OLHOS PRETOS. COSTUMA SER ENCONTRADA EM PLANTAÇÕES DE MAXEIRA E MILHO QUE SERVEM DE ALIMENTOS, ALÉM DE COMER PÁSSAROS, LAGARTOS E ESCALAM ÁRVORES PARA COMER FRUTAS E MEL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VUKA> HEKI EBE PIAKI PIPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <IRARA> COMEU MEU MILHO.



1.2.3.29

WIWI

MAMBIRA (S.M.)

<MAMÍFERO> POSSUI PELOS COM TONS ALARANJADO E DETALHES PRETO ONDE SE ASSEMELHA COM O TAMANDUÁ-BANDEIRA. SUAS GARRAS SÃO LONGAS PERMITINDO AGARRAR NOS GALHOS DAS ÁRVORES. SUA LOCOMOÇÃO NO CHÃO É ESQUISITO E NÃO CONSEGUEM CORRER. NÃO POSSUI DENTES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FORMIGAS, CUPINS, LARVAS, BESOUROS E ABELHA. SÃO ENCONTRADO NA FLORESTA DE SERINGAL E CANARÁÍ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WIWI> ÊIDIKÛÏ PINÛ

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MAMBIRA> COME FORMIGAS.



1.2.3.30

XÂDUawe

GATO-DE-CASA

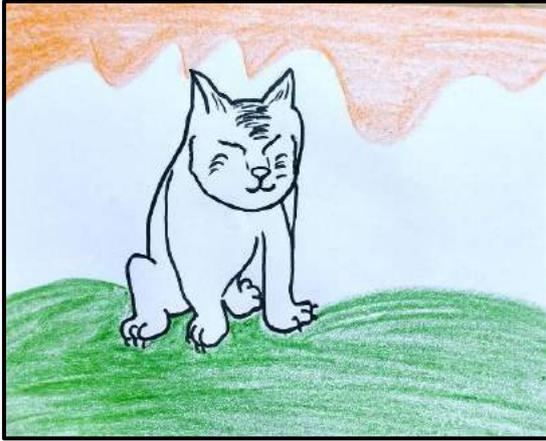
<MAMÍFERO> POSSUI PELOS MACIOS COM DIFERENTES CORES: PRETO, BRANCO, LARANJA E PINTADO. AS PATAS SÃO MACIAS COM UNHAS PONTIAGUDAS QUE É USADA PARA CAÇA, AUTO-DEFESA E PARA ESCALAR. CONSEGUEM PULAR DE LOCAIS ALTOS E NÃO SE MACHUCAM. SE ALIMENTAM DE CARNES, ESPINHAS DE PEIXE E RAÇÃO, ALÉM DE PINTOS, CALANGO, PEIXE E PASSARINHO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XÂDUawe> TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GATO-DE-CASA> É PRETO.





1.2.3.31

XĀDUDIKŪĪ

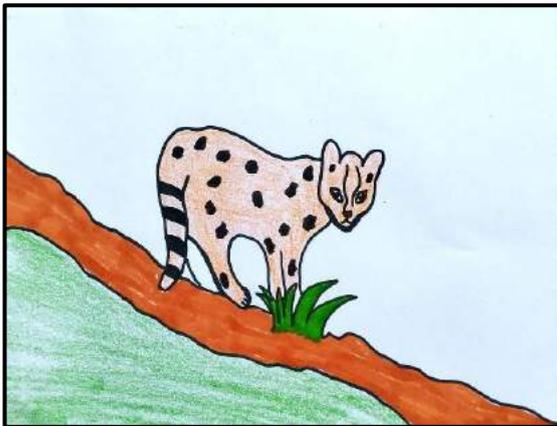
GATO-DA-MATA (S.M.)

<MAMÍFERO> POSSUI INÚMERAS MANCHAS ESCURAS E LISTRAS NAS BOCHECHAS, CABEÇA, PESCOÇO, CAUDA E MEMBROS. SEU PÊLO É AMARELO CASTANHO E FUNDO BRANCO OUTROS APRESENTAM PELOS CINZA. A CABEÇA É MAIOR DO QUE O GATO-DE-CASA. OS MACHOS SÃO MAIORES QUE AS FÊMEAS. VIVEM NA MATA E SÓ APARECEM NO TURNO DA NOITE NAS RESIDÊNCIAS PARA CAPTURAR GALINHAS. TAMBÉM COMEM LAGARTOS, INSETOS, SAPOS E PEIXES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XĀDUDIKŪĪ> HAVUKŪĪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GATO-DA-MATA> COME CALANGO.



1.2.3.31.1

UVIS

GATO MURIÇO (S.M.)

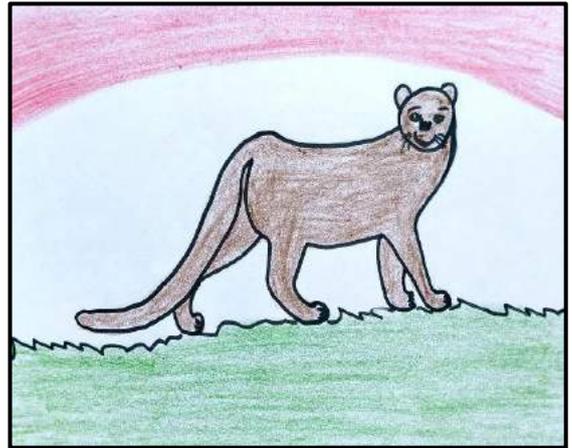
<XĀDUDIKŪĪ> É DE PORTE MÉDIO E ESGUIO. SEUS PELOS SÃO DE TONS CINZA E

VERMELHO. POSSUI CORPO ALONGADO COM PERNAS CURTAS, CABEÇA PEQUENA E ESTREITA, ORELHAS PEQUENAS E REDONDAS. ALIMENTA-SE DE AVES QUE SE ALIMENTAM NO CHÃO, RÉPTILS, ROEDORES E PEQUENOS MAMÍFEROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <UVIS> RERUWIKŪĪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GATO MURIÇO> COME ROLINHA.



1.2.3.31.2

WĒTXĀDU

GATO MARACAJÁ (S.M.)

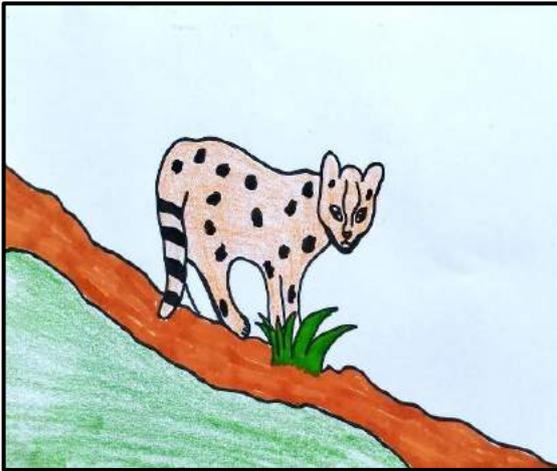
<XĀDUDIKŪĪ> POSSUI UMA CAUDA LONGA. OS PELOS SÃO AMARELO-ESCURO COM MANCHAS PRETAS E OLHOS E A CABEÇA É GRANDE. A FÊMEA POSSUI APENAS DOIS SEIOS. CONSEGUE IMITAR O SOM DE SUAS PRESAS PARA ATRAÍ-LAS. É ENCONTRADO GERALMENTE EM MATAS FECHADAS NO TURNO DA NOITE ATREPADADO NAS ÁRVORES EM BUSCA DE MACACOS E PÁSSAROS, ALÉM DE ADOTAR OVOS, LAGARTOS, CAPIM E FRUTAS NA SUA DIETA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <WĒTXĀDU> ISUKŪĪ MĀPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GATO MARACAJÁ> COME MACACO.





1.2.3.31.3

XÃDUVIS

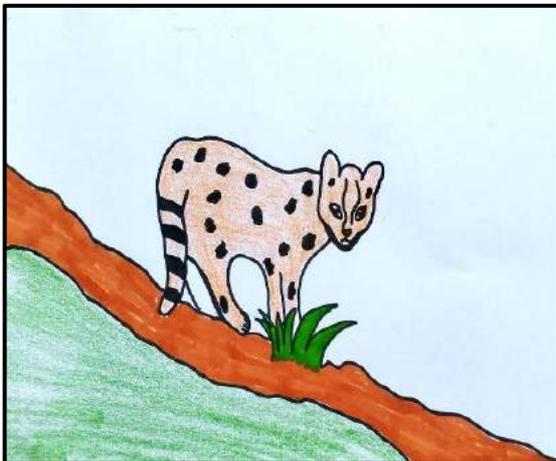
GATO-AÇÚ (S.M.)

<XÃDUDIKÛĨ> É MAIOR DO QUE O GATO MARACAJÁ. POSSUI UMA CAUDA LONGA. OS PELOS SÃO AMARELO-ESCURO COM MANCHAS PRETAS E OLHOS E A CABEÇA É GRANDE. A FÊMEA POSSUI APENAS DOIS SEIOS. CONSEGUE IMITAR O SOM DE SUAS PRESAS PARA ATRAÍ-LAS. É ENCONTRADO GERALMENTE EM MATAS FECHADAS NO TURNO DA NOITE ATREPADADO NAS ÁRVORES EM BUSCA DE MACACOS E PÁSSAROS, ALÉM DE ADOTAR OVOS, LAGARTOS, CAPIM E FRUTAS NA SUA DIETA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XÃDUVIS> EBE TÃKARAVAKE PIPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <GATO-MARACAJÁ> COMEU MEU PINTINHO.



1.2.3.32

XIXIDU

QUINCAJÚ (S.M.)

<MAMÍFERO> COBERTO DE PELOS MACIOS DE TOM ALARANJADO. ENCONTRADO NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. POSSUI HÁBITOS NOTURNOS NAS COPAS DAS ÁRVORES E VIVEM EM BANDOS. DURANTE O DIA DORME NOS OCOS DE ÁRVORES. AS GARRAS SÃO AFIADAS E CURTAS, A CABEÇA É REDONDA, OLHOS GRANDES, FUCINHO CURTO E PONTUDO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE FRUTAS DA MATA, SEMENTES, FOLHAS, FLORES, MEL INSETOS E FORMIGAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <XIXIDU> HERE VIA.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VI O <QUINCAJÚ> NO BURACO.



1.2.3.33

XIXIKÛĨ

QUATI (S.M.)

<MAMÍFERO> ENCONTRADO NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. APRESENTA ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS, CABEÇA E FOCINHO AFILADO. SEUS PELOS SÃO ALARANJADO E A CAUDA LONGA COM ANÉIS ESCUROS SENDO DE PORTE GRANDE E MÉDIO. É CONHECIDO POR DESENVOLVER MUITA HABILIDADE NA CORRIDA E POR NÃO FICAR MUITO TEMPO PARADO. CRIANÇAS QUE SÃO INQUIETAS SÃO CHAMADAS DE QUATI. AS FÊMEAS GRÁVIDAS FICAM EM NINHOS CONSTRUÍDOS EM ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE COCOS-DA-MATA, GOIABAS, AVES, RÉPTILS E



INSETOS. DORMEM ATREPADOS PARA NÃO SEREM DEVORADOS POR RAPOSAS, ONÇAS, CAHORRO-DA-MATA E ATÉ PESSOAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE VAKEVU <XIXIKŨĨ>

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU MENINO PARECE UM <QUATI>.



1.2.3.33.1

XIXI

QUATI COMUM (S.M.)

<XIXIKŨĨ> ENCONTRADO NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. APRESENTA ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS, CABEÇA E FOCINHO AFILADO. SEUS PELOS SÃO ALARANJADO E A CAUDA LONGA COM ANÉIS ESCUROS SENDO DE PORTE PEQUENO. É CONHECIDO POR DESENVOLVER MUITA HABILIDADE NA CORRIDA E POR NÃO FICAR MUITO TEMPO PARADO. CRIANÇAS QUE SÃO INQUIETAS SÃO CHAMADAS DE QUATI. AS FÊMEAS GRÁVIDAS FICAM EM NINHOS CONSTRUÍDOS EM ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE COCOS-DA-MATA, GOIABAS, AVES, RÉPTILS E INSETOS. DORMEM ATREPADOS PARA NÃO SEREM DEVORADOS POR RAPOSAS, ONÇAS, CAHORRO-DA-MATA E ATÉ PESSOAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XIXI> PAVĪKI BISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <QUATI COMUM> TEM ORELHAS PEQUENAS.



1.2.3.33.2

XIXIWÃ

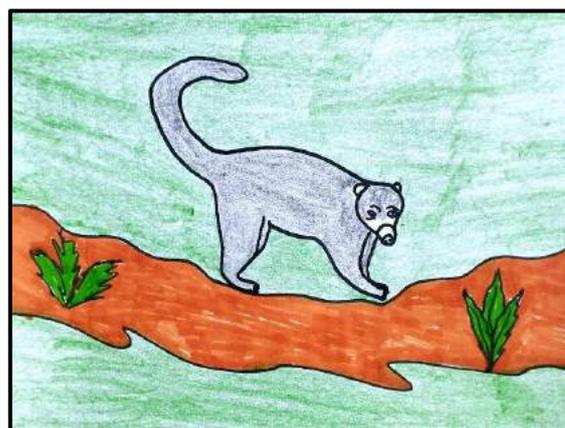
QUATI MUNDÉ

<XIXIKŨĨ> ENCONTRADO NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. APRESENTA ORELHAS PEQUENAS E ARREDONDADAS, CABEÇA E FOCINHO AFILADO. SEUS PELOS SÃO ALARANJADO E A CAUDA LONGA COM ANÉIS ESCUROS SENDO DE PORTE GRANDE. É CONHECIDO POR DESENVOLVER MUITA HABILIDADE NA CORRIDA E POR NÃO FICAR MUITO TEMPO PARADO. CRIANÇAS QUE SÃO INQUIETAS SÃO CHAMADAS DE QUATI. AS FÊMEAS GRÁVIDAS FICAM EM NINHOS CONSTRUÍDOS EM ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE COCOS-DA-MATA, GOIABAS, AVES, RÉPTILS E INSETOS. DORMEM ATREPADOS PARA NÃO SEREM DEVORADOS POR RAPOSAS, ONÇAS, CAHORRO-DA-MATA E ATÉ PESSOAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <XIXIWÃ> YŪKÃ PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <QUATI MUNDÉ> COME GOIABAS.



1.2.3.34

YAWA

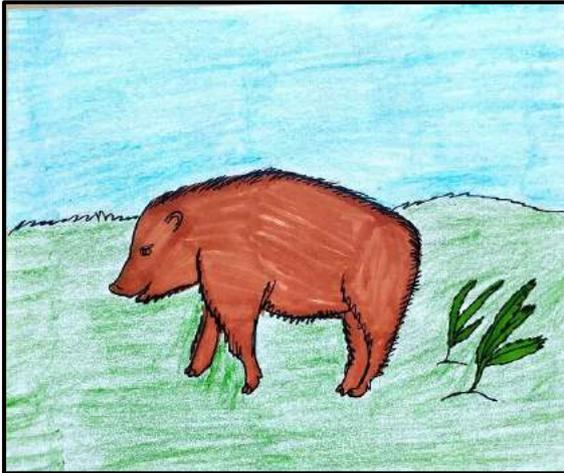
QUEIXADA (S.M.)

<MAMÍFERO> POSSUI PELOS GROSSOS E LONGO NA COR PRETA. ALGUMAS MANCHAS DE BRANCO INICIAM ABAIXO DO FOCINHO ATÉ A BOCHECHA LOGO ABAIXO DOS OLHOS. TEM O CORPO REDONDO COM O FOCINHO COMPRIDO. ANDAM DE BANDOS COM ATÉ MAIS DE 10 COMPONENTES. SEU HABITAT É NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE SEMENTES, RAÍZES, LARVAS DE INSETOS, MINHOCAS, BARRO, BURITI E COCOS. SERVEM DE ALIMENTOS PARA A ONÇA-PINTADA. É DEGUSTADO NA FORMA: COZIDA, ASSADA, FRITO E MUQUINHADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANÛ YAWA TAKEANÛ PINÛ?

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER <QUEIXADA> MUQUINHADO?



1.2.3.35

YAWADAKIWI

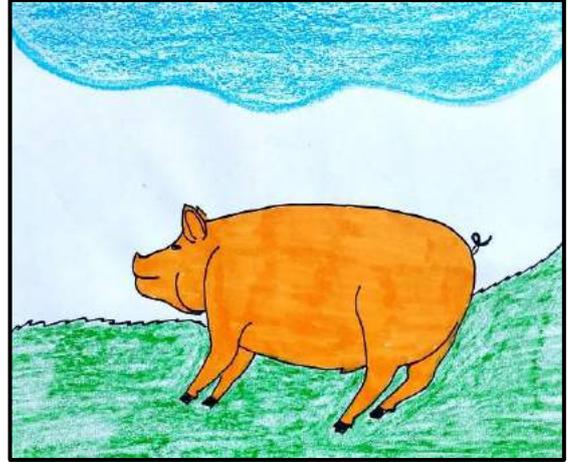
PORCO (S.M.)

<MAMÍFERO> POSSUI PELOS DE DIFERENTES CORES E ESPESSURA. SUA CABEÇA É COMPRIDA COM FOCINHO MOLE. VIVEM EM CHIQUEIROS CONSTRUÍDOS COM MADEIRAS OU ALVENARIA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MACAXEIRA, BURITI, GOIABA, FOLHAS DE ROÇA, RAÇÃO, FARINHA, MILHO, MAMÃO, MELANCIA, DENTRE OUTRAS. A PORCA TEM DE 5 A 15 FILHOTES.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <YAWADAKIWI> ATSAPUTU MÃPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PORCO> COME FARINHA.



1.2.3.37

YAWIXKÛÏ

TATU (S.M.)

<MAMÍFERO> COBERTO COM UMA CASCA DURA QUE INICIA DEPOIS DA CABEÇA E VAI ATÉ O RABO. APRESENTAM TAMANHOS VARIADOS E DETALHES NO RABO. POSSUIM PATAS CURTAS E FORTES, COM UNHAS GRANDES QUE SERVEM PARA CAVAR O CHÃO. SÃO ROBUSTOS COM A CABEÇA PEQUENA GERALMENTE SÃO ENCONTRADOS EM BURACOS FUNDO QUE ELLES MESMO CONSTROEM. SÃO ENCONTRADOS NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MINHOCAS, FORMIGAS, CUPINS, RAÍZES E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA. SUA CARNE É APRECIADA NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: HERE <YAWIXKÛÏ>.

LÍNGUA PORTUGUESA: NO BURACO TEM <TATU>.



1.2.3.37.1

PĀDUĀ

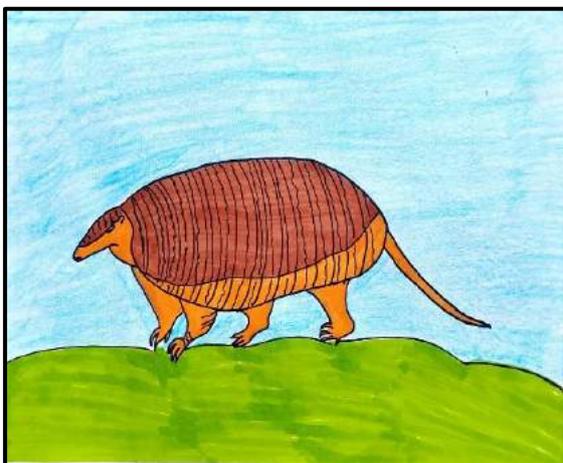
TATU CANASTRO (S.M.)

<YAWIXKŪĪ> É A MAIOR ESPÉCIE. SEU CORPO É COBERTO COM UMA CASCA DURA QUE INICIA DEPOIS DA CABEÇA E VAI ATÉ O RABO COM TONS AMARELO-CLARO. COM POUCO PELOS. POSSUI PATAS CURTAS E FORTES, COM UNHAS GRANDES QUE SERVEM PARA CAVAR O CHÃO. SÃO ROBUSTOS COM A CABEÇA PEQUENA GERALMENTE SÃO ENCONTRADOS EM BURACOS FUNDO QUE ELES MESMO CONSTROEM. SÃO ENCONTRADOS NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MINHOCAS, FORMIGAS, CUPINS, RAÍZES E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA. SUA CARNE É APRECIADA NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PĀDUĀ> REWĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <TATU CANASTRO> É GRANDE.



1.2.3.37.2

PĀKARU

TATU RABO DE COURO (S.M.)

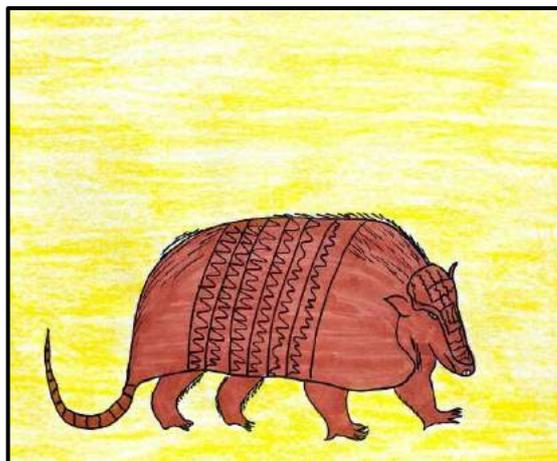
<YAWIXKŪĪ> É COBERTO COM UMA CASCA DURA QUE INICIA DEPOIS DA CABEÇA E VAI ATÉ ANTES DO RABO, POIS O RABO É DE COURO SEM CASCO. SEU CORPO APRESENTA TONS AMARELO-CLARO COM POUCO PELOS. POSSUI PATAS CURTAS E FORTES, COM UNHAS GRANDES QUE SERVEM PARA CAVAR O CHÃO. SÃO ROBUSTOS COM A CABEÇA PEQUENA GERALMENTE SÃO ENCONTRADOS EM BURACOS FUNDO QUE ELES MESMO

CONSTROEM. SÃO ENCONTRADOS NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MINHOCAS, FORMIGAS, CUPINS, RAÍZES E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA. SUA CARNE É APRECIADA NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PĀKARU> HUYANŪ DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: <TATU-RABO-DE COURO> ASSADO, É GOSTOSO.



1.2.3.37.3

YAWIX

TATU VERDADEIRO (S.M.)

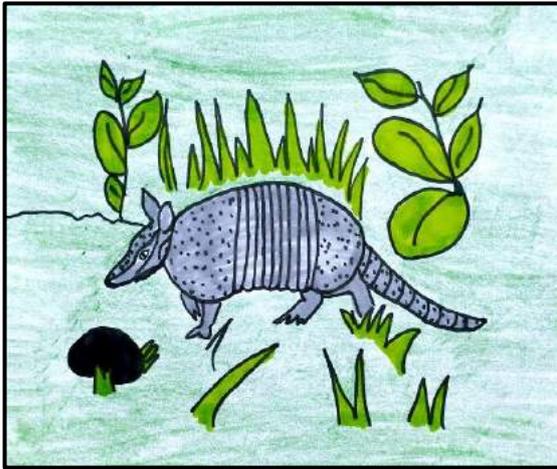
<YAWIXKŪĪ> É CONSIDERADO DE PORTE MÉDIO. SEU CORPO É COBERTO COM UMA CASCA DURA QUE INICIA DEPOIS DA CABEÇA E VAI ATÉ O RABO COM TONS DE MARROM-ESCURO ACINZENTADO COM POUCO PELOS. POSSUI PATAS CURTAS E FORTES, COM UNHAS GRANDES QUE SERVEM PARA CAVAR O CHÃO. SÃO ROBUSTOS COM A CABEÇA PEQUENA GERALMENTE SÃO ENCONTRADOS EM BURACOS FUNDO QUE ELES MESMO CONSTROEM. SÃO ENCONTRADOS NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MINHOCAS, FORMIGAS, CUPINS, RAÍZES E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA. SUA CARNE É APRECIADA NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE BIPA YAWIX TAWA KUXAPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU PAI MATOU UM <TATU VERDADEIRO> DE FLECHA.





1.2.3.37.4

YAWIXIWÃ

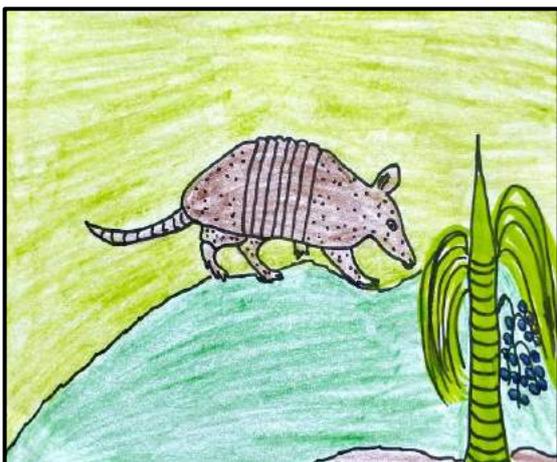
TATU CHINA (S.M.)

<YAWIXKÛÏ> É O MENOR TATU. SEU CORPO É COBERTO COM UMA CASCA DURA QUE INICIA DEPOIS DA CABEÇA E VAI ATÉ O RABO COM TONS DE MARROM-ESCURO COM APENAS SETE CINTAS NA PLACA. POSSUI PATAS CURTAS E FORTES, COM UNHAS GRANDES QUE SERVEM PARA CAVAR O CHÃO. SÃO ROBUSTOS COM A CABEÇA PEQUENA GERALMENTE SÃO ENCONTRADOS EM BURACOS FUNDO QUE ELES MESMO CONSTROEM. SÃO ENCONTRADOS NAS MATAS DE CANARAÍ E SERINGAL. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA: MINHOCAS, FORMIGAS, CUPINS, RAÍZES E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A ONÇA. SUA CARNE É APRECIADA NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <YAWIXIWÃ> BISTÏ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <TATU CHINA> É PEQUENO.



1.2.5.1

AXPAKÛÏ

OLAIA (S.F.)

<PEIXE> É ENCONTRADO EM LAGOS, IGAPÓ E NO RIO. COBERTA DE ESCAMAS GROSSAS E FINAS, ÁSPERA E LISA COM VARIEDADES DE CORES E TAMANHOS. SE ALIMENTAM DE PIABAS PEQUENAS, SARAPÓ PEQUENO, BURITI, DENTRE OUTROS. POSSUI UMA NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS PERFURANTE. DESOVA NO MÊS DE NOVEMBRO. SERVE DE ALIMENTOS PARA A PIRANHA, TRAÍRA, ALÉM DE SER DEGUSTADA PELO O HOMEM NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANÛ <AXPAKÛÏ> HUYANÛ PINÛ?

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER <OLAIA> ASSADA?



1.2.5.1.1

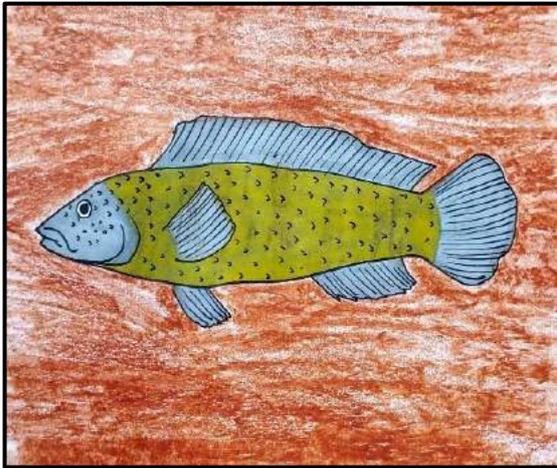
AXPAHÃW

OLAIA-DE-ESCAMA (S.F.)

<AXPAKÛÏ> É ENCONTRADO EM LAGOS, IGAPÓ E NO RIO. COBERTA DE ESCAMAS BRANCAS. SE ALIMENTA DE PIABAS PEQUENAS, SARAPÓ PEQUENO, BURITI, DENTRE OUTROS. POSSUI UMA NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS FERFURANTE. DESOVA NO MÊS DE NOVEMBRO. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFA E ESPINHEL SERVE DE ALIMENTOS PARA A PIRANHA, TRAÍRA, ALÉM DE SER DEGUSTADA PELO O HOMEM NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: NŪNŪKŪĪ
 <AXPAHĀW> PINŪ
 LÍNGUA PORTUGUESA: O PATO COMEU A
 <OLAIA-DE-ESCAMA>.



1.2.5.1.2

AXPAMĀHĀ

OLAIA-TUCUNARÉ (S.F.)
 <AXPAKŪĪ> É ENCONTRADO EM LAGOS,
 IGAPÓ E NO RIO. COBERTA DE ESCAMAS
 BRANCAS E PINTAS AMARELAS. SE
 ALIMENTA DE PIABAS PEQUENAS, SARAPÓ
 PEQUENO, BURITI, DENTRE OUTROS.
 POSSUI UMA NADADEIRA GRANDE NAS
 COSTAS PERFURANTE. DESOVA NO MÊS DE
 NOVEMBRO. É PEGADO COM MANGAS,
 TARRAFA E ESPINHEL. SERVE DE
 ALIMENTOS PARA A PIRANHA, TRAÍRA,
 ALÉM DE SER DEGUSTADA PELO O HOMEM
 NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <AXPAMĀHĀ> SIVIBA
 UHU PĀXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A OLAIA-
 TUCUNARÉ TEM ESCAMAS BRANCAS E
 AMARELAS.



1.2.5.1.3

HĀMĀWĀ

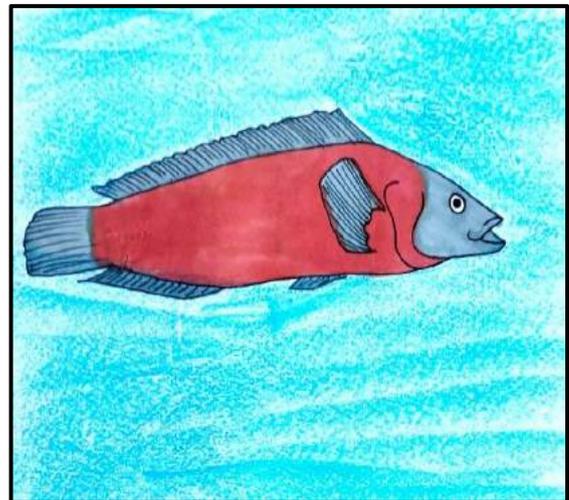
OLAIA-LISA (S.F.)

<AXPAKŪĪ> É ENCONTRADO EM LAGOS,
 IGAPÓ E NO RIO. COBERTA DE ESCAMAS
 VERMELHAS E PEQUENAS DIFÍCIL DE SER
 TRATADAS. PARA FACILITAR NA LIMPEZA
 UTILIZA LIMÃO OU ÁGUA QUENTE. SE
 ALIMENTA DE PIABAS PEQUENAS, SARAPÓ
 PEQUENO, BURITI, DENTRE OUTROS.
 POSSUI UMA NADADEIRA GRANDE NAS
 COSTAS FERFURANTE. DESOVA NO MÊS DE
 NOVEMBRO. É PEGADO COM MANGAS,
 TARRAFA E ESPINHEL SERVE DE
 ALIMENTOS PARA A PIRANHA, TRAÍRA,
 ALÉM DE SER DEGUSTADA PELO O HOMEM
 NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HĀMĀWĀ> SIVIBA
 BISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <OLAIA-LISA>
 TEM ESCAMAS PEQUENAS.



1.2.5.2

BAKEKŪĪ

PIRANHA (S.F.)

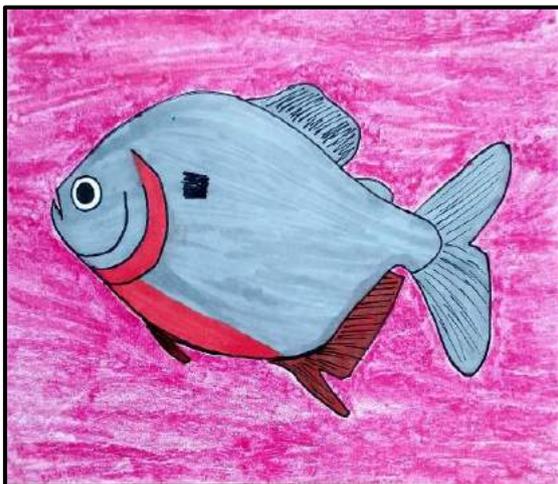
<PEIXE> COBERTA DE ESCAMAS
 VERMELHAS E ROXO. É ENCONTRADA NO
 RIO, IGARAPÉS E NOS LAGOS. POSSUI
 DENTES AFIADOS E CORTANTES. SUA
 ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODOS
 OS PEIXES, ALÉM DE COMER CARNE DE
 ANIMAIS E PESSOAS. DESOVA NO MÊS DE
 NOVEMBRO. É PEGADO COM MANGAS,
 TARRAFA E ESPINHEL É UTILIZADA PELO

HOMEM NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAKEKŪĪ> PINŪ VATŪKŪĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A PIRANHA COMEU O PIAU.



1.2.5.2.1

BAKEBAKATA

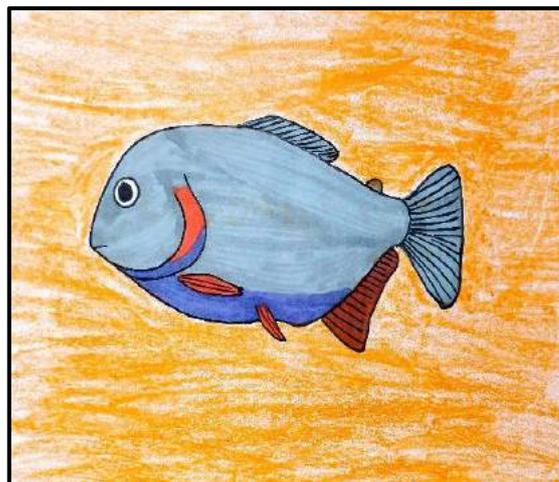
PIRANHA-ROXA (S.F.)

<BAKE KŪĪ> COBERTA DE ESCAMAS ROXO-CLARO. É ENCONTRADA NO RIO, IGARAPÉS E NOS LAGOS. POSSUI DENTES AFIADOS E CORTANTES. POSSUI MUITA GORDURA NA CARNE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODOS OS PEIXES, ALÉM DE COMER CARNE DE ANIMAIS E PESSOAS. DESOVA NO MÊS DE NOVEMBRO. É PEGADA COM MANGAS, TARRAFA, ESPINHEL E CANIÇO. É UTILIZADA PELO HOMEM NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VAKEVU, EU BAKEBAKATA DAYATA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: MENINO, EU COMI <PIRANHA-ROXA> FRITA.



1.2.5.2.2

BAKETETXÁBA

PIRANHA-ACAJÚ (S.F.)

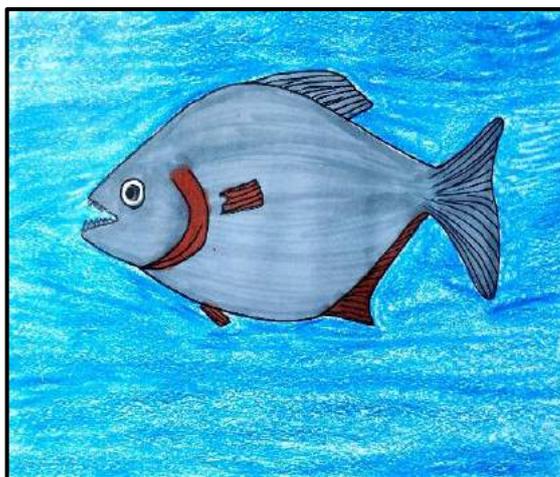
<BAKE KŪĪ> COBERTA DE ESCAMAS VERMELHAS. É ENCONTRADA NO RIO, IGARAPÉS E NOS LAGOS. POSSUI DENTES AFIADOS E CORTANTES. POSSUI MUITA GORDURA NA CARNE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODOS OS PEIXES, ALÉM DE COMER CARNE DE ANIMAIS E PESSOAS. DESOVA NO MÊS DE NOVEMBRO. É UTILIZADA PELO HOMEM NA FORMA: COZIDA, ASSADA E FRITA. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFA E ESPINHEL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: SIVIBA

<BAKETETXÁBA> TAXI.

LÍNGUA PORTUGUESA: AS ESCAMAS DA <PIRANHA-ACAJÚ> É VERMELHA.



1.2.5.3

BASIWÃ

DOURADO (S.M.)

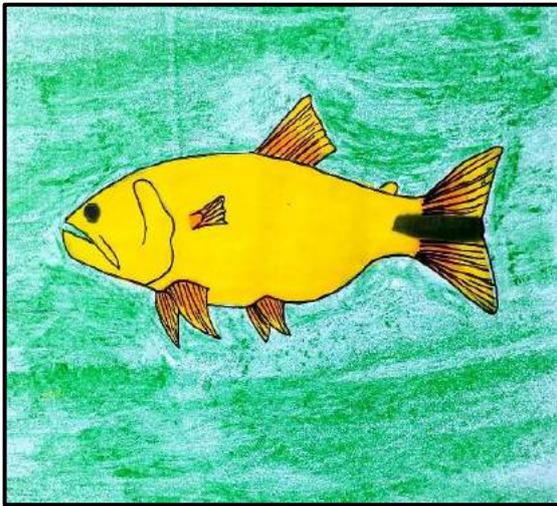


<PEIXE> É ENCONTRADO NO RIO ONDE CHEGA A PESAR ATÉ 15 QUILOS. É COBERTO DE COURO AMARELO. SUA CABEÇA SE ASSEMELHA COM A CABEÇA DE MANDIM. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODOS OS TIPOS DE PEIXES. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFA E ESPINHEL GERALMENTE EM REMANSSOS. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA, ASSADO E FRITO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BASIWÃ> PÃXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <DOURADO> É AMARELO.



1.2.5.5

BAKUSPARA

CANGATI (S.M.)

<PEIXE> É COBERTO DE COURO LISO COM TOM MARROM-ESCURO E A BARRIGA BRANCA. POSSUI ESPORÃO NAS COSTAS E NAS LATERAIS E BIGODES NA BOCA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEQUENOS PEIXES COMO PIABAS ONDE ENGOLE INTEIRO, ALÉM DE FRUTAS DE APUÍ E BURITI. É PEGADO COM MANGAS, ESPINHEL E PONTAS DE LINHAS NOS LAGOS E IGAPÓ. SERVE DE ALIMENTO PARA PIRANHAS E TRAÍRA, ALÉM DO HOMEM QUE DEGUSTA NA FORMA COZIDA E FRITA. SUA CARNE É CONSIDERADA DURA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAKUSPARA> DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CANGATI> COZIDO É GOSTOSO.



1.2.5.6

BEHKU

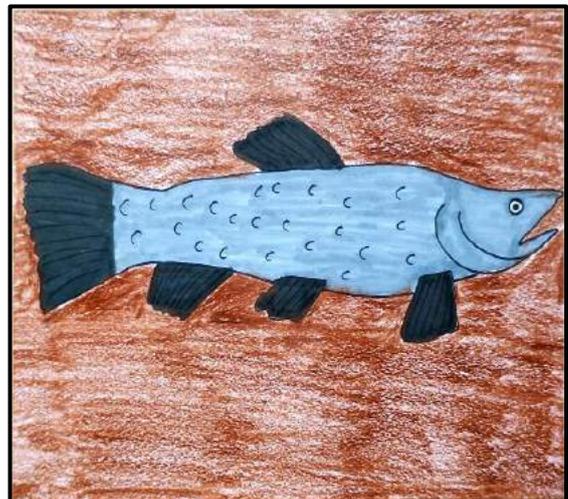
TRAÍRA (S.F.)

<PEIXE> COBERTA DE ESCAMAS NOS TONS DE PRETO COM BRANCO. ENCONTRADA NO RIO, IGAPÓ, LAGOS E IGARAPÉS. POSSUI UMA CABEÇA É GRANDE COM DENTES AFIADOS QUE CONSEGUE MORDER E CAUSA MUITA DOR. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFA, ESPINHEL E CANIÇO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE TODOS PEIXES DE PEQUENO PORTE. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADA E MUQUINHADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BEHKU> HUYANŨ PUA DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: <TRAÍRA> ASSADA COM INHAME, É GOSTOSA.



1.2.5.7

DURUMÁKŪĪ

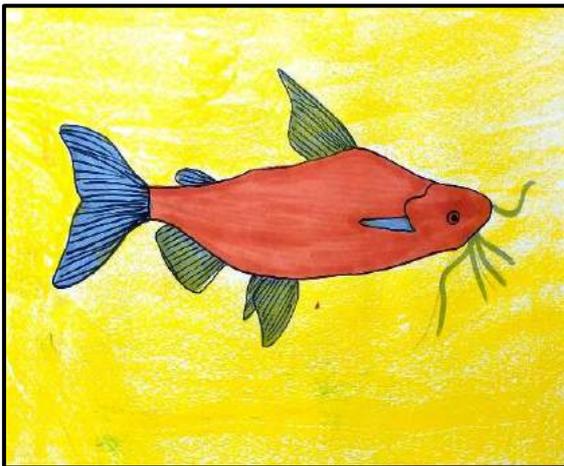
BACU (S.M.)

<PEIXE> POSSUI O CORPO COBERTO DE COURO COM DETALHES DURO E TONS DE AMARELO E ALARANJADO COM ESPESSURA GROSSA E GRANDE. É ENCONTRADO NO RIO, MAS NA ÉPOCA DE ENCHENTES APARECEM NO IGAPÓ. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE PIABAS, BURITI, JOARÍ E ARUÁ. SÃO PEGADOS DE MANGA E ESPINHEL. SERVE DE ALIMENTO PARA O JACARÉ E PIRANHAS. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA DESFIADA (FARROFA).

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: UX, EYA
<DURUMÁKŪĪ> REWÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: HOJE, EU VI UM
<BACU> GRANDE!



1.2.5.7.1

PURUMÊHÃ

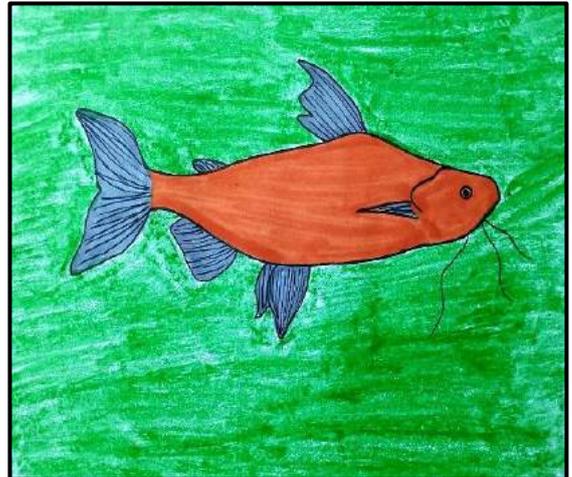
BACU-CASCUDO (S.M.)

<DURUMÁKŪĪ> POSSUI O CORPO COBERTO DE COURO AMARELO-CLARO COM DETALHES DURO NAS COSTAS E A BARRIGA BRANCA GROSSO E GRANDE. É ENCONTRADO NO RIO E NA ÉPOCA DE ENCHENTES APARECEM NO IGAPÓ. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE PIABAS, BURITI, JOARÍ E ARUÁ. SÃO PEGADOS DE MANGA E ESPINHEL. SERVE DE ALIEMNTO PARA O JACARÉ E PIRANHAS. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA DESFIADA (FARROFA).

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PURUMÊHÃ> WINÛ
PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BACU-CASCUDO> COME BURITI.



1.2.5.8

HETAWAKŪĪ

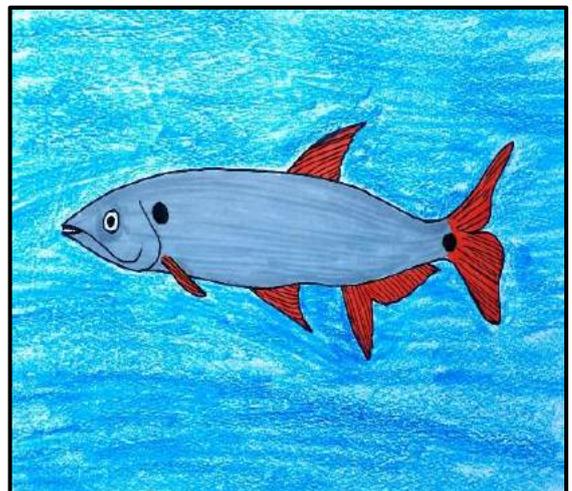
CACHORRA (S.F.)

<PEIXE> ENCONTRADA NAS ÁGUAS DO RIO, IGARAPÉ, LAGOS E IGAPÓ. SEU CORPO É ALONGADO COM A CABEÇA FINA E DENTES PONTIAGUDOS CORTANTES. POSSUI ESCAMAS PEQUENAS COM TONS BRANCOS COM DETALHES PRETOS E ABAS COLORIDAS. SÃO PEGADAS COM MANGA, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA QUANDO ESTÃO PRESAS NA MANGA. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS E PEQUENAS OLAIAS E SARAPÓ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HETAWAKŪĪ>
TXAYPA.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CACHORRA> É COMPRIDA.



1.2.5.8.1

HETAWABAHU

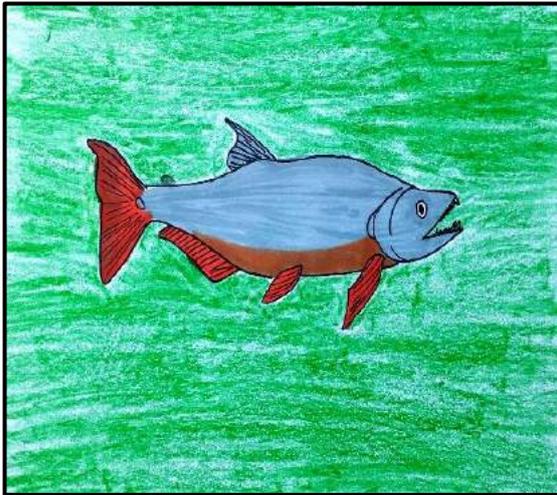
CACHORRA-TUBARANA (S.F.)

<HETAWAKŨĨ> ENCONTRADO NAS ÁGUAS DO RIO, IGARAPÉ, LAGOS E IGAPÓ. SEU CORPO É ALONGADO COM A CABEÇA FINA E DENTES PONTIAGUDOS CORTANTES. POSSUI PORTE GRANDE COM AS NADADEIRAS DO RABO EM TOM VERMELHO E CABEÇA GRANDE. SUAS ESCAMAS SÃO PEQUENAS NA COR BRANCA. SÃO PEGADAS COM MANGA, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA QUANDO ESTÃO PRESAS NA MANGA. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS E PEQUENAS OLAIAS E SARAPÓ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <BAKEKŨĨ>
<HETAWABAHU> PINŨ

LÍNGUA PORTUGUESA: A PIRANHA COMEU A <CAHORRA-TUBARANA>



1.2.5.8.2

PĂXĪHETAWA

CACHORRA-COMUM (S.F.)

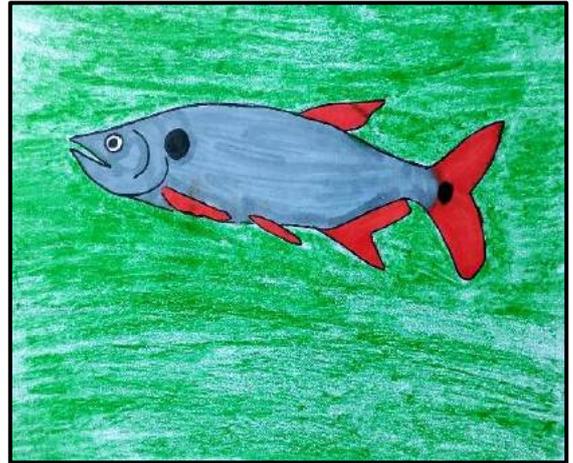
<HETAWAKŨĨ> ENCONTRADO NAS ÁGUAS DO RIO, IGARAPÉ, LAGOS E IGAPÓ. SEU CORPO É ALONGADO COM A CABEÇA FINA E DENTES PONTIAGUDOS CORTANTES. POSSUI ESCAMAS PEQUENAS COM TONS BRANCAS. SÃO PEGADAS COM MANGA, TARRAFA E ABAS NOS TONS DE AMARELO-CALRO. É PEGADA COM CANIÇO, MANGAS E TARRAFAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA QUANDO ESTÃO PRESAS NA MANGA. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA

FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS, PEQUENAS OLAIAS E SARAPÓ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <PĂXĪHETAWA>
HETA REWĂ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <CACHORRA-COMUM> TEM DENTES GRANDES.



1.2.5.8.3

TXĪTXŪKA

CACHORRA-ESPADA (S.F.)

<HETAWAKŨĨ> ENCONTRADA NO RIO E LAGOS, QUANDO O IGAPÓ ESTÁ CHEIO ELAS APARECEM. SEU CORPO ALONGADO E FINO COM A CABEÇA COMPRIDA E DENTES GRANDES E AFIADOS QUE FICAM FORA DA BOCA. POSSUI UMA GRANDE QUANTIDADE DE ESPINHAS. SUAS ESCAMAS SÃO PEQUENAS NA COR BRANCA. SÃO PEGADAS COM MANGA, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA QUANDO ESTÃO PRESAS NA MANGA. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS E PEQUENAS OLAIAS E SARAPÓ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: SIVIBA <TXĪTXŪKA>
BISTĪ UHU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A ESCAMA DA CACHORRA-ESPADA É PEQUENA E BRANCA.





1.2.5.9

IPUKŨĨ

BODE (S.M.)

<PEIXE> É COBERTO DE UMA CASCA DURA COM TONS AMARELO E PRETO E DOIS BIGODES NA BOCA, ALÉM DE DOIS ESPORÃO DEPOIS DA CABEÇA. ENCONTRADOS EM LAGOS, RIO, IGARAPÉ E IGAPÓ. SÃO PEGADOS COM MANGA E TARRAFA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA LODO E LARVAS. SUA CARNE É DURA COM TONALIDADE AMARELA. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <IPUKŨĨ> RAWE KURÃDI KEHA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BODE> TEM DOIS BIGODES NA BOCA.



1.2.5.9.1

IPU

BODE-COMUM (S.M.)

<IPUKŨĨ> É COBERTO DE UMA CASCA DURA COM TOM AMARELO E DOIS BIGODES NA

BOCA, ALÉM DE DOIS ESPORÃO DEPOIS DA CABEÇA. É CONSIDERADO PORTE MÉDIO. ENCONTRADOS EM LAGOS, RIO, IGARAPÉ E IGAPÓ. SÃO PEGADOS COM MANGA E TARRAFA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA LODO E LARVAS. SUA CARNE É DURA COM TONALIDADE AMARELA. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE BIPA, KUXAPAWTI SEPATE.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU PAI, MATOU O <BODE-COMUM> DE TEÇADO.



1.2.5.9.2

IPUBA

BODE-DE-PRAIA (S.M.)

<IPUKŨĨ> É COBERTO DE UMA CASCA DURA COM TOM AMARELO-CLARO QUASE BRANCO E DOIS BIGODES NA BOCA, ALÉM DE DOIS ESPORÃO DEPOIS DA CABEÇA. É CONSIDERADO PORTE MÉDIO. ENCONTRADOS SOMENTE NAS ÁGUAS DO RIO. SÃO PEGADOS COM MANGA E TARRAFA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA LODO E LARVAS. SUA CARNE É DURA COM TONALIDADE AMARELA. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: ENÃ PIKAY <IPUBA>.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VOU COMER <BODE-DE-PRAIA>.





1.2.5.9.3

IPURŪXIKA

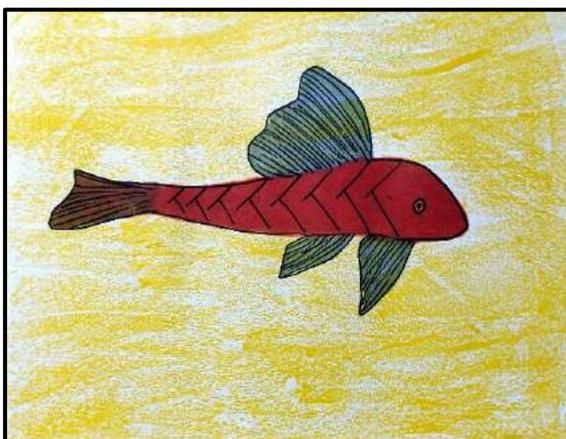
BODE-CACHIMBO (S.M.)

<IPUKŪĨ> É COBERTO DE UMA CASCA DURA COM TOM MARROM E NA BARRIGA TOM AMARELO. POSSUI CABEÇA É FINA E ALONGADA COM DOIS BIGODES NA BOCA, E NÃO POSSUI ESPORÃO. É CONSIDERADO PORTE MÉDIO E GRANDE. ENCONTRADOS NAS ÁGUAS DO RIO E LAGOS. SÃO PEGADOS COM MANGA E TARRAFA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA LÔDO E LARVAS. SUA CARNE É MOLE COM TONALIDADE AMARELA. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <IPURŪXIKA>
VUSTUWA PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BODE-
CACHIMBO> COME LÔDO.



1.2.5.9.4

IPUWÃ

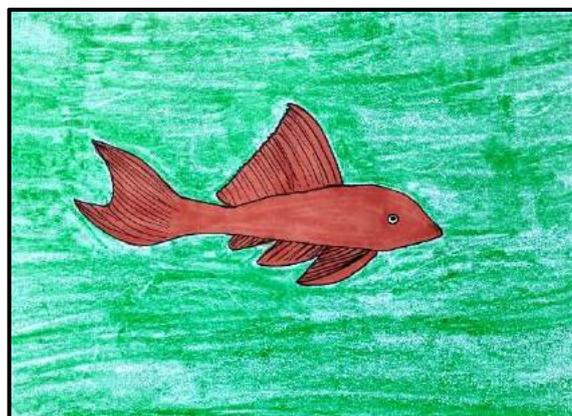
BODE-CASA-VEIA (S.M.)

<IPUKŪĨ> É COBERTO DE UMA CASCA DURA COM TOM PRETO. POSSUI CABEÇA GRANDE E ACHATADA COM DOIS BIGODES NA BOCA, APRESENTA ESPORÃO ABAIXO DA CABEÇA. É CONSIDERADO O MAIOR BODE. ENCONTRADOS NAS ÁGUAS DE LAGOS. SÃO PEGADOS COM MANGA E TARRAFA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA LODO E LARVAS. SUA CARNE É DURA COM TONALIDADE AMARELA. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: BAPUÃ IPUWÃ
PITXANŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: NA PANELA TEM
<BODE-CASA-VEIA> COZIDO.



1.2.5.9.5

IXKĪ

BODE ISQUIM (S.M.)

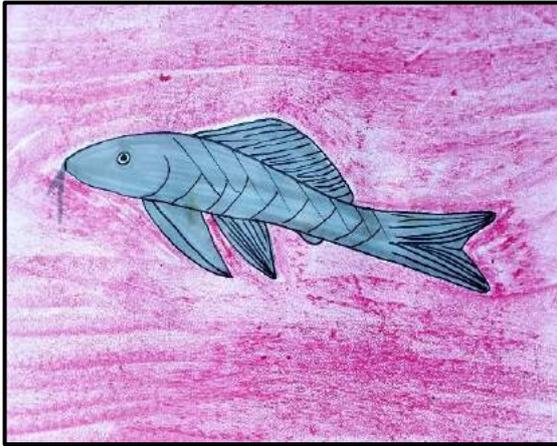
<IPUKŪĨ> É COBERTO DE UMA CASCA DURA COM TOM PRETO. SEUS LÁBIOS SÃO MOLE COM BARBAS AO REDOR, ALÉM DE DOIS ESPORÃO GRANDE DEPOIS DA CABEÇA E VÁRIOS ESPORÕES MINÚSCULOS DEPOIS DOS OLHOS QUE GRUDAM NA MANGA DIFICULTANDO SER RETIRADO. É CONSIDERADO DE PORTE PEQUENO E MÉDIO. ENCONTRADOS NAS ÁGUAS DO RIO, LAGOS, IGAPÓ E IGARAPÉ. SÃO PEGADOS COM MANGA E TARRAFA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA LODO E LARVAS. SUA CARNE É DURA COM TONALIDADE AMARELA. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <IXKĪ> KEHA KURĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BODE-ISQUIM>
TEM A BOCA MOLE.





1.2.5.10

ISKU

TAMBUATÁ (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE CASCA DURA COM TOM AMARELO COM DUAS BARBAS NA BOCA E OLHOS PEQUENOS. SÃO ENCONTRADOS NO IGAPÓ, RIOS, IGARAPÉS E RIO. SÃO PEGADOS MANGAS E TARRAFAS. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA. A CARNE É DE COLORAÇÃO AMARELO QUASE BRANCO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: ANÃ <ISKU> PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: ELA COME <TAMBUATÁ>



1.2.5.11.

KUPATXIKŪĪ

BOCÃO (S.M.)

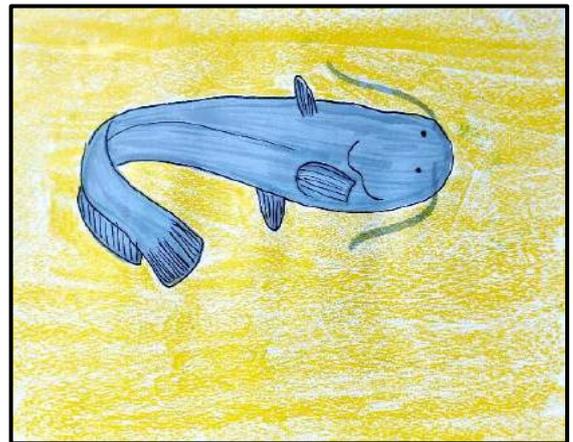
<PEIXE> COBERTO DE COURO NOS TONS BRANCO COM E SEM ESPORÃO. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓS E RIO. A CABEÇA LARGA E ACHATADA COM BOCA GRANDE. É PEGADO DE MANGAS, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA

PIRANHAS, TRAÍRAS E ARRAIA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDO, TORRADO E ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KEHA KUPATXIKŪĪ REWÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A BOCA DO <BOCÃO> É GRANDE.



1.2.5.11.1

KUPATXI

BOCÃO-COMUM (S.M.)

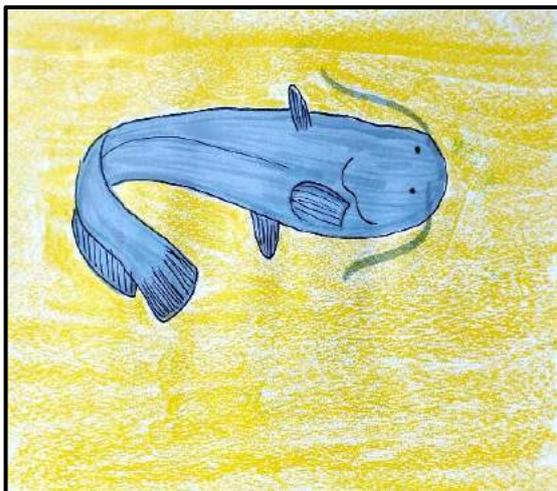
<KUPATXIKŪĪ> COBERTO DE COURO NOS TONS BRANCO E CINZA NAS COSTAS SEM ESPORÃO. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓS E RIO. A CABEÇA LARGA E ACHATADA COM BOCA GRANDE. É PEGADO DE MANGAS, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA PIRANHAS, TRAÍRAS E ARRAIA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDO, TORRADO, ASSADO E MUQUINHADO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: UX, MANÛ <KUPATXI> TAKEANÛ PINÛ?

LÍNGUA PORTUGUESA: HOJE, VAMOS COMER <BOCÃO-COMUM> MUQUINHADO?





1.2.5.11.2

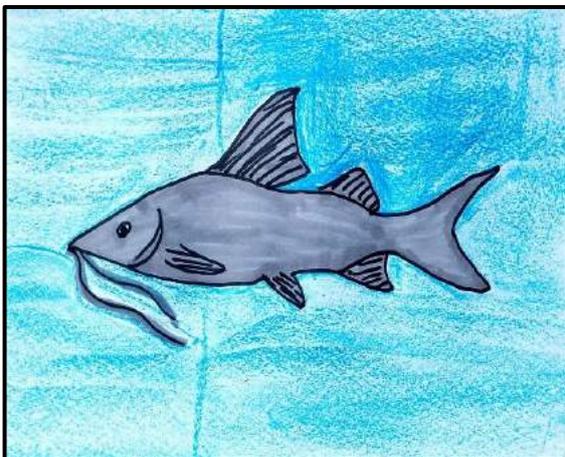
KUPATXI IXPI**BOCÃO-DE-ESPORÃO**

<KUPATXIKŪĨ> COBERTO DE COURO NOS TONS BRANCO E CINZA NAS COSTAS COM ESPORÃO NAS COSTAS E DEPOIS DA BOCA. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓS E RIO. A CABEÇA LARGA E ACHATADA COM BOCA GRANDE. É PEGADO DE MANGAS, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA PIRANHAS, TRAÍRAS E ARRAIA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDO, TORRADO E ASSADO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KUPATXI IXPI> DU.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <BODE-DE-ESPORÃO> FURA.



1.2.5.11.3

KUPATXIKUSPARA**BOCÃO MANTEIGUEIRO (S.M.)**

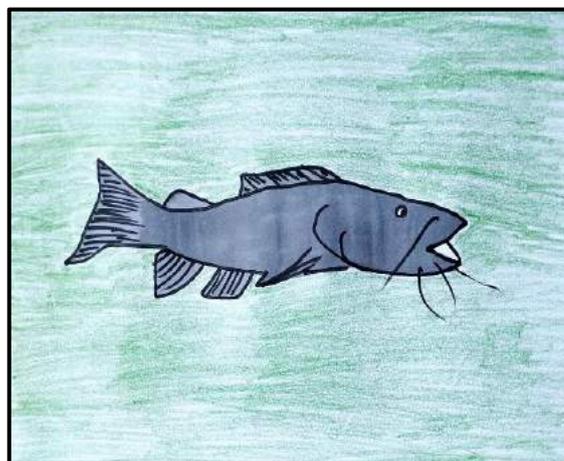
<KUPATXIKŪĨ> COBERTO DE COURO NOS TONS BRANCO E CINZA-ESCURO NAS COSTAS COM ESPORÃO NAS COSTAS E NAS LATERAIS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓS E RIO. A CABEÇA LARGA E ACHATADA COM BOCA GRANDE. É PEGADO DE MANGAS, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA PIRANHAS, TRAÍRAS E ARRAIA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDO, TORRADO E ASSADO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KAPE

<KUPATXIKUSPARA> PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O JACARÉ COMEU O BOCÃO-MANTEGUEIRO.



1.2.5.12

KURE**CAPARARI (S.M.)**

<PEIXE> COBERTO DE COURO COM TONS DE PRETO-ACINZENTADO COM LISTRAS BRANCAS. A CABEÇA É GRANDE ACHATADA COM UMA FUNDA NO MEIO E DOIS BIGODES NA CABEÇA. SÃO LISTARDOS E COM PINTAS PRETAS. É ENCONTRADO NO RIO E LAGOS. SERVE DE ALIMENTO PARA BÔTOS E PARA O HOMEM QUE DEGUSTA NA FORMA COZIDA, TORRADO, ASSADO E MUQUINHADO. É PEGADO DE TARRAFA, MANGA E ARRASTÃO. CHEGA A PESAR ATÉ 30 QUILOS.

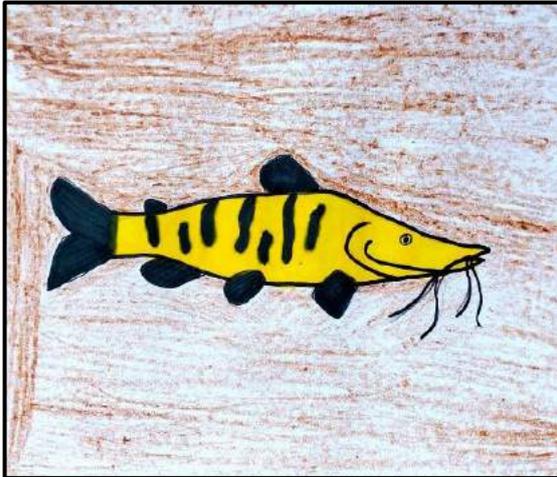
CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KURE> VUHKA

REWĂMĂ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CAPARARI> TEM A CABEÇA LARGA.





1.2.5.13

KĒDIABAWĀ

JUNDIÁ (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE COURO COM VARIEDADES DE CORES E ESPÉCIE ONDE APRESENTAM TONS DE PRETO, AMARELO, BRANCO E PINTADO ONDE APRESENTA SEMELHANÇA COM O CORPO DO MANDIM. SÃO ENCONTRADOS NO RIO. SÃO PEGADOS DE TARRAFA, MANGA, CANIÇO E PONTAS-DE-LINHA. SERVEM DE ALIMENTO PARA PIRANHA E BÔTO. SÃO DEGUSTADO PELO O HOMEM NA FORMA COZIDO, TORRADO E ASSADO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS E CARANGUEIJOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EBE BIPA <KĒDIABAWĀ> WAKEWĀ VIXĪDA.

LÍNGUA PORTUGUESA: MEU PAI PEGA <JUNDIÁ> NO RIO.



1.2.5.14

MĀHĀ

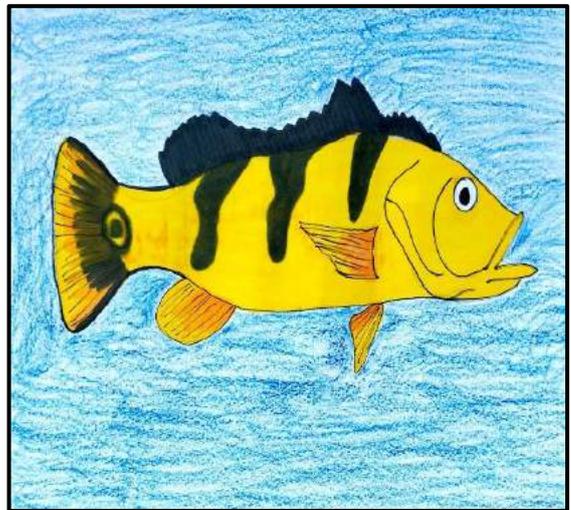
TUCUNARÉ (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE ESCAMAS PRETAS E AMARELO COM UMA ABA AFIADAS NAS COSTAS. POSSUI OLHOS GRANDES E CORPO ARREDONDADO. É MUITO VALENTE QUANDO ESTÁ CHOCANDO OS FILHOTES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODAS AS PIABAS PEQUENAS E LÔDO. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E JACARÉ. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDO, TORRADO, ASSADO E MUQUINHADO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO E TARRAFAS, ALÉM DE ARCO E FLECHAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: DARAWE <MĀHĀ> TĒWĒ VIXĪDAPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: PEGUEI CINCO TUNARÉ NO LAGO.



1.2.5.15

MĀYKŪĪ

CARÁ (S.M.) COBERTO DE ESCAMAS PRETAS, VERDE, AMARELA E MARROM-ESCURO COM TAMANHOS E FORMAS VARIADAS. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA



PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MĂYKŨĨ> TAKEANŨ PEY DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: <CARÁ> MUQUINHADO NA FOLHA É GOSTOSO.



1.2.5.15.1

MĂYPEY

CARÁ FOLHA (S.M.)

<MĂYKŨĨ> COBERTO DE ESCAMAS VERDE COM PRETO. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MĂYPEY> IKĀBA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARÁ-FOLHA> É VERDE.



1.2.5.15.2

MĂYKATAKI

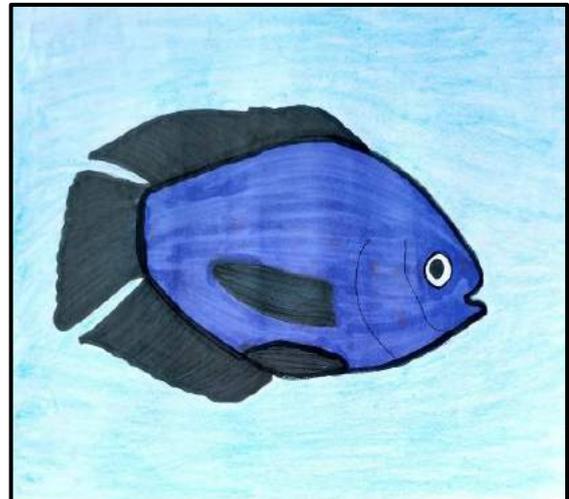
CARÁ-ROXO (S.M.)

<MĂYKŨĨ> COBERTO DE ESCAMAS ROXA COM PRETO. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VUKĒ NĀDEA <MĂYKATAKI>

LÍNGUA PORTUGUESA: A CESTA ESTÁ CHEIA DE <CARÁ-ROXO>



1.2.5.15.3

MÃYPÃXĪ

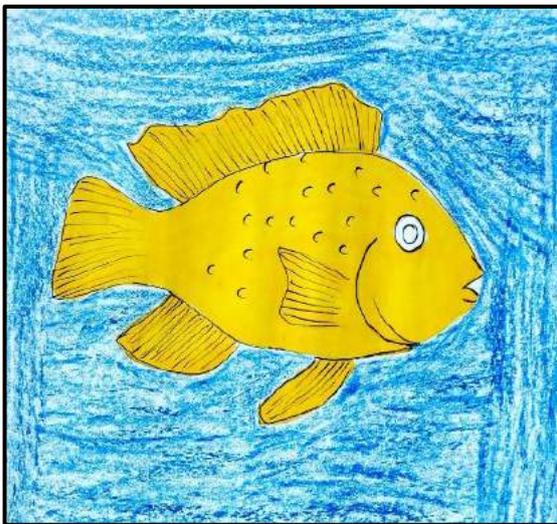
CARÁ-OURO (S.M.)

<MÃYKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS AMARELAS. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MÃYPÃXĪ> PÃXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARÁ-OURO> É AMARELO.



1.2.5.15.4

MÃYHĪBURU

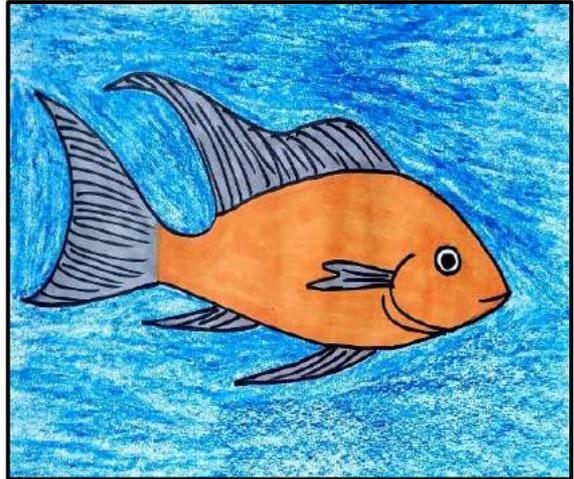
CARÁ-BICUARA (S.M.)

<MÃYKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS AMARELAS E TONS BRANCO E TROMBA ALONGADA. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: BEHKU PIPAWTI <MÃYHĪBURU>.

LÍNGUA PORTUGUESA: A TRAÍRA COMEU O <CARÁ-BICUARA>.



1.2.5.15.5

MÃY

CARÁ-COMUM (S.M.)

<MÃYKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS COM TONS MARROM-ESCURO E DETALHES AMARELOS. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MÃY> HUYANŪ ATSAPUTU, DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARÁ-COMUM> ASSADO COM FARINHA, É GOSTOSO.



1.2.5.15.6

MÃYTXUHA

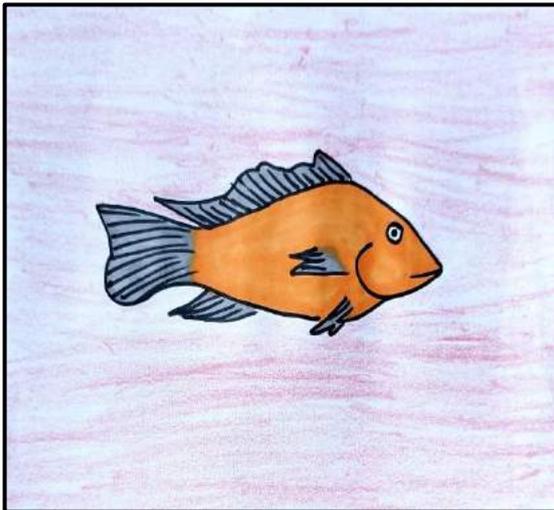
CARÁ- PANEMA (S.M.)

<MÃYKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS BRANCAS E DETALHES PRETO. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS E FLUTUAM ENCIMA DAS ÁGUAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TÊWÊ NĀDEA <MÃYTXUHA>.

LÍNGUA PORTUGUESA: O LAGO ESTÁ CHEIO DE <CARÁ-PANEMA>.



1.2.5.15.7

MÃTXIHI

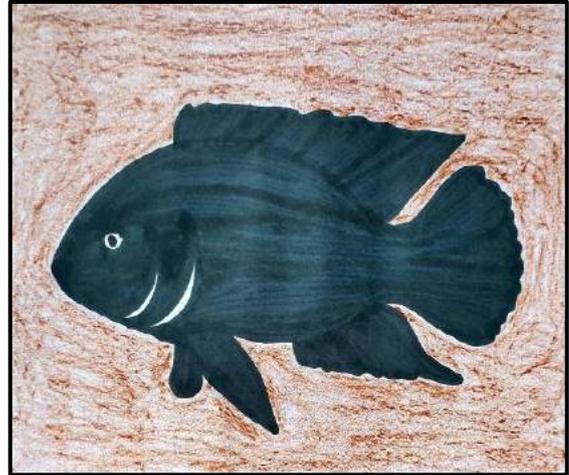
CARÁ-PRETO (S.M.)

<MÃYKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS PRETAS E DE PORTE GRANDE. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MÃTXIHI> SIVIBA TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARÁ-PRETO> POSSUI ESCAMAS PRETAS.



1.2.5.15.8

MÃYBUYKA

CARÁ-TOURO

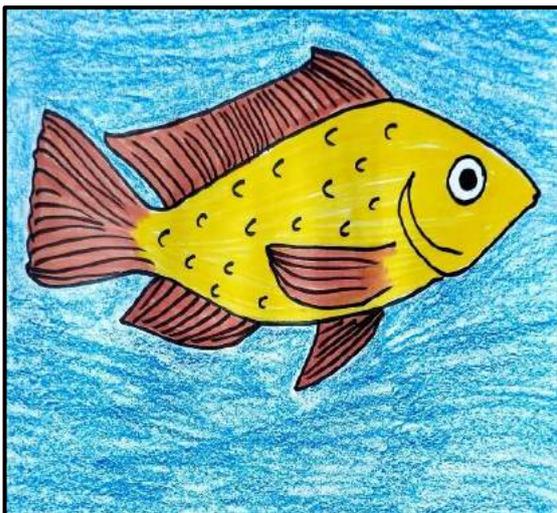
<MÃYKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS BRANCAS E MARROM NAS COSTAS. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS E UM TOPETE SEMELHANTE DE UM TOURO. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: YĀ <MÃYBUYKA>.

LÍNGUA PORTUGUESA: NO IGAPÓ TEM <CARA-TOURO>.





1.2.5.15.9

MÃNEWÃ

CARÁ-AÇÚ (S.M.)

<MÃYKÛĨ> COBERTO DE ESCAMAS PRETAS COM PINTAS VERMELHAS EM TODO CORPO E NA NADADEIRA DO RABO. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS E OLHOS GRANDES. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANÛ <MÃNEWÃ> TAKEANÛ PEY PINÛ?

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER <CARÁ-AÇÚ> MUQUINHADO NA FOLHA?



1.2.5.15.10

MÃYPESBI

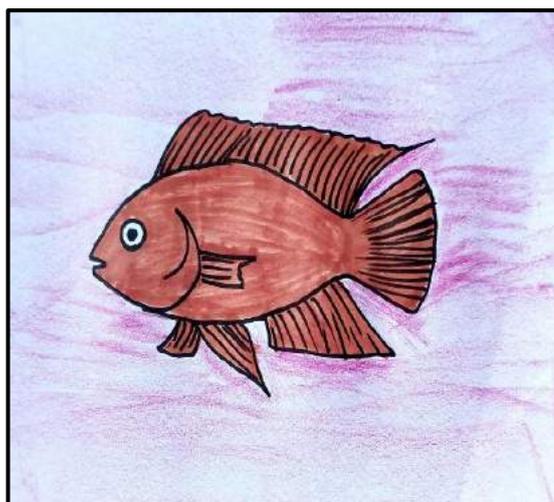
CARÁ-DE-ASA (S.M.)

<MÃYKÛĨ> COBERTO DE ESCAMAS COM TONS DE AMARELO-CLARO E POSSUI DUAS NADADEIRAS QUE SE ASSEMELHA ASAS. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS E OLHOS GRANDES. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <MÃYPESBI> VERU REWÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CARÁ-DE-ASA TEM OLHOS GRANDES.



1.2.5.15.11

MÃYUHU

CARÁ BRANCO (S.M.)

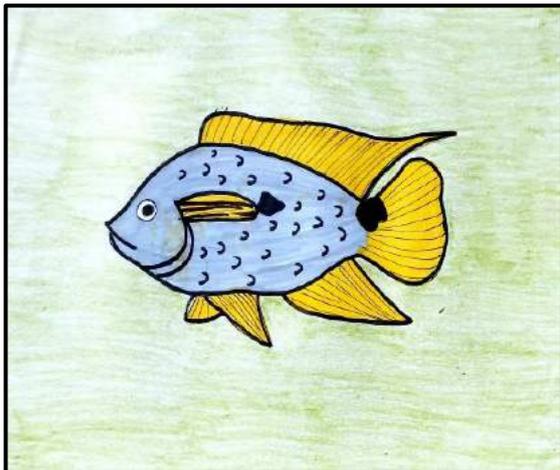
<MÃYKÛĨ> COBERTO DE ESCAMAS BRANCAS E O RABO MAIS ESCURO. POSSUI NADADEIRA GRANDE NAS COSTAS E OLHOS GRANDES. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. É PEGADO COM MANGAS, CANIÇO, TARRAFAS E ARCO E FLECHA. SERVEM DE ALIMENTOS PARA PIRANHA E TRAÍRA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADO NA FOLHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA

PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANÛ <MÃYUHU>
TAKEANÛ ATSAPUTSUBETXA PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER
<CARÁ-BRANCO> MUQUINHADO COM JACUBA?



1.2.5.16

PUTXI

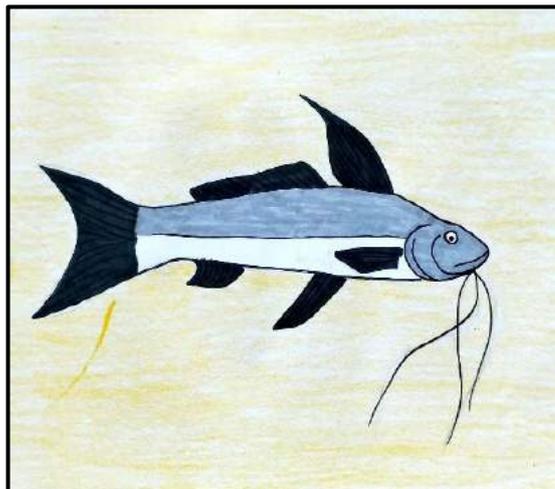
BARBA-CHATA (S.F.)

<PEIXE> COBERTA DE COURO COM TOM BRANCO E BIGODES GRANDES. É CONSIDERADA DE GRANDE PORTE. SÃO ENCONTRADAS NO RIO NOS RASOS DAS PRAIAS E REMANSOS. NAS ENCHENTES APARECEM NOS IGAPÓS. SÃO PEGADAS DE MANGA, TARRAFAS E CANIÇO. SERVE DE ALIMNETO PARA PIRANHAS E BÔTOS. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS, MINHOCAS, BURITI, JUARÍ E LÔDO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MÏPÏNÛKI <PUTXI>?

LÍNGUA PORTUGUESA: QUER COMER
<BARBA-CHATA>.



1.2.5.17

PUTXITSAYA

PINTADINHA (S.M.)

<PEIXE> COBERTA DE COURO BRANCO COM PINTAS PRETAS EM TODO O CORPO. POSSUI CABEÇA QUE SE ASSEMELHA DE UM MANDIM COM DOIS BIGODES. ENCONTRADA NO RIO E LAGOS GRANDES. É PEGADA COM MANGAS, TARRAFA E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA AS PIRANHAS E BÔTOS. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA E TORRADA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <PUTXITSAYA>
KAY PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VOU COMER
<PINTADINHA>



1.2.5.18

RARÃBASI

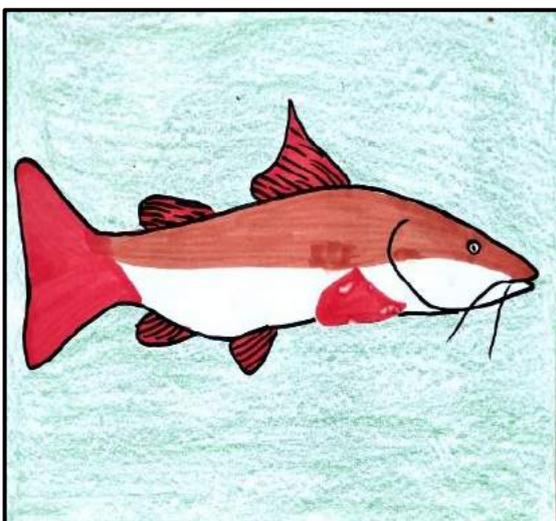
PIRARARA (S.F.)

<PEIXE> DE RIO. SE, COM CORPO COBERTO DE COURO COM TOM AMARELO E PRETO COM DOIS BIGODES NA CABEÇA. É CONSIDERADA DE PORTE GRANDE CHEGANDO A PESAR MAIS DE 20 QUILOS. SUA CABEÇA É CHATA E GRANDE. SERVE DE ALIMENTO PARA O BÔTO, É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA DESFIADA PARA FAZER FAROFA. É PEGADA COM PONTAS DE LINHA E ARRASTÃO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS E FRUTA DE JOARÍ E ARUÁ.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <RARABASI> PÃNÃ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIRARARA> COME AÇAÍ.



1.2.5.19

SÃNĪ

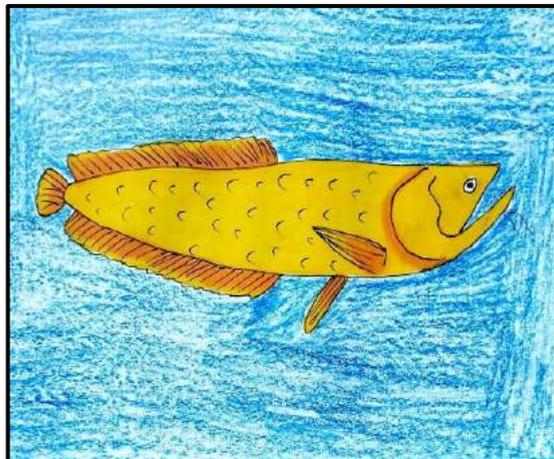
ARUANÃ (S.F.)

<PEIXE> É ENCONTRADA NOS LAGOS. É COBERTA DE ESCAMAS GRANDES COM TOM DE MARORM NAS COSTAS E NAS LATERAIS TOM DE AMARELO. GERALMENTE CARREGAM SEUS FILHOTES NA BOCA. SEUS OVOS SÃO DO TAMANHO DE UMA CAROÇO DE MILHO VERMELHO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABINHAS PEQUENAS. SERVE DE ALIMENTO PARA JACARÉ E BÔTO. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <SÃNĪ> DAYATA DUDUW.

LÍNGUA PORTUGUESA: <ARUANÃ>
TORRADA É SABOROSA.



1.2.5.20

TAPEÃ

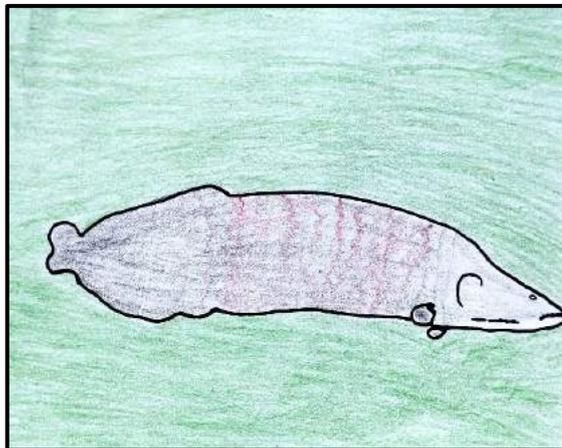
PIRARUCU (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE ESCAMAS GRANDES NOS TONS DE PRETO COM VERMELHO QUE SE ASSEMELHA UMA LIXA DE UNHA. É ENCONTRADO NAS ÁGUAS DO RIO E LAGOS. POSSUI CORPO COMPRIDO ONDE CADA PALMO CONSISTE EM 1 QUILO CHEGANDO A PESAR ATÉ 120 QUILOS. SUA CARNE É DE COR BRANCA. É PEGADO DE ARRASTÃO E COM ARPÃO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA DE FAROFA, COZIDO E FRITO. SE ALIMENTAM DE PEIXES COMO MOCINHA. É CONSIDERADO RARO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TAPEÃ> SIVIBA TXIHI TAXI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PIRARUCU> TEM ESCAMAS PRETAS E VERMELHAS.



1.2.5.21

TARU

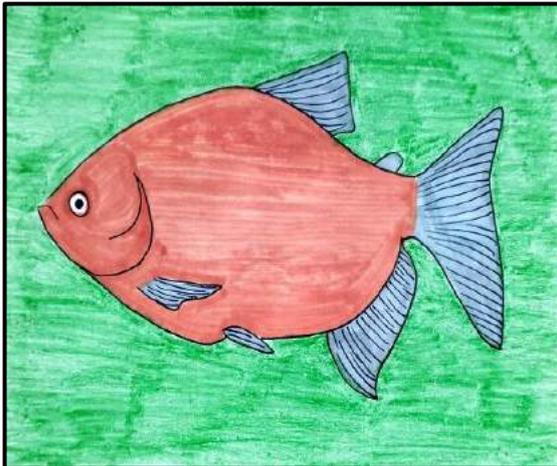
PIRAPITINGA (S.F.)

<PEIXE> É ENCONTRADA NO RIO. COBERTA DE ESCAMAS COM TONS MARROM E AMARELA COM CORPO ARREDONDADO. SE ALIMENTA DE FRUTAS COMO JOARÍ, APUÍ, ATAS, CARANGUEIJO, PEQUENOS PEIXES. É PEGADA COM MANGA. ESPINHEL, TARRAFA E CANIÇO COM ISCAS DE PEIXES. COSTUMAM FLUTUAR NA ÁGUA. SERVE DE ALIMENTO PARA OS BÔTOS. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADA, MUQUINHADA NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KAY <TARU> PITXANÛ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: VOU COMER <PIRAPITINGA> COZIDA.



1.2.5.22.

TARUÃ

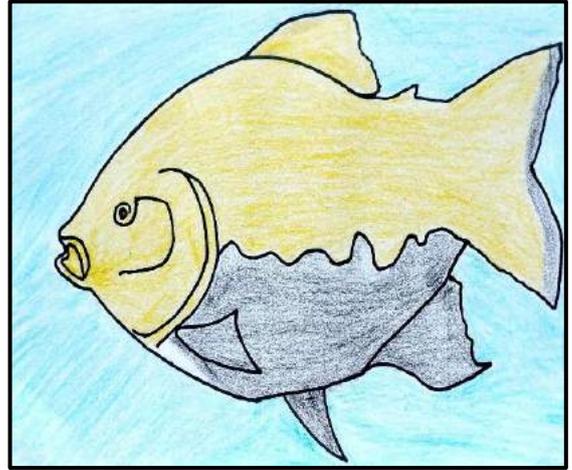
TAMBAQUI (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE ESCAMAS COM TONS DE PRETO E OUTRO COM ESCAMAS AMARELAS. É ENCONTRADO NOS LAGOS, E NOS REMANSOS DE RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS DE SERINGA, JOARÍ, ATAS, RESTOS MORTAIS DE ANIMAIS E PEIXES PEQUENOS. SERVE DE ALIMENTO PARA OS BÔTOS. É PEGADO DE MANGA, TARRAFA E ESPINHEL. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA, ASSADA E FRITO. SERVE DE ALIMENTO PARA BÔTO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TARUÃ> TAWA KUXAPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: MATEI O <TAMBAQUI> DE FLECHA.



1.2.5.23

TAWABA

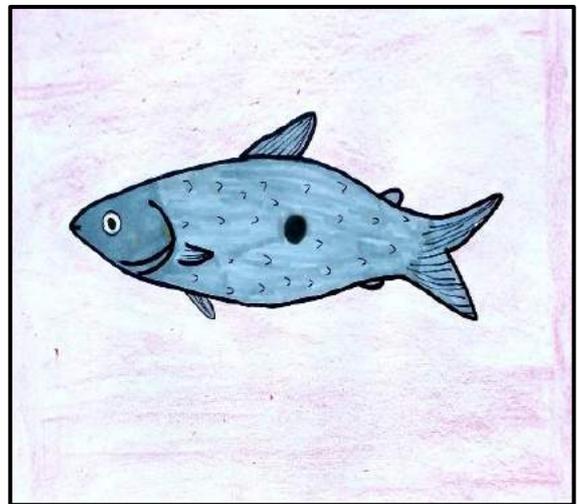
FLECHEIRA (S.F.)

<PEIXE> É COBERTO DE ESCAMAS BRANCAS E DUAS PINTAS PRETAS PERTO DA CABEÇA. SEU CORPO É COMPRIDO E CILINDRO. ANDA EM CARDUMES E HABITA NAS ÁGUAS DO LAGO. É PEGADA COM TARRAFA E MANGAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDO, ASSADO E FRITO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: BAKEKÛÏ <TAWABA> PINÛ

LÍNGUA PORTUGUESA: A PIRANHA COME <FLECHEIRA>



1.2.5.24

TEPUKŪĪ

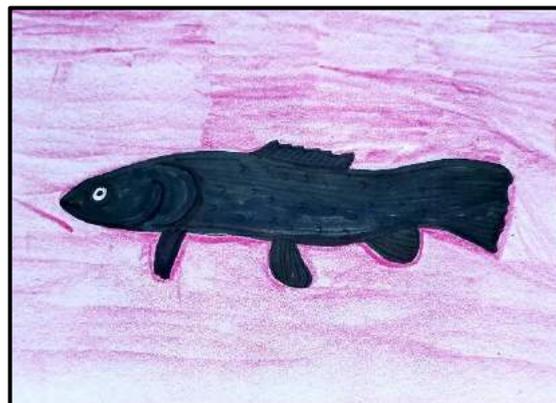
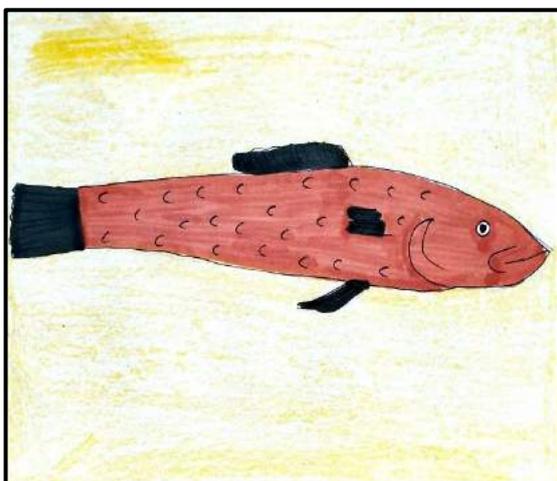
JIJU (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE PRETO, AMARELA E VERMELHA, ENCONTRADO NO RIO, LAGOS, IGAPÓ E IGARAPÉS. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFAS E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA. SE ALIMENTA DE BURITI, GRILO E FRUTAS. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: SIVIBA <TEPUKŪĪ> TURUSU.

LÍNGUA PORTUGUESA: A ESCAMA DO <JIJU> É GROSSA.



1.2.5.24.2

YŪXA

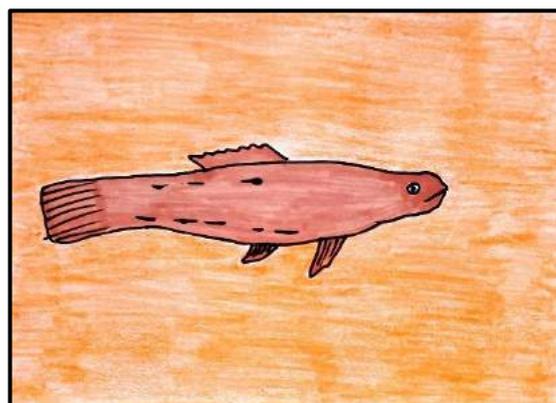
JIJU-LAVRADO (S.M.)

<TEPUKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE PRETO, NAS LATERAIS É NA BARRIGA POSSUI ESCAMAS BRANCAS E AMARELAS. É ENCONTRADO NO RIO, LAGOS, IGAPÓ E IGARAPÉS. SE ALIMENTA DE BURITI, GRILO E FRUTAS. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFAS E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA:<YŪXA> VAKETUA MÃPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JIJU-LAVRADO> COME FRUTAS.



1.2.5.24.1

TEPUTXIHI

JIJU-PRETO

<TEPUKŪĪ> COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE PRETO E A BARRIGA AMARELA É ENCONTRADO NO RIO, LAGOS, IGAPÓ E IGARAPÉS. SE ALIMENTA DE BURITI, GRILO E FRUTAS. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFAS E CANIÇO. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: DAHVA <TEPUTXIHI> PÃXĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A BARRIGA DO <JIJU-PRETO> É AMARELA.

1.2.5.25

TSATSEÃ

AGULHÃO (S.M.)

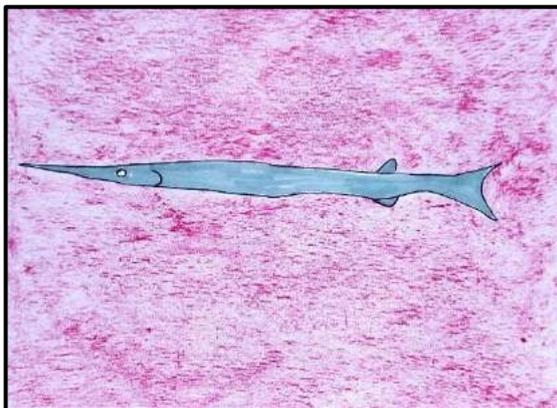
<PEIXE> COBERTO DE ESCAMAS COM TOM DE CINZA-CLARO. SEU CORPO É COMPRIDO E BOCA FINA. É ENCONTRADA NO RIO, LAGOS, IGAPÓS E IGARAPÉ. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E TRAÍRA. É PEGADO COM MANGAS, TARRAFAS E



CANIÇO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA. SE ALIMENTA DE PEQUENS PIABINHAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TSATSEÃ> TXAYPA.
LÍNGUA PORTUGUESA: O <AGULHÃO> É COMPRIDO.



1.2.5.26

TXETXE

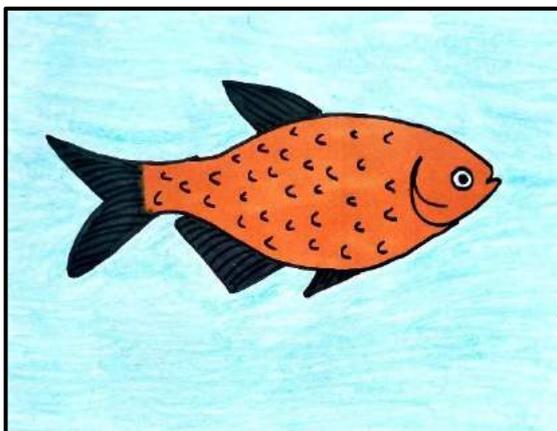
CASCA-GROSSA (S.F.)

<PEIXE> HABITA NOS LAGOS. SUAS ESCAMAS SÃO GROSSA E DURA DE TOM BRANCO. SEU CORPO É CHATO. É PEGADA DE TARRAFA E MANGA. SERVE DE ALIMENTO PARA PIRANHAS, TRAÍRAS, BÔTO, TUCUNARÉ, DENTRE OUTROS. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA, FRITA E MUQUINHADA NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EWËDA VUKÊ NÂDEA <TXETXE>.

LÍNGUA PORTUGUESA: MINHA CESTA ESTÁ CHEIA DE <CASCA-GROSSA.>



1.2.5.27

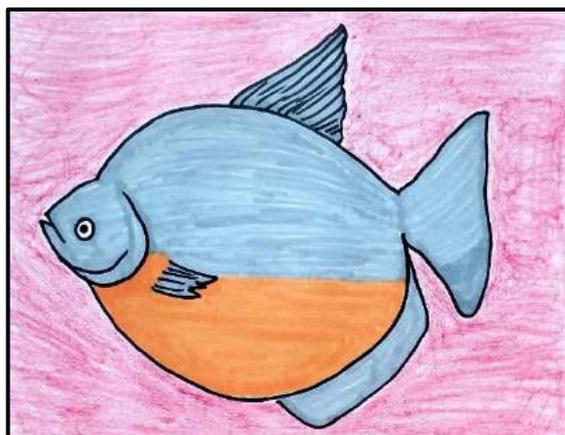
TXIAKŪĪ

PACÚ (S.M.)

<PEIXE> POSSUI CORPO ARREDONDADO E COBERTO DE ESCAMAS MINÚSCULAS COM TONS DE BRANCO E DETALHES ALARANJADO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO APUÍ, GRILOS, MINHOCAS DIVERSOS INSETOS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, RIO E IGARAPÉS. PEGADOS COM MANGA, TARRAFA, CANIÇO E ESPINHEL. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E BÔTO. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, ASSADO NO ESPETO, FRITO E MUQUINHADO NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXIAKŪĪ> SEVIAKI.
LÍNGUA PORTUGUESA: O <PACÚ> É REDONDO.



1.2.5.27.1

TXIABAKE

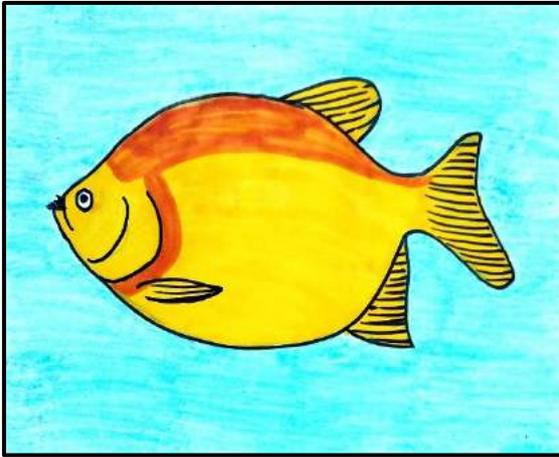
PACÚ-PIRANHA (S.M.)

<TXIAKŪĪ> POSSUI CORPO ARREDONDADO E COBERTO DE ESCAMAS MINÚSCULAS COM TONS DE BRANCO E DETALHES ALARANJADO QUE SE ASSEMELHA UMA PIRANHA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO APUÍ, GRILOS, MINHOCAS DIVERSOS INSETOS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, RIO E IGARAPÉS. PEGADOS COM MANGA, TARRAFA, CANIÇO E ESPINHEL. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E BÔTO. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, ASSADO NO ESPETO, FRITO E MUQUINHADO NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:



LÍNGUA PUYANAWA: KAY VIXÍDA
<TXIABAKE> BISKITI.
LÍNGUA PORTUGUESA: VOU PEGAR <PACÚ-
PIRANHA> DE ANZOL.



1.2.5.27.2

TXIABIPI

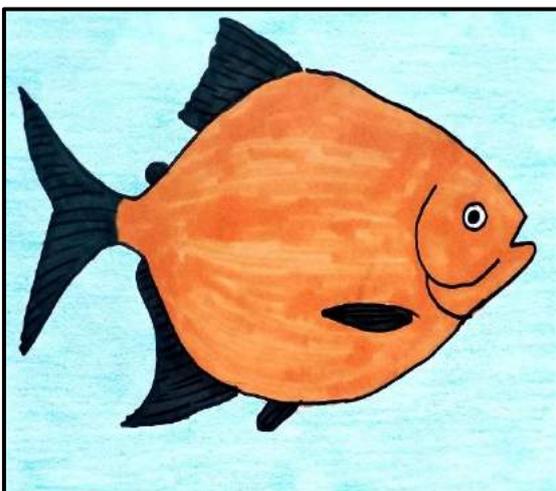
PACÚ BEIRA-FINA (S.M.)

<TXIAKÛÏ> POSSUI CORPO ARREDONDADO E COBERTO DE ESCAMAS MINÚSCULAS COM TONS DE BRANCO E DETALHES ALARANJADO NA CABEÇA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO APUÍ, GRILOS, MINHOCAS DIVERSOS INSETOS. SÃO ENCONTRADOS NO RIO E IGARAPÉS. PEGADOS COM MANGA, TARRAFA, CANIÇO E ESPINHEL. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E BÔTO. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, ASSADO NO ESPETO, FRITO E MUQUINHADO NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANÛ <TXIABIPI> YÁ VIXÍDA.

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS PEGAR <PACÚ BEIRA-FINA> NO IGAPÓ?



1.2.5.27.3

TXIAHU

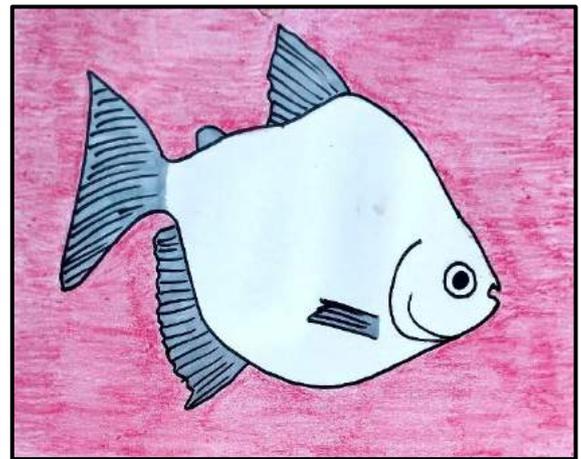
PACÚ BRANCO (S.M.)

<TXIAKÛÏ> POSSUI CORPO ARREDONDADO E COBERTO DE ESCAMAS MINÚSCULAS COM TONS DE BRANCO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO APUÍ, GRILOS, MINHOCAS DIVERSOS INSETOS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, RIO E IGARAPÉS. PEGADOS COM MANGA, TARRAFA, CANIÇO E ESPINHEL. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E BÔTO. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, ASSADO NO ESPETO, FRITO E MUQUINHADO NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA NÃTÃ <TXIAHU> TAKEANÛ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU QUERO COMER <PACÚ BRANCO> MUQUINHADO.



1.2.5.27.4

TXIAPÍ

PACÚ MAFURÁ (S.M.)

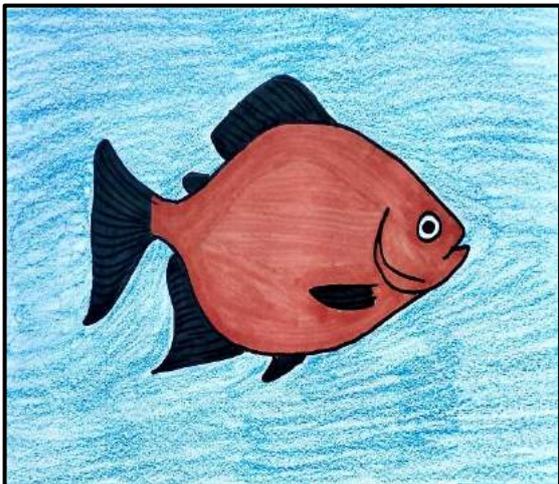
<TXIAKÛÏ> POSSUI CORPO ARREDONDADO E COBERTO DE ESCAMAS MINÚSCULAS COM TONS DE BRANCO E A ABA DA BARRIGA É GRANDE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO APUÍ, GRILOS, MINHOCAS DIVERSOS INSETOS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, RIO E IGARAPÉS. PEGADOS COM MANGA, TARRAFA, CANIÇO E ESPINHEL. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E BÔTO. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, ASSADO NO ESPETO, FRITO E MUQUINHADO NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:



LÍNGUA PUYANAWA: MANÛ <TXIAPĨ>
DAYATA PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER
<PACÚ MAFURÁ> FRITO.



1.2.5.27.5

TXIAVUSTUPI

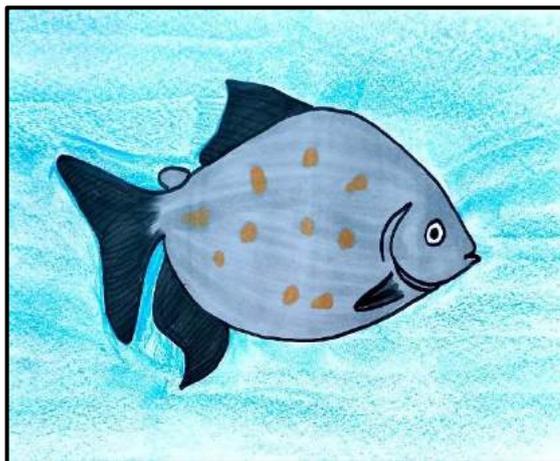
PACÚ FERRUGEM (S.M.)

<TXIAKÛĨ> POSSUI CORPO ARREDONDADO E COBERTO DE ESCAMAS MINÚSCULAS COM TONS DE BRANCO E DETALHES LARANJA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTAS COMO APUI, GRILOS, MINHOCAS DIVERSOS INSETOS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, RIO E IGARAPÉS. PEGADOS COM MANGA, TARRAFA, CANIÇO E ESPINHEL. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E BÔTO. É DEGUSTADA NA FORMA COZIDA, ASSADO NO ESPETO, FRITO E MUQUINHADO NA FOLHA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VISIBA
<TXIAVUSTUPI> UHU WARETEYKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: AS ESCAMAS DO
<PACÚ FERRUGEM> SÃO BRANCAS E LARANJA.



1.2.5.28

TXÛKAHE

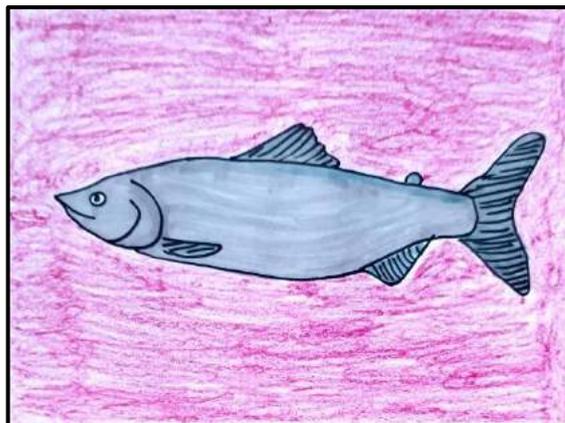
MADALENA (S.F.)

<PEIXE> ENCONTRADA NO RIO, LAGOS, IGARAPÉS E IGAPÓS. POSSUI ESCAMAS BRANCAS COM DUAS PINTAS PRETAS ATRÁS DA CABEÇA. SEU CORPO É CHATO E POSSUI DENTES GRANDES. SUA ALIMENTAÇÃO É A BASE DE PIABAS, FRUTAS E INSETOS. SERVE DE ALIMENTO PARA AS PIRANHAS, TRAÍRAS E BÔTOS. SÃO PEGADAS DE MANGA, TARRAFA E CANIÇO. É DEGUSTADA PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXÛKAHE> KEHA REWÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <MADALENA>
TEM DENTES GRANDES.



1.2.5.29

VAKEBA

FILHOTE (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE COURO BRANCO. POSSUI CABEÇA GRANDE, CORPO

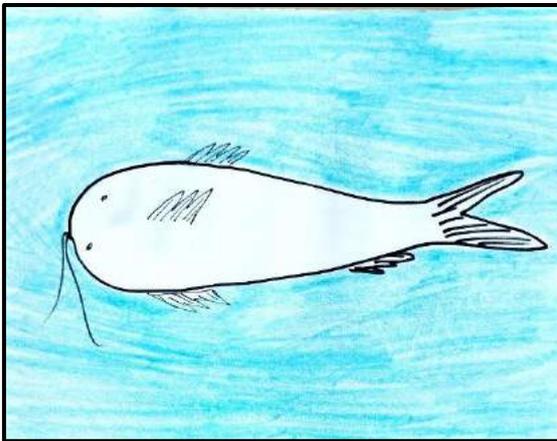


COMPRIDO E GROSSO. SÃO ENCONTRADOS NO RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA MOCINHA, FLECHEIRA, CASCA GROSSA E PIABAS DURANTE A NOITE. SERVE DE ALIMENTO PARA O BÔTO. É PEGADO COM PONTA DE LINHA GRANDE E REIDE. CHEGAM A PESAR MAIS DE 70 QUILOS. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VAKEBA>
YASTUKŪĨ MĂPIKI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <FILHOTE> COME PIABA.



1.2.5.30

VATŪKŪĨ

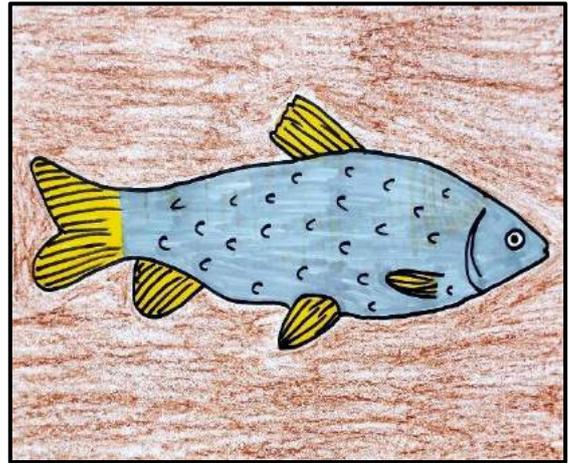
PIAU

<PEIXE> COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE BRANCO, PRETO E VERMELHO COM ABAS PRETAS E VERMELHAS. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, IGARAPÉS E RIO. É PEGADO DE CANIÇO, MANGA E TARRAFAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, LONTRAS E JACARÉ. SE ALIMENTA DE FRUTAS, BURITI, JOARÍ, GRILO E OUTROS INSETOS, SUA CARNE É BRANCA E GORDUROSA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADO ESPETO, MUQUINHADO NA FOLHA SE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VATŪKŪĨ> HUYANŪ DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: <PIAU> ASSADO É GOSTOSO.



1.2.5.30.1

VATŪ BEHKU

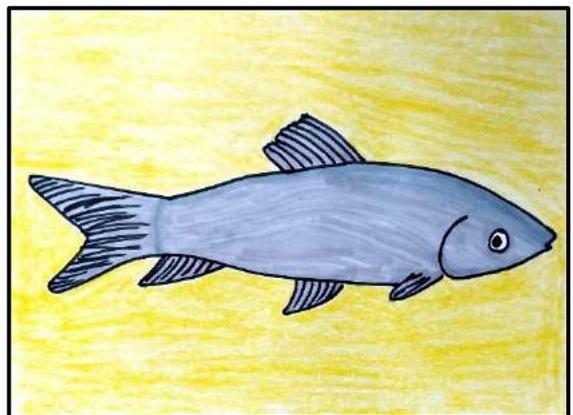
PIAU TRAÍRA (S.M.)

<VATŪKŪĨ> É COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE ESCAMAS MARROM-ESCURO COM O CORPO COMPRIDO E A CABEÇA SE ASSEMELHA DE UMA TRAÍRA. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, IGARAPÉS E RIO. É PEGADO DE CANIÇO, MANGA E TARRAFAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, LONTRAS E JACARÉ. SE ALIMENTA DE FRUTAS, BURITI, JOARÍ, GRILO E OUTROS INSETOS, SUA CARNE É BRANCA E GORDUROSA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADO ESPETO, MUQUINHADO NA FOLHA SE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VATŪBEHKU>
DAYATA ATSA DUDUW

LÍNGUA PORTUGUESA: <PIAU-TRAÍRA>
FRITO COM MANDIOCA É SABOROSO.



1.2.5.30.2

VATÛBISTI

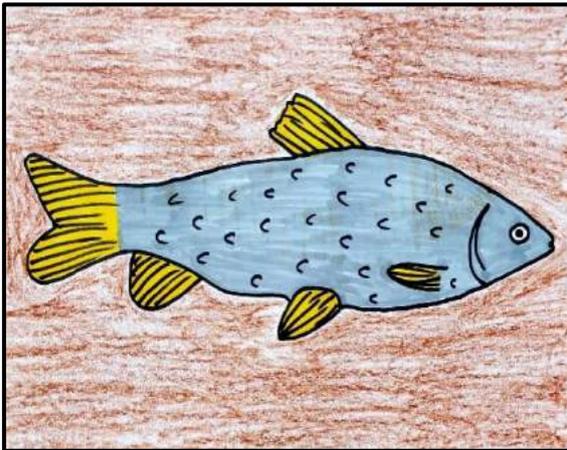
PIAU VERDADEIRO (S.M.)

<VATÛKÛÏ> COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE ESCAMAS MARROM-ESCURO COM O CORPO CURTO GROSSO COM PINTAS PRETAS E A BARRIGA BRANCA. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, IGARAPÉS E RIO. É PEGADO DE CANIÇO, MANGA E TARRAFAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, LONTRAS E JACARÉ. SE ALIMENTA DE FRUTAS, BURITI, JOARÍ, GRILO E OUTROS INSETOS, SUA CARNE É BRANCA E GORDUROSA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADO ESPETO, MUQUINHADO NA FOLHA SE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: BAPUA EWEA VATÛBISTI PITXANÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: NA PANELA TEM <PIAU VERDADEIRO> COZIDO.



1.2.5.30.3

VATÛDEWBÃ

PIAU-DE-BARRANCO (S.M.)

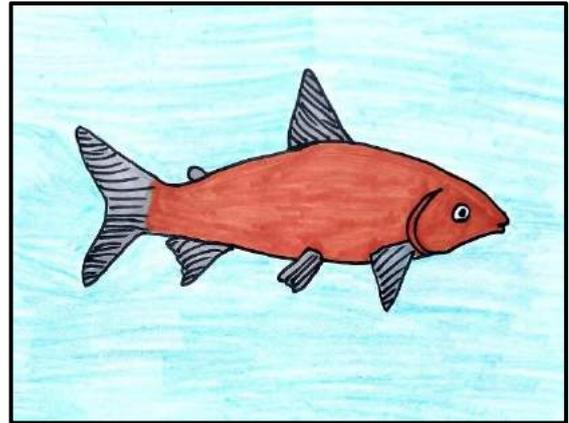
<VATÛKÛÏ> COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE ESCAMAS MARROM-CLARO QUASE AVERMELHADO COM O CORPO COMPRIDO. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, IGARAPÉS NOS BARRANCOS E RIO. É PEGADO DE CANIÇO, MANGA E TARRAFAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, LONTRAS E JACARÉ. SE ALIMENTA DE FRUTAS, BURITI, JOARÍ, GRILO E OUTROS INSETOS, SUA CARNE É BRANCA E GORDUROSA. É DEGUSTADO

PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADO ESPETO, MUQUINHADO NA FOLHA SE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VATÛDEWBÃ> TAKEANÛ PEY, DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: O PIAU-DE-BARRANCO MUQUINHADO NA FOLHA, É GOSTOSO.



1.2.5.30.4

VATÛHUKU

PIAU CUBIU (S.M.)

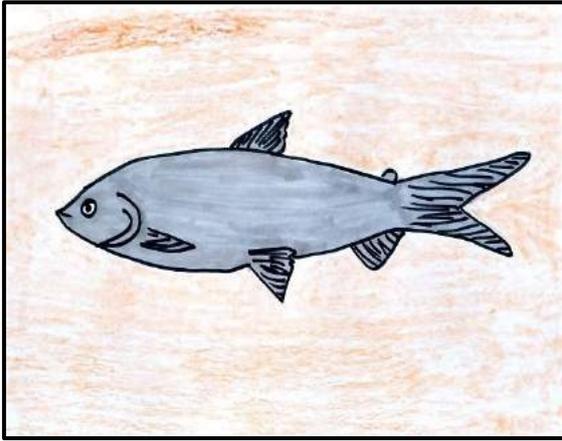
<VATÛKÛÏ> COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS DE ESCAMAS MARROM-ESCURO DIFÍCIL SE SEREM ESCAMAS. A CARNE É DURA E GORDUROSA. SUAS NADADEIRAS SÃO VERMELHAS COM O CORPO COMPRIDO. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, IGARAPÉS E RIO. É PEGADO DE CANIÇO, MANGA E TARRAFAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, LONTRAS E JACARÉ. SE ALIMENTA DE FRUTAS, BURITI, JOARÍ, GRILO E OUTROS INSETOS, SUA CARNE É BRANCA E GORDUROSA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADO ESPETO, MUQUINHADO NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VATÛHUKU> SIVIBA VATXÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PIAU CUBIU> TEM ESCAMAS DURA.





1.2.5.30.5

VATÛTSITSAYA

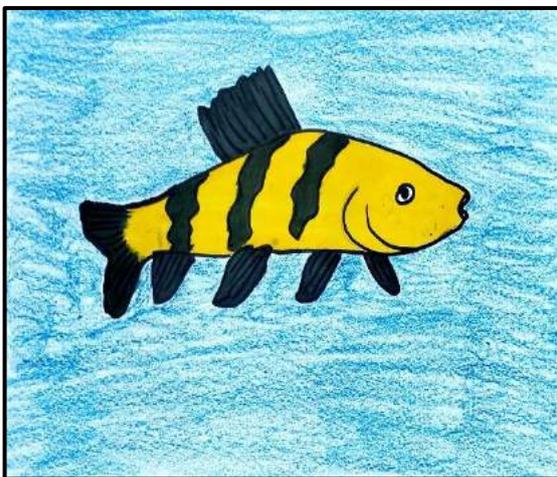
PIAU LAVRADO (S.M.)

<VATÛKÛÏ> É COBERTO DE ESCAMAS GROSSAS COM TONS PRETO E BRANCO DEIXANDO LAVRADO. SEU CORPO É COMPRIDO, CONSIDERADO O MAIOR PIAU. SÃO ENCONTRADOS EM LAGOS, IGAPÓ, IGARAPÉS E RIO. É PEGADO DE CANIÇO, MANGA E TARRAFAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, LONTRAS E JACARÉ. SE ALIMENTA DE FRUTAS, BURITI, JOARÍ, GRILO E OUTROS INSETOS, SUA CARNE É BRANCA E GORDUROSA. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA, ASSADO ESPETO, MUQUINHADO NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VATÛTSITSAYA> REWÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <PIAU LAVRADO> É GRANDE.



1.2.5.31

VURUKÛÏ

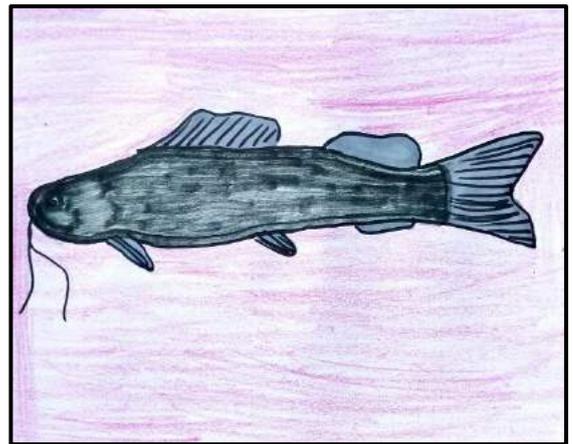
MANDIM (S.M.)

<PEIXE> POSSUI CORPO COBERTO DE COURO COM TONALIDADES BRANCAS, MARROM, PRETO E AMARELO. POSSUI ESPORÃO DURO NAS LATERAIS E NAS COSTAS E DOIS BIGODES. SÃO ENCONTRADOS NOS LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS, INSETOS, BURITI E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E TRAÍRA. É PEGADO COM ESPINHEL, MANGAS, TARRAFAS, LINHA E CANIÇO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VURUKÛÏ> YASTUPÃXÏ PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MANDIM> COME A PIABA LOIRA.



1.2.5.31.1

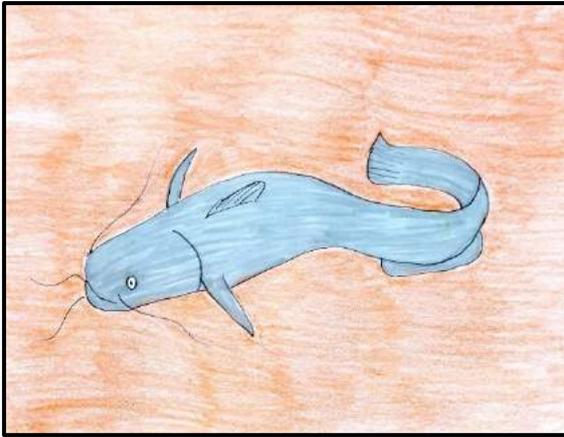
IXI

MANDIM MOLE (S.M.)

<VURUKÛÏ> POSSUI CORPO COBERTO DE COURO COM TONALIDADES BRANCAS QUASE TRANSPARENTE. POSSUI ESPORÃO DURO NAS LATERAIS E NAS COSTAS E DOIS BIGODES. SÃO ENCONTRADOS NOS LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS, INSETOS, BURITI E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E TRAÍRA. É PEGADO COM ESPINHEL, MANGAS, TARRAFAS, LINHA E CANIÇO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <IXI> UHU.
LÍNGUA PORTUGUESA: O MANDIM MOLE É BRANCO.



1.2.5.31.2

TUNŪ

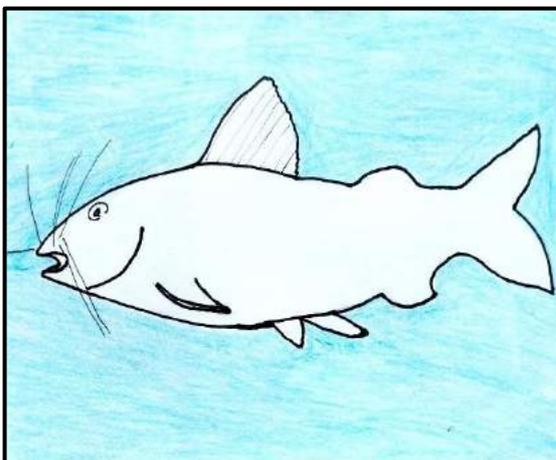
MANDIM JURUÁ (S.M.)

<VURUKŪĪ> POSSUI CORPO COBERTO DE COURO COM TONALIDADE BRANCO E ESPESSURA GROSSO COM DOIS BIGODES. POSSUI ESPORÃO DURO NAS LATERAIS E NAS COSTAS. SÃO ENCONTRADOS NOS LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS, INSETOS, BURITI E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E TRAÍRA. É PEGADO COM ESPINHEL, MANGAS, TARRAFAS, LINHA E CANIÇO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TUNŪ> DAYATA YUSU DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: <MANDIM JURUÁ> FRITO COM FEIJÃO É GOSTOSO.



1.2.5.31.3

VURUHAKA

MANDIM TORA (S.M.)

<VURUKŪĪ> POSSUI CORPO COBERTO DE COURO COM TOM DE MARROM COM LISTRAS AMARELAS. POSSUI ESPORÃO DURO NAS LATERAIS E NAS COSTAS E POSSUI DOIS BIGODES. SÃO ENCONTRADOS NOS IGARAPÉS E NO RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS, INSETOS, BURITI E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E TRAÍRA. É PEGADO COM ESPINHEL, MANGAS, TARRAFAS, LINHA E CANIÇO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VURUHAKA> YASTUBISTĪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MANDIM TORA> COME PIABA PEQUENA.



1.2.5.31.4

VURUHU

MANDIM BRANCO (S.M.)

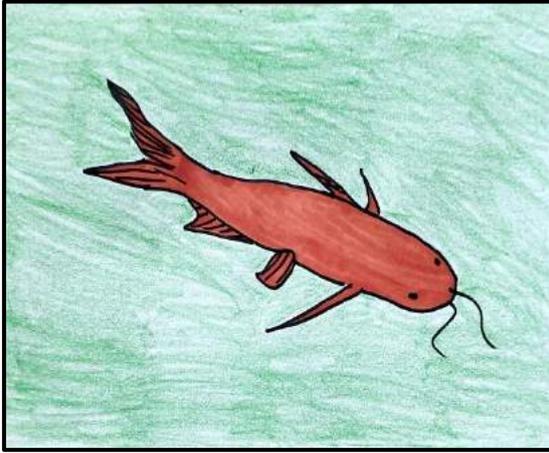
<VURUKŪĪ> POSSUI ESPORÃO DURO NAS LATERAIS E NAS COSTAS. SEU CORPO É COBERTO DE COURO BRANCO E ESPESSURA MOLE. É ENCONTRADO NOS LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS, INSETOS, BURITI E FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA E TRAÍRA. É PEGADO COM ESPINHEL, MANGAS, TARRAFAS, LINHA E CANIÇO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:



LÍNGUA PUYANAWA: <VURUHU> TAKEANÛ
ATSAPUTU DUDUW.

LÍNGUA PORTUGUESA:<MANDIM BRANCO>
MUQUINHADO COM FARINHA É SABOROSO.



1.2.5.31.5

VURUPUYA

MANDIM SAPO (S.M.)

<VURUKÛÏ> POSSUI ESPORÃO DURO NAS
LATERAIS E NAS COSTAS. SEU CORPO É
COBERTO DE COURO PRETO E ESPESSURA
MOLE, SENDO ACHATADO E CURTO QUE SE
ASSEMELHA COM UM SAPO. É
ENCONTRADO NOS LAGOS, IGARAPÉS,
IGAPÓ E RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É
VOLTADA PARA PIABAS, INSETOS, BURITI E
FRUTAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A
PIRANHA E TRAÍRA. É PEGADO COM
ESPINHEL, MANGAS, TARRAFAS, LINHA E
CANIÇO. É DEGUSTADO PELO HOMEM NA
FORMA COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <VURUPUYA> TXIHI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <MANDIM SAPO>
É PRETO.



1.2.5.31.6

VURUYUKU

MANDIM PRETO (S.M.)

<VURUKÛÏ> POSSUI ESPORÃO DURO NAS
LATERAIS E NAS COSTAS. SEU CORPO É
COBERTO DE COURO PRETO COM A BARBA
BRANCA. APRESENTA ESPESSURA MOLE
ALÉM DE SER COMPRIDO. É ENCONTRADO
NOS LAGOS, IGARAPÉS, IGAPÓ E RIO. SUA
ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PIABAS,
INSETOS, BURITI E FRUTAS. SERVE DE
ALIMENTO PARA A PIRANHA E TRAÍRA. É
PEGADO COM ESPINHEL, MANGAS,
TARRAFAS, LINHA E CANIÇO. É
DEGUSTADO PELO HOMEM NA FORMA
COZIDA, ASSADA E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: VAKEVU MANÛ
<VURUYUHU> HUYANÛ ATSAPUTSUBETXA
PINÛ?

LÍNGUA PORTUGUESA: MENINO, VAMOS
COMER MANDIM PRETO ASSADO COM
JACUBA?



1.2.5.32

VUYMĀWĀ

MATRINCHAN (S.F.)

<PEIXE> SEU CORPO É COBERTO DE
ESCAMAS GROSSAS COM TONALIDADE
BRANCA E APRESENTAM DOIS TAMANHOS:
GRANDE E PEQUENA SENDO COMPRIDA.
SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA
FRUTAS COMO: SERINGA, CARRAPATINHA,
ATA E INSETOS. SERVE DE ALIMENTO PARA
O BÔTO, JACARÉ E TRAÍRA. SEU HABITAT É
NOS IGARAPÉS EM ÁGUAS TOLDADAS, NOS
LAGOS E IGAPÓS. É DEGUSTADA PELO O
HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E

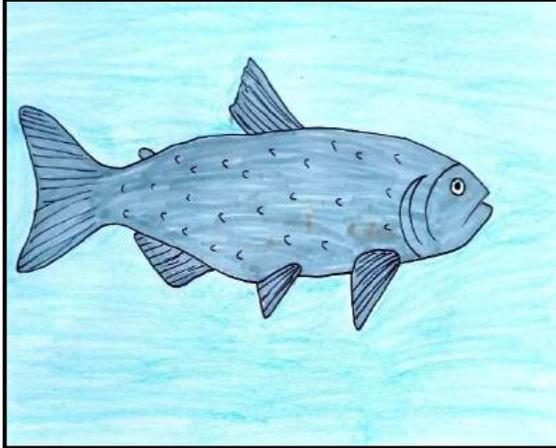


ASSADA. É PEGADA COM MANGAS, TARRAFAS E ESPINHEL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: KAPE VUYMÃWÃ PIPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: O JACARÉ COMEU A MATRINCHAM.



1.2.5.33

VUYWÃ

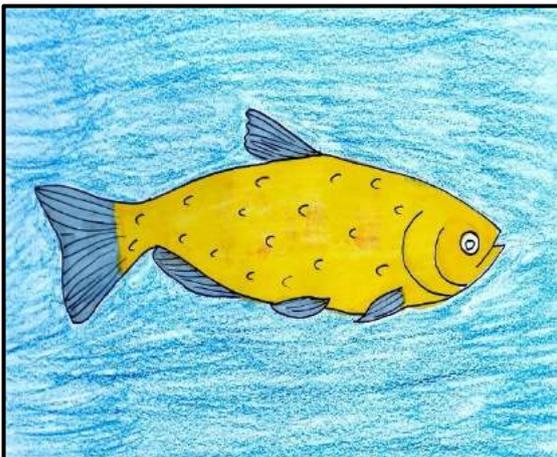
CURIMATAN (S.F.)

<PEIXE> É COBERTA DE ESCAMAS GROSSAS COM TOM DE BRANCO. APRESENTA UM FORMATO COMPRIDO. É ENCONTRADA EM LAGOS E RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA LÔDOS E LARVAS. SERVE DE ALIMENTO PARA A PIRANHA, JACARÉ E TRAÍRA. SEU HABITAT SÃO OS LAGOS. É PEGADA COM MANGAS E TARRAFAS. DEGUSTADA PELO O HOMEM NA FORMA COZIDA, FRITA E ASSADA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: DAKIA <VUYWÃ> SEPATE KUXAPAWTI.

LÍNGUA PORTUGUESA: MATEI QUATRO <CURIMATAN> DE TEÇADO.



1.2.5.34

WAVÛĨ

SURUBIM (S.M.)

<PEIXE> COBERTO DE COURO COM TOM MARROM-CLARO E LISTRAS BRANCAS. APRESENTA CORPO COMPRIDO E CILINDRO. SÃO ENCONTRADOS NO RIO E LAGOS GRANDES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEIXES PEQUENOS, FRUTAS E INSETOS. SERVE DE ALIMENTO PARA O JACARÉ, PIRANHA E BÔTO. É PEGADA COM TARRAFA, MANGAS, ESPINHEL E CANIÇO. É DEGUSTADO NA FORMA COZIDA, FRITO E ASSADO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MĨ <WAVÛĨ> BAPU VIA?

LÍNGUA PORTUGUESA: VOCÊ VIU O SURUBIM NA PANELA?



1.2.5.35

YASTUKÛĨ

PIABA (S.F.)

<PEIXE> É COBERTO DE ESCAMAS DE COR PRATEADA, BRANCA, VERMELHAS, PRETAS E AMARELAS. POSSUIM CORPO ALONGADO, FINO E REDONDO COM E SEM MANCHAS E CHEGAM A MEDIR ATÉ 10 CENTÍMETROS. APRESENTAM 7 NADADEIRAS E VIVEM EM CARDUMES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA MINHOCAS, GRILOS, BARATAS, RESTOS DE ALIMENTOS, FRUTINHAS, SEMENTES E LÔDO. É PEGADA COM CANIÇO, MANGAS E TARRAFAS. HABITAM NAS LAGOAS, RIO, IGAPÓ E IGARAPÉS. SERVEM DE ALIMENTOS PARA OS PEIXES MAIORES COMO: OLAIAS, TUCUNARÉ, PIRANHAS, JACARÉ DENTRE OUTROS. É PEGADA COM CANIÇO, MANGAS

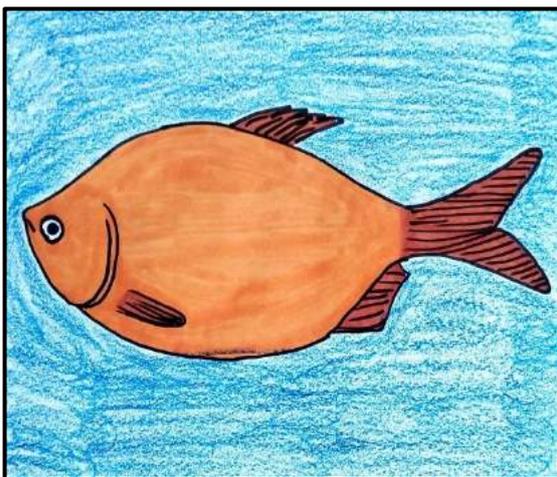


E TARRAFAS. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <YASTUKŨĨ>
DAYATA HATXI DUE.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIABA> FRITA COM ARROZ É GOSTOSA.



1.2.5.35.1

ÃDEBURUXI

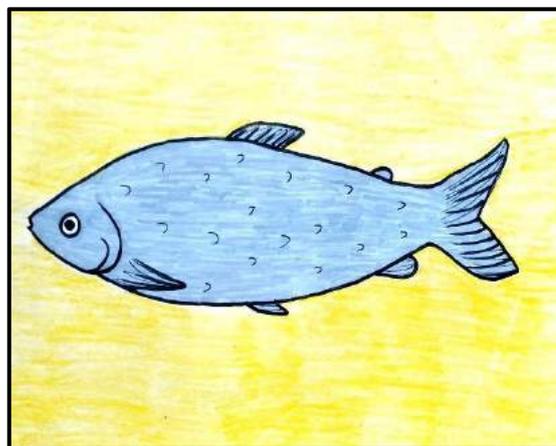
PIABA REIS (S.F.)

<YASTUKŨĨ> COBERTA DE ESCAMAS AMARELO-CREME COM O RABO PRETO. É ENCONTRADA NOS IGARAPÉS, LAGOS E IGAPÓS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ÃDEBURUXI>
SEATAKŨĨ PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIABA REIS> COME MINHOCA.



1.2.5.35.2

ĪBISÃÑĪ

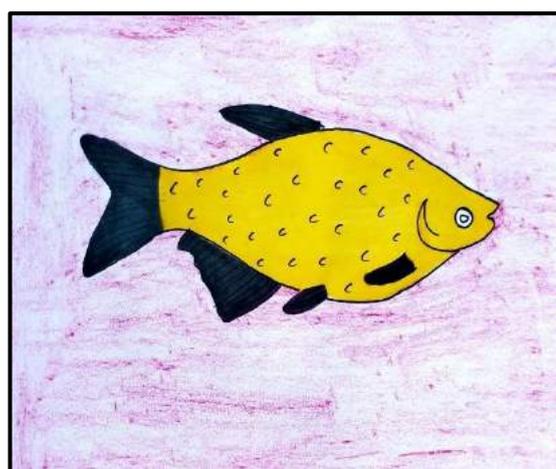
PIABA OLHO-DE-VIDRO (S.F.)

<YASTUKŨĨ> COBERTA DE ESCAMAS BRANCAS. SEUS OLHOS SÃO BRILHANTES E TRANSPARENTES. É ENCONTRADA NOS IGARAPÉS, LAGOS E IGAPÓS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĪBISÃÑĪ> TXAPEKŨĨ
PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIABA OLHO-DE-VIDRO> COME MUTUCA.



1.2.5.35.3

KUMAHAKA

PIABA CHATA (S.F.)

<YASTUKŨĨ> QUE APRESENTA UMA DAS MENORES DE TODAS AS PIABAS. SEU

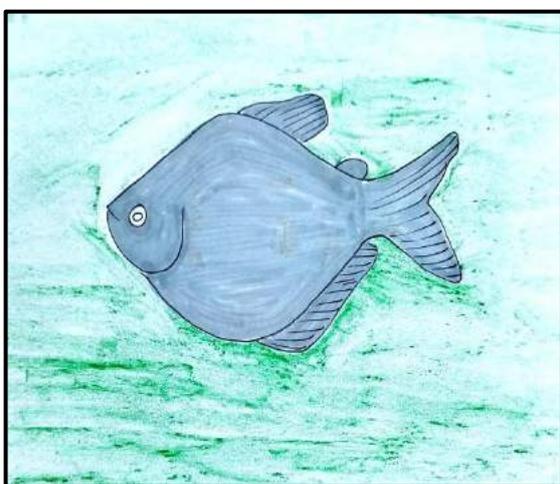
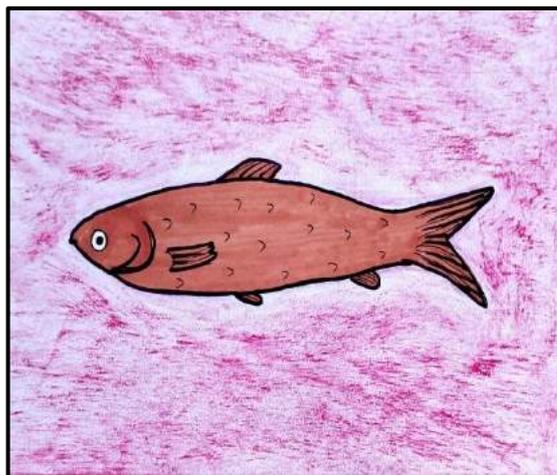


CORPO É REDONDO E FINO COM ESCAMAS BRANCAS E BRILHANTES. É ENCONTRADA NOS IGARAPÉS, LAGOS E IGAPÓS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MÁHÃ <KUMAHAKA> PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O TUCUNARÉ COME <PIABA CHATA>.



1.2.5.35.4

TETEWA

PIABA CASCUADA (S.F.)

<YASTUKÛÏ> QUE POSSUI ESCAMAS GROSSAS E DURAS DIFÍCIL DE SER ESCAMADAS. É ENCONTRADA NOS IGARAPÉS, LAGOS E IGAPÓS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: NĀBI TETEWA VATXÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A CARNE DA <PIABA CASCA-DURA É DURA.

1.2.5.35.5

TXAWA

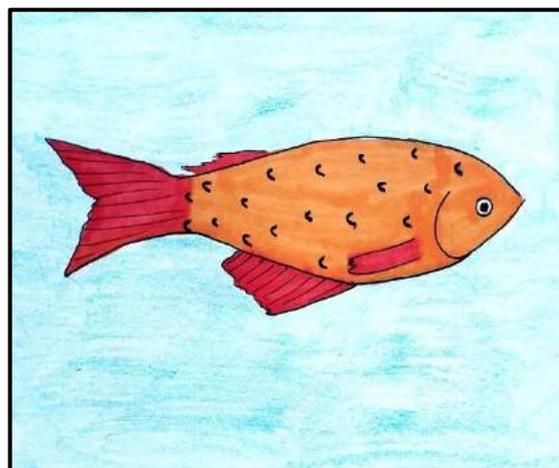
PIABA CHAUÁ (S.F.)

<YASTUKÛÏ> ENCONTRADA NOS IGARAPÉS, LAGOS E IGAPÓS. SUAS ESCAMAS SÃO BRANCAS BRILHANTES COM UMA MANCHA PRETA NO RABO E DEPOIS DA CABEÇA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <TXAWA> TAKEANÛ PEY DUDUW.

LÍNGUA PORTUGUESA: <PIABA CHAUÁ> MUQUINHADA NA FOLHA É SABOROSA.



1.2.5.35.7

YASTUBISTĪ

PIABA PEQUENA

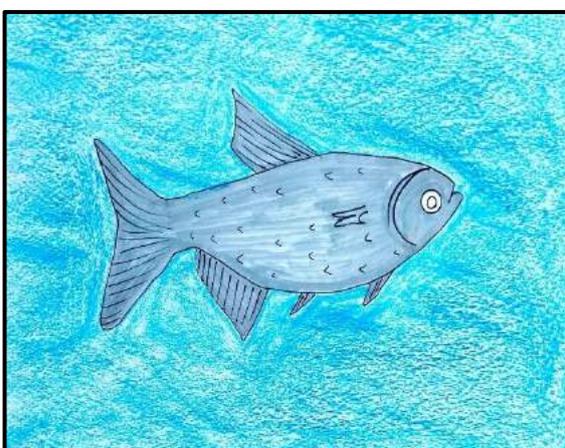
<YASTUKÛÏ> COBERTA DE ESCAMAS BRANCAS E BRILHANTES. SEU CORPO É

ALONGADO E PEQUENO. AO SER PESCADA, LOGO MORRE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <AXPAKŨĨ>
YASTUBISTĨ PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A OLAIA COME A
<PIABA PEQUENA>



1.2.5.35.8

YASTUHA

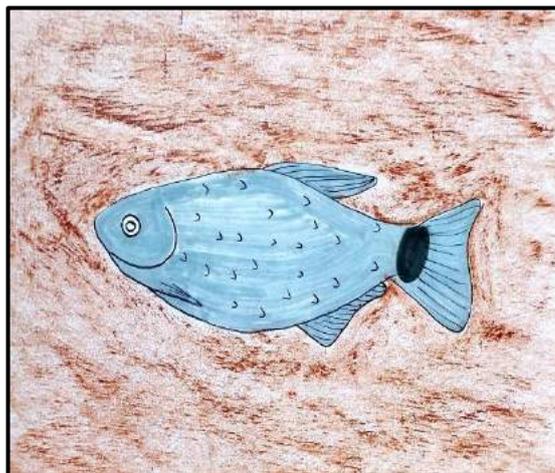
PIABA MATAPIRI (S.F.)

<YASTUKŨĨ> COBERTA DE ESCAMAS BRANCAS E BRILHANTES COM RABO E NADADEIRAS EM TOM LARANJA-CLARO. APRESENTAM NAS SUAS ESCAMAS CHEIRO FORTE. SEU CORPO É ALONGADO E PEQUENO. AO SER PESCADA, LOGO MORRE. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <YASTUHA> PISI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <PIABA MATAPIRI> FEDE.



1.2.5.35.9

YASTUPĂXĨ

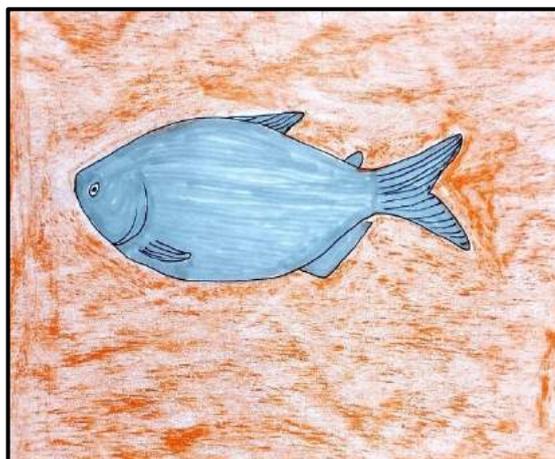
PIABA LOURA

<YASTUKŨĨ> UMA DAS MELHORES PIABAS POR APRESENTAR UM SABOR DELICIOSO. SUA CARNE É GOSDUROSA E MACIA. SUAS ESCAMAS SÃO BRANCAS E BRILHANTES COM ABAS EM TOM VERMELHO-CLARO E DE PORTE MÉDIO. É ENCONTRADA NOS IGARAPÉS, LAGOS E IGAPÓS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA INSETOS, FRUTINHAS E MINHOCAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHA, OLAIA, TUCUNARÉ. É DEGUSTADA NA FORMA: COZIDA, FRITA, ASSADA NO ESPETO E MUQUINHADA NA FOLHA DE SOROROCA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: MANŨ YASTUPĂXĨ
PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: VAMOS COMER
<PIABA LOURA>?



1.2.5.36

YÛBAHÛ

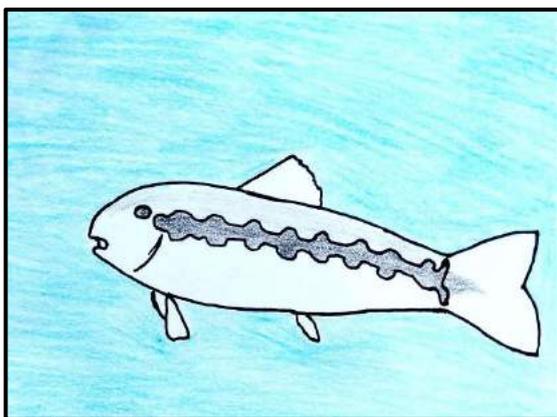
MOCINHA (S.F.)

<PEIXE> COBERTA DE ESCAMAS BRANCAS E PEQUENAS E APRESENTA O CORPO ALONGADO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA FRUTINHAS, INSETOS, LÔDO E LARVAS. SERVE DE ALIMENTO PARA TRAÍRA, PIRANHAS, BÔTO E TODOS OS PEIXES GRANDES. SÃO ENCONTRADAS NOS LAGOS. É PEGADAS COM MANGAS E TARRAFAS. É CONSUMIDA NA FORMA COZIDA, ASSADA NA FOLHA E NO ESPETO E FRITA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: YÛHÃ, YÛBAHÛ
PITXANÛ NÃTÃ.

LÍNGUA PORTUGUESA: MENINA, QUERO MOCINHA COZIDA.



1.2.6.1

HAVUKÛÏ

CALANGO (S.M.)

<RÉPTIL> POSSUI CORPO ALONGADO COM CAUDA LONGA, COBERTO DE PELE ESCAMOSA, DURA E COM CORES DIVERSIFICADA. COSTUMA SE ESCONDER EM BURACOS; QUANDO SÃO CAPTURADOS APARENTAM ESTÁ MORTO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA BESOUROS E PEQUENOS INSETOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HAVUKÛÏ> PÛNÛKÛÏ
PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CALANGO>
COME BESOURO.



1.2.6.1.1

HAVU

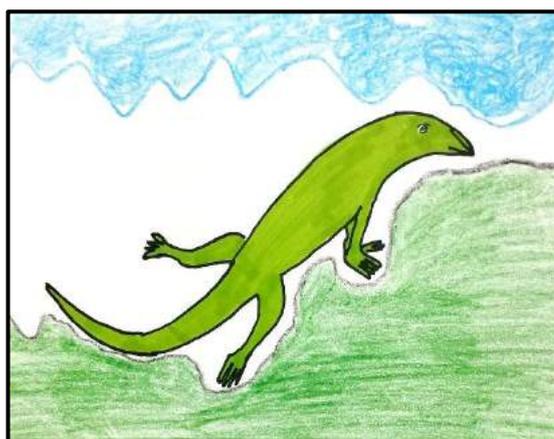
CALANGO-VERDE (S.M.)

<HAVUKÛÏ> POSSUI CORPO ALONGADO COM CAUDA LONGA, COBERTO DE PELE ESCAMOSA, DURA E COM TONS DE VERDES. COSTUMA SE ESCONDER EM BURACOS; QUANDO SÃO CAPTURADOS APARENTAM ESTÁ MORTO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA BESOUROS E PEQUENOS INSETOS. SERVE DE ALIMENTO PARA O QUATI.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: XIXIKÛÏ <HAVU>
PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O QUATI COME
<CALANGO VERDE>



1.2.6.1.2

VUSÃKARA

CALANGO-PRETO (S.M.)

<HAVUKÛÏ> POSSUI CORPO ALONGADO COM CAUDA LONGA, COBERTO DE PELE ESCAMOSA, DURA NA COR PRETA. COSTUMA SE ESCONDER EM BURACOS;

QUANDO SÃO CAPTURADOS APARENTAM ESTÁ MORTO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA BESOUROS E PEQUENOS INSETOS. SERVE DE ALIMENTO PARA O GAVIÃO.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TETEPĂWĂ
<VUSĂKARA> PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O GAVIÃO-REAL COME <CALANGO PRETO>.



1.2.6.2

HAWEKŨĪ

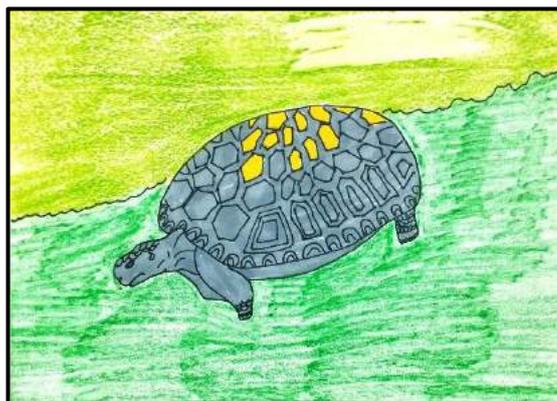
JABUTI (S.M.)

<RÉPTIL> COBERTO DE UM CASCO DURO VOLTADA PARA PRETO E DETALHES AMARELO. SUAS PERNAS SÃO GROSSAS E ENRUGADAS. QUANDO ESTÁ ASSUSTADO ESCONDE SUA CABEÇA DENTRO DO CASCO. SÃO ENCONTRADOS NA MATA DE SERINGAL EM LOCAIS ESCONDIDOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODOS TIPOS DE FRUTAS DA MATA. SUA CARNE É MUITO APRECIADA NO CARDÁPIO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HAWEKŨĪ> YŨKĂ
PINŨ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JABUTI> COME
GOIABA.



1.2.6.2.1

HAWE

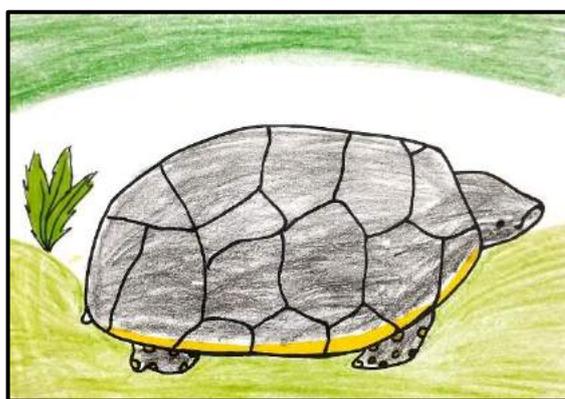
JABUTI COMUM (S.M.)

<HAWEKŨĪ> COBERTO DE UM CASCO DURO VOLTADA PARA TONS DE PRETO ACINZENTADO. SUAS PERNAS SÃO GROSSAS E ENRUGADAS. QUANDO ESTÁ ASSUSTADO ESCONDE SUA CABEÇA DENTRO DO CASCO. SÃO ENCONTRADOS NA MATA DE SERINGAL EM LOCAIS ESCONDIDOS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODOS TIPOS DE FRUTAS DA MATA. SUA CARNE É MUITO APRECIADA NO CARDÁPIO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: EYA <HAWE>
DIMANĂ VIA.

LÍNGUA PORTUGUESA: EU VI UM <JABUTI
COMUM> NA FLORESTA.



1.2.6.2.2

HAWEWĂ

JABUTI-AÇÚ (S.M.)

<HAWEKŨĪ> COBERTO DE UM CASCO DURO VOLTADA PARA TONS DE PRETO ACINZENTADO. SUAS PERNAS SÃO GROSSAS E ENRUGADAS. QUANDO ESTÁ



ASSUSTADO ESCONDE SUA CABEÇA DENTRO DO CASCO. É CONSIDERADO O MAIOR JABUTI DA FLORESTA. SÃO ENCONTRADOS NA MATA DE SERINGAL EM LOCAIS ESCONDIDOS COMO DEBAIXO DE PAUS, CAPINS, FOLHAS E TRONCOS DE ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA TODOS TIPOS DE FRUTAS DA MATA. SUA CARNE É MUITO APRECIADA NO CARDÁPIO NA FORMA COZIDA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HAWEWĀ> REWĀ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <JABUTI AÇU> É GRANDE.



1.2.6.3

HĀYA

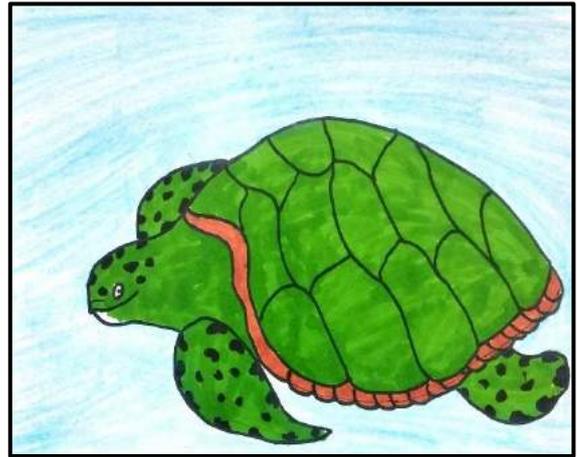
TARTARUGA (S.F.)

<RÉPTIL> COBERTA DE UM CASCO DURO NA COR PRETO ACINZENTADO. COSTUMA ESCONDER SUA CABEÇA DENTRO DO CASCO QUANDO ESTÁ ASSUSTADA. HABITA GERALMENTE NA ÁGUA. PÕE SEUS OVOS NA PRAIA DO RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE PLANTAS E FRUTAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HĀYA> PEY PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <TARTARUGA> COME FOLHAS.



1.2.6.4

HEKIMĀNĀBA

CAMALEÃO (S.M.)

<RÉPTIL> COM PELE NA TONALIDADE VERDE SENDO GROSSA E ESCAMOSA QUE É TROCADA DURANTE SEU CRESCIMENTO. SUA LÍNGUA É GRANDE E PEGAJOSA USADA PARA CAPTURAR SUAS PRESAS COMO: INSETOS, GAFANHOTOS, JOANINHA, BESOUIROS, FOLHAS E GRILOS. SÃO ENCONTRADOS NOS GALHOS DAS ÁRVORES ONDE SE CLAMUFLA ENTRE AS FOLHAS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <HEKIMĀNĀBA> IKĀBA.

LÍNGUA PORTUGUESA: O <CAMALEÃO> É VERDE.



1.2.6.5

KAPĒ

JACARÉ (S.M.)

<RÉPTIL> COBERTO DE CÔURO GROSSO E ESCAMOSO EM TONS DE PRETO E A BARRIGA BRANCO COM AMARELO. POSSUI



UMA CABEÇA GRANDE E ALONGADA E MUITOS DENTES NA BOCA. HABITA NAS ÁGUAS DOS LAGOS, IGARAPÉS, LAGOAS E NA PRAIAS DO RIO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEIXES, CAPIVARAS DENTRE OUTROS ANIMAIS. SUA CARNE É MUITO APRECIADA EM FORMA DE FAROFA.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KAPĒ> NĀBI PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O JACARÉ COME CARNE.



1.2.6.6

KĀBUKŪĪ

COBRA (S.F.)

<RÉPTIL> POSSUI CORPO ALONGADO E SEM PATAS COBERTA DE ESCAMAS QUE PODE VARIAR DE COR E TAMANHO. ALGUMAS SÃO VENENOSAS OUTRAS NÃO. SÃO ENCONTRADAS EM DIFERENTES ESPAÇOS COMO: NO CHÃO, BURACOS, NA ÁGUA E NAS ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA PEQUENOS ANIMAIS, RATOS, LACRAIS, ARANHAS, SAPOS, AVES, CAPIVARAS, PORCOS E ATÉ SERES HUMANOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <KĀBUKŪĪ> TĀKARAKŪĪ PINŪ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <COBRA> COME GALINHA.



1.2.6.6.1

DAWARU

COBRA PAPA-OVA (S.F.)

<KĀBUKŪĪ> POSSUI CORPO ALONGADO E SEM PATAS COBERTA DE ESCAMAS VERMELHAS. É ENCONTRADA GERALMENTE NAS ÁRVORES COMO NA TERRA. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA AVES, E PEQUENOS MAMÍFEROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <DAWARU> TAXI.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <COBRA PAPA-OVA> É VERMELHA.



1.2.6.6.2

DAYBEHBU

COBRA CIPÓ (S.F.)

<KĀBUKŪĪ> POSSUI CORPO ALONGADO, SEM PATAS, CAUDA MUITO LONGA E FINA COBERTA DE ESCAMAS VERMELHAS VERDES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE LAGARTOS, SAPOS E PEQUENAS AVES. APESAR DE POSSUIR VENENO, NÃO É CAPAZ DE MATAR SERES HUMANOS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <DAYBEHBU> IKĀBA.



LÍNGUA PORTUGUESA: A <COBRA CIPÓ> É VERDE.



1.2.6.6.3

HÛDUWĀBITSAWTA

COBRA SUCURUJUBA (S.F.)

<KĀBUKŪĪ> POSSUI CORPO ALONGADO COBERTO DE ESCAMAS PRETAS E AMARELAS. É CONSIDERADA DE GRANDE PORTE. É ENCONTRADA GERALMENTE NAS ÁRVORES E POSSUI VENENO. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA ANIMAIS COMO: RATO, SAPO, AVES DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA

PUYANAWA:

<HÛDUWĀBITSAWTA> TĀKARAVAKE PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: A <COBRA SUCURUJUBA> COME PINTO.



1.2.6.6.4

ĪTXĪKA

COBRA SALAMANTA (S.F.)

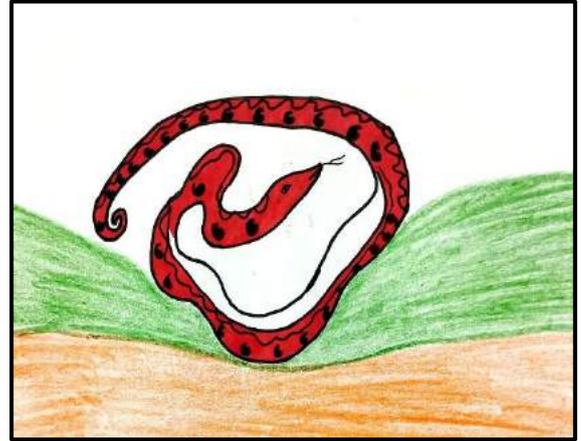
<KĀBUKŪĪ> POSSUI CORPO ALONGADO COBERTO DE ESCAMAS PRETAS E VERMELHAS COM DESENHOS QUE IMITAM KENES INDÍGENAS. É ENCONTRADA NO

CHÃO OU NO ALTO DAS ÁRVORES. SUA ALIMENTAÇÃO É COMPOSTA DE PEQUENOS MAMÍFEROS COMO: CUTIA, PACA, VEADO PEQUENO DENTRE OUTROS.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: <ĪTXĪKA> PACA PINÛ

LÍNGUA PORTUGUESA: A <COBRA SALAMANTA> COME MĀKU.



1.2.6.6.5

KĀBU

COBRA PICO-DE-JACA (S.F.)

<KĀBUKŪĪ> POSSUI CORPO ALONGADO COBERTO DE ESCAMAS LARANJA-CLARO E DETALHES PRETO. SÃO EXTREMAMENTE VENENOSAS. SUA ALIMENTAÇÃO É VOLTADA PARA MAMÍFEROS E AVES. SERVE DE ALIMENTO PARA O GAVIÃO-REAL.

CONTEXTO DE USO:

LÍNGUA PUYANAWA: TETEPĀWĀ KĀBU PINÛ.

LÍNGUA PORTUGUESA: O GAVIÃO-REAL COME <COBRA PICO-DE-JACA>.



DOCUMENTO DE ACEITE DE PESQUISA

Documento de Aceite de Pesquisa

Mediante solicitação de Maria Jose Chaves dos Santos, indígena Puyanawa e professora na Escola Estadual Ixübây Rabuï Puyanawa, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Federal do Acre – UFAC, *Campus Floresta / Cruzeiro do Sul*, pesquisadora do projeto: O ENSINO DA LÍNGUA PUYANAWA NA ESCOLA IXÜBÃY RABUÏ PUYANAWA: PROPOSTA DE DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO DOS ANIMAIS PUYANAWA, tendo como orientadora a Prof.^a Dr.^a Simone Cordeiro Oliveira Pinheiro. A pesquisa vem sendo desenvolvido desde o ano de 2021 junto à comunidade indígena Puyanawa, na Terra Indígena Puyanawa com enfoque principal na Escola Estadual Ixübây Rabuï Puyanawa. Nós às lideranças, através deste documento expressamos nosso conhecimento e o aceite de pesquisa.

Declaramos ainda que somos lideranças reconhecidos da comunidade indígena Puyanawa: Aldeias Barão e Ipiranga.

Declaramos também estar ciente de que, se for comprovada falsidade desta declaração, sujeito as penalidades previstas no Código Penal Brasileiro.

Por ser expressão da verdade, firmamos, assinados e datamos a presente declaração/documento de aceite de pesquisa.

Joel Ferreira Lima
Cacique: Joel Ferreira Lima (Divake)

CPF: 391138682-68

Francisco Devani Nascimento dos Santos
Presidente da AAPBI: Francisco Devani Nascimento dos Santos (Wetsa)

CPF: 484.396.902-82

José Luis Martins de Lima
Liderança e professor: José Luis Martins de Lima (Puwe)
CPF: 631.588.842-91

Maria Alice Martins de Lima
Gestora da escola IRP: Maria Alice Martins de Lima (Awivukuïš)

CPF: 443.895.662-53

TERMOS DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ENSINO DA LÍNGUA PUYANAWA NA ESCOLA IXÛBĀY RABUÏ PUYANAWA: PROPOSTA DE DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO DOS ANIMAIS PUYANAWA”. Cujo objetivo geral é “analisar o ensino da língua Puyanawa na Escola Ixûbây Rabuï Puyanawa, considerando a proposta de revitalização linguística ao qual está submetida”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Maria Jose Chaves dos Santos (Ībata Puyanawa). Contato: (68) 992364431 - e-mail: chaves.maria@sou.ufac.br

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Cordeiro Oliveira Pinheiro. Contato: (68) 9957-0124 – e-mail: simone.cordeiro@ufac.br

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar

Não aceito participar ()

Mâncio Lima, Acre 10, de setembro de 2022

Assinatura do participante: Samuel Rondon Traqui

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS**

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa científica. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final desta página.

Para confirmar sua participação você precisará ler este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, como tema e objetivo, dentre outras informações. Este TCLE se refere a dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL, intitulada: “O ENSINO DA LÍNGUA PUYANAWA NA ESCOLA IXÛBĀY RABUÏ PUYANAWA: PROPOSTA DE DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO DOS ANIMAIS PUYANAWA”. Cujo objetivo geral é “analisar o ensino da língua Puyanawa na Escola Ixübãý Rabuï Puyanawa, considerando a proposta de revitalização linguística ao qual está submetida”

Você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada por meio de uma enquete presencial, através da oralidade onde a entrevista será gravada, com perguntas pré-estabelecidas.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

A presente pesquisa está sendo desenvolvida na Terra Indígena Puyanawa e é de conhecimento da comunidade/aldeias, localizada na zona rural do município de Mâncio Lima. Sendo que a mesma foi comunicada e tem o aceite da liderança majoritária do povo Puyanawa, o cacique Joel Ferreira de Lima. Onde a pesquisadora é indígena do grupo étnico Puyanawa.

Mestranda: Maria Jose Chaves dos Santos (Ībata Puyanawa). Contato: (68) 992364431 - e-mail: chaves.maria@sou.ufac.br

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Simone Cordeiro Oliveira Pinheiro. Contato: (68) 9957-0124 – e-mail: simone.cordeiro@ufac.br

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação.

Aceito participar (X)

Não aceito participar ()

Mâncio Lima, Acre 10, de setembro de 2022

Assinatura do participante: Eduardo Lima Silva